

Volume XXI - Número 41 - Janeiro-Junho/2024

Cadernos do
Lepaaraq



Antropologia
Arqueologia
Patrimônio



UFPEL

ISSN 2316 8412

ICH
INSTITUTO DE
CIÊNCIAS
HUMANAS
UFPEL

Cadernos do
Lepaaraq



Volume XXI - Número 41 - Janeiro-Junho/2024

Antropologia
Arqueologia
Patrimônio



UFPEL

ISSN 2316 8412



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

REITORA

Isabela Fernandes Andrade

VICE-REITORA

Ursula Rosa da Silva

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Maria de Fátima Cássio

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Flávio Fernando Demarco

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Eraldo dos Santos Pinheiro

PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO

Ricardo Hartlebem Peter

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO

Paulo Roberto Ferreira Júnior

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR

Sebastião Peres

VICE-DIRETORA

Andréa Bachettini

LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

COORDENADOR

Rafael Guedes Milheira

EDITORA E GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

Rua Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS - CEP 96010-150

Fone/fax:(53)227 3677 e-mail:

editoraufpel@uol.com.br

Dados de Catalogação na Publicação:

Bibliotecário Alex Serrano de Almeida - CRB-10/2156

C122 Cadernos do LEPAARQ [recurso eletrônico] : Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio / Instituto de Ciências Humanas, Laboratório de Antropologia e Arqueologia. - v. 21, n. 41 (jan.- jul. 2024) - Pelotas : Núcleo de Apoio aos Periódicos, 2004-

Semestral

ISSN eletrônico 2316-8412

ISSN impresso 1806-9118

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarq>>

1. Arqueologia- periódico. 2. Antropologia - periódico. 3. Patrimônio - periódico. I. Instituto de Ciências Humanas, Laboratório de Antropologia e Arqueologia.

EDITORIAL

O periódico Cadernos do LEPAARQ, volume 21, número 41, referente aos meses de janeiro a junho de 2024, é composto por seis artigos científicos, duas notas de pesquisa, uma resenha de livro e um ensaio visual. As temáticas dos trabalhos correspondem a diferentes períodos da história humana, desde aspectos relativos à história pré-colonial das populações indígenas do leste sul-americano, centradas na arqueologia brasileira, passando por tradições alimentares do norte do país, até discussões sobre territórios afrodescendentes no Equador e história da Província romana Hipania Ulterior Baetica entre os séculos I e II d. C.

Como editores, queremos chamar atenção para a nota de pesquisa intitulada “Artefato em osso humano no sambaqui de Camboinhas, Niterói – RJ”, de autoria de Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, Sue Anne Gomes Mousovich, Anderson Marques Garcia, Michelle Mayumi Tizuka e Kita Chaves Damasio Macario. Essa nota trata da descrição de um artefato em osso humano e traz também uma nova data para o sítio Camboinhas, através de uma datação radiocarbônicas de um otólito, calibrada entre 4500 a 3979 AP. O fato é que esse achado vem a valorizar ainda mais o sambaqui de Camboinhas, localizado no entorno da lagoa de Itaipu, cuja área é objeto de empreendimentos imobiliários que colocam em risco a preservação do sítio arqueológico em questão e outros sítios associados, conseqüentemente, elementos materiais importantes da história das populações indígenas que habitaram o litoral fluminense do estado do Rio de Janeiro.

Nós, editores do periódico Cadernos do LEPAARQ, apoiamos a preocupação da comunidade, que envolve profissionais da arqueologia, patrimônio, educação, direito, antropologia, história e sociedade civil pela conservação do sambaqui de Camboinhas. Leia na íntegra a moção de repúdio da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Regional Sudeste, sobre o tema: <https://www.instagram.com/p/C4yI51PuGCE/>

Boa leitura.

Pelotas, 22 de maio de 2024.

Rafael Guedes Milheira
Fábio Vergara Cerqueira
Editores-chefes Cadernos do LEPAARQ

SUMÁRIO

EDITORIAL

Rafael Guedes Milheira, Fábio Vergara Cerqueira..... 05

ARTIGOS

EVIDÊNCIAS DE CAÇADORES ANTIGOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Anderson Marques Garcia, Maria Dulce Gaspar..... 07

ODONTOLOGIA FORENSE E BIOARQUEOLOGIA: ESTUDO DE CASO SOBRE UM ENTERRAMENTO ARQUEOLÓGICO GUARANI DO BRASIL MERIDIONAL.

André Luis Ramos Soares, Lucas Machado Maracci, Dorival Terra Martini, Gabriela Salatino Liedke..... 25

LONGA DURAÇÃO NO BAIXO RIO URUBU: ANÁLISE CERÂMICA DO SÍTIO AM-IT-30 PEDRA CHATA, MUNICÍPIO DE ITACOATIARA (AM- BRASIL)

Luiza Caroline Vieira Gama..... 39

A ARQUEOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA REPÚBLICA VELHA E OS ESTUDOS DE INDÚSTRIA LÍTICA SAMBAQUIEIRA (1890 – 1930)

Arthur Braga Alves, Maria Dulce Gaspar..... 60

“DE SUA PECUNIA”. O EVERGETISMO DOS LIBERTOS NA HISPANIA ROMANA: UMA LEITURA A PARTIR DA EPIGRAFIA LATINA

Filipe Noé da Silva..... 95

AFRO IBARREÑOS: UN CASO DE ESTIGMATIZACIÓN TERRITORIAL EN UNA CIUDAD ANDINA

Paúl Palacios Gutiérrez..... 113

ENSAIO VISUAL

A COMIDA NEGRA KULUMBU: SABORES E MEMÓRIAS COMPARTILHADOS ENTRE MULHERES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E GUIANA FRANCESA

Jelly Juliane Souza de Lima, Avelino Gambim Júnior 133

NOTAS DE PESQUISA

UTILIZAÇÃO DE GEOPROCESSAMENTO NA LOCALIZAÇÃO DE POTENCIAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS A CAMBOÁS DE PEDRA NO LITORAL MARANHENSE

Thales Castro Brandão Vaz dos Santos, Leonardo Silva Soares, Márcio Costa Fernandes Vaz dos Santos, Arkley Marques Bandeira..... 144

ARTEFATO EM OSSO HUMANO NO SAMBAQUI DE CAMBOINHAS, NITERÓI – RJ

Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, Sue Anne Gomes Mousovich, Anderson Marques Garcia, Michelle Mayumi Tizuka, Kita Chaves Damasio Macario..... 152

RESENHA

PACHECO DE QUEIROZ, LUIZ ANTÔNIO. OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS QUE CRIAMOS COM OS GARIMPOS

Mirta Kelen Barbosa Bezerra, Carlos Alberto Santos Costa..... 161

ARTIGO | *PAPER*

EVIDÊNCIAS DE CAÇADORES ANTIGOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EVIDENCE OF ANCIENT HUNTERS IN RIO DE JANEIRO STATE

Anderson Marques Garcia ^a
Maria Dulce Gaspar ^b

^a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor do Departamento de Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e coordenador do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas Indígenas - NuPAI/UERJ. andersonmarquesgarcia@gmail.com.

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. Professora do Programa de pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional - UFRJ. madugasparmd@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar as ocorrências de pontas de projéteis bifaciais no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no Médio Vale do rio Paraíba do Sul. Ao longo do trabalho apresentamos os contextos de identificação desses materiais e suas características tecnológicas a partir de análises diacríticas. Na sequência, discutimos as possibilidades de filiação das pontas analisadas com aquelas geralmente associadas com a Tradição Umbu e com aquelas recentemente definidas como pertencentes a indústria Rioclarense em São Paulo. Por ser nossa amostra ainda pequena, a relação cultural (ou não) de nossos objetos e sítios com indústria Rioclarense não pôde ser aprofundada. Contudo, a partir desta contribuição é possível, pela primeira vez, afirmar que o Rio de Janeiro foi também território de grupos caçadores-coletores e que há, dentro dessa pequena amostra, indícios de variabilidade tecnológica.

PALAVRAS-CHAVE

Caçadores-coletores, Pontas de projéteis, Tecnologia lítica, Análise diacrítica.

ABSTRACT

Our aim is to present occurrences of bifacial projectile points in the state of Rio de Janeiro, more precisely in the Middle Valley of the Paraíba do Sul River. Throughout the work, we present the contexts for identifying these materials and their technological characteristics based on diacritic analysis. Next, we discuss the possibilities of affiliation of the points demonstrated with those generally associated with the Umbu Tradition and with those recently defined as belonging to the Rioclarense industry in São Paulo. As our sample is still small, the cultural relationship (or not) of our objects and sites with the Rioclarense industry could not be deepened. However, from this contribution it is possible for the first time to affirm that Rio de Janeiro was also the territory of hunter-gatherer groups and that there is within this small sample some technological variability.

KEYWORDS

Hunter-gatherers, Projectile points, Lithic technology, Diacritic analysis.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GARCIA, Anderson Marques; GASPAR, Maria Dulce. Evidências de caçadores antigos no estado do Rio de Janeiro. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 05-24, Jan-Jun. 2024.

Caçadores-coletores no Rio de Janeiro?

Quando se pensa na antiguidade das ocupações pré-coloniais no estado do Rio de Janeiro, rapidamente somos direcionados para a ocupação e domínio da costa ligado ao fenômeno costeiro de construção de sambaquis, uma vez que tais construções estão entre os três grandes eixos que dão origem a Arqueologia brasileira ainda no século XIX: Sambaquis, Carste de Lagoa Santa e Tesos da Amazônia. Contudo, os sambaquis não representam materialidades de grupos com o mesmo tipo de organização social e subsistência que definem populações como as trazidas no título desse artigo e que remetem aos caçadores-coletores.

Por mais que interpretações nessa direção já tenham sido realizadas ao longo da história da Arqueologia brasileira, é importante lembrar que esse tipo de estruturas monticulares não são mais interpretadas como sítios de nômades coletores de moluscos desde a década de 1990. Reconhecemos o pioneirismo das interpretações anteriores, mas a partir de novos olhares ficou demonstrado que, ao menos no Sul e Sudeste do Brasil, os sambaquis são construções funerárias produzidas por pescadores sedentários que dominavam com maestria os recursos costeiros e que praticavam horticultura (GASPAR, 1991; FIGUTI, 1993; FISH et al., 2000, BIANCHINI, 2015; SCHEEL-YBERT & BOYADHINA, 2020).

No estado atual da arte, talvez o leitor comece a se direcionar para a ideia de que não teriam existido nessa região ocupações de outros grupos sociais além dos construtores de sambaquis e de horticultores ceramistas posteriores. Contudo, ao ampliarmos nosso campo de visão para os estados vizinhos, podemos encontrar publicações que identificam e estudam materialidades de grupos caçadores-coletores com pontas de projéteis no interior dos estados de São Paulo (MILLER JR., 1969; MORENO DE SOUSA, 2019; CORREA, 2022), Minas Gerais (KOOLE, 2013; ROSA, 2019) e Espírito Santo (BELTRÃO, 1978). Tais evidências começam a sugerir que o problema não seria então a inexistência de caçadores-coletores no Rio de Janeiro, mas sim a pequena quantidade de trabalhos publicados que envolvam o interior do estado, jamais alvo de pesquisas arqueológicas continuadas. Até esse momento, pouco é sabido sobre a ocupação pré-colonial dessa região e é evidente que a atenção dos pesquisadores esteve voltada para a faixa litorânea.

Munidos desses dados e problemas, nessa oportunidade pretendemos começar a dar visibilidade, contextualizar e discutir a existência de artefatos provenientes de sítios arqueológicos do vale do médio do Rio Paraíba do Sul, recuperados entre os atuais municípios de Areias-SP e Piraí-RJ, parte encontrada fortuitamente por não arqueólogos e outra proveniente de um salvamento arqueológico efetuado entre os anos de 2004 e 2006 (GASPAR, 2007). Como esses últimos objetos estão sob a responsabilidade da Curadoria de Arqueologia do Museu Nacional (CARQ/UFRJ), hoje é possível realizar análises e reabrir a discussão a respeito da presença de grupos caçadores-coletores no atual estado do Rio de Janeiro (figura 01).

No que se refere à investigação arqueológica, essa é uma região pouco conhecida no que diz respeito às ocupações pré-coloniais, sabendo-se apenas sobre sítios de grupos ceramistas relacionados às tradições Aratu e Tupiguarani no território paulista do vale (PROUS, 1992; CAL-

DARELLI, 2001/2002; BORGES et al., 2014). Todavia, ao longo dos trabalhos de Gaspar (2007) foram identificados fragmentos cerâmicos que indicam a presença de outros grupos sociais, como os ameríndios relacionados à tradição arqueológica Una. Tais objetos foram vistos nos sítios Assunção (Areias-SP) e Bocaina (Barra Mansa-RJ). Além do material cerâmico, líticos lascados também foram identificados nos mesmos sítios e no Macadâmia (Piraí-RJ). Tais objetos não chegaram a ser classificados, pois persistiram dúvidas naquele momento se seriam produtos de caçadores-coletores ou componentes de diferentes áreas de atividades das pessoas agrupadas na tradição Una.

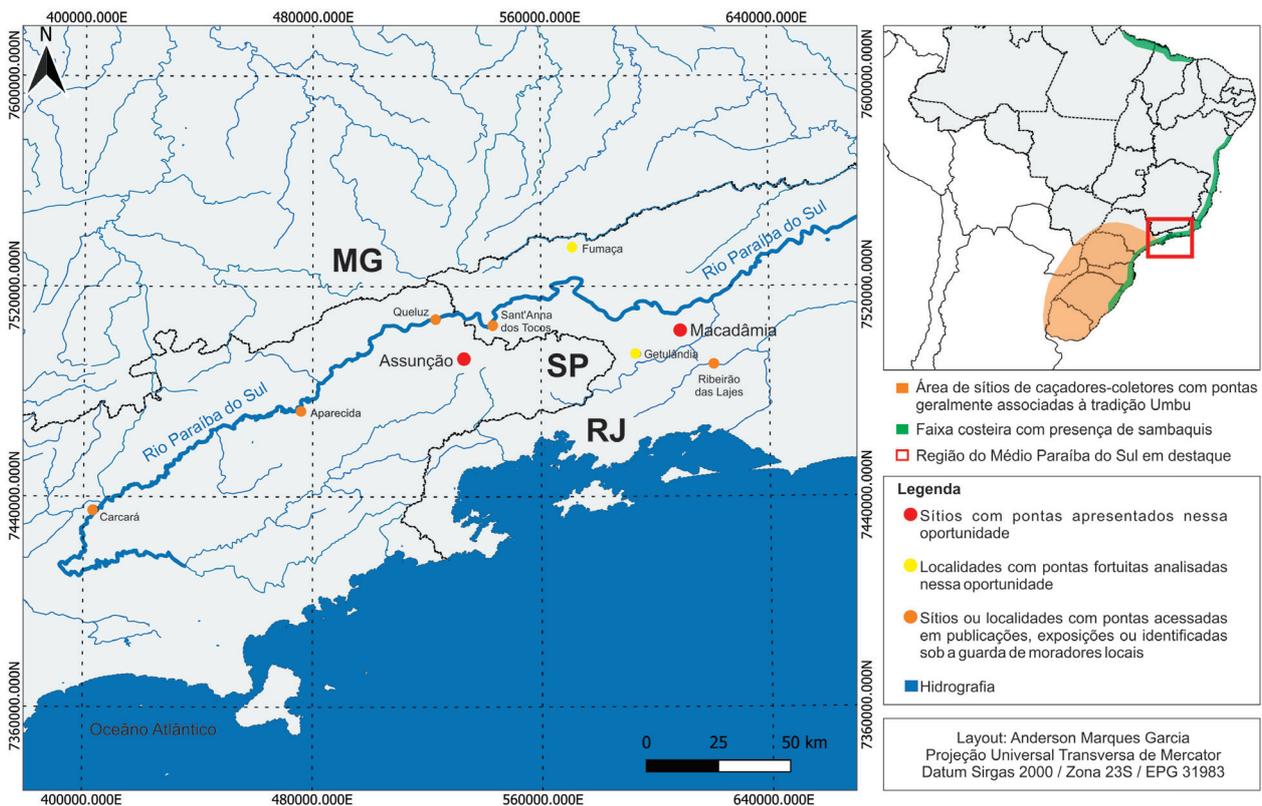


Figura 01: Sítios arqueológicos com presença de pontas no médio Paraíba do Sul apresentados nessa oportunidade. Juntamente pode-se observar outros sítios ou localidades com pontas acessadas em publicações, exposições ou identificadas sob a guarda de moradores locais.

Nessa oportunidade, vamos apresentar os sítios Assunção e Macadâmia, pois entre seus artefatos líticos estão objetos bifaciais geralmente associados a ocupações de grupos caçadores-coletores. Também integram nossas reflexões oito objetos procedentes do vale do Paraíba do Sul (municípios de Areias, Resende Piraí e Rio Claro) e da região litorânea de Niterói, alguns objetos foram achados por moradores e outros foram recuperados através de pesquisa arqueológica e estudo geológico.

Como dito, o sítio Assunção localiza-se no município de Areias (23K 533015 / 7492513), com grande parte de seus materiais identificados a 50cm de profundidade no topo de uma colina,

em um vale sutil com 140m de comprimento por 150m de largura. Para esse sítio, constam quatro artefatos bifaciais, porém a maior parte dos objetos resgatados foram cerâmicos associados à tradição Una, com tratamento de superfície liso (ou polido) e colorações de negro ao vermelho, identificados predominantemente na área mencionada (GASPAR, 2007). Por sua vez, segundo a autora, a localização das peças líticas bifaciais ocorreu em um terreno plano contíguo ao vale, junto às margens do córrego Pessegueiro, onde também estavam oito lâminas de machado feitas por técnicas abrasivas, fragmentos cerâmicos e materiais contemporâneos a ocupação dessa área durante o ciclo do café. Assim como a maior parte do médio Paraíba do Sul, o local onde se localiza o sítio Assunção foi alvo de intensa atividade agrícola na segunda metade do século XIX, impactando por remobilização as camadas superficiais das ocupações mais antigas. Conforme Gaspar (2007), três setores foram delimitados no Assunção: 1. Topo do morro (assentamento Una); 2. Área plana, ao norte da elevação onde foram recuperadas as pontas; 3. Área plana ao sul da elevação que apresenta cerâmica Una (figura 02).

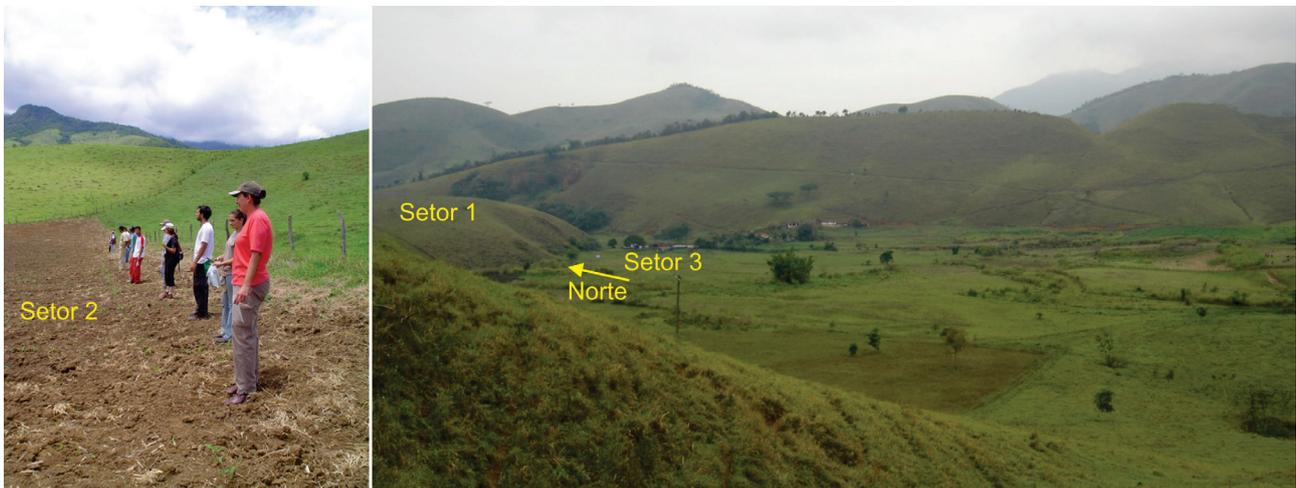


Figura 02: Localização e paisagem no sítio Assunção, Areias – SP. Adaptado de Gaspar (2007).

O segundo sítio de interesse é o Macadâmia (23K 609144 / 7503291), implantado na microbacia do rio Pirai, afluente do Paraíba do Sul, situado em um interflúvio entre o córrego Maria Preta e o ribeirão João-Congo (figura 03). Durante a etapa de campo, Gaspar (2007) frisou que o sítio vinha sofrendo impactos relacionados ao plantio de macadâmia e que, em tempos anteriores, as alterações no solo estavam relacionadas com o plantio do café.

Gaspar (2007) o considerou como emblemático para a região, uma vez que se configura como um sítio lítico, com predomínio de artefatos lascados, entres estes uma ponta de projétil. Devido à presença desse último instrumento – único até então identificado íntegro por profissionais no Rio de Janeiro – e outros produtos de debitagem, a autora destacou sua importância para o estado, pois poderia demonstrar a existência de uma oficina lítica ou área de caça de grupos ceramistas associados à tradição Una, ou ainda, a presença de grupos caçadores-coletores mais antigos no médio Paraíba do Sul.



Figura 03: Paisagem e área de pesquisa no sítio Macadâmia, Pirai – RJ. Adaptado de Gaspar (2007).

Análise tecnológica e diacrítica

Tendo contextualizado esses dois sítios, partimos para as análises tecnológicas e descrições dos artefatos bifaciais, as quais foram efetuadas a partir de desenhos técnicos de esquemas diacríticos produzidos com base nas convenções propostas por Dauvois (1976), Fogaça (2010) e Inizan et al. (2017), que consistem em identificar nos objetos e representar em desenhos, a orientação dos gestos técnicos utilizados em sua elaboração e a cronologia relativa entre as retiradas marcada pela sobreposição parcial de negativos. De modo similar ao proposto por Moreno de Sousa (2019), apresentamos também fotografias e ilustrações que distinguem as evidências das diferentes fases de façonagem envolvidas na construção de cada um desses objetos, bem como eventuais estigmas de fraturas posteriores.

O objeto 1 é uma ponta de projétil de quartzito cinza com 53mm de comprimento, 24mm de largura e 9mm de espessura, apresentando uma face suavemente côncava e a outra convexa. Pode-se observar, na porção central mesial, remanescentes de ambas as faces da lasca suporte e negativos de façonagem. Há negativos de retiradas bifaciais predominantemente centrípetas (convergente) e retoques por pressão que concluem o delineamento do objeto, principalmente na configuração final do pedúnculo.

Na primeira face representada, convexa, observa-se no lado esquerdo do corpo do objeto que a façonagem foi realizada com retiradas curtas, sobretudo em sentido anti-horário, sobrepostas por retoques descontínuos que produziram uma borda retilínea semi-abrupta. No lado oposto do corpo, observa-se que a façonagem começou com retiradas invasoras descontínuas, sobrepostas por curtas e invasoras de uma segunda fase, não atingidas pelos retoques, concentrados principalmente junto a porção distal (apical). Ao observar o pedúnculo, percebe-se que o início de sua elaboração ocorreu com retiradas curtas e invasoras que partiram da aleta direita em sentido horário até a aleta esquerda, sobrepostos em ambos os lados por uma série de retoques efetuados por pressão que finalizam essa porção do artefato.

Na segunda face, observa-se evidências do mesmo método. Há o predomínio de retiradas curtas e centrípetas na façonagem, mas no lado esquerdo o sentido não pôde ser percebido devi-

do a descontinuidade dessas retiradas e aos negativos de retoques por pressão, concentrados na porção distal e na aleta. No lado direito estão negativos feitos no sentido horário – sobrepostos por retoques isolados – partindo da porção distal até a aleta, que comprovam que a façonagem ocorreu concomitantemente em ambas as faces da ponta, ao menos nesse lado. No pedúnculo as retiradas parecem anteriores a essas últimas, sobrepostas também por retoques curtos e contínuos como os da face oposta (figura 04).

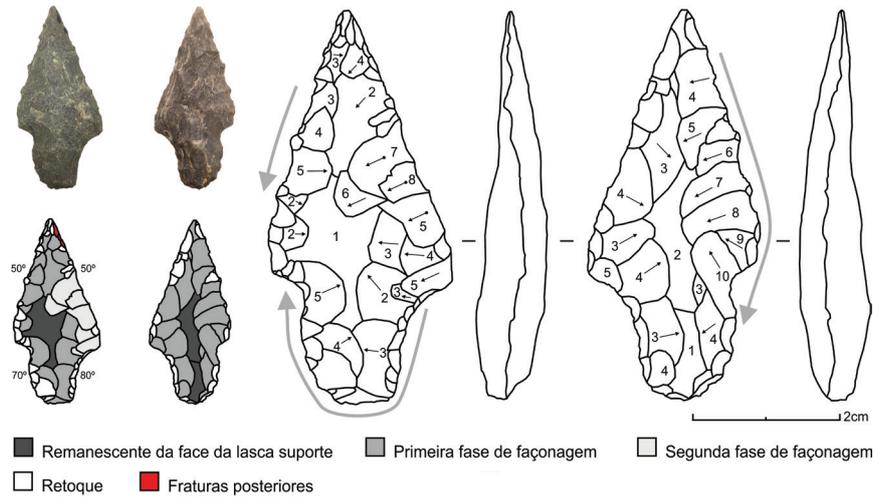


Figura 04: Objeto 1, quartzito, proveniente do sítio Assunção, Areias – SP.

O objeto 2 é uma ponta de projétil biconvexa de quartzito translúcido, com 41mm de comprimento, 26mm de largura e 8mm de espessura. Assim como no anterior, nesse objeto também é possível observar remanescentes na porção central mesial da lasca suporte, em ambas as faces. A façonagem dessa ponta foi feita predominantemente por retiradas bifaciais orientadas para o eixo longitudinal da peça finalizada, sobrepostas por retoques parciais realizados por pressão para finalizar o objeto.

Na primeira face representada é possível notar que os trabalhos de façonagem no lado esquerdo do corpo começaram por uma retirada cobridora refletida, sobreposta por uma sequência de curtas contínuas sem orientação definida e finalizadas por retoques descontínuos que concluem sua borda retilínea semi-abrupta. No lado direito, observa-se primeiro retiradas cobridoras sem uma orientação definida, cobertas por curtas contínuas que partem da aleta até a porção mesial, sobrepostas por retoques descontínuos por pressão, presentes na borda até a porção distal, fazendo-a semi-abrupta. Ainda nessa face, observa-se que o pedúnculo foi construído apenas a partir de retiradas curtas, com retoques posteriores, em ambos os lados, que definem o delineamento dessa porção do artefato.

Na segunda face, nenhuma retirada alcançou o meio do corpo, preservando-se grande parte da lasca suporte. No lado esquerdo, entre a aleta e a porção distal, ocorreu uma retirada invasora inicial que foi sobreposta parcialmente por curtas em sentido anti-horário orientadas ao eixo meridional da peça, apresenta, ainda, raros retoques posteriores que podem estar ligados a ajustes de sua volumetria. No lado direito todos os negativos são de retiradas curtas contínuas,

mas sem sentido e orientação perceptíveis. No pedúnculo as retiradas são contínuas em sentido horário na direita, partindo da aleta até a base do pedúnculo. Na esquerda as retiradas foram em sentido anti-horário. Nessa porção do objeto as retiradas são centrípetas e há, também, pequenos retoques, prováveis ajustes morfológicos (figura 05).

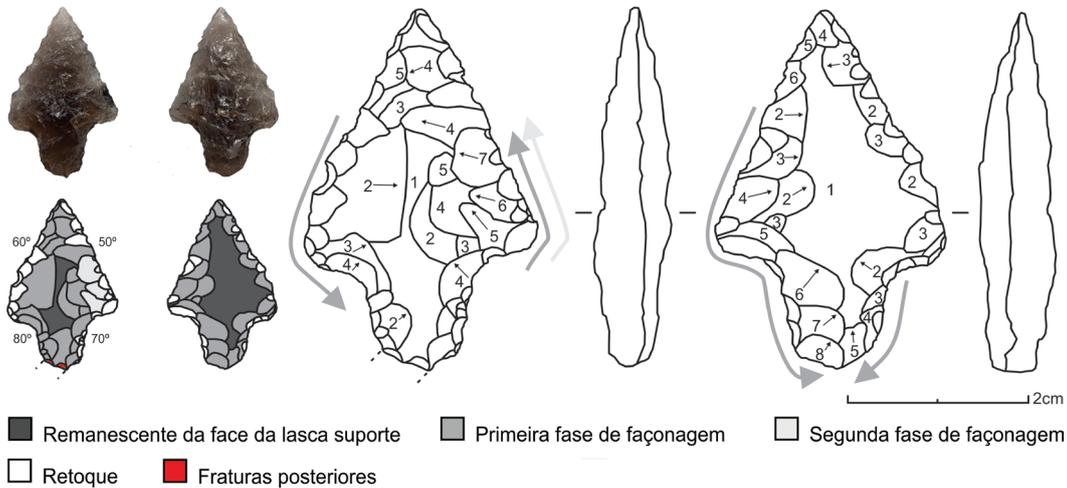


Figura 05: Objeto 2, quartzo hialino, proveniente do sítio Assunção, Areias – SP.

O objeto 3 é uma ponta de projétil biconvexa assimétrica de quartzito coral, com 31mm de comprimento, 15mm de largura e 9mm de espessura. Em sua porção central, em ambas as faces, pode-se observar remanescentes da lasca suporte. A construção desse objeto se deu por retiradas bifaciais orientadas ao eixo longitudinal que foram sobrepostas por retoques contínuos por pressão que finalizam seu corpo.

Em sua primeira face, no lado esquerdo, são observáveis retiradas invasoras em sentido horário, formando uma borda retilínea semi-abrupta. Essas retiradas ao se encontrarem com as convergentes vindas do lado direito formam uma crista em seu eixo longitudinal. No lado direito, também, se observam retiradas cobridoras em sentido horário, mas com orientação não definida, formando uma borda irregular e abrupta, marcada por retoques posteriores possivelmente relacionados a uma tentativa de ajuste do plano de percussão. Seu pedúnculo também é assimétrico, produzido por retiradas curtas e invasoras com sentido horário no lado direito.

Na segunda face, as retiradas também são invasoras, formando uma crista na porção distal e outra entre o pedúnculo e o início do corpo, separada por um remanescente da lasca suporte não removido na façõnagem. No lado esquerdo, os negativos são descontínuos e sobrepostos por retoques entre as porções mesial e distal. No direito, há retiradas anti-horárias na porção distal. No pedúnculo, as retiradas são predominantemente contínuas em sentido anti-horário, partindo da aleta esquerda até a base do pedúnculo, com orientação indefinível.

É possível que a assimetria do objeto possa ter relação com a seleção de uma lasca suporte com dimensões não ideais e a presença de ângulos abruptos desfavoráveis para a façõnagem bifacial (figura 06). Essa hipótese pode ser plausível se considerarmos que não são conhecidos afloramentos abundantes na Geologia local.

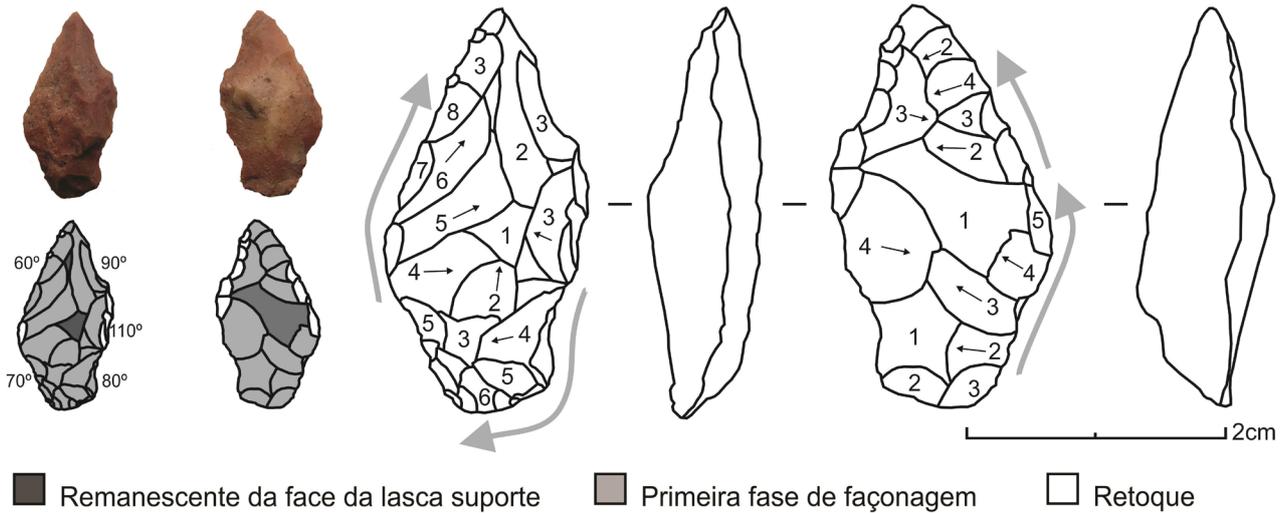


Figura 06: Objeto 3, quartzito, proveniente do sítio Assunção, Areias – SP.

O objeto 4 é um instrumento bifacial biconvexo de silexito marrom claro, com 22mm de comprimento, 19mm de largura e 7mm de espessura. Nas faces do objeto não existem estigmas suficientes para a identificação da lasca suporte, porém pode-se perceber que as retiradas identificadas nesse objeto são predominantemente centrípetas.

Na primeira face as retiradas identificadas são curtas em sua maior parte, preferencialmente em sentido horário. Elas formam uma borda com ângulos que vão de semi-abrupto a abrupto em sua porção distal, onde ainda estão presentes negativos de retoques no lado esquerdo. Na segunda face, também, predominam retiradas curtas, havendo entre elas duas cobridoras, também com sentido horário.

Morfológicamente esse objeto é semelhante a suportes conhecidos para o Sul do Brasil e Uruguai, interpretados como raspadores produzidos a partir da reciclagem de pontas de projéteis quebradas em suas porções distais (TADDEI, 1987; DIAS 2003; GARCIA, 2017). Contudo, diferente dos objetos identificados na região sul, o suporte sob análise apresenta negativos em suas laterais que são cronologicamente posteriores aos que produziram a borda convexa de sua porção distal, não cabendo uma interpretação similar. Como há retoques não entendemos esse objeto como uma pré-forma, mas sim como instrumento, com gume preferencial localizado na porção modificada por retoques (figura 07).

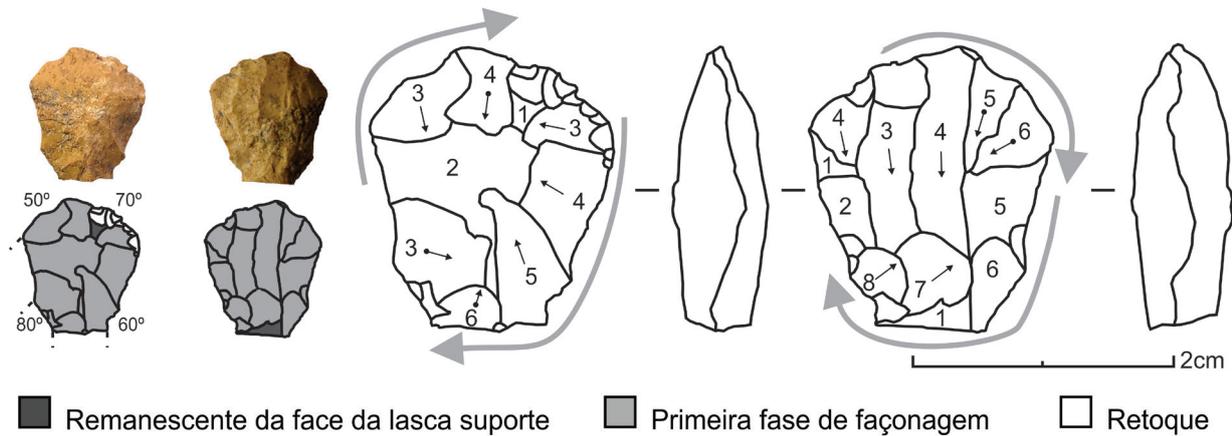


Figura 07: Objeto 4, silexito, proveniente do sítio Assunção, Areias – SP.

O objeto 5 é uma ponta de projétil biconvexa de silexito marrom avermelhado com 47mm de comprimento, 17mm de largura e 7mm de espessura. Ambas as faces desse objeto apresentam remanescentes de sua lasca suporte, parcialmente sobrepostas por retiradas centrípetas invasoras em seu corpo e convergentes no pedúnculo, apresentando ainda retoques curtos realizados com pressão que finalizam o delineamento do objeto.

Na primeira face, no lado esquerdo do corpo, percebe-se que as retiradas de façõagem preservadas são descontínuas (curtas e invasoras), sobrepostas por retoques que seguem contínuos por quase todo o delineamento do objeto, produzindo uma borda retilínea e semi-abrupta. No lado direito dessa face, pode-se observar que as retiradas relacionadas a produção volumétrica desse objeto são contínuas, invasoras e anti-horárias, cobertas por retoques curtos descontínuos, concentrados na aleta e na porção distal. Quanto ao pedúnculo, nota-se que entre as retiradas de façõagem a maior parte foi executada a partir do lado direito, havendo invasoras e cobridoras com orientação anti-horária. Nessa porção do objeto está, também, uma série de retoques curtos feitos por pressão que se encontram concentrados predominantemente no lado esquerdo e em sua base.

Na segunda face observa-se negativos de retiradas curtas e invasoras contínuas, com orientação predominantemente centrípeta, mas com sentido indefinível. Assim como na face anterior, nesta também há uma porção remanescente da lasca suporte em sua porção mesial. Após a façõagem, o objeto recebeu retoques, os quais podem ser observados em maior concentração na porção distal, mas ainda presentes em descontinuidade no corpo, aletas e pedúnculo. O pedúnculo merece ainda mais destaque por ser morfologicamente mais comprido em comparação com os dos demais objetos descritos nesse estudo e mesmo em outros contextos do Brasil (DIAS, 2003; KOOLE, 2014; GARCIA, 2017; MORENO DE SOUSA, 2019; CORREA, 2022). Por ser única em nosso universo, é impossível atestar se essa característica foi objetivada ou alcançada incidentalmente ao longo da façõagem. A cronologia relativa vista com a análise diacrítica não aponta para atividades de ciclagem ou reciclagem (figura 08).

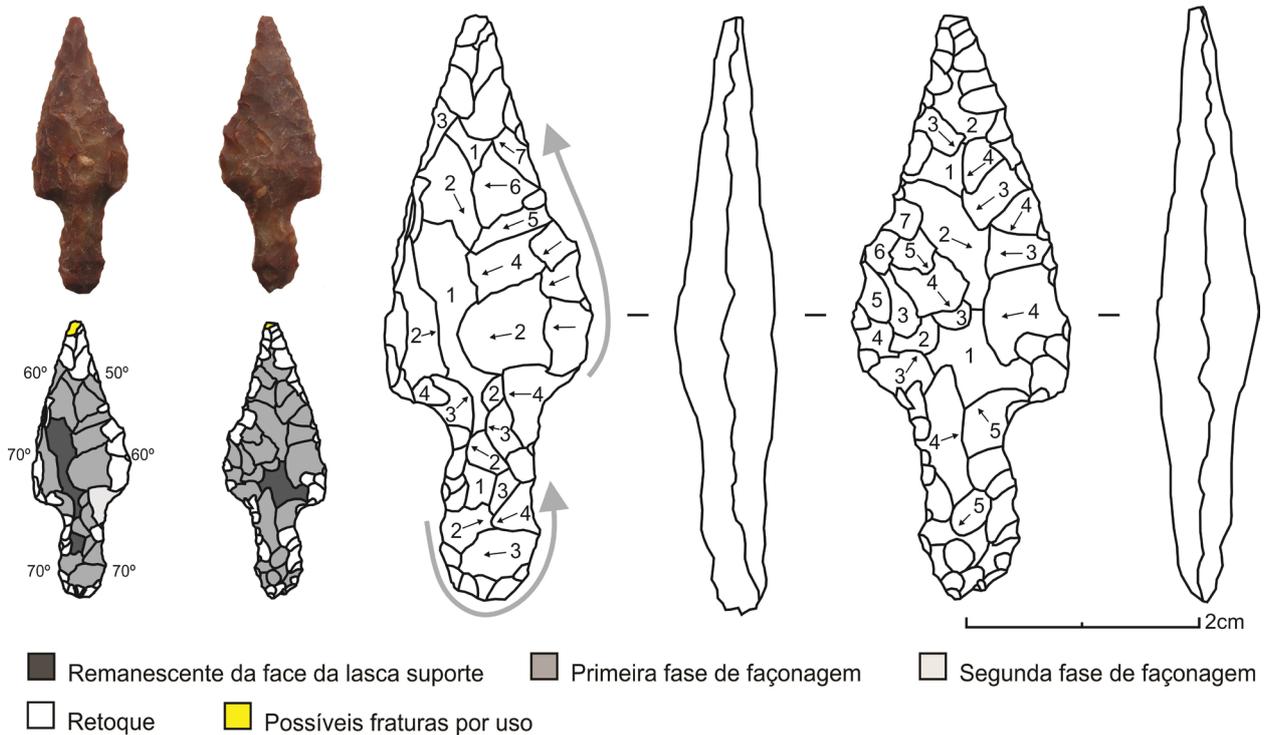


Figura 08: Objeto 5, sílexito, proveniente do sítio Macadâmia, Pirai – RJ.

Além dos objetos bifaciais apresentados, procedentes dos municípios de Pirai e Areias, outros indícios têm apontado para a circulação de caçadores no vale do médio Paraíba do Sul e ainda mais além no estado do Rio de Janeiro. Ainda em Pirai, região do Ribeirão da Lajes, sabe-se da identificação de uma ponta com pedúnculo fragmentado através de contatos com a Secretaria de Cultura do município. Em Sant'Anna dos Tocos, antigo distrito de Resende – RJ, há também relatos da identificação de pontas pela população local, assim como no distrito de Fumaça, do mesmo município. De Getulândia, distrito do município fluminense de Rio Claro, temos informações similares.

Os objetos apresentados até aqui são poucos, não constituem uma amostra segura para interpretações mais contundentes, porém as suas morfologias e seus aspectos tecnológicos apontam para uma coerência técnica, apesar da diversidade de matérias-primas. Eles são pequenos, não superando 53mm de comprimento, possuem corpos triangulares, aletas com contornos retilíneos, façanagem bifacial centrípeta, ausência de retiradas ultrapassantes, baixa frequência de retiradas cobridoras e preservam remanescentes do suporte em ambas as faces, chegando até 9mm de espessura total. Quanto aos retoques esses estão relacionados a finalização dos objetos e são isolados.

Além desses objetos, outros três de maiores proporções foram recuperados e as suas características de produção sugerem diversidade tecnológica entre os artefatos bifaciais encontrados no Rio de Janeiro. Dois deles são, também, provenientes do vale do médio Paraíba do Sul, já o terceiro foi encontrado na região oceânica de Niterói – RJ. Além da diferença dimensional, os que

podemos analisar apresentam como principais características divergentes a presença de aletas com contornos encurvados e retoques contínuos por pressão ao longo de suas silhuetas. Quanto ao objeto do Ribeirão da Lajes, tivemos acesso por enquanto só a uma imagem, mas preliminarmente suas características parecem similares aos que descreveremos adiante procedentes de Getulândia e Fumaça.

O primeiro destes foi identificado fortuitamente por Felipe Amaral de oliveira em 2007 no distrito de Getulândia e doado ao Laboratório de Antropologia Biológica (LAB) da UERJ. Sua matéria-prima é um quartzito cinza claro, com 90mm de comprimento, 45mm de largura e 10mm de espessura e faces biconvexas quase simétricas, nelas pode-se observar porções remanescentes da lasca suporte, duas fases de façõagem efetuadas por retiradas centrípetas e uma etapa de finalizaçõ que se deu por retoques curtos contínuos que delineiam sua silhueta (figura 09).

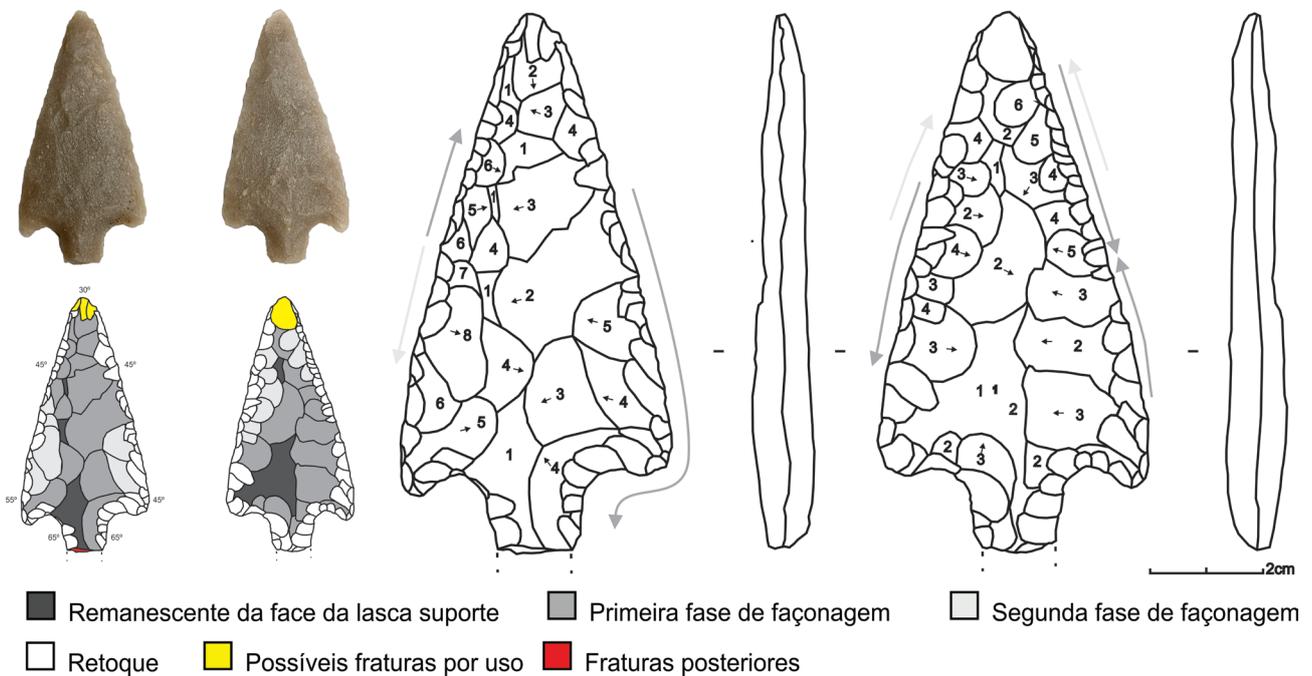


Figura 09: Objeto 6, quartzito, proveniente do distrito de Getulândia, Rio Claro – RJ.

Na primeira face representada observa-se no lado esquerdo do corpo que a primeira etapa de façõagem foi realizada com retiradas curtas e invasoras, em sentido horário da porçõ mesial a distal. A segunda fase está restrita à porçõ mesial, onde notam-se retiradas curtas anti-horárias. No lado direito há diferenças no corpo, no lugar de retiradas curtas há cobridoras e invasoras decorrentes da primeira fase de façõagem, as quais estão dispostas em sentido horário da porçõ mesial do corpo até o pedúnculo.

Na segunda face, as retiradas curtas também estão só na esquerda, porém no vértice entre pedúnculo e aletas. Já na porçõ que corresponde ao corpo da peça as cicatrizes de lascamento são invasoras e cobridoras, sobrepostas por uma segunda fase com curtas e invasoras presentes

na porção mesial distal, onde parte possui sentido horário. No lado direito estão retiradas invasoras na primeira fase de façõnagem, parte em sentido horário da porção distal à mesial, e parte anti-horária na mesial. A segunda fase nessa porção do objeto é observada apenas na porção distal, por meio de retiradas curtas anti-horárias. A porção proximal (basal) de seu pedúnculo está fragmentada e dificulta maiores avanços para o estudo, contudo observa-se no mesmo o predomínio de retoques curtos contínuos ligados às etapas de finalização. Retoques como esses são, além de suas dimensões e matéria-prima, uma característica marcante que permite diferenciar o objeto procedente de Getulândia das primeiras pontas apresentadas. Apesar das diferenças destacadas, esse objeto foi encontrado a menos de 20km a Sudoeste do sítio Macadãmia, em Pirai.

O objeto seguinte foi encontrado pelo Sr. José Roberto da Silva, no distrito de Fumaça em 2004, compondo atualmente o acervo do Espaço Cultural Sá Quirina Pury. Sua matéria-prima é um silexito bege e é também maior que os primeiros aqui apresentados, com 90mm de comprimento, 45mm de largura e 10mm de espessura e faces biconvexas simétricas, sendo exceções as partes alteradas por fraturas posteriores. Esse objeto foi produzido por retiradas centrípetas, sem evidências de mais de uma fase de façõnagem e finalizado por retoques curtos e contínuos executados por pressão, sendo ainda visível parte do córtex liso do material selecionado como suporte em uma de suas faces (figura 10).

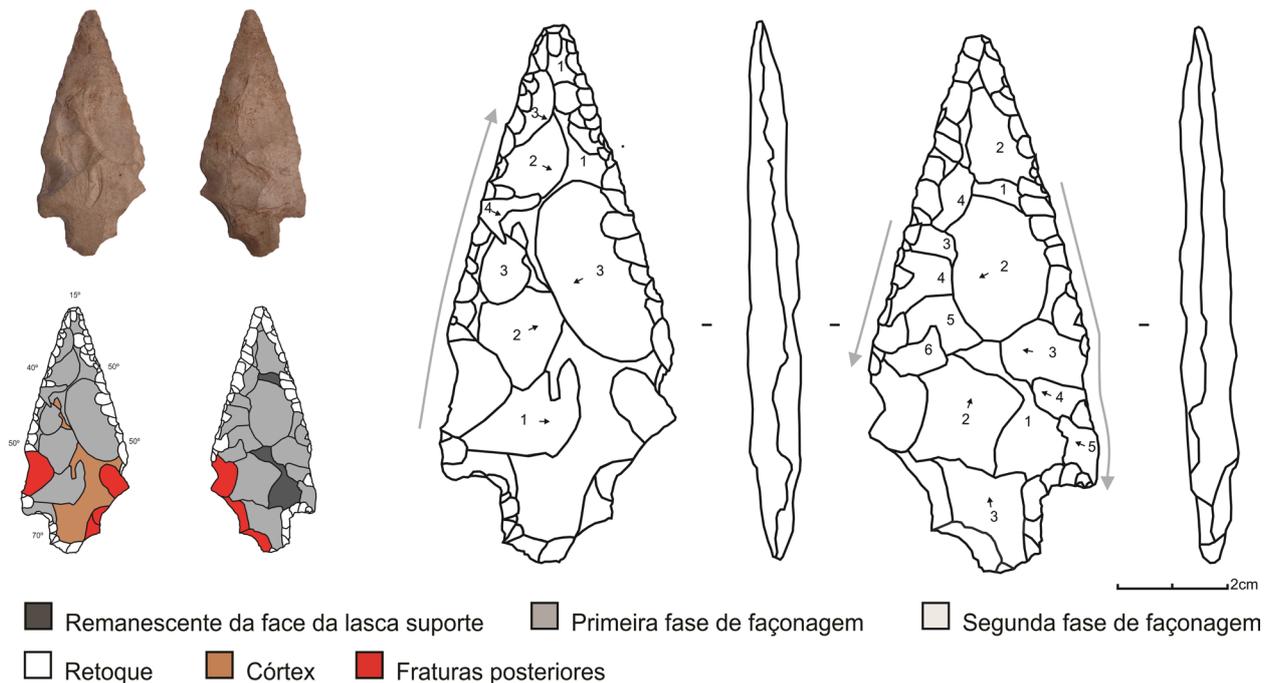


Figura 10: Objeto 7, silexito, proveniente do distrito de Fumaça, Resende – RJ.

Na primeira face representada, observa-se no corpo o predomínio de retiradas invasoras com sentido horário no lado esquerdo, no lado direito encontra-se ainda uma porção cortical preservada e marcas de retiradas também invasoras. O delineamento final do corpo do objeto foi concluído por retoques curtos contínuos. Quanto ao pedúnculo e aletas, maiores interpretações são impossibilitadas devido às múltiplas fraturas nessas porções do objeto, todavia, nas partes

não alteradas observam-se, também, negativos de retoques curtos realizados por pressão.

Na segunda face, as retiradas invasoras são predominantes, sendo raras as curtas, podendo ser visto no corpo duas sequências contínuas de façanagem, uma anti-horária no lado esquerdo e outra horária no lado direito. Nessa face do objeto, também, podemos ver a presença de retiradas curtas e contínuas ao longo de toda sua silhueta, sendo exceção as partes alteradas pelas fraturas posteriores.

Por último, de fora da região do médio Paraíba do Sul, trazemos a fotografia de uma ponta morfológicamente similar àquelas conhecidas como “Rabo-de-peixe”, típicas de regiões pampianas e patagônicas (BIRD, 1938; NAMI, 2011; 2020). Surpreendente em relação a esse objeto é seu local de identificação, nas proximidades do sítio Duna Grande durante uma pesquisa geológica na região de Itaipu / Camboinhas, em Niterói (Costa, 2011). Apesar de tentativas, infelizmente não foi possível precisar o destino final desse objeto e analisá-lo, o que impossibilitou quaisquer interpretações tecnológicas. No entanto, por se tratar de um objeto tão distinto, mesmo apenas através de fotografia, é possível notar que em comparação com os primeiros é distinto e não compartilha semelhanças (figura 11).

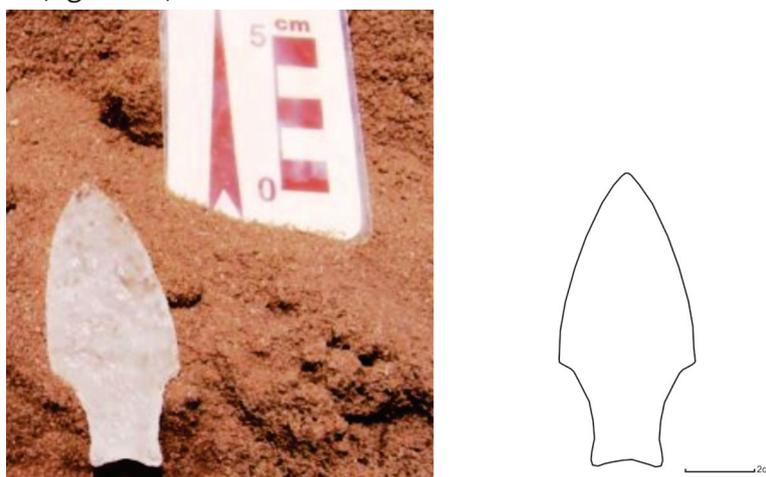


Figura 11: Objeto 7, quartzo, proveniente do sítio Duna Grande, Niterói – RJ. Adaptado de Costa (2011).

Cabe ainda completar que em visita ao Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), observamos entre os materiais da Duna Grande em exposição outros dois potenciais objetos bifaciais em quartzo, mas de corpos triangulares, bastante similares a pontas de projéteis. Foram recolhidos pelo professor Ondemar Dias Jr. na década de 1960, em suas pesquisas naquela região. Ainda no IAB observamos outras duas pontas bifaciais de quartzo (fraturadas) encontradas por Ondemar no Sítio do Tesouro (Purilandia, distrito de Porciúncula - RJ) na década de 1970, próximo à tríplice fronteira com Minas Gerais e Espírito Santo. Mais recentemente, segundo relato oral e imagens de Marcelo Sant'Ana Lemos, uma terceira ponta bifacial de quartzo fragmentada foi identificada em Purilândia, totalizando hoje nove (ou onze) objetos conhecidos no Rio de Janeiro. Esses materiais, além de confirmarem práticas de caça com projéteis líticos nesse estado, apontam também uma segunda área promissora para a investigação da presença de caçadores-coletores.

Discussão

Objetos bifaciais como os apresentados aqui têm sido comumente correlacionados no Brasil com a tradição Umbu (MEGGERS & EVANS, 1983), estabelecida inicialmente para agrupar sítios de caçadores-coletores com pontas líticas que ocuparam o Rio Grande do Sul, mas posteriormente ampliada para contextos distintos não só na região Sul, como também no Sudeste do Brasil. Esse alargamento da tradição Umbu trouxe consigo uma série de generalizações sobre os grupos sociais que ocuparam esses amplos espaços. Problemas relacionados com a amplitude espacial foram observados, também, em outras pesquisas que buscam compreender, por abordagens diversas, características que permitam identificar formas heterogêneas de produzir instrumentos dentro do espaço atribuído a tradição Umbu (GATO DA SILVA, 2014; OKUMURA & ARAUJO, 2017; GARCIA, 2017; MORENO DE SOUSA, 2019; CORREA et al., 2023).

É importante, ainda, pontuar que a ideia de vincular os sítios de caçadores-coletores do Sul e Sudeste do Brasil à tradição Umbu não foi unânime entre os pesquisadores da segunda metade do século XX. Miller Jr. (1969; 1972) chegou a propor o estabelecimento de uma tradição Rio Claro para agrupar os sítios com pontas de projéteis, identificados em São Paulo, por considerar que os objetos tinham características distintas dos que vinham sendo identificados no Rio Grande do Sul, mas a criação de uma nova tradição acabou não sendo levada adiante em sínteses brasileiras (PROUS, 1992; NOELLI, 1999/2000).

Moreno de Sousa (2019) resgatou essa proposta e a utilizou para nomear uma das indústrias que identificou no espaço até então considerado Umbu em São Paulo, nomeando-a como indústria Rioclarense. Conforme o autor, as pontas de projéteis desse universo têm como característica o uso predominante de variedades de sílex e a sua elaboração feita através de percussão, pressão, ou ambas as técnicas em conjunto. O autor defende que há um padrão cultural bem definido para esses objetos, marcado por façonagem bifacial paralela em ambos os lados que leva a formação de uma nervura vertical. As características destacadas, até o momento, não foram identificadas nos objetos que analisamos em nossa área de pesquisa, uma vez que no médio Paraíba do Sul tem se destacado uma façonagem bifacial centrípeta em suportes de matérias-primas heterogêneas.

Por outro lado, a partir do trabalho de Moreno de Sousa (2019), constatamos que, algumas vezes, são encontradas pontas com negativos largos e seletivos que também levam a objetos com pedúnculos ovalados, com raros pescoços retos e com retoques descontínuos aplicados para adequar o delineamento dos gumes. Características essas que se aproximam bastantes das que apresentamos aqui

Fechando as definições da indústria Rioclarense, ainda apoiados em Moreno de Sousa (2019), considera-se que tais materiais estariam relacionados com ocupações daquela região entre o holoceno inicial e médio e que nesses sítios, também, podem ser encontrados suportes façonados plano-convexos, similares aos presentes em sítios da tradição (ou tecnocomplexo) Itaparica, como os discutidos por Fogaça (1995), Rodet et al. (2011), Lourdeau (2014) e Viana et al. (2016).

Através dos trabalhos de Moreno de Sousa (2019) e Correa et al. (2023) podemos observar que a indústria Rioclarense estaria restrita, até então, a região central de São Paulo. Todavia há, também, evidências de caçadores mais a Leste de São Paulo, no município de São José dos Campos, representadas pelo sítio Carcará (ASSUNÇÃO et al, 2011; CORREA et al., 2023). Além dos objetos provenientes do Carcará, é conhecida a identificação de artefatos bifaciais ainda mais pertos do Rio de Janeiro, presentes em museus e centros culturais nos municípios de Aparecida e Queluz.

A amostra de objetos bifaciais provenientes do médio Paraíba do Sul que temos a nossa disposição por enquanto é muito pequena, de modo que a relacionar culturalmente (ou não) com aqueles classificados como partes da indústria Rioclarense seria uma precipitação. De todo modo, é preciso acrescentar que Correa et al. (2023), ao contrastarem as características tecnológicas e morfométricas das pontas do Carcará com as da indústria Rioclarense, concluíram que aqueles objetos do Leste de São Paulo não compartilham das mesmas características dos objetos procedentes da região central do mesmo estado. Corroborando com essa observação, Correa (2022) sugere que os artefatos do Carcará poderiam ser melhor contextualizados se relacionados com alguns sítios do Sul de Minas Gerais que também apesentam pontas. Dadas as incertezas referentes a dispersão espacial e correlações dos caçadores-coletores de nossa área de investigação, assim como seus espaços preferenciais de assentamento e cronologia dessas ocupações, estamos começando um projeto piloto de prospecções no município de Piraí afim de iniciar uma contextualização regional, que posteriormente será acrescida pela análise do restante do material lítico do sítio Macadâmia e pela inclusão do demais municípios fluminenses do médio Paraíba do Sul em nossos levantamentos.

Conclusão

Ao chegarmos nesse momento, após nossa tentativa de correlacionarmos os objetos analisados com os que acessamos através da bibliografia, abriram-se literalmente diferentes caminhos de pesquisa para uma contextualização espacial e cultural do médio Paraíba do Sul. São eles: investigar proximidades/vinculações com o Leste de São Paulo e/ou o Sul de Minas Gerais, tarefa que será empreendida adiante assim que aumentarmos a amostra. Todavia e diferente do que consta na bibliografia, a presença de caçadores-coletores no Rio de Janeiro é algo já estabelecido a partir dos dados aqui apresentados. Sim, existiram grupos com esse tipo de organização social e econômica no atual estado do Rio de Janeiro e os objetos identificados são similares aos de outros sítios brasileiros datados entre o holoceno inicial e médio.

Não sabemos, ainda, sobre as datas absolutas desses registros e se esses caçadores sistematicamente ocupavam os territórios hoje compreendidos como fluminenses ou se suas presenças por essas terras eram episódicas. Porém, esses são problemas que a partir de agora poderão ser tratados com o desenvolvimento de pesquisas sistemáticas na porção fluminense do médio Paraíba do Sul, revelando lastros materiais para que a história dessas populações nativas

possa ser contada desde períodos muito anteriores a invasão europeia, tal como já vem sendo revelado para o litoral nas últimas décadas.

Como apresentamos, os objetos procedentes de Getulândia e Fumaça são maiores, possuem aletas com contornos encurvados e apresentam retoques contínuos, características morfológicas e tecnológicas que se opõem às das pontas provenientes dos sítios Assunção e Macadânia, com dimensões menores, aletas de contornos retilíneos e retoques isolados. Tais assinaturas fornecem indícios de que o Rio de Janeiro além de ter sido território de caçadores, apresenta materialidades que podem indicar a presença de um grupo com diversidade tecnológica ou, ainda, a circulação de diferentes grupos em seu território atual. Com os trabalhos hoje iniciados em Pirai acreditamos que será possível contribuir com novos dados e interpretações para responder ao menos parte da série de questionamentos e caminhos de pesquisa que começamos a apontar nessa oportunidade.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pelo apoio logístico e financeiro materializado com a implementação do projeto "Pedras pra que te quero: Estudo de artefatos líticos de sociedades pré-coloniais brasileiras", vinculado ao Programa de Incentivo à Docência na Graduação (PRODOCÊNCIA). Juntamente agradecemos as contribuições dos pareceristas anônimos e todas as instituições e órgãos governamentais que colaboraram para nossa reunião de dados sobre caçadores no Rio de Janeiro: Curadoria de Arqueologia do Museu Nacional (CARQ/UFRJ), Laboratório de Antropologia Biológica (LAB/UERJ), Espaço Cultural Sá Quirina Pury, Secretaria de Cultura de Pirai e Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB).

Referências bibliográficas

- ASSUNÇÃO, Danilo Chagas; BELEM, Fabiana Rodrigues; JULIANI, Lúcia Oliveira. Sítio Lítico Carcará de São José dos Campos, SP: escavação e análise laboratorial de um sítio de caçadores-coletores no Vale do Paraíba do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento 11*, p.83-88, 2011.
- BIANCHINI, Gina Faraco. Por entre conchas e corpos: uma discussão sobre a prática social no registro de um sambaqui. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BIRD, Junius. Antiquity and migrations of the early inhabitants of Patagonia. *The Geographical Review*. v.28, n 2, p.250-275, 1938.
- BORGES, Simone Taguchi; RIBEIRO, Rosinei Batista; MELLO, Adilson da Silva; DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; FERNANDES, Luiz Fernando Vargas Malerba; CARVALHO, Natalha Gabrieli Moreira. Análise dos fragmentos cerâmicos do sítio arqueológico de Canas, São Paulo, Brasil e teoria ator-rede: cultura e sociedade. *ECCOM*, v.5, n.9, p.57-66, 2014.
- CALDARELLI, Solange Bezerra. A arqueologia do interior paulista evidenciada por suas rodovias. *Revista de Arqueologia*, v.14/15, p.29-55, 2001/2002.
- CORREA; Letícia Cristina. A variabilidade das indústrias líticas no interior paulista: uma síntese regional. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- CORREA; Letícia Cristina; MORENO DE SOUZA, João Carlos; ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. Estudo comparativo entre as pontas líticas do sítio carcará com a indústria Rioclarense: uma primeira aproximação entre artefatos do centro e do Leste do Interior do estado de São Paulo. *Cadernos do LEPAARQ*, v.20, n.39, p.242-259, 2023.
- COSTA, Lucas Araujo. Sedimentação quaternária na região de Itaipu-Camboinhas (Niterói, RJ). Dissertação (Mestrado em Geologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- DAUVOIS, Michel. Précis de dessin dynamique et structural des industries lithiques préhistoriques. Paris: Pierre Fanlac, 1976.
- DIAS, Adriana Schmidt. Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Brasil, São Paulo.
- FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: Considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v.3, p.67-80, 1993.
- FISH, Suzanne; DE BLASIS, Paulo; GASPARG, Maria Dulce; FISH, Paul. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v.10, p.69-87, 2000.
- FOGAÇA, Emílio. A tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (MG - Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v.5, p.145-158, 1995.

- FOGAÇA, Emílio. A análise diacrítica dos objetos líticos. *Clio Arqueológica*, v.25, n2, p.155-173, 2010.
- GARCIA, Anderson Marques. Reconhecendo diferentes fenômenos de Cerritos no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- GASPAR, Maria Dulce. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- GASPAR, Maria Dulce. Relatório final projeto de resgate do patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico-cultural na área sob influência da LT 500 kv Cachoeira Paulista – Adrianópolis III. (Relatório final de pesquisa). IPHAN (N PROCESSO 01500.000260/2006-19), Rio de Janeiro, 2007.
- GATO DA SILVA, Bruno. Tecnologia lítica do sítio Santa Clara, Quaraí, Rio Grande do Sul. Monografia (Graduação em História). Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- INIZAN, Marie-Louise; BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques. Tecnologia da Pedra Lascada. Edição traduzida, revisada e ampliada com definições e exemplos brasileiros por Maria Jaqueline Rodet e Juliana Resende Machado. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico / UFMG, 2017.
- KOOLE, Edward Karel. Entre as tradições planálticas e meridionais: Caracterização arqueológica dos grupos caçadores coletores a partir da análise de sete elementos e suas implicações para a ocupação pré-cerâmica da Região Cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais, Brasil: cronologia, tecnologia lítica subsistência (fauna), sepultamentos, mobilidade, uso do espaço em abrigos naturais e arte rupestre. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LOURDEAU, Antoine. As peças façonadas unifacialmente do tecnocomplexo Itaparica (centro e nordeste do Brasil): conceito e variabilidade. In: FARIAS, Maria; LOURDEAU, Antoine. Povoamento na América do Sul: a contribuição da tecnologia lítica. Paris: @rchéo-éditions.com, 2014, p. 97-122.
- MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Lowlands of South America and Antilles. In: JENNINGS, Justin (Org.). *Ancient South America*. São Francisco: W. H. Freeman and Company, 1983, p. 287-335.
- MILLER JR., Tom Oliver. Arqueologia da região central do Estado de São Paulo. *Dédalo*, v.16, p.13-118, 1972.
- MILLER JR., Tom Oliver. Sítios arqueológicos da região de Rio Claro, Estado de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1969.
- MORENO DE SOUSA, João Carlos. Tecnologia de Ponta a Ponta: Em busca de mudanças culturais durante o Holoceno em indústrias líticas do Sudeste e Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

- NAMI, Hugo. Exceptional Fell Projectile Points from Uruguay: More Data on Paleoindian Technology in the Southern Cone. Center for the Study of the First Americans. v.28, p.113-116, 2011
- NAMI, Hugo. A Glimpse into Advances in Archaeological Research in North-Central Uruguay. Archaeological Discovery. v.8, p.147-187, 2020.
- NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: Arqueologia debates e perspectivas – 1872-2000. Dossiê Antes de Cabral: arqueologia brasileira – II. Revista USP, v.44, p.218-269, 1999-2000.
- OKUMURA, Mercedes & ARAUJO, Astolfo. Fronteiras sul e sudeste: Uma análise morfométrica de pontas bifaciais de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (Brasil). Journal of Lithic Studies, v.4, n.3, p.163-188, 2017.
- PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Editora UNB, 1992.
- RODET, Maria Jacqueline; DUARTE-TALIM, Déborah; BARRI, Luis Felipe. Reflexões sobre as primeiras populações do Brasil central: “tradição Itaparica”. Habitus, v.9, n.1, p.81-100, 2011.
- ROSA, Ana Flávia Barbosa. Entre as formas e os feitios: análise morfométrica e tecnofuncional de pontas líticas pré-históricas do sudoeste de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- SCHEEL-YBERT, Rita; BOYADJIAN, Célia. Gardens on the coast: Considerations on food production by Brazilian shellmound builders. Journal of Anthropological Archaeology, v.60, p.1-12, 2020.
- TADDEI, Antonio. Algunos aspectos de la arqueología prehistórica de Uruguay. Estudios Atacameños, n.8, p.65-89, 1987.
- VIANA, Sibeli; RAMOS, Marcos Paulo; RUBIN; Julio Cezar Rubin; BARBERI, Maira; BOËDA, Eric. O Complexo Arqueológico de Palestina de Goiás/Brasil: uma avaliação dos conjuntos líticos mais antigos em contextualização macrorregional. Cadernos do CEOM, v.29, n.41, p.188-211, 2016.

Recebido em: 02/04/2024

Aprovado em: 30/04/2024

Publicado em: 03/06/2024

ODONTOLOGIA FORENSE E BIOARQUEOLOGIA: ESTUDO DE CASO SOBRE UM ENTERRAMENTO ARQUEOLÓGICO GUARANI DO BRASIL MERIDIONAL

FORENSIC DENTISTRY AND BIOARCHAEOLOGY: CASE STUDY ON A GUARANI ARCHAEOLOGICAL BURIAL FROM SOUTHERN BRAZIL

André Luis Ramos Soares ^a
Lucas Machado Maracci ^b
Dorival Terra Martini ^c
Gabriela Salatino Liedke ^d

^a Prof. Titular Departamento de História, Coordenador do Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas – LASCA-UFSM. E-mail: andre.soares@ufsm.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5475-1016>

^b Doutorando em Ciências Odontológicas (ênfase em Radiologia Odontológica e Imaginologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lucasmachadomaracci@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4668-8130>

^c Professor associado do Departamento de Morfologia - UFSM. E-mail: dtmartini@ufsm.br

^d Professora Adjunta do Departamento de Estomatologia; Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: gabriela.liedke@ufsm.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0967-9617>

RESUMO

Este trabalho relata um estudo de caso de identificação de dentes humanos, provenientes de um enterramento indígena no centro do estado do Rio Grande do Sul. A partir de um enterramento arqueológico depositado no Museu Arqueológico Walter Ilha, no município de São Pedro do Sul, a equipe do Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas – LASCA - UFSM, juntamente a professores dos departamentos de Odontologia e Morfologia, realizaram a curadoria arqueológica sobre os vestígios humanos depositados em urna funerária e identificação dos remanescentes humanos para determinação de número mínimo de indivíduos. A análise da mineralização dentária utilizando os estágios de Nolla permitiu identificar que os dentes pertenciam a dois indivíduos diferentes, com idades entre 6/7 anos e 8/10 anos. Esta identificação coloca em aberto a possibilidade de sepultamentos secundários de mais de um indivíduo em uma mesma vasilha, diferente dos dados históricos e arqueológicos existentes até o momento.

PALAVRAS-CHAVE

Enterramento Guarani, Odontologia forense, Bioarqueologia.

ABSTRACT

This paper reports a case study of identification of human teeth from an indigenous burial in the center of the state of Rio Grande do Sul. From an archaeological burial deposited at the Walter Ilha Archaeological Museum, in the municipality of São Pedro do Sul, the team from the Laboratory of Archaeology, Societies and Cultures of the Americas – LASCA - UFSM, along with professors from the Dentistry and Morphology departments, carried out the archaeological curatorship on the human remains deposited in a funerary urn and identification of human remains to determine the minimum number of individuals. The analysis of dental mineralization using Nolla's stages allowed us to identify that the teeth belonged to two different individuals, aged between 6/7 years and 8/10 years. This identification opens up the possibility of secondary burials of more than one individual in the same vessel, unlike the historical and archaeological data existing so far.

KEYWORDS

Guarani burial, Forensic dentistry, Bioarchaeology.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SOARES, André Luis Ramos; MARACCI, Lucas Machado; MARTINI, Dorival Terra; LIEDKE, Gabriela Salatino. Odontologia Forense e Bioarqueologia: estudo de caso sobre um enterramento Arqueológico Guarani do Brasil Meridional. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 25-38, Jan-Jun. 2024.

Introdução

O Museu Arqueológico Walter Ilha, no município de São Pedro do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, possui em sua coleção diversos artefatos arqueológicos de diversas procedências. A atual direção do Museu (2022/2023) solicitou ao Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas- LASCA, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, a curadoria e análise dos remanescentes humanos depositados no Museu, oriundos de doação de amadores. O conjunto é assim descrito:

“Na subcoleção E6 [sepultamentos, ossos e afins, com urnas ou sem urnas] encontramos uma ossada de uma criança de +-12 anos de idade que estava em igaçaba, sepultamento secundário com tampa e sobretampa a qual se encontra exposta no Museu e é de origem Tupy-Guarany, acordelada, doada por Antonio Ignácio dos Santos, procedente da propriedade de Isodoro Moreto”

Neste primeiro relatório, relativo à documentação de procedência do material arqueológico, existe uma estimativa de idade, no qual não é descrita os critérios que levaram a esta determinação etária. Nossa proposta foi ampliar a análise, através da identificação do conjunto dentário, uma vez que o conjunto esquelético resumia-se a fragmentos do crânio sem conexão anatômica, fragmentos de vértebras, de costelas e outros, mas devido ao estado da fragmentação, não foi possível identificar lateralidade ou patologias nos ossos.

Revisão bibliográfica

A Odontologia Forense tem potencial de identificação de pessoas vivas (desaparecidos, pessoas desmemoriadas, menores de idade, recusa de identidade), ou mortas (desastres de massa, cadáveres sem identificação, mutilados, estados avançados de putrefação e restos cadavéricos), bem como restos mortais (decomposição em fase de esqueletização, partes do corpo relativos ao crânio e mandíbula) (VANRELL, 2002; SINGH et al., 2014). Assim, por meio da avaliação odontológica é possível identificar restos humanos onde os vestígios estejam comprometidos por outros processos, como queima, putrefação ou esqueletização, uma vez que os dentes são os componentes minerais mais resistentes do corpo humano devido a sua estrutura altamente mineralizada (AUERKARI, 2008; JEDDY, RAVI & RADHIKA, 2017). Além disso, os dentes servem como indicadores etários e de saúde, seja pela presença de doenças como cáries ou reabsorções ósseas, ou pela possibilidade de reterem partículas em forma de incrustações minerais que permitem a reconstituição da dieta (MANJUNATHA & SONI, 2014).

O estado do Rio Grande do Sul é região rica para presença de materiais arqueológicos. Diversas instituições possuem coleções de diversas naturezas, tanto históricas com anteriores a colonização europeia, como o CEPA- PUC, o MARSUL, o IAP-UNISINOS, ou mesmo o LASCA. Especificamente, o Museu Arqueológico e Paleontológico Walter Ilha, localizado no município de São Pedro do Sul, região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, possui diversas coleções, e

entre elas, cerâmicas arqueológicas atribuídas à Tradição Arqueológica Tupiguarani.

A Tradição Tupiguarani pode ser caracterizada principalmente por artefatos de cerâmica policrômica (pintadas de vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida e pelo uso de tembetás (cf. TERMINOLOGIA, 1976). As datações mais antigas para esta Tradição estão ao redor do início da Era Comum no RS, e encontram-se espalhados ao longo dos vales dos rios, em altitudes desde o nível do mar até 600 m.a.n.m. (metros acima do nível do mar). Segundo o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, a cerâmica foi ainda utilizada como demarcador cultural e temporal (NOELLI, 1993, p. 23), em que pese o reconhecimento de grupos Guaranis em períodos históricos e etnográficos (SUSNIK, 1975).

Para o que diz respeito aos enterramentos, se conhecem vários registros de diferentes formas de enterrar os mortos, sendo possíveis enterramentos primários no solo, em urnas, ou secundários em urnas (PIEIDADE & SOARES, 2000, 2001). Uma única passagem sobre enterramento arqueológico de mais de uma pessoa em uma mesma vasilha se encontra em Chmyz (1974, p.74), porém o autor não especifica como determinou que se trata de dois indivíduos. Em se tratando de dados estritamente arqueológicos, contextos de vários enterramentos são descritos em Klamt (2005, pg. 101-109), no qual não existem deposições de mais de uma pessoa (ou seus restos mortais) na mesma urna.

Existem esparsas referências aos conteúdos funerários, primários ou secundários, para enterramentos associados aos Guaranis em período pré-colonial. Rohr (1969) descreve a escavação no sítio SC-J-29, no qual descreve o conteúdo desta forma: “Nesta, havia restos de ossos de uma criança, dentes, algumas falanges e um pingente de concha” (Apud.MÜLLER, 2004, p. 93). Também Lavina et al. (1999) descreve um enterramento primário infantil em urna, e adereços como colares de conchas de gastrópodes (Apud. MÜLLER, 2004, p.95). Um estudo acurado sobre enterramento primário em urna é apresentado por Carbonera e colegas, no qual determina-se o sepultamento primário devido a ‘conexão anatômica’ de diversas partes do corpo, como fêmures, tíbias, fíbulas, úmeros e crânio/mandíbula (CARBONERA et al., 2018, p. 630).

Embora os arqueólogos sejam, às vezes, taxativos a afirmar a tipologia do sepultamento, é importante a observação de Cristante:

“Müller & Mendonça de Souza (2011) consideram a possibilidade de muitos dos sepultamentos em urna dos Guaranis, considerados secundários por muitos arqueólogos, serem na verdade primários que foram tão afetados por processos tafonômicos que seu diagnóstico se tornou inviável.” (CRISTANTE, 2018, p.195)

No caso em tela, uma vez que o material estava depositado em Museu, e as informações existentes apontam para uma escavação assistemática, nos debruçaremos sobre o material dentário associado à urna. Este estudo tem como objetivo relatar a investigação arqueológica de um conjunto de dentes humanos, atribuído a um enterramento indígena, ressaltando os aspectos odontológicos para identificação humana e as repercussões dos achados no conhecimento sobre a cultura de enterramento dos povos Guaranis.

Metodologia

O Museu Arqueológico e Paleontológico Walter Ilha, localizado no município de São Pedro do Sul, região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, possui em sua coleção diversos artefatos arqueológicos de diversas procedências. Muitas coleções, oriundas de doação de amadores, devem ser analisadas e catalogadas, tarefa que cabe ao Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas (LASCA), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nessas circunstâncias, a ossada de uma criança, proveniente de sepultamento secundário em urna, com tampa e sobretampa, foi analisada no LASCA e no Curso de Odontologia da UFSM para identificação da faixa etária do indivíduo.

A escavação foi levada a cabo por pessoas sem formação em arqueologia, conforme os registros do Museu, no final dos anos 1980. As informações constantes do livro de doação referem-se apenas à propriedade rural da qual o enterramento foi retirado, nome do proprietário e a descrição sumária dos artefatos encontrados. Em 2022, a atual direção do Museu procurou a orientação do Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas – LASCA-UFSM, para a realização de análises e curadoria dos bens arqueológicos. Por ocasião do processo curatorial, realizou-se a limpeza do material ósseo humano, bem como a identificação anatômica e remontagem dos fragmentos combinantes, possibilitando assim a reconstituição de partes do crânio infantil. No que concerne ao conjunto dentário, conforme já citado, a ficha do museu aponta que na época do achado, identificou-se a idade estimada de 10/12 anos para o indivíduo.

A higienização dos materiais ósseos e dentários foi realizada através da retirada do solo aderente aos mesmos, utilizando-se para isso limpeza à seco para os casos de materiais ósseos, e algodão e álcool diluído a 70 por cento para os dentes e materiais nos quais a sujidade pudesse ser retirada com o algodão. Depois de higienizados, os materiais passaram por classificação, procurando identificar anatomicamente os fragmentos, e remontagem quando possível.

A tipologia da cerâmica encontrada é pertencente à Tradição Tupiguarani, associada aos antepassados dos índios Guarani (NOELLI, 1993; SOARES, KLAMT & CERZER, 2016) e remete aos indígenas Guaranis do período pré-colonial. Tal cerâmica armazenava fragmentos ósseos e dentes decíduos e permanentes, em diferentes estágios de formação coronária e radicular. Os dentes e os fragmentos ósseos foram analisados macroscopicamente e através de tomografia computadorizada de feixe cônico – TCFC (KaVo OP 3D; KaVo do Brasil, Nobel Biocare e Kerr, SC, Brasil – 95 kV, 2-12,5 mA, voxel 0,125 mm), que permite avaliação tridimensional e sem sobreposições dos tecidos duros (ossos e dentes). As imagens foram avaliadas utilizando o software OnDemand3D (KaVo Dental GmbH Biberach, Riß, Alemanha), por meio dos planos tomográficos axial, sagital e coronal (Figura 1) e de reconstrução panorâmica (Figura 2D), permitindo a avaliação dos dentes permanentes que se encontravam intra-ósseos e seu estágio de mineralização.

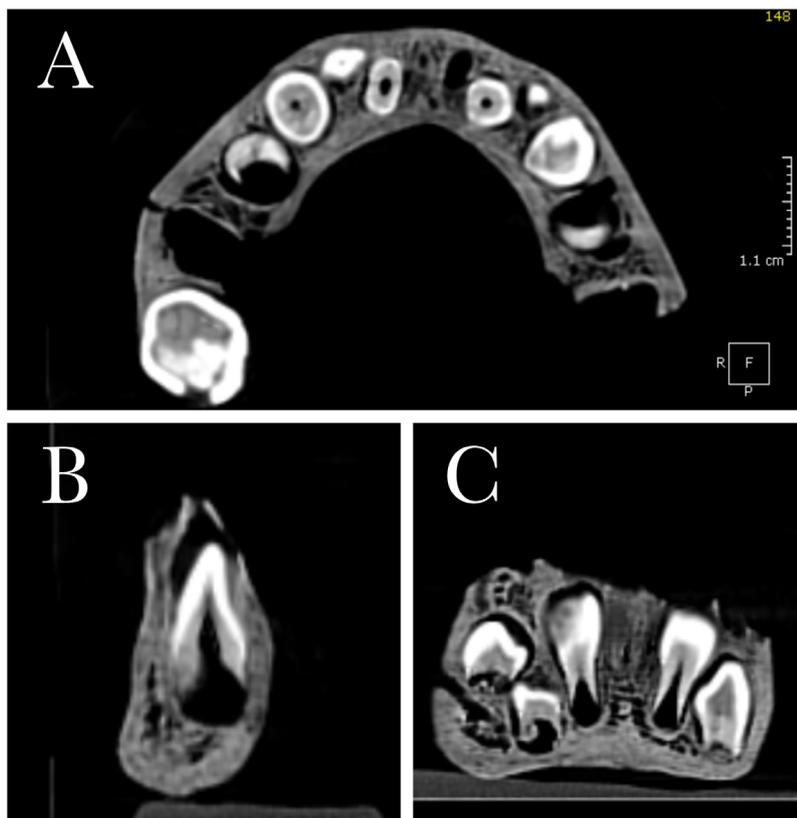


Figura 1. Um dos fragmentos ósseos (sífnise da mandíbula), exemplificando os planos axial (A), sagital (B) e coronal (C)

Foi realizada uma análise descritiva dos dados, avaliando os elementos dentários de forma macroscópica e por meio de imagens tomográficas, e assim, possibilitando estimativas de idade por meio dos estágios de formação das raízes e coroas dos dentes permanentes. A formação das coroas e raízes dentárias foi avaliada tendo como referência os estágios de Nolla (NOLLA, 1960). A classificação de Nolla classifica o desenvolvimento dos dentes permanentes em 11 estágios, sendo que cada estágio representa diferentes fases de formação: 0) ausência de cripta; 1) presença de cripta; 2) calcificação inicial; 3) um terço da coroa completo; 4) dois terços da coroa completos; 5) coroa quase completa; 6) coroa completa; 7) um terço da raiz completo; 8) dois terços da raiz completos; 9) raiz quase completa (ápice aberto); e 10) ápice radicular aberto. A partir da formação da coroa/raiz e classificação do estágio de Nolla de cada elemento dentário, foi realizada uma estimativa da idade cronológica do indivíduo, de acordo com estudo de Nicodemo, Moraes e Médici Filho (1974) (Tabela 1).

Tabela 1 – Estimativa de idade de acordo com os estágios de formação dentária, em meses (m) ou anos (a).

Fonte: Nicodemo, Moraes e Médici Filho (1974).

Dente	1ª evidência de mineralização	1/3 de coroa	2/3 de coroa	Coroa completa	Início da formação radicular	1/3 da raiz	2/3 da raiz	Término apical
Superiores								
Incisivo central	5 – 7 m	8 m – 1 ¼ a	1 ½ – 2 ½ a	3 – 4 ¾ a	5 – 6 ½ a	6 ¼ – 7 ½ a	7 ¼ – 9 a	8 1/3 – 9 ¾ a
Incisivo lateral	9 m – ?	2 – 2 ½ a	2 ¾ – 4 ¾ a	4 ½ – 6 a	6 – 7 1/3 a	7 – 8 ½ a	8 – 9 1/3 a	8 ¾ – 9 ¾ a
Canino	5 m – 6 m	1 – 2 ¾ a	3 – 5 a	5 – 6 ½ a	6 1/3 – 7 ¼ a	7 ½ – 9 ½ a	9 ¼ – 11 ¾ a	10 ½ – 13 a
1º pré-molar	2 ¼ – 3 a	4 – 5 ½ a	4 ¾ – 6 ¼ a	6 ½ – 8 a	7 ¼ – 9 a	8 ½ – 10 ½ a	9 ¾ – 11 ½ a	10 ¾ – 13 ¼ a
2º pré-molar	3 – 4 ½ a	4 ¼ – 5 ½ a	5 ½ – 7 a	6 ½ – 8 ½ a	7 ¾ – 9 ¾ a	8 ¾ – 10 ¾ a	9 ¾ – 12 a	11 ¾ – 13 ¾ a
1º molar	1 m – 6 m	6 m – 1 1/3 a	1 ½ – 2 ½ a	3 – 4 a	4 ½ – 5 ½ a	5 ½ – 7 a	6 ¼ – 8 a	7 ½ – 8 2/3 a
2º molar	3 ¼ – 4 ¾ a	4 1/3 – 5 ½ a	5 ¾ – 7 a	6 ¾ – 8 1/2 a	8 ½ – 10 ½ a	10 – 11 ¼ a	10 ¾ – 12 ¾ a	12 ½ – 13 ½ a
3º molar	7 ½ – 11 a	8 – 11 ½ a	8 ½ – 13 a	11 ½ – 14 ½ a	13 ½ – 16 ½ a	15 – 17 a	16 – 19 ½ a	18 – 20 ½ a
Inferiores								
Incisivo central	3.9 – 6.1 m	9 – 12 m	1 ½ – 2 ¼ a	2 1/3 – 3 ¾ a	4 – 5 2/3 a	5 – 6 ½ a	6 1/3 – 8 a	7 ½ – 8 ½ a
Incisivo lateral	4.6 – 5.8 m	7 – 12 m	1 ½ – 2 ½ a	2 ½ – 5 ½ a	4 ½ – 6 ½ a	5 2/3 – 7 1/3 a	6 2/3 – 8 ¼ a	7 2/3 – 8 ½ a
Canino	4 – 7 m	8 m – 2 ½ a	2 – 4 ½ a	4 ¼ – 6 a	5 ¾ – 7 ¾ a	7 – 9 a	8 ¾ – 11 ¼ a	10 ¾ – 13 a
1º pré-molar	2 ¼ – 3 a	3 ¾ – 5 a	4 ¼ – 6 a	5 ¾ – 7 ½ a	7 – 8 ½ a	8 ½ – 10 ½ a	9 ½ – 11 ¾ a	11 – 13 a
2º pré-molar	2 ¾ – 4 ½ a	4 – 5 ¼ a	5 ½ – 6 ¾ a	6 ½ – 8 a	7 ¾ – 9 ½ a	9 – 11 a	9 ¾ – 12 a	11 ¾ – 13 ¼ a
1º molar	1 – 6 m	6 – 12 m	1 ½ – 2 1/3 a	2 ½ – 3 ¾ a	4 ½ – 5 ½ a	4 ¾ – 6 ¾ a	6 ½ – 8 a	7 ½ – 8 2/3 a
2º molar	3 1/4 – 5 a	4 ¼ – 5 ½ a	6 – 7 ¼ a	7 – 8 ¾ a	8 ½ – 10 ½ a	9 ¾ – 11 ¼ a	10 ¾ – 12 ¾ a	12 ½ – 13 ¾ a
3º molar	7 ½ – 11 a	8 – 11 ½ a	8 ½ – 13 a	11 ½ – 14 ½ a	13 ½ – 16 ½ a	15 – 17 a	16 – 19 ½ a	18 – 20 ½ a

Resultados

A análise dos estágios de formação dentária e a identificação de dentes da mesma série permitiram identificar que os dentes pertenciam a dois indivíduos diferentes. A tomografia do fragmento ósseo menor revelou a presença de dois dentes permanentes inclusos em fase de formação da coroa (dentes 24 e 25), provavelmente da região de pré-molares da maxila (Figura 2A), no mesmo estágio de formação dos demais dentes permanentes avulsos (dentes 14 e 15) (Figura 2B). A análise macroscópica do fragmento ósseo maior foi identificada como da região de sínfise mandibular, sendo observados os alvéolos dos dentes decíduos, além de três dentes decíduos (Figura 2C). Nas imagens tomográficas deste fragmento ósseo, foram observados nove dentes permanentes inclusos em fase de formação da coroa (Figura 2D). Os dentes molares decíduos com raízes inteiras e a fase ainda inicial de formação dentária dos dentes permanentes (coroas em processo de formação e início da formação radicular, acusando estágio de Nolla de 4 a 7) são compatíveis com a idade cronológica de uma criança entre 6 e 7 anos (Tabela 2).

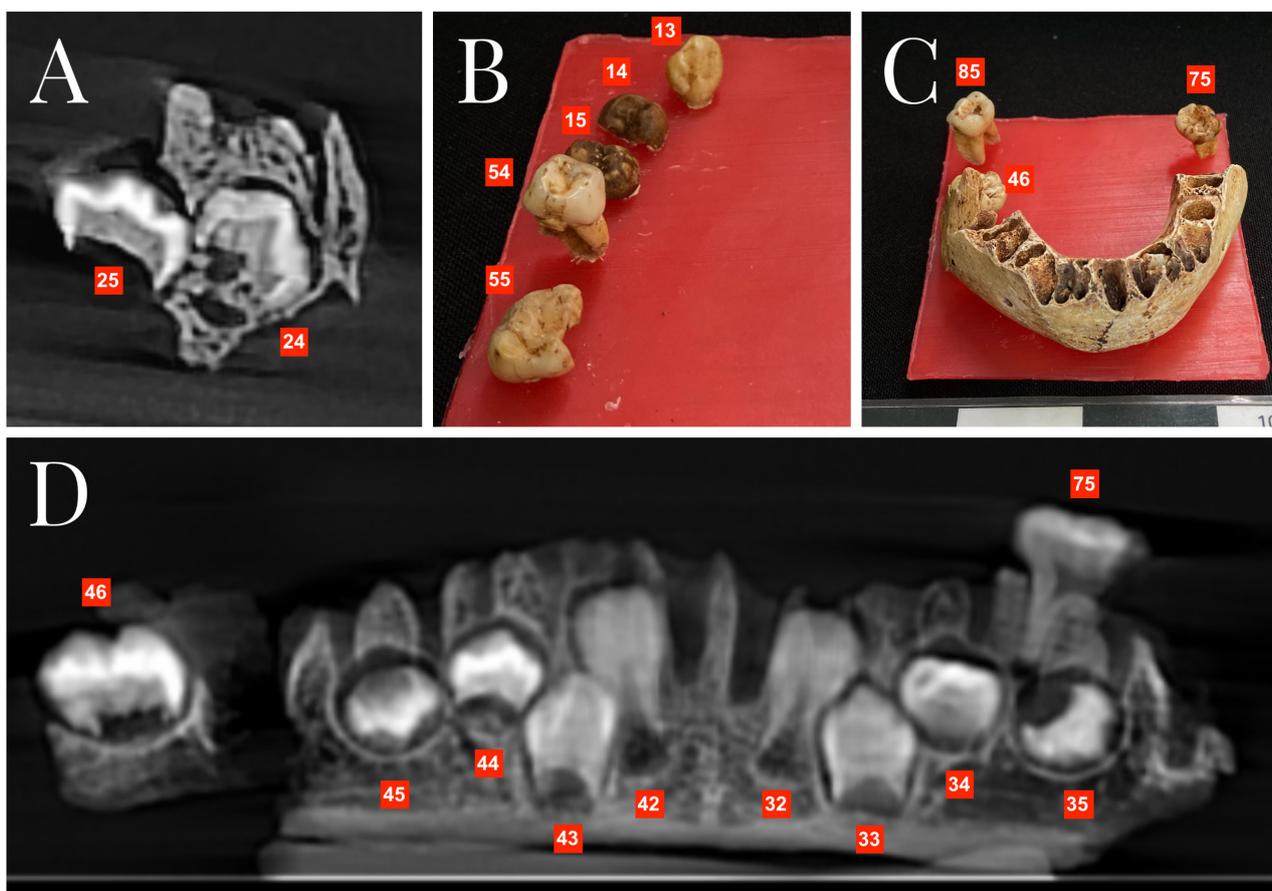


Figura 2. Imagem tomográfica do fragmento da maxila (plano sagital) (A), dentes avulsos superiores (B), sínfise da mandíbula e dentes avulsos inferiores (C), e reconstrução panorâmica da sínfise da mandíbula (D) – números dos dentes identificados nas imagens.

Tabela 2 – Classificação dos dentes do indivíduo de 6 a 7 anos, de acordo com o estágio de Nolla

Dente	Estágio de formação	Estágio de Nolla
35	2/3 de coroa formada	Estágio 4
34	Coroa quase completa	Estágio 5
33	Coroa completa	Estágio 6
32	1/3 de raiz formada	Estágio 7
42	1/3 de raiz formada	Estágio 7
43	Coroa completa	Estágio 6
44	Coroa quase completa	Estágio 5
45	2/3 de coroa formada	Estágio 4
46	Coroa quase completa	Estágio 5
15	2/3 da coroa formada	Estágio 4
14	2/3 da coroa formada	Estágio 4
13	Coroa completa	Estágio 6
24	Coroa quase completa	Estágio 5
25	Coroa quase completa	Estágio 5

A análise macroscópica e tomográfica dos dentes avulsos (Figuras 3A e 3B) acusou dentição permanente jovem não compatível com o indivíduo anterior apresentado. A fase de formação radicular mais avançada, com estágio de Nolla variando de 7 a 9 (visto a presença de dentes com formação do terço inicial da raiz até dentes com raiz quase completa) mostra compatibilidade com a idade cronológica de uma criança entre 8 e 10 anos (Tabela 3).

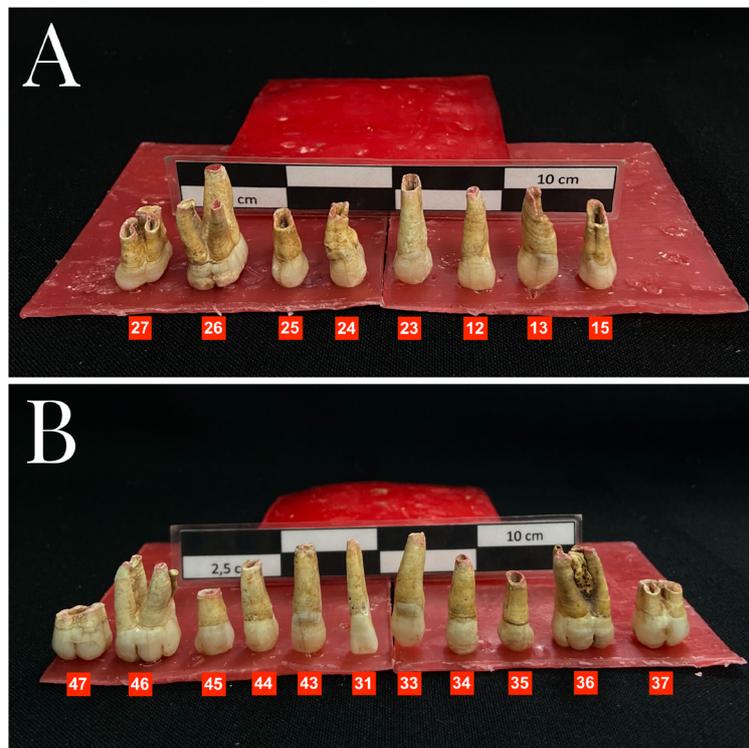


Figura 3. Dentes avulsos superiores (A) e inferiores (B) do segundo indivíduo – números dos dentes identificados nas imagens

Tabela 3 – Classificação dos dentes do indivíduo de 8 a 10 anos, de acordo com o estágio de Nolla

Dente	Estágio de formação	Estágio de Nolla
27	2/3 de raiz formada	Estágio 8
26	Rizogênese quase completa	Estágio 9
25	2/3 de raiz formada	Estágio 8
24	2/3 de raiz formada	Estágio 8
23	Rizogênese quase completa	Estágio 9
12	Rizogênese quase completa	Estágio 9
13	2/3 de raiz formada	Estágio 8
15	2/3 de raiz formada	Estágio 8
37	1/3 de raiz formada	Estágio 7
36	Rizogênese quase completa	Estágio 9
35	2/3 de raiz formada	Estágio 8
34	2/3 de raiz formada	Estágio 8
33	Rizogênese quase completa	Estágio 9
31	Rizogênese quase completa	Estágio 9
43	Rizogênese quase completa	Estágio 9
44	2/3 de raiz formada	Estágio 8
45	1/3 de raiz formada	Estágio 7
46	Rizogênese quase completa	Estágio 9
47	1/3 de raiz formada	Estágio 7

Discussão

A tipologia da cerâmica encontrada é pertencente à Tradição Tupiguarani, associada aos antepassados dos indígenas Guarani (NOELLI, 1993; SOARES, KLAMT e CERZER, 2016), considerando as características morfológicas e estilística presente em coleções arqueológicas (LA SALVIA e BROCHADO, 1989) remete aos indígenas Guaranis do período pré-colonial. Em alguns casos, a conservação de ossos e dentes pode permitir inferir comportamentos de indivíduos e populações, no que se refere aos sepultamentos e hábitos alimentares, porém, no caso em questão não foi possível identificação de sexo, etnia ou outros elementos identificadores.

A avaliação odontológica, em especial da arcada dentária, constitui importante método de identificação humana na arqueologia forense, permitindo inferências sobre idade, saúde bucal, dieta e práticas culturais de populações antigas. Os elementos dentários são estruturas extremamente mineralizadas e resistentes a ações lesivas, e desta forma desempenham importante papel na identificação de cadáveres (SALES-PERES et al., 2006). Além da análise macroscópica, a avaliação das arcadas dentárias também pode ser realizada por meio de exames de imagem, como a radiografia panorâmica e a tomografia computadorizada de feixe cônico (TCFC), que apresentam como vantagem a preservação do material, que não necessita sofrer cortes ou métodos de investigação mais invasivos.

Os exames de imagem da arcada dentária são amplamente utilizados na identificação de pessoas cujos cadáveres foram desfigurados. Neste processo de identificação, é realizada uma

comparação dos exames de imagem ante mortem e post mortem de determinado indivíduo, permitindo a avaliação das dimensões dentárias e dos procedimentos odontológicos presentes em ambos os exames e obtendo-se, assim, a confirmação da identidade da vítima (GRUBER & KAMEYAMA, 2010). Permitem, ainda, estimar a idade do indivíduo, por meio da análise dos estágios de mineralização dentária (GIOSTER-RAMOS et al., 2021; LOPEZ et al., 2013). No presente estudo, a avaliação por meio de TCFC foi utilizada para identificação de dentes que se encontravam intra-ósseos, ainda em processo de formação coronária ou radicular; já para os dentes que se encontravam avulsos, a principal avaliação dos dentes foi realizada de forma macroscópica.

Os estágios de desenvolvimento do órgão dentário podem ser utilizados para estimativa da idade de indivíduos jovens. Diversos são os métodos disponíveis, baseados na avaliação do comprimento dentário, da mineralização dos tecidos ou da cronologia de erupção (MANJUNATHA & SONI, 2014) e de maneira geral apresentam boa correlação com a idade cronológica do indivíduo, com exceção da avaliação para os terceiros molares. Entretanto, a acurácia do estágio de mineralização dentária para estimar idade varia de acordo o método de avaliação e a população estudada (SANTORO et al., 2009). O método de Nicodemo, Moraes e Médici Filho (1974), baseado na classificação de Nolla (1960), foi o primeiro a ser descrito para a população brasileira, e possui boa acurácia quando aplicado em indivíduos de 6 a 12 anos (GOBBO et al., 2021).

A condição de conservação dos dentes, considerando os fatores tafonômicos e processos de escavação e preservação de vestígios humanos, permite acreditar que somente o crânio ou partes do mesmo tenham sido enterrados na urna, mesmo se tratando de dois indivíduos.

Embora o sepultamento secundário em urnas seja algo bastante comum, a presença de dois seres humanos em um mesmo recipiente pode levantar suposições a respeito das relações sociais, de parentesco, de afinidade ou mesmo casos excepcionais, que ainda merecem maior aprofundamento. Neste sentido, este relato também sugere que coleções depositadas em museus devem ser revisitadas e estudadas em colaboração com profissionais da Odontologia, a fim de observar se esta prática era comum ou apresenta um caso isolado.

No que diz respeito à Tradição Arqueológica Guarani, onde o número de enterramentos e evidências mortuárias são parcamente estudadas (CRISTANTE, 2018), foi possível contribuir ao estudo do comportamento enterratório destes indígenas. Até este momento, este foi o primeiro relato sobre identificação humana na arqueologia que tenha usado parâmetros odontológicos para avaliação entre os Guaranis, no que concerne a um duplo enterramento. Embora o sepultamento secundário em urnas seja algo bastante comum, tanto em termos bibliográficos históricos como arqueológicos, a presença de vestígios de dois seres humanos em um mesmo recipiente pode levar ao início de outras discussões no que se refere as relações sociais e de parentesco a partir da identificação de duas crianças, ou uma criança e um indivíduo pré-adolescente.

No contexto da Tradição Guarani, este é o primeiro relato utilizando a Odontologia Forense para identificação humana, com especial contribuição na visualização dos comportamentos sociais e rituais em relação às práticas de sepultamento destes indígenas e identificação de duplo enterramento.

Conclusão

A partir da análise do conjunto dentário, observando-se os diferentes estágios de mineralização dentária e a presença de dentes da mesma série, foram identificados dois indivíduos, com idades entre 6/7 anos e 8/10 anos, proveniente de um enterramento provavelmente do período pré-colonial, atribuído aos indígenas Guaranis, pela tipologia cerâmica encontrada. As coleções depositadas em museus devem ser revisitadas, a fim de observar se esta prática era comum, ou estamos frente a um caso isolado. A presença de duas pessoas no mesmo enterramento pode levantar suposições a respeito das relações sociais, de parentesco, de afinidade ou mesmo casos excepcionais, que ainda merecem maior aprofundamento.

Referências bibliográficas

- AUERKARI, Elza Ibrahim. Recent trends in dental forensics. *Indonesian Journal of Legal and Forensic Science*, v. 1, n. 1, p. 5-12, 2008.
- CARBONERA, Mirian; MONTEIRO DA SILVA, Sérgio F. S.; LOURDEAU, Antoine; HERBERTS, Ana Lucia; KUCZKOVSKI, Francieli; HATTÉ, Christine; FONTUGNE, Michel; ONGHERO, André Luiz; BRIZOLA, Jéssica P.; SANTOS, Marcos César P. Uma deposição funerária Guarani no alto rio Uruguai, Santa Catarina: escavação e obtenção de dados dos perfis funerário e biológico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 13, n. 3, p. 625-644, set-dez, 2018.
- CHMYZ, Igor. Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do Alto rio Paraná. PRONAPA 5. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. *Publicações avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeldi nº 26*. Belém. MPGE, p. 67-90, 1974.
- GIOSTER-RAMOS, Maria Luiza; SILVA, Evelin Carine Alves; NASCIMENTO, Camyla Rodrigues; FERNANDES, Clemente Maia da Silva, SERRA, Mônica da Costa. Técnicas de identificação humana em Odontologia Legal. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, e20310313200, 2021.
- GOBBO Sandra França Ribeiro; ALFONSO, Maria Beatriz Carrazzone; KAWAMOTO, Karen Koharu Motooka; TEIXEIRA, Daniel de Bortoli; DA SILVA Ricardo Henrique Alves; COMAR, Livia Picchi. Estimativa da idade dental pelo método de nicodemo em uma população da região sudeste do Brasil. *Revista Criminalística e Medicina Legal*, v. 6, n. 1, p. 10-18, 2021.
- GRUBER, João; KAMEYAMA, Marta Maria. O papel da radiologia em Odontologia Legal. *Pesquisa Odontológica Brasileira*, v. 15, n. 3, p. 263-268, 2010.
- GUEDES-PINTO, Antonio Carlos. *Odontopediatria*. 9ª edição, Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2016.
- JEDDY, Nadeem; RAVI, Shivani; RADHIKA, T. Current trends in forensic odontology. *Journal of Forensic Dental Sciences*, v. 9, n. 3. p. 115-119, 2017.
- KLAMT, Sergio Celio; SOARES, André Luis Ramos; CEREZER, Jedson Francisco. Catálogo de Vasilhas Cerâmicas Arqueológicas Guaranis: Parte 1. *REVISTA DO CEPA*, v. 33, p. 01-46, 2016.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, Jose. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

- LINO, Jaisson Teixeira. Arqueologia guarani: identidade e cultura material. *Revista Cadernos do CEOM*, v. 24, n. 35, p. 35-54, 2011.
- LOPEZ, Thais Torralbo; ARRUDA, Caroline Parducci; ROCHA, Marcos; ROSIN, Ana Silvia André de Oliveira; MICHEL-CROSATO, Edgard; BIAZEVIC, Maria Gabriela Haye. Estimating ages by third molars: stages of development in Brazilian young adults. *Journal of Forensic and Leg Medicine*, v. 20, n. 5, p. 412-8, 2013.
- MANJUNATHA B. S.; SONI, Nishit K. Estimation of age from development and eruption of teeth. *Journal of Forensic Dental Sciences*, v. 6, n. 2, p.73-76, 2014.
- MÜLLER, Letícia Morgana. Dentro do pote de barro: reflexões sobre os enterramentos Guaranis através da sua cultura material. *Cadernos do CEOM*, v. 19, n. 24, p. 83-108, 2006.
- MÜLLER, Letícia Morgana; SOUZA, Sheila Mendonça de. 2011. Enterramentos Guarani: Problematização e novos achados. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro I. (Org.). *Antes do oeste carterense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Editora Argos, 2011, p. 167-218.
- NICODEMO, Roberto Antonio; MORAES, Luiz César de; MÉDICE FILHO, Edmundo. Tabela cronológica da mineralização dos dentes permanentes, entre brasileiros. *Revista da Faculdade de Odontologia de São José dos Campos*, v. 3, n. 1, p. 55-6, 1974.
- NOLLA, Carmen Maria. The development of the permanent teeth. *Journal of Dentistry for Children*, v. 27, n. 4, p. 254-266, 1960.
- PIEIDADE, Silvia Cristina; SOARES, André Luis Ramos. Considerações sobre um enterramento Guarani: Alterações e Hipóteses Etno-Históricas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 10, p. 31-68, 2000.
- PIEIDADE, Silvia Cristina; SOARES, André Luis Ramos. Considerações sobre um enterramento Guarani: Alterações e Hipóteses Etno-Históricas. VI Congreso Nacional de Paleopatología, *Donde Estamos? Pasado, presente y futuro de la Paleopatología*, p.148-175, Madrid, Espanha. 2001.
- RIZZARDO, Fabiane Maria. Sepultamentos dos mortos entre antigas populações do tronco Tupi: Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, São Leopoldo, 2017.
- SALES-PERES, Arsenio; SALES-PERES, Sílvia Helena de Carvalho; CASTANEDA-ESPINOSA, Juan Carlos; CARDOSO, Camila Lopes; HERRERA, Francyle Simões; CAETANO, Isabela; MOLITERNO, Natália; FREITAS, Patrícia. Identificação de cadáveres através da arcada dentaria. *Revista Odontológica de Araçatuba*, v. 27, n. 1, p.25-27, 2006.
- SANTORO, Valeria; DONNO, Antonio de; MARRONE, Maricla; CAMPOBASSO, Carlo Pietro; INTRONA, Francesca. Forensic age estimation of living individuals: a retrospective analysis. *Forensic Science International*, v. 193, n 1-3, p. 129.e1-4, 2009.
- SINGH, Narendra Nath; GOWHAR, Owais, AIN, Tasneem S; SULTAN, Saima. Exploring trends in forensic odontology. *Journal of Clinical and Diagnostic Research*, v. 8, n. 12, p. ZC28-ZC30, 2014.
- SUSNIK, Branislava. *Dispersión Tupí-Guaraní Pré-Histórica. Ensayo Analítico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.
- TERMINOLOGIA. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*,

ano 1, n. 1, 1976. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá.

VANRELL JP. Odontologia legal & antropologia forense. 1ª ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

Recebido em: 03/08/2023

Aprovado em: 13/10/2023

Publicado em: 03/06/2024

ARTIGO | *PAPER*

LONGA DURAÇÃO NO BAIXO RIO URUBU: ANÁLISE CERÂMICA DO SÍTIO AM-IT-30 PEDRA CHATA, MUNICÍPIO DE ITACOATIARA (AM- BRASIL)

LONG-TERM HISTORY IN THE RIVER URUBU: CERAMICS ANALYSIS FROM THE AM-IT-30 PEDRA CHATA SITE, ITACOATIARA MUNICIPALITY (AMAZONAS, BRAZIL)

Luiza Caroline Vieira Gama ^a

^a Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia- Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Bacharela em Arqueologia. E-mail: luizacarolinev@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9325-5050>

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados da análise realizada no material cerâmico do sítio arqueológico AM-IT-30 Pedra Chata (Itacoatiara, AM). Apresentamos elementos detectados nos conjuntos cerâmicos, que nos auxiliam observar a manutenção de identidades em áreas com fluxos culturais. Ao expor nosso estudo de caso, procuramos também contribuir metodologicamente e participar do debate regional acerca das classificações das cerâmicas arqueológicas do baixo rio Urubu, na Amazônia Central.

PALAVRAS-CHAVE

Análise cerâmica, baixo rio Urubu, Amazônia Central, Saracá.

ABSTRACT

In this article we present the results of analyses carried out on ceramic material from the archaeological site AM-IT-30 Pedra Chata (Itacoatiara, AM). We present elements detected in the ceramic assemblages, allowing us to observe the maintenance of identities in areas with cultural flow. By presenting our case study, we also aim to make a methodological contribution and participate in the regional debate on the classification of archaeological ceramics from the lower Urubu River, in Central Amazonia.

KEYWORDS

Ceramic analysis, lower Urubu River, Central Amazon, Saracá.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GAMA, Luiza Caroline Vieira. Longa duração no baixo rio Urubu: análise cerâmica do sítio AM-IT-30 Pedra Chata, município de Itacoatiara (AM- Brasil). Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 39-59, Jan-Jun. 2024.

Introdução

Parte da arqueologia amazônica vem atuando em uma perspectiva de história de longa duração, na tentativa de entender distintos períodos temporais, mapear e caracterizar como se distribuíram as ocupações das sociedades indígenas das terras baixas na América do Sul (NEVES, 2022; BARRETO et al., 2016).

A área situada ao longo de ambas as margens do rio Amazonas, entre a foz do rio Japurá e a foz do rio Uatumã, é chamada de Amazônia Central (NEVES, 2022). Dentro dessa macrorregião (figura 1), no médio curso do rio Amazonas, próximo a confluência com os rios Uatumã e Madeira, o baixo rio Urubu se destaca como um território chave para o entendimento das antigas ocupações humanas (SIMÕES E MACHADO, 1984; LIMA, 2008; 2013; LIMA et al., 2016; BASSI, 2016).

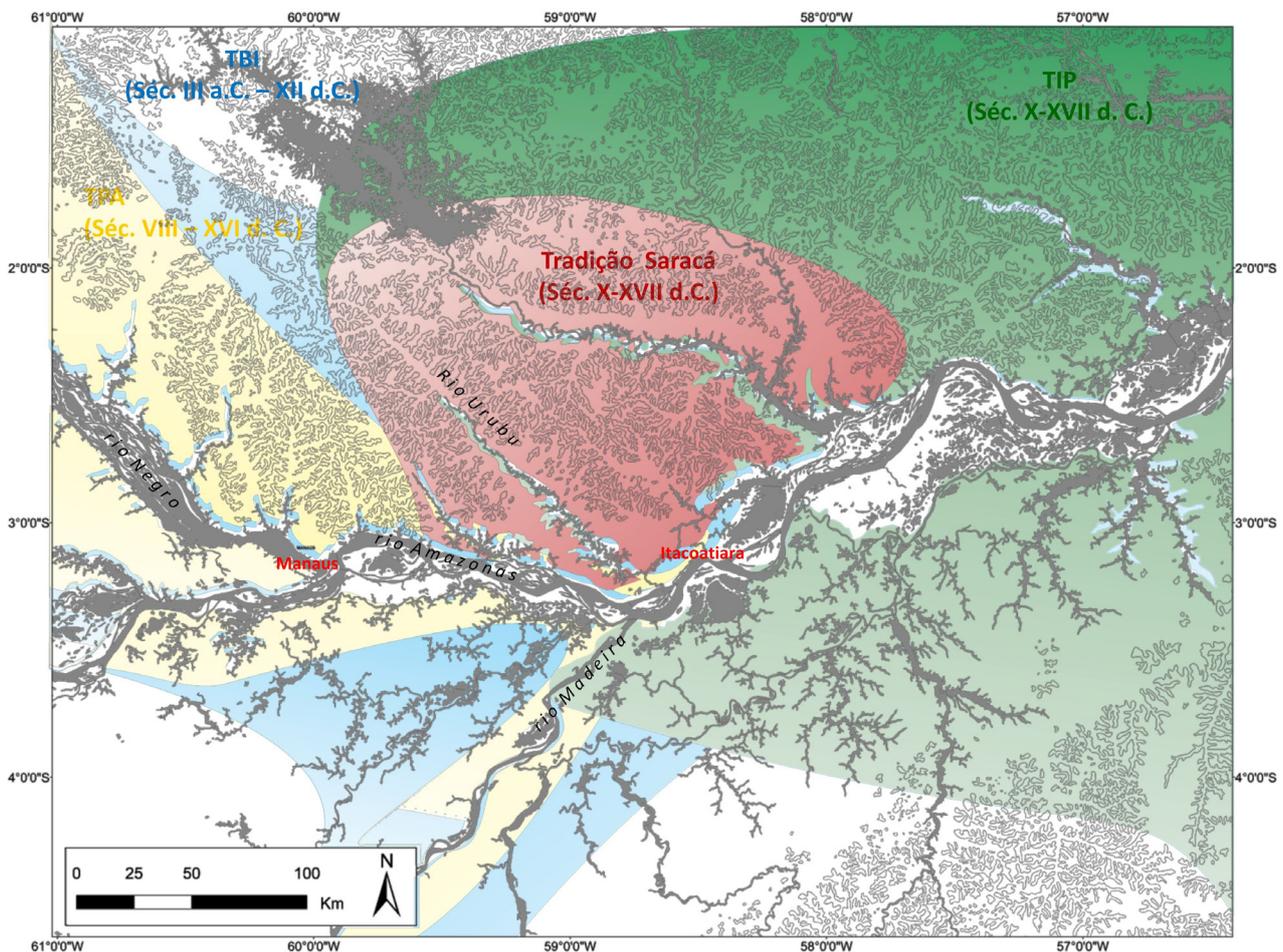


Figura 1: Mapa da Amazônia central e dispersão das Tradições arqueológicas, em destaque os principais rios da bacia amazônica. Autor: Filippo Bassi. Fonte: Gama, 2017, p. 19.

À luz dos estudos realizados, é sugerida que essa área represente um espaço de confluência

das três principais Tradições arqueológicas amazônicas, a saber: Tradição Inciso Ponteadado (TIP), Tradição Borda Incisa (TBI) e Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), consideradas o correlato material de uma fronteira cultural regional representada na cerâmica da Tradição Saracá (HILBERT, 1968; SIMÕES E MACHADO, 1984; MACHADO, 1991; LIMA, 2008, 2013, LIMA et al., 2016; CAVALLINI, 2014; BASSI, 2016).

Localizado na margem esquerda do Paraná do rio Urubu, o sítio arqueológico AM-IT-30 Pedra Chata (coordenadas geográficas: 21M 325064/9659401 - Datum UTM WGS 84) se encontra em uma área plana, no topo de um terraço fluvial, e é caracterizado por um pacote de terra preta¹ que chega a medir 3 hectares de extensão e mais de 1 metro de profundidade. Tal local está relacionado espacialmente ao sítio rupestre AM-IT-31 Caretas (CAVALLINI, 2014, p. 175-186). No específico, foi lançada a hipótese que o Pedra Chata represente do ponto de vista arqueológico uma área de fronteira e conte uma história de longa duração.

O artigo visa avançar na análise tecnológica e estilística do material e reunir elementos que nos auxiliam observar a manutenção de identidades em regiões com fluxos culturais. Apresentaremos os resultados da análise cerâmica proveniente da unidade N1000 E964, junto ao teste estatístico de *cluster*. Utilizamos uma base teórico-metodológica que viabiliza uma comparação com os dados produzidos por Bassi (2016), a partir do estudo dos artefatos da unidade adjacente (N1000 E963). O objetivo é contribuir ao reconhecimento e interpretação de padrões culturais que podem ser testados estatisticamente (BASSI, 2016; GAMA, 2017).

Do rio Amazonas ao rio Urubu: breve contextualização da pesquisa arqueológica na Amazônia

Os primeiros estudos arqueológicos na Amazônia tiveram foco na descrição cerâmica e no contexto dos sítios, dessa forma duas correntes teóricas foram bastante difundidas. A primeira voltada a seriação e análise tipológica do material, com objetivo de encontrar padrões ao interno das ocupações (FORD, 1936, 1938; MEGGERS E EVANS, 1961). A segunda buscava interpretar essas últimas, a partir da distribuição e disposição contextual dos artefatos em conjunto com a análise modal das cerâmicas (ROUSE, 1960; LATHRAP, 1970; DEBOER E LATHRAP, 1979; RAYMOND, 1995; DEBOER et al., 1996).

Dando prioridade à primeira, as pesquisas utilizaram principalmente o método de seriação (FORD, 1938), nas quais Meggers e Evans definiram quatro horizontes estilísticos para comportar a variabilidade local, sendo estes: Horizonte Borda Incisa, Inciso Ponteadado, Polícroma, Hachurado-Zonado, que posteriormente foram renomeados como Tradições para contemplar a realidade Amazônica, já que ocorriam em diferentes lugares sem uma dispersão cerâmica contínua geograficamente (MEGGERE E EVANS, 1961). Essa classificação foi e é construída através do uso

1 “Como foi comprovado que a formação de terras pretas é resultante dos assentamentos de sociedades pré-colombianas, sua disposição, profundidade e extensão nos fornecem parâmetros importantes sobre a intensidade da ocupação humana nesses assentamentos (ARROYO-KALIN, 2010, 2014 apud BARRETO, et al. 2016, p. 587-588).”

dos termos fase e Tradição², que, buscam compreender os complexos arqueológicos (WILLEY E PHILLIPS, 1958).

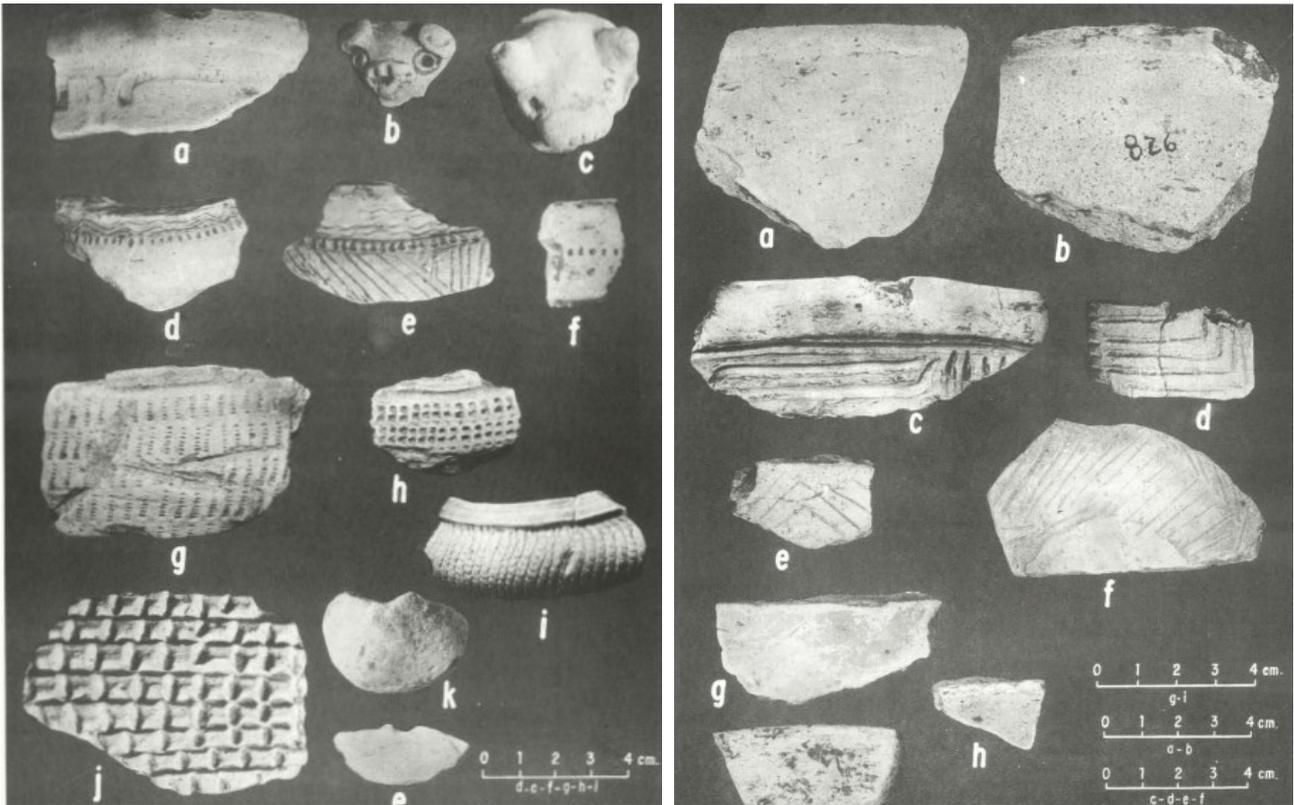
Seguindo tal linha de pesquisa, nos meios de 1950, Peter Hilbert realizou os primeiros trabalhos sistemáticos, classificando as cerâmicas dentro desses termos. O resultado desse estudo foi a elaboração de um quadro de dispersão cultural e cronológico das tradições para a Amazônia, que, além de mapear a ocorrência dos tipos cerâmicos, sugere a formação de áreas de encontro de povos, ou seja, as áreas de fronteira cultural (HILBERT, 1968).

Ainda nessa direção, com o objetivo de aprofundar o conhecimento do contexto arqueológico, foi criado no final da década de 1970 o *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica* (PRONAPABA), que atuou até o final da década de 1990, sob a coordenação do arqueólogo Mário Ferreira Simões, vinculado ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) (SIMÕES E ARAÚJO-COSTA, 1978).

Simões, ao construir um esboço da cronologia cultural na bacia Amazônica (SIMÕES, 1980), sugere que a região do baixo rio Urubu configure o limite ocidental da distribuição dos complexos cerâmicos afiliados à TIP e TPA, formando assim uma fronteira representada pela Tradição Regional Saracá (fig. 2 e 3). Essa se caracterizava por tipos decorativos diagnósticos inexistentes nas outras tradições da região, sendo estas: ponteadas estampadas, arrastadas e repuxadas; ao mesmo tempo que apresentava formas e parte das técnicas decorativas similares àquelas diagnósticas da Tradição Polícroma, compreendendo: acanalado, pintura policroma, excisão, flanges mesiais e labiais. Além das compartilhadas com outros complexos estilísticos como o Inciso Ponteadado e o Borda Incisa, como: engobo vermelho, inciso fino e largo, inciso ponteadado, ponteadado simples e modelado inciso; o que resulta em uma cerâmica no período pré-colonial tardio que engloba traços das três grandes Tradições identificadas na Amazônia, e que não foi associada a nenhum dos quatro horizontes estilístico proposto por Meggers e Evans em 1961 (SIMÕES E MACHADO, 1987).

Esta fronteira hipotética foi definida a partir da seriação de amostras cerâmicas coletadas em nove sítios arqueológicos no baixo rio Urubu (figura 4). A variabilidade presente nessa região engloba diferentes complexos cerâmicos, a saber: fase Silves (TBI), Sucuriju (Saracá), Aneba (Saracá), Iraci (Saracá), Saracá (Saracá), Sanabani (TIP), Garbe (TIP).

2 “As fases têm sido utilizadas para caracterizar culturas arqueológicas em determinado tempo e espaço, enquanto o termo Tradição é utilizado para caracterizar repertórios tecnológicos e estilísticos cerâmicos com grande persistência temporal em escalas regionais; uma Tradição pode abarcar as fases em sua temporalidade e/ou espacialidade” (WILLEY E PHILLIPS, 1958).



Figuras 2 e 3: Pranchas com cerâmicas da Tradição Saracá. Fonte: Simões e Machado, 1987.

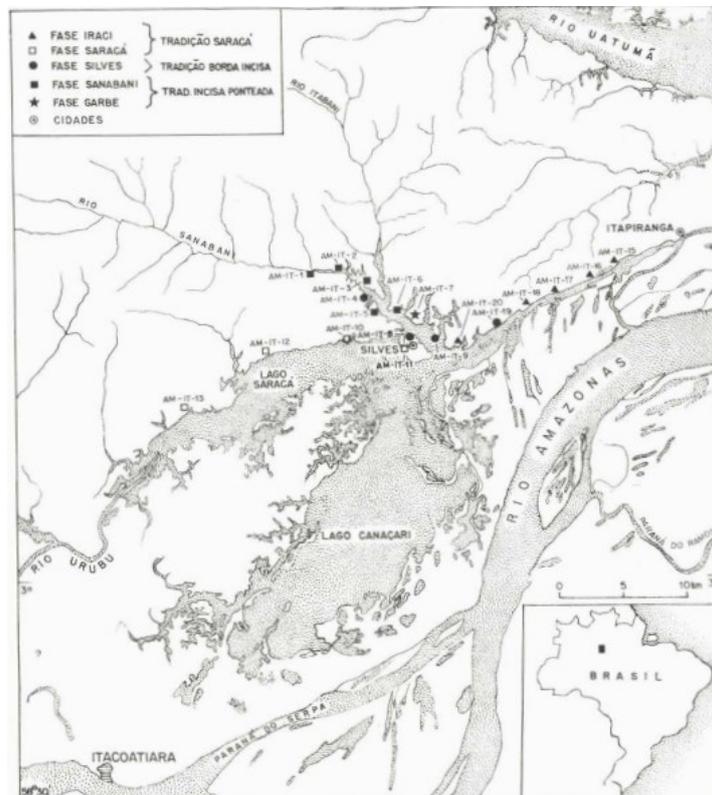


Figura 4: Mapa da distribuição das fases por sítios arqueológicos na região de Silves. Fonte: Simões e Machado, 1987.

GAMA, Luiza Caroline Vieira. Longa duração no baixo rio Urubu: análise cerâmica do sítio AM-IT-30 Pedra Chata, município de Itacoatiara (AM-Brasil).

No intuito de aprofundar o conhecimento sobre essa área de pesquisa, a partir de 2009 o *Projeto Arqueologia Regional e História Local no Baixo Urubu*, coordenado por Helena Lima, deu continuidade aos estudos para caracterizar e analisar a hipótese da existência de uma fronteira cultural regional, além de promover e socializar o conhecimento arqueológico (LIMA, 2013).

Nosso trabalho aprofundou as pesquisas no sítio Pedra Chata, iniciadas no âmbito do mestrado de Marta Sara Cavallini (2014), cujo objetivo foi contextualizar arqueologicamente o fenômeno da produção de gravuras rupestres pré-coloniais na bacia do baixo rio Urubu. No específico, caracterizar crono-culturalmente o sítio de petróglifos AM-IT-31 Caretas, localizado na margem esquerda do baixo Urubu, em proximidade espacial ao Pedra Chata (CAVALLINI, 2014).

Sucessivamente no âmbito do doutorado de Filippo Stampanoni Bassi (2016) foi desenvolvido um trabalho com o objetivo de testar a hipótese de fronteira cultural regional e compreender a classificação da Tradição Saracá. Dos 4 sítios contemplados, se destaca o Bom Socorro (AM-IT-35) onde foram identificadas cerâmicas TPA e Saracá co-ocorrendo no mesmo contexto, no que tem sido interpretado como o espaço habitacional de uma casa no período pré-colonial tardio. À vista disso, dissertou-se sobre as relações entre as produtoras de cerâmicas policromas e Saracá da região (BASSI, 2016, p. 294).

É nesse cenário que o presente trabalho está inserido, em diálogo com a rede de colaboração do Projeto Baixo Urubu, em específico com essas últimas duas pesquisas, buscando contribuir para o conhecimento desse contexto arqueológico (LIMA, 2013; LIMA et al. 2016; CAVALLINI, 2014; BASSI, 2016).

Parte dos resultados foram alcançados durante o ano de 2017 pela presente autora, no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com a Divisão Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (MA/UFAM) (GAMA, 2017).

Aportes teóricos

Ao analisar os artefatos cerâmicos buscamos destacar seus elementos tecnológicos e estilísticos, por entender que o modo de fazer pode refletir o meio cultural no qual está inserido. Portanto, a manutenção das práticas ceramistas ao longo do tempo é lida como uma forma de reforçar as identidades étnicas dos povos que viveram na Amazônia (BARRETO et al. 2016; NEVES, 2022).

Dentro dessa perspectiva, Lemonnier (1992) propõe observar os *sistemas tecnológicos* a partir do seu caráter sistêmico, considerado o resultado da inter-relação entre elementos como: matéria, gestos, energia, objetos e conhecimento. As técnicas desenvolvidas por uma sociedade podem se influenciar mutuamente pelo fato de que cada sistema tecnológico é em inter-relação com outros sistemas culturais.

Procuramos guiar a análise cerâmica do Pedra Chata evidenciando atributos que acentuassem particularidades estilísticas na amostra. Dessa forma, ao indicar o estilo como uma

variável da produção, acrescentamos o conceito de *estilo isocréstico* proposto por James Sackett (1977), que o definiu como uma assinatura particular de cada artesã, propondo que:

“As formas específicas assumidas pelos objetos da cultura material representam uma série de escolhas específicas feitas pelos artesãos, consciente ou inconscientemente, de um amplo espectro de caminhos alternativos igualmente viáveis para se obter o mesmo fim. Tais escolhas constituem a variação isocréstica (semanticamente, equivalente em uso).” (SACKETT, 1986, p. 630 apud PACHECO, 2008).

Considerando nosso universo amostral como um material que nos remete a diferentes temporalidades por um longo período de ocupação, incluímos o conceito que tem sido proposto na arqueologia de *lugares significativos e persistentes* (ZEDEÑO E BOWSER, 2009). Essas caracterizam áreas que foram ocupadas repetidamente ou por muito tempo que resultariam em locais onde a interação humana com o ambiente marcou a paisagem, criando lugares significativos.

É através deste aparato teórico que procuramos reconhecer os padrões culturais presentes no material cerâmico. Nele, o processo de análise aciona os conceitos apresentados, buscando caracterizar e delimitar as unidades mínimas de mudança, para chegar as unidades de classificação regional existentes em nossa área de pesquisa (BASSI, 2016; GAMA, 2017).

A classificação das filiações culturais está em voga na arqueologia da Amazônia há muito tempo; diferentes estudos têm discutido suas limitações (DIAS E SILVA, 2001; SCHANN, 2007) e possibilidades (LIMA E NEVES, 2011; LIMA, 2015). Aqui nosso objetivo é mais estabelecer um conjunto de dados comparativos para a cerâmica desta região e menos retomar os debates à essa abordagem.

Dessa forma, apresentamos a área como local de encontros culturais, ressaltando que a leitura do material cerâmico dentro das filiações culturais regionais não parte do sentido restrito de relações a grupos étnicos, mas dialoga também com os demais complexos arqueológicos na Amazônia Central.

As cerâmicas do Pedra Chata: materiais e métodos

O sítio Pedra Chata foi cadastrado em 1980 por Mário Simões, que o insere na discussão da hipotética fronteira cultural no médio Amazonas, por conta da sua localização no baixo Urubu (figura 5) e da presença dos vestígios cerâmicos correspondentes à Tradição Saracá (SIMÕES E MACHADO, 1984).

Nesse contexto, vão se destacar, o Inajá (*Ataleia maripa* Aubl.), a Bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.) e o Tucumã (*Astrocaryum aculeatum* Meyer), indicativas de áreas antropizadas na Amazônia (CAVALLINI, 2014, p. 176).



Figura 6: Vista panorâmica do sítio Pedra Chata no período de seca do rio onde é possível observar os petróglifos do sítio Caretas. Foto: Marta Cavallini, 2014.

A escavação arqueológica da qual nosso material é proveniente ocorreu durante uma etapa de campo do mestrado de Cavallini em novembro de 2011. O sítio foi delimitado através da aplicação de um grid de tradagens³, que resultou no estabelecimento do pacote arqueológico de terra preta. Em consequência da sua delimitação, foi definida a abertura de 2 unidades adjacente na área central do sítio (figura 7), escavadas por níveis artificiais de 10 cm até a profundidade de 120 cm (CAVALLINI, 2014, p. 175-186).

Os primeiros resultados da análise cerâmica são apresentados por Bassi (2016: 264-292). Ao selecionar uma amostra de 929 fragmentos da unidade N1000 E963, caracterizou o Pedra Chata como um sítio multicomponencial de longa duração, e identificou cerâmicas antigas relacionadas à Tradição Pocó (fase Itacoatiara⁴), localizadas na camada I da escavação (fig. 7), contexto datado de 200-50 a.C.(Cal.); como também uma sucessão de cerâmicas de diferentes períodos temporais até o material característico Saracá e TPA, que nesta região corresponde ao período datado em 1430 a 1650 d.C.⁵, temporalmente anterior e que se estende até o período de contato da invasão europeia no século XVI (BASSI, 2016, p. 204). Realizamos a análise do material cerâmico da outra unidade escavada (N1000 E964) e nosso universo amostral compreende todo material cerâmico com dimensões maiores que 3 cm⁶, totalizando 836 fragmentos analisados (GAMA, 2017, p. 27).

3 Método de poços teste destinados a delimitar a profundidade e tamanho de sítios arqueológicos.

4 Para nossa área de pesquisa, Hilbert definiu com maior precisão a fase Itacoatiara, como um conjunto: que possui predominância de incisões finas simples e duplas, modelados, acanalados, vários tipos de ponteados e policromia como decoração; as formas encontradas constituem vasos que por vezes combinam diferentes motivos decorativos (HILBERT, 1968, p. 49-64).

5 Datações obtidas nos contextos Saracá e TPA do sítio arqueológico AM-IT-35 Bom Socorro, na região do baixo rio Urubu (BASSI, 2016, p.204).

6 Para viabilizar a análise no tempo disponível, destacando que os fragmentos maiores podem nos trazer mais informações.

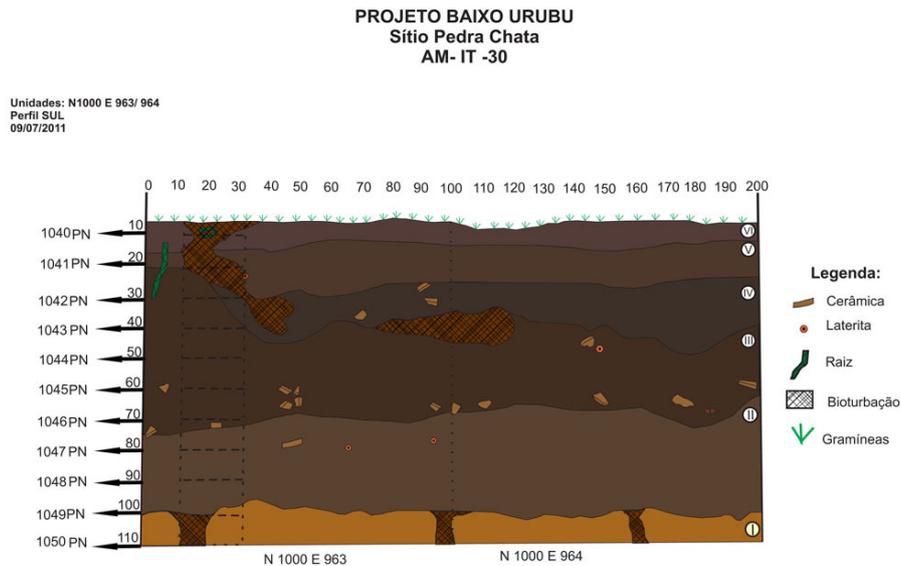


Figura 7: Desenho do perfil das unidades de escavação do sítio Pedra Chata. Fonte: Marta Cavallini, 2014, p. 185.

A base de análise descritiva foi desenvolvida com o uso dos manuais de estudo cerâmico (SHEPPARD, 1956; RICE, 1987; RYE, 1981). Nossa análise visa destacar as tecnologias e modos de fazer do material (ROUSE, 1960). Para nosso contexto de pesquisa buscamos consultar os estudos de referência para análise na Amazônia Central (LIMA, 2008; 2015; NEVES, 2022).

Utilizamos dois métodos: um descritivo e outro estatístico, ambos para criar conjuntos que refletissem as escolhas estilísticas. Para tal, empregamos uma única ficha de análise descritiva de Bassi (2016) modificada (GAMA, 2017, p. 28-29). Tal protocolo de análise é dividido em três partes: o contexto de coleta; as categorias analíticas: morfologia, manufatura, atributos decorativos e marcas de uso, essas que vão identificar os atributos físicos do fragmento; a filiação cultural, onde se indica a qual Tradição/fase arqueológica o fragmento pertence e/ou apresenta traços diagnósticos. Esta última categoria é de tipo inferencial, pois agrega elementos do contexto de pesquisa, em relação às classificações existentes na Amazônia (LIMA E NEVES, 2011; LIMA, 2015; LIMA, 2017).

Para a estatística escolhemos processar nossos dados na forma de dendrograma, para visualizar as similaridades na amostra. Esse método consiste na formação de *cluster*, ou seja, no agrupamento de conjuntos formando ramos de árvores de acordo com as semelhanças e organização das amostras. No caso, selecionamos apenas a análise de atributos físicos (somando 100 atributos entre: morfologia, manufatura e decoração), para obter dados sem a parte inferencial da análise descritiva. Desse modo, nossos resultados foram satisfatórios, como visualizamos no dendrograma (figura 8), há o agrupamento de 3 componentes principais com pequenas separações internas, elemento que corrobora a análise descritiva para a presença dos componentes culturais da região (TPA, TIP, TBI), como já havia sido observado por Bassi (2016, p. 287-288).

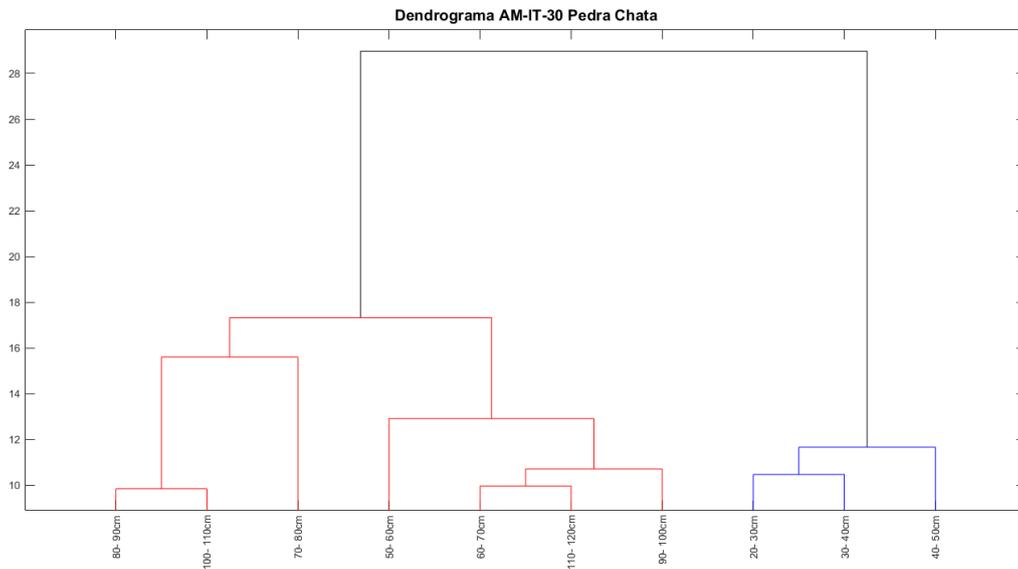


Figura 8: Na análise de cluster do sítio Pedra Chata foi usado o programa Matlab 2017, foram analisados 835 fragmentos, considerando cada nível separadamente. Foi utilizada a distância euclidiana e o encadeamento de Ward. O coeficiente de correlação encontrado foi de 0,9061 que se aproxima muito ao valor 1 que representa a máxima força de correlação possível. Autor: Riccardo Rella. Fonte: Gama, 2017, p. 48.

Para auxiliar na leitura do gráfico, organizamos os conjuntos e ordenamos os principais atributos presentes nas cerâmicas; consideramos tais grupos a luz das fases e Tradições presentes na região do baixo rio Urubu. Finalmente, a análise descritiva que realizamos na amostra cerâmica do sítio Pedra Chata validou o modelo de análise estatística, auxiliando na interpretação dos dados gerados. De fato, essa última não possibilita, por si mesma, a identificação dos elementos que formam os conjuntos, portanto nossa leitura deve incluir os resultados de ambas as análises, em conjunto com os dados do contexto arqueológico regional.

Tabela 1: Conjuntos cerâmicos em correlação aos seus atributos e Tradições arqueológicas.

Conjunto	Características gerais
Conjunto 1 (níveis 20-50 cm)	Fragmentos grandes e leves; manufatura roletado; coloração da pasta entre amarelos e laranjas; queima oxidante; antiplástico cauxi+ caraipé+ carvão+ hematita; tratamento superfície alisado e escovado; queima oxidante; decoração principal pintura vermelha, pouca decoração plástica, baixa frequência de engobo. Tradição Saracá + Tradição Polícroma da Amazônia.

Conjunto 2 (níveis 50-60, 60-70; 90-100 cm)	Fragmentos grandes e pesados; manufatura roletado; coloração da pasta diferentes tons de marrons; queima oxidante com baixa frequência de redutora; antiplástico cauxi+ carvão+ hematita+ quartzo+ caraipé B; tratamento superfície alisado, escovado e polido; decoração plástica predominante e ponteados, pouca decoração pintada e pouco engobo; presença de apliques. Tradição Borda Incisa + Tradição Inciso Ponteadas+ Tradição Polícroma da Amazônia
Conjunto 3 (níveis 70-80, 80-90, 100-110 cm)	Fragmentos médios e muito fragmentados; manufatura roletado; coloração da pasta entre tons laranjas e amarelos; queima oxidante; antiplástico cauxi+ hematita+ carvão+ quartzo+ caraipé B; tratamento superfície alisado e polido; decoração plástica, pouco engobo e pouca decoração pintada. Tradição Pocó + Tradição Borda Incisa.

Resultados

Na leitura dos agrupamentos realizados através da análise estatística, podemos observar onde esses refletem a nossa análise descritiva. Primeiramente, o maior distanciamento no gráfico é a separação entre a última camada de ocupação representada pela cor azul (20-30 a 40-50 cm), em relação ao restante dos níveis estratigráficos, que são evidenciados na cor vermelha (50-60 a 110-120 cm), ao próprio interno existem subdivisões, formadas a partir da leitura por níveis artificiais, que no processamento dos dados resultou em descontinuidades estratigráficas nos conjuntos (figura 8).

A primeira camada de ocupação (90-120 cm). É formada por material cerâmico com traços diagnósticos da Tradição Pocó (Neves et al., 2014; Lima, 2022), na região corresponde à fase Itacoatiara (HILBERT, 1968; MACHADO E SIMÕES, 1987). Tal período na Amazônia é caracterizado pela fase inicial do processo de sedentarização de grupos ceramistas, apresenta o início da formação de terra preta, cerâmicas com decoração plástica, policromia, alto nível de polimento, e vasilhas pequenas (NEVES et al., 2014; KATER, 2018; LIMA, 2022). Esse complexo foi identificado no baixo Amazonas (HILBERT, 1980; GUAPINDAIA, 2008), na Amazônia Central (LIMA et al., 2006; LIMA, 2008; LIMA, 2014), no médio Solimões (COSTA, 2012; LIMA, 2022), no rio Caquetá (MORCOTE-RIOS et al., 2013) e no sudoeste amazônico (ALMEIDA, 2013; ZUSE, 2014; KATER, 2018).

Na nossa amostra, o material pertencente à fase Itacoatiara aparece em pequena quantidade; apesar de poucos fragmentos, há variedade de pintura e decoração plástica, onde podemos observar motivos decorativos da Tradição Pocó (figura 9).

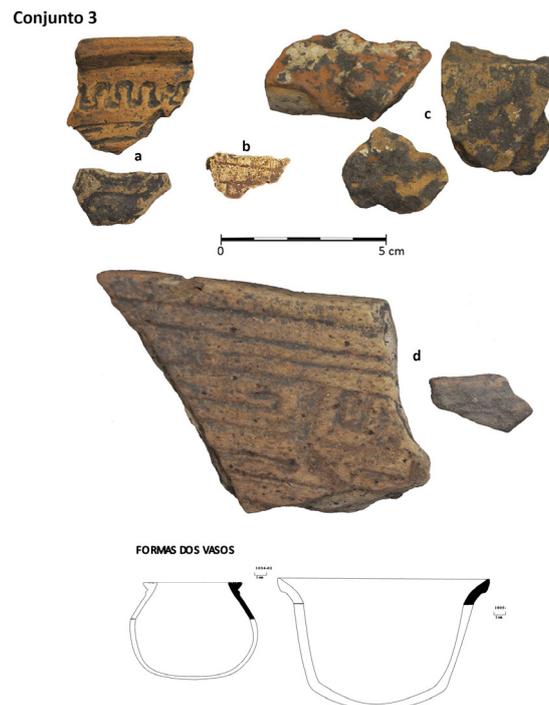


Figura 9: Conjunto Pocó. a) decoração incisa ondulada e incisão horizontal. b) pintura vermelha em linhas finas sob engobo branco. c) engobo branco. d) incisões geométricas e acanalados.

O segundo conjunto (níveis 50-60, 60-70; 90-100 cm) se destaca por ser a camada com maior quantidade e variabilidade de material, de fato, podemos observar a diversidade regional e o início da inserção do componente policromo nas cerâmicas. Possui vasilhas grandes, paredes grossas, vasto repertório decorativo, entre pinturas, decoração plástica, ponteados, incisos, apliques, engobos. Essas características cerâmicas nos remetem à TBI, presente em diversos sítios da Amazônia Central (MORAES, 2013; LIMA, 2016). Sua identificação baseia-se sobre elementos como: adensamento demográfico (LIMA, 2008; SCHAAN, 2007; MORAES E NEVES, 2012; ZUSE, 2014), aldeias circulares (MORAES, 2013; HECKENBERG, 2001), variabilidade decorativa e dos modos de fazer (LIMA, 2008, 2016; LIMA E NEVES, 2011; GOMES, 2015), fluxos decorativos com elementos de outras Tradições (GOMES, 2015; BELLETTI, 2015; LOPES, 2018) e, em alguns contextos, corresponde à continuidade de ocupações mais antigas (NEVES et al. 2014).

Evidenciada no conjunto vermelho da análise de *cluster* (figura 8), esse momento apresenta duas divisões internas; à luz da nossa análise descritiva, interpretamos tal dado como o relato da presença de outros componentes culturais. Esses podem corresponder a um período mais antigo, onde encontramos material Pocó (nível 80-90 cm; 100-110 cm), e a um momento mais recente, onde há fragmentos característicos TIP, junto a uma maior quantidade de material TBI (nível 50-60 cm; 60-70 cm); esse último, por conter maior constância na amostra, mantém um nível de coerência na análise de atributos que preserva os agrupamentos em proximidade.

A TIP caracteriza-se por cerâmicas com decoração incisa e ponteados, podendo conter elementos modelados, principalmente na borda com representações antropomorfas, zoomorfas

ou geométricas (HILBERT, 1968; ALVES, 2019). No nosso material ela apresenta: decoração plástica, ponteados, apliques zoomorfos, pasta marrom, polimento e predominância de antiplástico cauxi (figura 10). Na Amazônia brasileira a TIP foi encontrada principalmente no baixo Amazonas, ao oeste da nossa área de pesquisa; se trata do correlato material do período de ocupação tardio, possuindo um grande repertório estilístico que compreende as cerâmicas da fase Konduri⁷ (BARRETO, 2016; ALVES, 2019).

Na análise da camada superior do Pedra Chata, temos dois conjuntos em destaque: a cerâmica Saracá, marcada pela decoração ponteadada, pequenas vasilhas restritivas, pasta marrom e amarela, antiplástico cauxi e queima oxidante; e a cerâmica TPA, caracterizada por bordas reforçadas, policromia, engobo, pintura vermelha, vasilhas irrestritivas e pastas claras. A cerâmica TPA, com dispersão ao leste da nossa área de pesquisa, foi produzida na Amazônia central, geralmente se sobrepõe às cerâmicas TBI e têm grande padronização formal e estilística que permite sua fácil identificação ainda que encontrada em sítios a milhares de quilômetros de distância (TAMANHA E NEVES, 2014).

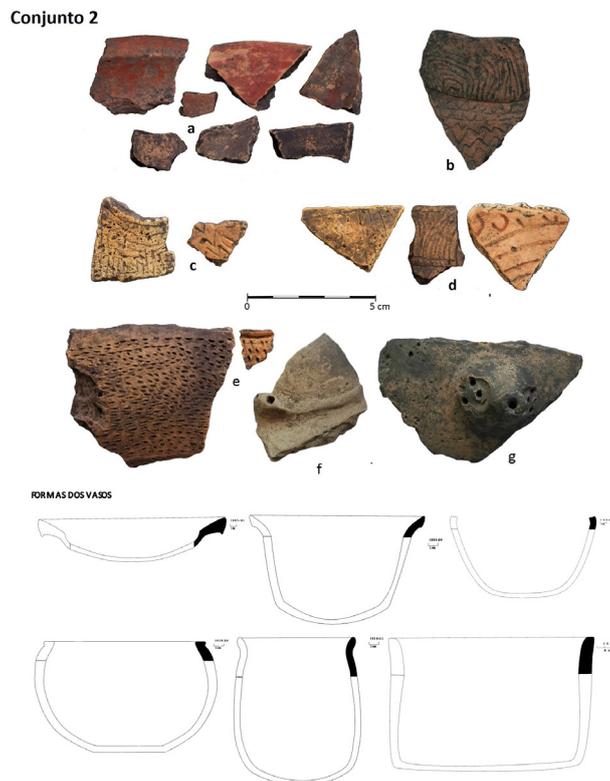


Figura 10: Conjunto Borda Incisa, Inciso Ponteadada e Policromia. a) diferentes tons de vermelho. b) incisões finas ondulares e zig-zag. c) incisões finas geométricas e zig-zag. d) incisões finas e pintura vermelha. e) ponteados repuxados. f) aplique zoomorfo. g) aplique zoomorfo.

7 “A cadeia operatória da cerâmica Konduri é, grosso modo, caracterizada pelo uso de cauxi com antiplástico (provavelmente tempero), em média e alta concentração, formação do bojo e borda das vasilhas com a técnica de roletes sobrepostos e construção de bases e apliques com modelagem, decoração plástica aplicada à pasta úmida com instrumentos sólidos e ocos, pintura e engobo espessos de origem mineral.” (ALVES, 2019, p. 260)

De acordo com nossa análise estatística, o agrupamento com maior distância nos conjuntos é o azul (níveis 20-50 cm), que interpretamos como produto da inserção das cerâmicas polícromas. Isso pode ter ocorrido a partir da interação com comunidades produtoras da cerâmica TPA, relações de trocas de material, e o convívio de ceramistas que produziam esses artefatos na comunidade. A Saracá reúne no seu repertório estilístico atributos que pertencem as diferentes Tradições: apresenta motivos da TBI, como as incisões, pastas marrons, variedade decorativa; mantém da TIP os ponteados, que se destacam nos bojos dos vasos, as paredes finas, apliques; e compartilha com a TPA as pinturas/engobos, acanalados em formas de gregas presentes principalmente na parte do gargalo/inflexão de alguns vasos.

Nesse caso, diferente do que ocorre em outros sítios arqueológicos, não há abandono da produção de cerâmica local após a inserção das cerâmicas TPA. No Pedra Chata, encontramos cerâmicas Saracá ocorrendo junto a TPA (figura 11).

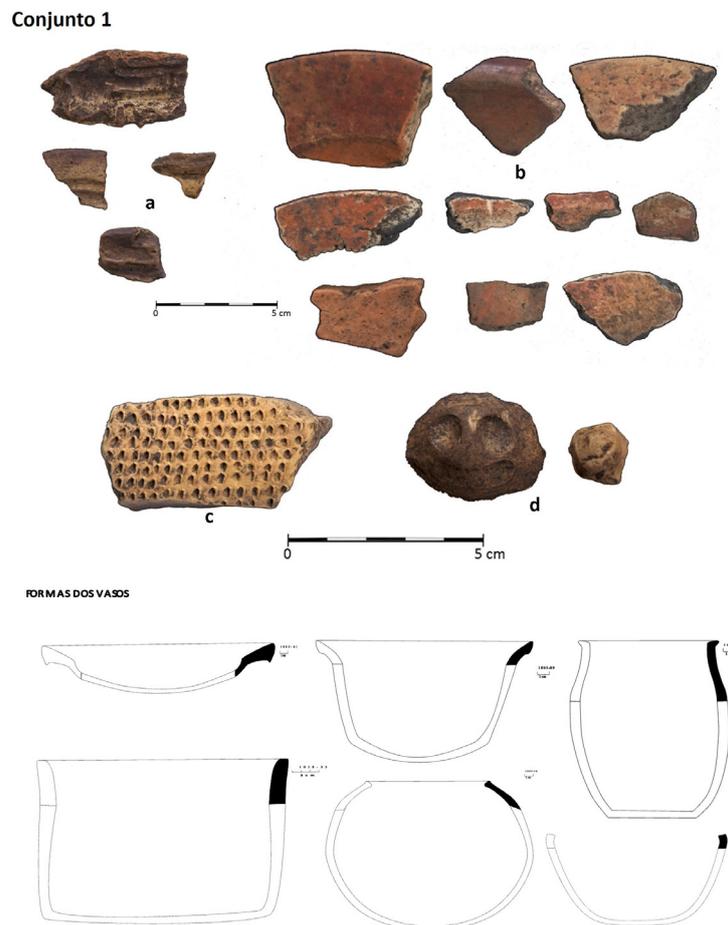


Figura 11: Conjunto TPA e Saracá. a) decoração acanalada. b) engobo vermelho e diferentes tons de pintura vermelha. c) ponteados repuxados. d) aplique antropomorfo e aplique circular.

Discussão e considerações finais

A partir dos resultados que apresentamos, podemos confirmar que o Pedra Chata é

um sítio multicomponencial de longa duração. Sua estratigrafia apresenta uma sequência de diferentes complexos cerâmicos que se sobressaem e interagem. Consideramos que esses dados possam corroborar a hipótese de refletirem mecanismo de integração e fluxo cultural no período de ocupação tardio (BASSI, 2016; GAMA, 2017). De fato, a identificação de diferentes camadas de ocupação que compreendem o arco temporal da Tradição Pocó até a Tradição Saracá (período pré-colonial tardio) nos permite pensar a longa duração no sítio. A variedade de atributos detectada durante a análise cerâmica da Tradição Saracá foi interpretada como resultado da manutenção de antigos modos de fazer em interação com diferentes estilos cerâmicos, no baixo rio Urubu (BASSI, 2016; GAMA, 2017; ALMEIDA et al., 2021).

A inserção da cerâmica TPA aqui é lida como um fator exógeno, encontrado apenas nos últimos níveis de ocupação. Tal evidência corresponde ao período de expansão do estilo cerâmico TPA (NEVES E TAMANAHA, 2014), que, como dissemos, no Pedra Chata ocorre junto à Saracá, que segue evidenciada na manutenção das decorações ponteadas (BASSI, 2016; GAMA, 2017). Áreas de distribuição da TBI nessa região apresentam rupturas nas ocupações, principalmente em transição com a TPA: nesses casos não foi encontrado o compartilhamento de traços decorativos no material arqueológico, por enquanto na nossa área e algumas outras regiões isso não acontece (MORAES, 2013, p. 318-323). De fato, além do Pedra Chata, temos outros exemplos em que a presença da TBI está ligada à manutenção de áreas de longa duração: no médio Solimões foram encontradas cerâmicas com fluxo estilísticos de *Caiambé* (TBI) e *Tefé* (TPA), interpretadas como correlato material da interação de diferentes produções cerâmicas (BELLETTI, 2015; LOPES, 2018). Nesses casos observamos as mudanças, além de rupturas nas ocupações.

Tais elementos levaram a considerar o sítio arqueológico Pedra Chata como local construído segundo uma estratégia que visou demarcar o espaço no paraná do rio Urubu. Corroborar essa possibilidade a interpretação dos motivos gravados nas rochas próximas ao sítio como presumível ferramenta estratégica para fortalecer elementos identitários (CAVALLINI, 2014, p. 200). Inclusive consideramos que as diferentes temporalidades reconhecidas no Pedra Chata e o tipo de manutenção descrita, sejam elementos que caracterizam lugares persistentes e significativos (ZEDEÑO E BOWSER, 2009). Finalmente, a interação nessa região é interpretada como local de contato entre povos, onde as culturas arqueológicas das Tradições TPA, TIP e TBI, no período de ocupação tardio eventualmente gerou a Tradição Saracá (BASSI, 2016, p. 315).

Nesse ponto, a análise da amostra cerâmica do sítio Pedra Chata evidenciou, de um lado, a manutenção do estilo local e, do outro, a inserção de novos atributos, interpretados como correlatos materiais do momento que traços culturais foram acrescentados à antigos saberes, resultando na produção cerâmica da Tradição Saracá. O registro arqueológico e o ambiente no qual está inserido o sítio, nos permite observar uma forma diferente de ocupar os espaços, as populações indígenas que viveram no sítio ao longo de dois mil anos modificaram sua paisagem enriquecendo-a. Podemos observar as marcas desse manejo na diversidade de plantas, no pacote de terra preta, na prática ceramista, nas rochas gravadas, e visualizar uma forma de viver na Amazônia.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, FERNANDO. *A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira* (Vol. 1). (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ALMEIDA, Fernando; LOPES, Rafael and BASSI, Filippo. The Cosmopolitan Misfits of Mainstream Amazonia. IN: BONOMO, Mariano and ARCHILA, Sonia (Org.). *South American Contributions to World Archaeology*. 1ed.: Springer Nature, 2021, v. 1, p. 383-409.
- ALVES, MARCONY. *Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BASSI, FILIPPO. *A maloca Saracá, uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial: vista da perspectiva de uma casa*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena e BETANCOURT, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.
- BELLETTI, JAQUELINE. *Arqueologia do Lago Tefé e a expansão Polícroma*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CAVALLINI, MARTA. *As gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, BERNARDO. *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã-Estado do Amazonas*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- DEBOHER, Warren and LATHRAP, Donald. The Making and Braking of Shipibo-Conibo Ceramics. IN: KRAMER, Carol (Ed.). *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archeology*. New York: Columbia University Press, 1979, p. 102-138.
- DEBOER, Warren; KINTIGH, Keith and ROSTOKER, Arthur. Ceramic Seriation and Site Reoccupation in Lowland South America. *Latin American Antiquity*, v.7, n. 3. p. 263-278, 1996.
- DIAS, Adriana e SILVA, Fabíola. Sistemas tecnológicos e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: p. 95-108, 2001.
- FORD, James. *Analysis of Village Site Collections from Louisiana and Mississippi*. Anthropological Study, New Orleans: Louisiana State Geological Survey, Department of Conservation, n. 2, 1936.
- _____. *An Examination of Some Theories and Methods of Ceramic Analysis*. Unpublished Master's thesis, Department of Anthropology, University of Michigan, Ann Arbor. 1938.
- GAMA, LUIZA. *Análise tecno-estilística do material cerâmico proveniente do sítio AM-IT-30 Pedra-Chata (Itacoatiara- AM)*. (Graduação em Arqueologia) Universidade do Estado do Amazonas,

Manaus, 2017.

GOMES, JAQUELINE. *Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da Tradição Borda Incisa*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GUAPINDAIA, VERA. *Além da margem do rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HECKENBERGER, Michael. Estrutura, História e Transformação: A Cultura Xinguano no longue duree. IN: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (Ed.) *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. p. 21-62.

HILBERT, Peter. *Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.

KATER, TIAGO. *O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no Alto Rio Madeira*. (Mestrado em Arqueologia) Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

LATHRAP, Donald. *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson, 1970.

LEMONIER, Pierre. Elements for an anthropology of technology. *Anthropological Papers*, n° 88, Museum of Anthropology, University of Michigan, Michigan, 1992.

LIMA, HELENA. *História das Caretas: a Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. (Org.) *Fronteiras do passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil*. Manaus: Edua, 2013.

_____. Análises cerâmicas na arqueologia Amazônica: contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões. *Revista de arqueologia*, volume 28, n.1, p.03-29, 2015.

LIMA, Helena; ARAÚJO, Luiza e MORAES, Bruno. As Cerâmicas Saracá e a cronologia regional do rio Urubu. IN: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena e BETANCOURT, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN: Ministério da Cultura, Belém: 2016, p. 289-302.

LIMA, Helena e NEVES, Eduardo. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 21, p. 205-230, 2011.

LIMA, Helena; NEVES, Eduardo e PETERSEN, James. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Sul-Americana*, 2(1), p. 26-52, 2006.

LIMA, MÁRJORIE. *Entrelaçando Histórias: antigas formas de habitar os lagos do Médio Solimões*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

LOPES, RAFAEL. *A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões (AM)*. (Mestrado em Arqueologia) Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

MACHADO, ANA. *As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas*

- evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.
- MEGGERS, Betty and EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. IN: LOTHROP, Samuel. *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, p. 372-388, 1961.
- MORAES, CLAUDE. *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MORAES, Claide e NEVES, Eduardo. O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 4: p. 122-148, 2012.
- MORCOTE-RIOS, Gaspar; RAZ, Lauren; GIRALDO-CAÑAS, Diego; FRANKY, Carlos and SICARD, Tomas. Terras Pretas de Índio of the Caquetá-Japurá River (Colombian Amazonia). *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 11, n. 2, p. 30-39, 2013.
- NEVES, Eduardo. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia central*. São Paulo: Ubu; EdUSP, 2022. 224p. ISBN 978-85-7126-070-2 (broch.).
- NEVES, Eduardo; GUAPINDAIA, Vera; LIMA, Helena; COSTA, Bernardo; GOMES, Jaqueline. A Tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. IN: ROSTAIN, Stéphen. *Amazonía: Memorias de las conferencias Magistrales del 3 Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, 2014.
- PACHECO, Mírian. As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia. *História: Questões & Debates*, Editora UFPR, Curitiba, n. 48/49, p. 389-425, 2008.
- RAYMOND, Scott. From potsherds to pots: a first step in constructing cultural context from tropical forest archaeology. In: STAHL, Peter (Ed.). *Archaeology in the lowland American Tropics: current analytical methods and applications*. Cambridge: Cambridge University, 1995, p. 224-242.
- RICE, Prudence. *Pottery analysis: a sourcebook*. University of Chicago press, 1987.
- ROUSE, Irving. The Classification of artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, vol.25, n. 3, p. 313-323, Jan. 1960.
- RYE, Owen. *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Taraxacum, 1981.
- SACKETT, James. The meaning of style in archeology. *American Antiquity*, vol. 42, p. 369-80, 1977.
- SCHAAN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, vol. 2, núm. 1, janeiro-abril, 2007, p. 77-89.
- SHEPARD, Anna. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1956.
- SIMÕES, Mário. *Pesquisas arqueológicas nos rios Urubu, Uatumã e Jatapu (AM)*. Relatório preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1981.
- _____. *Pesquisas arqueológicas no médio rio Urubu (AM)*. Relatório preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1980.
- SIMÕES, Mário e ARAÚJO-COSTA, Fernanda. Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa

e cadastro de sítios arqueológicos. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 30, p. 1-160, 1978.

SIMÕES, Mário e MACHADO, Ana. Pesquisas arqueológicas no lago de Silves (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, v. 4, n. 1, p. 49-82, 1987.

SIMÕES, Mário e MACHADO, Ana. A tradição regional Saracá: uma nova tradição ceramista da Bacia Amazônica. IN: *Resumos da 36ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (36)*. Anais: comunicações. São Paulo: SBPC, 1984, p. 133-13.

TAMANAHA, Eduardo e NEVES, Eduardo. 800 anos de ocupação da Tradição Polícroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 39, n. 2, p. 45-67, 2014.

WILLEY, Gordon and PHILLIPS, Philip. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1958.

ZEDEÑO, Mária and BOWSER, Brenda. The Archaeology of Meaningful Places. IN: BOWSER, Brenda and ZEDEÑO, Mária (Eds.). *Archaeology of Meaningful Places*. Salt Lake City, University of Utah Press, 2009, p. 1-14.

ZUSE, SILVANA. *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Recebido em: 20/02/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 03/06/2024

ARTIGO | *PAPER*

A ARQUEOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA REPÚBLICA VELHA E OS ESTUDOS DE INDÚSTRIAS LÍTICAS SAMBAQUIANAS (1890 – 1930)

THE HISTORICAL-CULTURAL ARCHAEOLOGY OF BRAZILIAN OLD REPUBLIC AND THE STUDIES OF SAMBAQUIAN LITHIC INDUSTRIES (1890 – 1930)

Arthur Braga Alves ^a

Maria Dulce Gaspar ^b

^a Doutorando e Mestre no Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: arthurbragaalves97@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1148-2477>

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. Professora do Programa de pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional - UFRJ. E-mail: madugasparmd@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5483-4495>

RESUMO

Neste artigo continuamos a apresentar o histórico das pesquisas sobre sambaquis, com foco nos estudos e discussões acerca das indústrias líticas, buscando entender a relação entre a prática científica e os paradigmas de cada momento histórico nesse campo específico. Cabe destacar que essa é a segunda publicação de uma série, neste trabalho abordamos a arqueologia do final do Império e durante a República Velha, período que se caracteriza pela continuidade dos esquemas tipológicos baseados nos estudos de morfologia de peças líticas e das interpretações a partir da ótica do evolucionismo cultural unilinear, difusionismo e positivismo, inseridas no paradigma histórico-cultural herdado da arqueologia do período imperial. Apresenta, também, o desenvolvimento próprio da disciplina com a produção de sínteses regionais, investigação da associação entre diferentes tipos de sítios, com maior acúmulo de dados científicos e criação de coleções de peças arqueológicas. Aponta para o amadurecimento da disciplina que se torna mais moderna a partir da década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE

Sambaquis, Histórico das pesquisas, Indústrias líticas, República Velha.

ABSTRACT

In this article we continue to present the history of research on sambaquis (brazilian shellmound), focusing on studies and discussions about the lithic industries, seeking to understand the relationship between scientific practice and the paradigms of each historical moment in this specific field. It is worth mentioning that this is the second publication of a series, in this work we discuss the archeology of the end of the Empire and during the Old Republic, a period that is characterized by the continuity of typological schemes based on the morphology of lithic pieces and the use of this information from a perspective of unilinear cultural evolutionism, diffusionism and positivism, inserted in the historical-cultural paradigm, inherited from the archaeology of imperial institutions. It also presents a proper development of the discipline, producing regional synthesis, thinking association of sites, with greater accumulation of scientific data and creation of collections of archaeological pieces. It points to the maturing of the discipline that becomes more modern from the 1930s.

KEYWORDS

Shellmounds, History of research, Lithic industries, Old Republic.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 – 1930). Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 60-94, Jan-Jun. 2024.

Introdução

Este artigo sobre a arqueologia histórico-cultural da República Velha (1890 – 1930) integra uma série de textos que discute o histórico das pesquisas sobre indústrias líticas de sambaquis ao longo de diferentes períodos. De modo a orientar a discussão e dividi-la em artigos criamos uma periodização própria, o primeiro período trata dos “Relatos e colecionismo pré-científico”, começando em 1580 com os relatos no Brasil colônia, até 1810 com o começo do Império. O segundo, denominado de “Arqueologia Imperial evolucionista-cultural”, começa com a criação das instituições científicas imperiais, em 1820, e se estende até o final do Império na década de 1880 (ALVES E GASPAR, 2023). O terceiro período aborda a “Arqueologia histórico-cultural da República Velha”, tratado neste artigo, começa na década de 1890 com o início República Velha e continua até 1920. O quarto apresenta o “Início da arqueologia histórico-cultural moderna” começa com o Estado Novo em 1930, momento de desenvolvimento de técnicas e teorias mais modernas, até 1960. O quinto período “Ápice da arqueologia histórico-cultural moderna” começa na década de 1960 com a entrada definitiva de novas influências da arqueologia norte-americana e da francesa, e termina em 1980. O sexto e último aborda a “A nova arqueologia processual e pós-processual” e tem início na década de 1990 com a chegada de diversas teorias com desenvolvimentos próprios paralelos e complementares, e se estende até hoje. Porém, pela pluralidade característica do período atual, apoiada em diferentes linhas teóricas, não estabelecemos uma divisão rígida mas investigamos o entrecruzamento de abordagens diversas para construir interpretações mais robustas. A divisão em períodos considera uma série de aspectos como as teorias e metodologias vigentes, mas também o contexto histórico, político e ideológico que influenciava diretamente as práticas arqueológicas e os seus objetivos através das instituições e dos pesquisadores. Nossa intenção é aprofundar o conhecimento sobre a história da arqueologia brasileira, servindo de apoio para as pesquisas em sambaquis e indústrias líticas, pois entendemos que a revisão crítica da bibliografia é essencial para a prática científica e arqueológica.

Resumidamente, o primeiro estágio da arqueologia brasileira (1820-1880) está intimamente relacionado com os pressupostos e objetivos das elites imperiais. O objetivo das instituições, como o Museu Real e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), era reconstruir um passado da nação brasileira para ser utilizado como ferramenta legitimadora do processo civilizador do império. Os pesquisadores olhando para os sambaquis e os seus instrumentos líticos procuravam evidências de civilização ou de barbárie a fim de encontrar um passado glorioso ou demonstrar que os antepassados indígenas eram selvagens canibais. Acabaram por encontrar os dois lados dessa balança, mas a ausência de monumentos grandiosos ou sinais óbvios e identificáveis de civilização próxima à europeia fez prevalecer a noção de que os sambaquianos¹ eram

1 Atualmente há dois termos usados para se referir aos grupos originais dos sambaquis, sendo sambaquieiros e sambaquianos. Neste texto, escolhemos utilizar o termo “sambaquiano” por uma questão semântica, pois o sufixo “ano” é utilizado para denotar origem e pertencimento, normalmente para populações, como em “americanos” e “romanos”. Uma vez que é nos sambaquis que encontramos os corpos dessas pessoas e é sugerido por muitos pesquisadores que eram marcos e referências na paisagem que demarcam territórios, sendo então o povo que pertence

povos representantes dos mais baixos degraus de desenvolvimento humano, noção estendida para os nativos modernos. As pesquisas estavam inseridas no evolucionismo cultural unilinear que entendia os grupos humanos ordenados em diferentes estágios de desenvolvimento moral, cultural e tecnológico, legitimando discursos de dominação das “raças” inferiores pelos europeus “cultos” (ALVES E GASPAR, 2023).

Os estudos de artefatos líticos dos sambaquianos foram utilizados como apoio para esses ideais, enquanto algumas das suas características, geralmente estéticas, foram eleitas como prova de um ou outro argumento. As belas peças polidas, os machados e zoólitos, por exemplo, foram considerados, simultaneamente, fruto do desenvolvimento cultural e artefatos exógenos vindos de algum centro civilizador das Américas, relacionado com Incas e Astecas. Já os “toscos” artefatos lascados foram entendidos como prova de atraso cultural ou degeneração de uma raça antes desenvolvida. É preciso destacar, também, que foi um período em que as primeiras coleções foram formadas e surgiram as sistematizações regionais de dados arqueológicos, esse acúmulo de informações permitiu o surgimento das primeiras questões propriamente científicas sobre essas indústrias e os sambaquianos. Destaque para a discussão sobre cronologia e migração desses povos, a sua relação com os nativos modernos e grupos vizinhos, da aplicabilidade da divisão europeia da pré-história em idades da pedra polida e lascada e sobre as funções dos artefatos. Os líticos eram então organizados em tipologias morfológicas e funcionais com base na forma, mineralogia e comparações com outros contextos. A arqueologia do Império foi fortemente marcada pelo primeiro estágio do histórico-culturalismo, influenciada pelo evolucionismo cultural unilinear e difusionismo, o seu principal objetivo era categorizar e dar sentido ao novo mundo imperial e a construção do passado da nação brasileira (ALVES E GASPAR, 2023).

O período abordado neste artigo, entre 1890 e 1930, pode ser considerado o início da arqueologia republicana e a continuação de uma arqueologia histórico-cultural evolucionista com a inclusão de novas ideias, mas tem relativamente poucos avanços, pois é um período marcado por conturbações da República Velha. Representa, também, uma transição para uma arqueologia mais moderna que acaba com coincidir com o Estado Novo. Como fontes para estabelecer períodos, histórico e desenvolvimento teórico e metodológico das pesquisas apoiamos-nos principalmente nos trabalhos de arqueólogos, historiadores e jornalistas como Fausto (1995), Bahn (1996), Morales (1998), Lima (1999–2000), Barreto (1999–2000), Gaspar (2000), Trigger (2004), Langer (2005), Ferreira (2005, 2009), Bueno (2010), Torres (2018), Funari (2018) e Prous (2019). A base fundamental são as obras dos próprios pesquisadores do período como Löfgren (1893), Ihering (1895, 1903, 1904a, 1904b), Paldaof (1900), Krone (1902, 1914), Leão (1919), Gualberto (1927) e Abreu (1928, 1932).

aos territórios com sambaquis. Enquanto o sufixo “eiro” denota profissão ou atividade, e, portanto, seria o povo construtor de sambaquis, pode e é constantemente utilizada na arqueologia, mas não traz a ideia de pertencimento ou origem. Podemos refletir também se “sambaqueiro” não poderia denotar a ideia de “profissão” de construir o sambaqui, levando a reflexão se todos os indivíduos do grupo participavam dessa atividade ou se haviam “especialistas”. Curiosamente, “brasileiro” é justamente um exemplo contrário ao nosso argumento, embora venha historicamente dos exploradores de pau-brasil durante a colônia, fica então a critério pessoal de cada pesquisador. Ver a breve discussão no mesmo sentido em Scheel-Ybert, Boyadjian e Capucho (2022, p. 5).

A NOVA ARQUEOLOGIA REPUBLICANA HISTÓRICO-CULTURAL (1890-1920)

Em 15 de novembro de 1889, com um levante de tropas lideradas pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), o gabinete de Ouro Preto foi derrubado e com ele o Império. O fim do antigo regime monárquico abalou também as suas instituições que foram assumidas pelo novo modelo republicano. Segundo Langer (2005, p. 102), a arqueologia nacional nesse período sofreu uma súbita decadência, com significativo impacto tanto na qualidade como quantidade de pesquisas, as escavações foram reduzidas ou cessaram e o mesmo ocorreu com as publicações seriadas. A revista *Archivos do Museu Nacional* teve a sua última edição no Império, em 1887, só retornando cinco anos depois. O momento político dos primeiros 10 anos da República fora muito conturbado, começando por um governo provisório ditatorial que fechou o congresso, marcado por escândalos financeiros, coronelismo, repressão a movimentos populares, estado de sítio, crimes políticos e confrontos entre diferentes grupos oligárquicos que não só disputavam o poder com interesses diferentes como, também, divergiam na concepção sobre a organização da República (FAUSTO, 1995, p. 245; BUENO, 2010, p. 250). No cenário internacional, coincide com a I Guerra Mundial (1914–1918). Com um clima de instabilidade política, houve uma queda na produção científica e, segundo Prous (2019, p. 20), até 1950 poucas informações foram incorporadas ao que já se conhecia sobre arqueologia brasileira.

Barreto (1999–2000, p. 40) considera, também, que este foi um período de decadência dos grandes museus nacionais que abandonaram o seu modelo enciclopédico, voltando-se para as ciências naturais. Outro fator responsável pela queda da produção científica foi uma mudança de interesse da antropologia, principalmente a partir da década de 1920, tendo como temas de estudos a formação do povo brasileiro moderno e miscigenação racial das novas populações emigradas. O interesse pelos nativos foi direcionado para as questões de integração social, enquanto o seu passado deixou de mobilizar a comunidade científica.

É fora dos museus, nas inúmeras sociedades históricas e geográficas que se criaram no novo Brasil republicano, que a arqueologia surgiu de forma mais popularizada. O ciclo de busca a cidades perdidas foi intensificado nas primeiras décadas do século XX, acrescido de inúmeras interpretações místicas de inscrições rupestres, propiciando abundante literatura nos jornais da época. À medida que ia se desbravando o território nacional, as fictícias cidades, pirâmides, escritos fenícios, etc., iam se deslocando para cada vez mais longe, permanecendo contudo no imaginário popular de forma cada vez mais romântica. (BARRETO, 1999-2000, p. 39).

Lima (1999–2000, p. 288) por outro lado, aponta que o final do século XIX foi um período de particular efervescência nos estudos dos sambaquis, sendo o Museu Nacional um grande promotor de expedições. De fato, o Museu Nacional foi a única das grandes instituições científicas do Império a continuar a produzir durante a República.

O Estado republicano também propiciou expedições científicas, entre 1886 e 1931, por exemplo, esteve ativa a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, financiada pela elite cafeeira e apoiada por representantes tanto do Partido Conservador como do Partido Liberal. Essa comissão foi inicialmente confiada a Orville Adalbert Derby (1851–1915) promovendo o mapeamento geológico e geográfico, além do levantamento de fauna, flora, terras férteis e, explorações nos sambaquis da costa de São Paulo, com participação de Johan Albert Constantin Löfgren (1854–1918) e outros especialistas de diversas áreas. Resultou na publicação de Löfgren, em 1893, no Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, intitulada “Contribuições para a Archaeologia Paulista”.

Segundo o próprio autor, o objetivo do artigo é reunir o maior número possível de dados relativos à história dos sambaquis da costa de São Paulo. De fato, Löfgren lista a bibliografia já existente, prática que não era frequente neste século, desde fontes do Brasil colonial como Fernão Cardim (1549–1625), Padre Manuel de Nóbrega (1517–1570) e Hans Staden (1525–1576), até estudiosos do Brasil Império como Guilherme Schüch de Capanema (1824–1908), Charles Frederick Hartt (1840–1878), Hermann von Ihering (1850–1930), Carlos von Koseritz (1830–1890), João Batista Lacerda (1846–1915), Domingos Soares Ferreira Penna (1818–1888), Carl Friedrich Joseph Rath (1802–1876), Ládisláu Netto (1838–1894), Charles Wiener (1851–1913) e outros. A compilação de diversos trabalhos e os dados levantados pelas explorações do autor permitiram a pioneira tentativa de sistematização dos sambaquis em escala regional, uma característica da incipiente arqueologia histórica-cultural brasileira. Löfgren afirma que apesar da irregularidade da distribuição dos sambaquis pela costa de São Paulo, é possível definir que se organizavam em 4 centros ou agrupamentos principais, onde vários sítios se encontrariam a pouca distância uns dos outros, além de sambaquis isolados. O primeiro agrupamento é o da Ilha de São Vicente e arredores, o segundo Ilha de Santo Amaro e todo o Canal de Bertioga, o terceiro formado por grupos esparsos nas margens dos Rios Una, Comprido, Ribeira e Iguape, e o quarto centro é o maior em extensão e abrange desde a Barra de Icapara até a do Ararapira ao sul. Menciona, ainda, que nos trabalhos da Comissão foram identificados 136 sambaquis em São Paulo (LÖFGREN, 1893, p. 18).

Para organizar os materiais recuperados nestes sambaquis, Löfgren opta por fazer uma inusitada divisão em duas categorias conforme as atividades envolvidas na deposição dos materiais. A primeira abrangeria tudo que pode ser considerado “restos de cosinha”, composta pelos resíduos de alimentação que dão forma ao sítio. Segundo o autor, do seu estudo pode-se descobrir sobre a vida material de tais populações e a sua relação com o ambiente, incluindo como exemplos os ossos de peixes, mamíferos, pássaros e conchas de moluscos. A segunda categoria é denominada “materiaes accidentaes”, são os objetos perdidos ou descartados por não possuírem mais função. Pela investigação de tais artefatos seria possível entender melhor a vida moral e íntima de tais grupos, quais as suas instituições e grau de civilização e é importante destacar que inclui nesta categoria esqueletos humanos e artefatos (LÖFGREN, 1893, p. 53). No sistema de classificação elaborado por LÖFGREN chama a atenção considerar esqueletos de pessoas

como objetos descartados e não como algo central na vida humana. A divisão, restos de cozinha x materiais acidentais, reflete um entendimento positivista e cartesiano da dualidade entre vida moral e vida material, esferas que estariam relacionadas às diferentes classes de materiais, porém conectadas, uma vez que o desenvolvimento moral seria dependente do desenvolvimento técnico. A partir dessa perspectiva os artefatos líticos seriam meios de se entender a esfera moral e posicionar esta cultura na escala evolutiva das civilizações.

Segundo João Camilo de Oliveira Torres (2018), o positivismo preencheu uma lacuna na cultura brasileira com sua filosofia elaborada racionalmente e com critérios considerados como seguros. Sendo o positivismo uma concepção de universo e de valores construída de forma sistemática e rigorosa, originárias das doutrinas de Isidore Auguste Comte (1798–1857). No Brasil, as ideias de Comte começam a aparecer na década de 1850 em teses científicas de disciplinas como matemática e física em instituições do exército, como a Escola Militar. A partir de 1870, o positivismo como doutrina ganha nova força com a adesão de nomes como Benjamim Constant Botelho de Magalhães (1836–1891) e a fundação da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro em 1878, além da criação de revistas e jornais. Assim, o movimento positivista no Brasil começou no Império e se organizou como uma das filosofias orientadoras da República. Essa filosofia, muito baseada na matemática, entendia a república como o estado final de evolução política da humanidade, e preconizava a criação de um estado positivo, pacífico, industrial e tecnocrata. Considerava outras formas de conhecimento, como teológico, que busca explicações em entidades supranaturais como deuses, e o metafísico, que utiliza de entidades abstratas como o mercado, inimigas da ciência que buscaria explicações por meio de observações empíricas e descoberta de leis naturais. A ciência era tomada como orientadora da sociedade que só poderia continuar a evoluir, seguindo uma rígida ordem racional. Nesse sentido, a evolução moral de uma sociedade é dependente do seu desenvolvimento técnico, pois se valorizava o conhecimento técnico acima de tudo e como motor dos outros desenvolvimentos.

Obviamente que o positivismo no Brasil teve que conviver com contradições, uma vez que não faltaram católicos, militares e liberais positivistas. Segundo Boris Fausto (1995, p. 246) foi com o governo de Floriano Vieira Peixoto (1839-1895) que o positivismo se torna a corrente orientadora pois:

Embora Floriano não fosse positivista e tivesse participado também da Guerra do Paraguai, os oficiais que se reuniam à sua volta possuíam outras características. Eram jovens que haviam freqüentado a Escola Militar e recebido a influência do positivismo. Concebiam sua inserção na sociedade como soldados-cidadões, com a missão de dar um sentido aos rumos do país. A República deveria ter ordem e também progresso. Progresso significava, como vimos, a modernização da sociedade através da ampliação dos conhecimentos técnicos, do crescimento da indústria, da expansão das comunicações. (FAUSTO, 1995, p. 246).

Voltando a contribuição de Löfgren para São Paulo, o autor menciona que os artefatos líticos são bastante numerosos, porém com pouca variedade de tipos definidos pela função presumida da peça, denominados de pedras de amolar, mós, cunhas, machados, abridores de ostras, almofarizes e pedras brutas com marcas de uso (Fig.2, em anexo). A maioria dos objetos são feitos de diferentes diabásios e poucos de outros materiais, destaca que foi encontrada somente uma ponta de flecha mal-acabada produzida em quartzo. Sobre os machados afirma que possuem formas variadas e pouco diferenciáveis para separar em categorias, a principal particularidade das peças está relacionada com o acabamento. A maioria era feita de diabásio lascado, sendo que poucos receberam polimento (Fig. 2 - X e XI) (LÖFGREN, 1893, p. 60).

Para ele, o grau de acabamento do objeto, ou seja, o seu refino seria uma característica importante que demonstraria avanço técnico e por consequência moral. Cabe destacar que os sambaquianos não eram percebidos como muito desenvolvidos, então as características dos artefatos haviam de ser explicadas dentro dessa concepção, considerando o esforço despendido na tarefa de produção. Segundo essa perspectiva, se uma rocha era de fácil trabalho poderia ter um bom acabamento, mas se era dura e difícil só poderia ter um acabamento mais simples. Os machados melhor trabalhados são interpretados como resultado de trocas, pois os construtores dos sambaquis não poderiam fazer objetos tão complexos ou bem-acabados. Como exemplificação de seu argumento cita um machado de nefrite em forma de âncora e com extraordinário acabamento encontrado no interior do país, o objeto é tomado como prova da diferença de grau civilizacional entre grupos do litoral e do interior. Ocorre o mesmo com o almofariz descrito como uma grande peça triangular côncava dos dois lados, com marcas de uso e bordas muito bem polidas, achado no Rio Saputanduva próximo a um sambaqui (Fig. 2 – IX). O acabamento da peça leva-o a concluir que: “Suppômos entretanto que este almofariz è de origem mais moderna e não pertence ao povo dos sambaquis talvez porque o acabamento parece-nos superior ao gráo de habilidade que podemos attribuir-lhe”. (LÖFGREN, 1893, p. 61).

Löfgren tenta, também, responder as principais questões referentes aos sambaquis no século XIX. Qual a origem e para que fim foram construídos? Por que motivo foram colocados nos lugares que hoje são encontrados? Qual a sua antiguidade? Qual povo construiu os sambaquis? E qual o seu valor etnológico e arqueológico? Sobre origem informa não ter conhecimento de sambaquis naturais, considera que concheiros naturais formam depósitos em formatos distintos dos sítios arqueológicos. Rejeita a ideia de sambaquis monumentais e funerários, pois pela disposição irregular dos esqueletos humanos encontrados, normalmente fragmentados e em pequenas quantidades, não seriam túmulos e sim restos de canibalismo. Interpreta, então, os sambaquis como locais de moradias temporárias que a indolência da população resultava na lenta acumulação de restos de cozinha. Por já serem encontrados no momento da chegada dos europeus em condições parecidas como no século XIX, abandonados e cobertos por vegetação, e alguns possuírem grandes dimensões e tendo conseqüentemente sido construídos ao longo de muito tempo, conclui que os sambaquis possuem pelo menos 6 séculos ou mais.

Sobre o valor científico dos sambaquis, Löfgren afirma que em nada são inferiores aos

kjökkenmodding, para ele ambos muito semelhantes, cujo estudo deram o principal impulso para o desenvolvimento da arqueologia na Europa, permitindo a classificação de épocas históricas. Seriam inclusive mais importantes, uma vez que a pesquisa arqueológica no Brasil é dificultada pela falta de documentos escritos pré-colombianos, pela impossibilidade de aplicar o modelo de divisão da pré-história europeia e pelo fato de não ter sido determinado ainda se o Homem de Lagoa Santa, o Homem do Sambaqui e os nativos históricos são diferentes, idênticos ou descendentes um do outro, nem se são autóctones ou emigrados. Por fim, frisa a importância que o estudo desses sítios tem para a arqueologia brasileira e para a ciência em geral, podendo lançar luz para várias questões acerca da pré-história brasileira. Compara a destruição desses sítios para fabricação da cal com o incêndio da Grande Biblioteca de Alexandria (LÖFGREN, 1893, p. 88).

A posição dos artefatos líticos na construção da sua interpretação possui um papel invertido em relação às pesquisas imperiais anteriores, que confirmaram a ideia da inferioridade evolutiva, moral e técnica dos construtores de sambaquis. Löfgren, por sua vez, parte desse mesmo entendimento para interpretar os artefatos, porém os objetos não são utilizados para explicar a posição da sociedade sambaquiana na escala evolutiva, mas sim interpretados a partir dessa posição pré-definida. Considera que os artefatos estão relacionados à vida moral da sociedade e os objetos provenientes dos sambaquis são inerentemente inferiores. Qualquer exemplar que apresentasse indícios que contrariassem essa premissa, foi tomado como exógeno ou obtido facilmente em decorrência da natureza do material, quer seja pela existência de formas naturais ou rochas fáceis de trabalhar. Reproduz, ainda, as narrativas imperiais que mesmo discordantes sobre o grau de evolução dos sambaquianos nunca admitiam um grande desenvolvimento para os nativos brasileiros.

Com a República, também, começam a atuar novas instituições como o Museu Paulista, inaugurado em 7 de setembro de 1895. Na primeira edição da Revista do Museu Paulista é divulgado extenso artigo do primeiro diretor da instituição, Herman von Ihering, intitulado “A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional”. Ihering foi um pesquisador alemão formado em medicina e doutor em paleontologia e zoologia pela Universidade de Götting. Em 1883 foi nomeado primeiramente como naturalista viajante do Museu Nacional, atuando principalmente na região da Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul, experiência primordial para a formulação das suas ideias acerca dos sambaquianos (FERREIRA, 2009, p. 63).

A publicação representou um contraponto em relação a algumas das noções dos pesquisadores imperiais sobre os sambaquis. Neste artigo Ihering apresenta, pela primeira vez, formalmente e no Brasil, as suas principais ideias, entende os sambaquianos como “um povo de pescadores que moravam ao longo da costa, vivendo de peixes do mar e moluscos.” (IHERING, 1895, p. 102), chega a identificá-los como o “Povo Patos,” ocupando territórios no entorno das numerosas lagoas do litoral sul do Brasil. Evoca as noções difusionistas de Netto (1885, p. 505) quando afirma que existia uma cultura superior diferente dos indígenas brasileiros cujas influências vindas do Oeste podiam ser encontradas nas tribos daqui. Porém, Ihering não considera os sambaquia-

nos como representantes civilizados ou herdeiros desse povo por não produzirem ornamentos, ou instrumentos particulares. Conclui que nos Andes havia um centro de influência cultural que se propagou em ondas de tribo em tribo e atingiu toda a América do Sul, essa influência seria visível em objetos “superiores” encontrados em sítios antigos pelo litoral brasileiro, como machados circulares perclusos e objetos de metal que viriam do próprio Andes (IHERING, 1895, p. 95).

Nos tempos precolumbicos não havia na América do Sul senão um só centro de civilização superior, isto é o território peruano-boliviano situado nos Andes, o qual directa e indirectamente tem influído na cultura dos outros povos da América do Sul por um espaço muito maior do que se presume ordinariamente. (IHERING, 1895, p. 154-155).

Sobre sambaquis do Rio Grande do Sul, por exemplo, informa que encontrou fragmentos de urnas, artefatos de pedra polida como machados entalhados com um sulco circular e pontas de flecha lascadas, além de restos faunísticos e enterramentos humanos. Os artefatos líticos dos sambaquis, também, seriam utilizados para argumentar a não aplicabilidade da divisão da pré-história europeia no Brasil. Para Ihering, artefatos polidos e lascados coexistiam e a diferença de técnica se daria pelo tipo de artefato, assim, mãos de pilão e machados são normalmente polidos enquanto pontas de flechas são lascadas (IHERING, 1895, p. 61).

Ihering faz ainda uma compilação das informações disponíveis sobre artefatos líticos antigos encontrados no Rio Grande do Sul, citando as coleções do Museu Nacional, Museu de Berlim, Museu de Leiden, além de coleções particulares como a reunida por Koseritz e outros. No que se refere aos artefatos mais recorrentes (machados circulares perfurados, semicirculares, entalhados, quebra-nozes, pedras sulcadas, tembetás e bolas), faz descrições mais detalhadas e apresenta as características principais de forma e composição, uso presumido, proveniência e comparações com contextos de outros estados e países. Alguns desses foram recuperados em sambaquis de Santa Catarina e Paraná como quebra-nozes e os machados entalhados, segundo o autor a distribuição dessas peças indica a extensão do território da “tribu dos Patos” (IHERING, 1895, p. 69).

Apesar de Ihering utilizar algumas abordagens e concepções criadas por arqueólogos do império, faz um contraponto quando revisita a discussão acerca da origem dos sambaquis, uma vez que defende a origem natural desses sítios. O autor considera que os sambaquis são frutos de um processo geológico e biológico como o soerguimento do continente, recuo do mar e os compara com os bancos de conchas ativos em Paranaguá que, segundo ele, apresentariam uma estratigrafia semelhante. Na sua interpretação, os artefatos teriam sido perdidos por pessoas que viviam no momento de formação destes antigos concheiros e os esqueletos humanos seriam de pessoas afogadas. Assim, a eventual ocupação dos montes pelas populações nativas poderia ser pré e pós-colombiano e o “Povo dos Patos” teria ocupado Santa Catarina e Paraná até pouco depois do “descobrimento” (IHERING, 1895, p. 69).

Ihering foi o maior defensor da tese naturalista, enquanto os estudiosos do período impe-

rial, pelo menos na sua maioria, consideravam a origem antrópica desses sítios. Com a República e a frente da nova grande instituição, o Museu Paulista, Ihering e as suas ideias foram muito influentes. Segundo Prous (2019, p. 18), logo após a queda do Império o Museu Paulista se tornaria um grande rival do Museu Nacional, fruto de um antagonismo entre uma instituição republicana e outra imperial. De fato, a origem dos sambaquis seria discutida até a década de 1950.

Já se tem escripto muitissimo sobre os Sambaquis do littoral brasileiro – sem que tenha, todavia, havido algum estudo verdadeiramente profundo, emprehendido por pessoa competente, com o preciso methodo e perseverança. Encetar tal estudo, seria condigna tarefa de alguma corporação scientifica, representada por especialistas, e não só na archaeologia, como tambem como concurso do geologo e do zoologo, pois que, dos exploradores leigos e diletantes, não há que esperar mais do que já tem sido dito e repetido. Justamente o predominante interesse anthropologico, despertado pelos Sambaquis, foi tambem a causa do insuccesso. Dahi proveiu, como natural base e ponto de partida para taes explorações, a preconcebida opnião de serem estes montões de conchas os seculares restos de refeições de gerações humanas. (IHERING, 1903, p. 447).

Ihering modificou sua interpretação e desenvolveu algumas das suas ideias em artigos posteriores, como em “A origem dos Sambaquis”, de 1903, publicado na Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo. Nesse artigo, apesar de continuar a defender a origem natural com base nos seus estudos zoológicos das conchas dos sambaquis de Boguaçú e Teodolico, na Baía do Paranaguá no Paraná, modifica a sua opinião. Passa a aceitar que existem sambaquis naturais produzidos pelo recuo do mar e acumulação de conchas, sendo estes os grandes sambaquis, e existem os pseudo-sambaquis artificiais do Rio Grande do Sul, que apresentam terra preta, ossos de peixes, mamíferos, conchas, cerâmica, carvões e artefatos. Nos sambaquis verdadeiros e naturais a presença de artefatos seria explicada pelo naufrágio de embarcações e por tempestades que transportariam pedras de outros lugares, chegando a admitir que talvez os nativos pudessem usar sambaquis naturais como locais para enterrar os mortos (IHERING, 1903, p. 452).

No ano seguinte, em 1904, publica um extenso trabalho intitulado “Archaeologia comparativa do Brazil” novamente na Revista do Museu Paulista. Informa sobre a aquisição da coleção dos irmãos Barbedo e da coleção de Koseritz pela instituição e que com o seu estudo mudou novamente de opinião sobre os sambaquis. Através da análise de alguns crânios conclui que os sambaquianos eram bem anteriores aos Tupi e que podiam estar relacionados ao povo de Lagoa Santa, aos Botocudo ou Jê. Também expande a sua descrição dos artefatos líticos provenientes dos sambaquis, sendo os mais comuns os machados “toscamente lascados, sendo polidos só na extremidade cortante” (IHERING, 1904a, p. 539).

Ihering propõe uma divisão do Brasil em diferentes “províncias arqueológicas” e as correlaciona com diferentes culturas. Assim, a província sambaquiiana se estende do norte do Rio

Grande do Sul até o Rio de Janeiro e talvez Bahia e se caracteriza pelos machados polidos, mãos de pilão, vários artefatos de caráter mais simples e “morteiros zoomorfos” que representariam o mais alto grau de aperfeiçoamento da indústria sambaquiana (IHERING, 1904a, p. 563). Trata-se de uma relevante mudança de opinião, ao considerar que as esculturas em pedra são provenientes dos sambaquis e não exógenas, como fica evidente em uma das suas representações gráficas da indústria lítica que contem principalmente artefatos polidos, incluindo um zoólito (Fig. 3, em anexo).

Segundo Ferreira (2005, p. 416), Herman von Ihering tinha ambição científica em produzir sínteses regionais, norteado pelo modelo histórico-cultural entendia o conceito de cultura arqueológica como um conjunto de artefatos semelhantes e datados de um período específico que representaria uma unidade cultural, um povo e um território. Assim, essa questão geográfica do território era atrelada às características dos artefatos arqueológicos e a definição de diferentes culturas. Simultaneamente, era também um difusionista influenciado pelos trabalhos de Friedrich Ratzel (1844–1904) e Franz Boas (1858–1942), e em parte a sua metodologia era fruto da sua formação como naturalista participante da ciência humboldiana, que buscava investigar de maneira objetiva grandes territórios com a criação de mapas e estudos de classificação e distribuição diversos, como biogeográfica, demográfica e topográfica. Tinha como a meta organizar coleções, áreas, províncias e nações.

Trigger (2004, p. 148) nos apresenta uma síntese do difusionismo de Ratzel. Segundo essa linha teórica, as invenções e inovações técnicas eram raras e não se devia considerar que uma mesma invenção tivesse ocorrido mais de uma vez na história. Partindo desse princípio, as mudanças culturais eram entendidas como resultado de circulação de ideias ou migração de povos. Perspectiva abraçada por Boas, que era crítico ao evolucionismo cultural, para ele cada cultura deveria ser entendida dentro das suas particularidades. Dois conceitos-chave norteavam as reflexões, o relativismo cultural, que negava a existência de um padrão universal de desenvolvimento e o particularismo histórico, que considerava cada cultura como um produto da sua própria sequência de desenvolvimento. O difusionismo era tomado como o motor dessa mudança.

Outra grande influência difusionista foi Leo Frobenius (1873-1908) pesquisador que forjou em 1900 a expressão “círculos culturais” (*Kulturkreise*) entendidos como circuitos de circulação de instituições, ideias e artefatos através dos quais grupos mais “civilizados” ensinariam e transmitiriam as suas invenções para os grupos mais “primitivos”. É muito provável que Frobenius tenha sido a inspiração para a ideia proposta por Ihering de círculos ondulatórios dos Andes para o Sul do Brasil (FERREIRA, 2009, p. 65).

Para isolar etnias, buscar regularidades ou diferenças culturais que apontariam para rotas de migração, redes de trocas e extensão de territórios, um dos métodos que Ihering utilizou ao estudar coleções foi investigar geometria e geografia dos artefatos, teve em vista conhecer propriedades como forma, dimensão, função e traçar paralelos e comparações com outros exemplos arqueológicos e etnográficos, somados com análises cartográficas (FERREIRA, 2005, p. 420).

Um dos exemplos desse método de traçar paralelos de dados etnográfico e arqueológicos é notável no artigo “Resíduos da idade de pedra na cultura actual do Brazil”, publicado em 1904. Ihering considera que uma série de artefatos e técnicas tradicionais utilizadas na sua época teriam uma ligação histórica com artefatos e técnicas antigas dos povos indígenas. Assim, busca em observações etnográficas de pescadores modernos e estudos de linguística sobre grupos tupi, pistas sobre as funções desses tipos de artefatos. “Pedras-martello”, por exemplo, seriam abundantes em sambaquis e se caracterizariam como pedras com duas faces planas e bordas convexas, de forma oval ou redonda. No centro de cada face se encontram pequenos buracos, eram chamadas, também, de quebra-nozes ou pedras de covinhas. Ihering cita relato sobre um pescador de Santa Catarina que utilizava uma pedra semelhante como martelo para um formão, a fim de retirar moluscos de um rochedo, além da etimologia tupi que seria ita-nupandab ou “pedra com que se bate” (IHERING, 1904b, p. 571).

O estudo destes objectos primitivos que em grande parte ainda hoje são os mesmos como quando usados pelos indígenas na época da descoberta, é de grande interesse para a compreensão exacta dos instrumentos e utensilios que formam o objecto da archeologia brasileira. Procurei por esta razão colleccionar os referidos utensilios da população costeira e a instructiva colecção que em parte aqui estou expondo (...). (IHERING, 1904b, p. 570).

Ferreira (2005, p. 431) considera que os seus trabalhos e hipóteses sobre o povoamento pré-histórico do Sul do Brasil são parte de um projeto político de colonialismo interno², Ihering era partidário das teses eugenistas, herdeiro do nacionalismo do século XIX. Produziu mapas que localizavam os grupos indígenas no espaço com a intenção de facilitar a dominação e hegemonia das elites dos territórios ocupados pelos “índios bravios” que representavam uma ameaça para o mundo colonial do Sul do Brasil com as plantações de café e colonos europeus. Legitimava cientificamente uma hierarquia política baseada em um governo racial.

A própria síntese arqueológica de von Ihering sobre o Sul do Brasil funciona como uma arma para as guerras de posição, é instrumento de defesa da hegemonia de uma elite e da propriedade privada. Ela estabelece um conhecimento positivo, um saber técnico, capaz de ajustar os mecanismos de um governo racial. Pode ser lida, ainda, como uma alegoria para o presente de São Paulo e do Brasil republicano – se no passado pré-histórico a proximidade com os “círculos ondulatórios” dos Andes civilizou os índios, no presente estes se civilizarão apenas se se aproximarem do patronado de cientistas, que laboram planos de colonização e fundam, como o fez von Ihering em 1901, instituições

2 Segundo Ferreira (2009, p. 69) colonialismo interno é entendido aqui como uma força política acionada a partir de dentro de uma fronteira nacional, ocorrendo quando uma elite utiliza a ciência ou o exército para imaginar geografias, classificar, governar e expropriar populações.

ocupadas com a Etnografia e Civilização dos Índios (von Hering, 1911, p. 122-123). Àqueles que estão distantes da civilização, aos que cometem “assantos” e não possuem qualquer “interesse etnológico”, cabe-lhes a política da força, a política de extermínio, que é, afinal de contas, também ela uma política colonial (FERREIRA, 2005, p. 431-432).

O Museu Paulista, sob a direção de Ihering, inclusive promoveu expedições arqueológicas e etnográficas para compor mapas de distribuição geográfica, levantar a demografia e estatística dos indígenas. Informações disponíveis na publicação “A questão dos índios do Brasil”, de 1911, defendia que a maneira correta de governar os indígenas era com métodos de educação ocidental e ilhando-os em linhas de fortificações, para assegurar a civilização (FERREIRA, 2009, p. 69).

As pesquisas arqueológicas de Ihering, em larga medida resultantes de seus diálogos e cooperações com os museus e cientistas argentinos, ilustram bem como as relações internacionais foram cruciais para a formação de teses sobre a pré-história sul-americana em fins do século XIX e começo do XX. Ilustram ainda como as pesquisas arqueológicas, ao circularem mundialmente conformaram-se aos contextos locais e ajudaram a conferir respostas para questões políticas. Assim, se a faceta americanista de Ihering marcou-se pelo diálogo com os argentinos e pela qualidade internacional de seus estudos, lapidou-se também pelo uso da arqueologia para lastrar uma política colonial. (FERREIRA, 2009, p. 72).

Conforme as escavações e pesquisas arqueológicas foram se desenvolvendo desde metade do século XIX, foram se acumulando, também, artefatos e informações. Coleções foram formadas e utilizadas nas primeiras sistematizações, abordagem iniciada por Netto (1885) e ampliada por Ihering (1903, 1904). Algumas delas se perderiam com o tempo, a primeira coleção reunida por Koseritz foi destruída em um incêndio na exposição brasileira-alemã de Porto Alegre, em 1882. Outra coleção importante para os estudos de sambaquis foi a reunida pelos irmãos Barbedo do Rio Grande do Sul, posteriormente comprada pelo Museu Paulista.

Essa coleção, muito bem descrita por J. M. Paldaof (1900), foi uma das bases para os estudos mais sistemáticos de sambaquis do Rio Grande do Sul. Foi dividida por Paldaof (1900, p. 339) em diferentes categorias que incluem principalmente artefatos líticos como machados, pontas de flechas, bolas, tembetás e zoólitos, mas também objetos cerâmicos como cachimbos e panelas, e até um machado de ferro, vindos de uma diversidade de contextos arqueológicos do Rio Grande do Sul. No que se refere aos sambaquis, menciona que foram encontrados muitos machados quadrangulares, sendo que na coleção há 80 exemplares e o maior, encontrado no Sambaqui Mostardas³, possui 28 x 12cm. Também há 5 machados entalhados, 6 bolas, interpretados como enfeites, provenientes do Sambaqui de Torres⁴, um tembetá de algum sambaqui oceânico

3 Localizado no município de Mostardas (RS)

4 Localizado no município de Torres (RS).

não identificado, 15 pilões, diversas facas, 20 “quebra-nozes”, 2 almofarizes, 1 “pedra de grés” e 1 enfeite em forma cilíndrica.

Algumas das suas descrições são interessantes, cita, por exemplo, que o maior pilão da coleção possui 67 x 30 cm, e o considera mais como uma arma do que uma ferramenta. Os almofarizes estilizados possuem forma de uma pomba agachada e o outro de cruz, mas não os inclui entre os zoólitos, que para o autor eram praticamente inexistentes no estado. Por outro lado, considera que o único que integra a coleção seria uma cabeça de onça feita em calcário, encontrada em um vaso cerâmico às margens do Rio Vaccacahy, e que curiosamente não aparece na ilustração (Fig. 4, em anexo). Assim, artefatos que hoje seriam classificados como zoólitos não o eram para Paldaof, que reservava essa categoria para um artefato proveniente de um sítio que não era um sambaqui. Interpretação que pode estar relacionada com o seu entendimento que esse tipo de sítio era por ele considerado como pós-colombianos, uma vez que teria encontrado no Sambaqui de Cidreira⁵ uma bala redonda de espingarda feita em chumbo. Dessa forma, os sambaquis poderiam ser relacionados a artefatos de contextos mais recentes e cerâmicos (PAL-DAOF, 1900, p. 347).

Curioso notar que os desenhos (Fig. 4), apesar de detalhados, podem não ser exatamente realistas, pois apresentam artefatos bem diferentes de outras ilustrações do Império e da República, além de também serem distintos dos recuperados por pesquisas modernas. É interessante notar, também, que os desenhos estão assinados por Lith Lichtenberger, pessoa de nacionalidade alemã, mas que infelizmente não encontramos muitas informações. Podemos supor que era alguém que trabalhava com ilustrações, desenhos e ligada ao Museu Paulista, uma vez que a sua assinatura também aparece na “Carte de progresso da Comissão Geographica e Geologica de S. Paulo”, de 1901, no acervo do Museu Paulista.

Outra pesquisa regional de orientação histórico-cultural e evolucionista que teve como base principalmente os trabalhos de Löfgren e Ihering, foi a produzida pelo alemão Sigismund Ernst Richard Krone (1861–1917), conhecido pela exploração e descoberta de diversas cavernas e por sua contribuição nos estudos sobre variações do nível do mar utilizando os sambaquis. Porém, a sua colaboração não se limitou a esses temas, Krone estudou instrumentos líticos procedentes de sambaquis, produziu uma síntese regional para uma parte de São Paulo e se envolveu nas abrangentes discussões sobre o grau de evolução e migração dos povos sambaquianos. Como apontado por Morales (1998, p. 281), Krone sempre assumiu uma origem antrópica para os sambaquis, considerando inclusive essa discussão uma perda de tempo e, apesar de participar, não priorizava o tema como Löfgren e Ihering, no mesmo período.

O seu primeiro trabalho sobre os sambaquis foi publicado em 1902, intitulado “Contribuições para a ethnologia paulista”. Apresenta um esboço de suas ideias e conclusões da investigação no Vale do Ribeira do Iguape, no litoral de São Paulo, considerado por ele como o 3º centro delimitado por Löfgren, composto pelo agrupamento de sambaquis esparsos nas margens dos rios Una, Comprido, Ribeira e Iguape. O texto é voltado principalmente para os crânios e esque-

5 Localizado no município de Cidreiras (RS).

letos, considerados pelo autor como a maior fonte de informação existente. Krone, também, faz apontamentos iniciais sobre uma divisão por idade dos sambaquis, destacando a existência de sambaquis modernos e antigos, que indicariam diferentes momentos de linha de costa, uma vez que os sítios sempre seriam construídos e ocupados próximos do litoral e das fontes de alimento. Assim, a variação da linha de costa faria as populações sambaquianas gradativamente migrarem acompanhando este movimento (KRONE, 1902).

Em 1908, publica o seu texto mais completo com o título de “Informações etnographicas do Valle do Rio Ribeira de Iguape”, resultado de 20 anos de pesquisas na região. Sobre a divisão em idades dos sambaquis, informa que não só há antigos e modernos como uma sucessão de intermediários entre os dois extremos. Os mais antigos estariam localizados longe da costa atual, pois as conchas de ostras que os formaram seriam encontradas em antigos mangues no período em que o mar estava mais elevado, apoiava sua reflexão no princípio da proximidade dos locais de coleta em relação a localização dos sítios. Já os mais modernos seriam constituídos de berbigões, encontrados nos atuais ambientes costeiros (KRONE, 1914, p. 24)⁶.

Para Krone os sambaquis são definitivamente artificiais, pois nas suas camadas são encontrados fogueiras, cinzas, carvões, restos de peixes e apresentam uma homogeneidade das camadas que indicaria um processo de formação gradual, lento e sem interrupções. A presença de lodo “trazido acidentalmente” e a falta de organização das fogueiras indicaria, também, que os sítios são resultados de descarte alimentar. Para o autor, eram lugares onde diversas famílias moravam, com o crescimento demográfico e conflito interno se separariam formando novos sítios menores. Afirma que todos os sambaquis do Vale da Ribeira representam uma mesma unidade étnica, conservando certos costumes (KRONE, 1914, p. 26).

Assim, não considera que os sambaquianos possuíam grande desenvolvimento intelectual, pela formação dos sambaquis por refugio e não por construção funerária e monumental. Reforça sua percepção a ausência de edificações e pinturas rupestres (KRONE, 1914, p. 23). Outro aspecto que o leva a essa conclusão é o aparente pouco desenvolvimento técnico e estético dos instrumentos líticos e ósseos. O autor afirma ter encontrado diversos desses artefatos em todas as camadas dos sambaquis, como pontas de flechas de vários minerais e ossos, pederneiras de “bolotes de pirito de ferro”, enfeites ósseos, de quartzito e diorito (pequenas rodela) e machados líticos. Esses artefatos representariam um crescente grau de aperfeiçoamento, como indicado pelas lâminas de machados, que em sambaquis antigos só possuiriam o gume polido e alisado, enquanto nos sambaquis modernos todo o instrumento seria alisado e polido (KRONE, 1914, p. 27).

Interessante notar na ilustração de 1908 (Fig. 5, em anexo) a predominância de artefatos líticos lascados. Como discutido anteriormente, os pesquisadores davam uma atenção muito maior para os polidos, que dominavam as ilustrações, assim como as discussões, sendo provavelmente a primeira vez que os lascados aparecem com esse destaque. Os artefatos foram iden-

6 Originalmente o artigo foi publicado em 1908, porém a fonte bibliográfica que utilizada é uma segunda edição de 1914, por esse motivo ocorre a diferença de datas na citação.

tificados por Krone como: pontas de lança de quartzo (1 a 3), raspador de quartzo (4), uma faca de Hornstein⁷ (7), pontas de flecha (8 a 11, 13 a 18), um formão (19), facas (20 a 23) e instrumentos para abrir moluscos (24 a 26).

Na sua análise fica evidente algumas das limitações do método tipológico do período, por exemplo, a categoria funcional era sugerida a partir principalmente da forma. Assim se um artefato lascado era triangular e com ângulos agudos, dependendo do tamanho, seria necessariamente uma ponta de arremesso como lança ou flecha. Ou seja, a classificação excluía outras possibilidades tais como furadores ou mesmo instrumentos cortantes. Outra limitação era a tendência de reunir na mesma categoria funcional artefatos que do ponto de vista tecnológico não teriam necessariamente a mesma função. Vejamos o conjunto de objetos agrupado na categoria “faca”, os instrumentos têm como característica o gume de ângulos agudos, mas Krone inclui nesse conjunto uma lâmina aparentemente plano-convexa e artefatos que parecem ser lascas quase triangulares, com a parte transformativa (gume) curva e , certamente, alguns desses utensílios poderiam ter usos distintos. Apesar da fragilidade característica das classificações da época, é extremamente relevante ressaltar o destaque dado por Krone para os lascados e a diversidade das peças retratadas. São bons exemplos dessa diversidade os objetos identificados como abridores de moluscos (24 a 26).

Na ilustração de número 17 (Fig.5), também há líticos polidos, como um machadinho de “schisto”⁸ (4) e “parelhos de isqueiro” (5 e 6). Krone indica que esses artefatos são provenientes de sambaquis mais modernos, onde também foram encontrados vários artefatos de ossos e instrumentos para fazer fogo. Dessa maneira, para o autor, os lascados então associados aos sítios mais antigos e os polidos aos sambaquis mais modernos, uma aplicação da divisão em Idades da pedra polida e da pedra lascada.

Krone, de forma semelhante a outros autores como Netto, Löfgren e Ihering, também, explica os artefatos mais elaborados como exógenos. As duas esculturas de pedra em forma de pássaros com cavidades ventrais que encontrou, chamadas por ele de “zoomorphos”, foram consideradas herdadas dos seus antepassados de maior habilidade, uma cultura perdida com a migração remota dos sambaquianos para o litoral. Essa afirmação, segundo ele, apoia-se em duas evidências: 1 - não se encontrar nos sambaquis vestígios da fabricação desses artefatos, como lascas e peças quebradas, o contrário do que acontece com instrumentos lascados e lâminas de machado, indicando a fabricação em outro lugar e 2 -. os “zoomorphos” são encontrados, também, na base dos sambaquis, indicando que esse costume já existia no momento inicial de construção dos sítios e que inclusive teria motivado a fabricação de pequenos pilões entre os antepassados dos sambaquianos. Afirmação que parece decorrente dos “zoomorphos” possuírem uma cavidade no ventre do animal representado (KRONE, 1914, p. 29).

7 Hornstein é um termo em alemão para chert, uma rocha sedimentar constituída majoritariamente por sílica.

8 Schisto significa aqui xisto, um nome genérico para vários tipos de rochas metamórficas normalmente laminadas.

Para discutir a função dessas esculturas, Krone utilizou inclusive relatos etnográficos, consultando indígenas sobre a questão. Como narra sua conversa com Ignacio Pequeno, capitão dos Guarani do Rio Itariry:

Este, senhor, eu conheço muito e vi com meu bisavô, que também era capitão. É para baptizar creança. Mas falta uma peça – e vendo e procurando na collecção, pegou em um dos virotes, n. 2 a e 2 b da Est. 34 e observou: ‘Não é bem, mas é quase assim. Indio botava casca de cedro aqui dentro e a moía com agua. Chama-se a isso de agua de cedro. Depois grudava tres velinhas alli na borda, onde tem esta tres falhas. Estas velas custa muito a se fazer e ás vezes levava dias. Porque era de cera de abelhas muito pequenas e que produzem muita pouca cera e não se acha muito. Depois a gente dançava em volta do capitão e este cantava tambem e baptizava a creança com agua de cedro. (KRONE, 1914, p. 29).

Krone, porém, aborda de forma muito mais profunda as questões evolutivas e migratórias no seu artigo de 1911 com título “O Idolo anthropomorfo de Iguape”. Como o nome sugere, o foco é um artefato específico, uma escultura lítica chamada de ídolo antropomorfo (Fig. 7, e anexo), mas também discute craniometria e a ocorrência de cerâmica nos sambaquis. Cabe apontar que a peça já havia sido mencionada brevemente na publicação de 1908, encontrada por Krone próxima ao Sambaqui Morro Grande⁹, considerado um sambaqui moderno. Foi classificada pelo autor como pertencente aos “zoomorphos e ornithomorphos”, destacou o seu “feitio artístico”, alto cuidado do acabamento e as características do material (KRONE, 1911, p. 227).

Já que considerava esse tipo de artefato como exógeno, Krone recorre a Ihering para criar uma interpretação sobre a presença de esculturas nos sambaquis. Considera a hipótese de que os sambaquianos seriam originários dos Andes, onde foram expulsos pelos Calchaquis e migraram em direção ao nascer do sol, sagrado para esses povos. A prova disso seria a similaridade entre os zoólitos brasileiros e esculturas observadas em coleções guardadas em Buenos Aires, na Argentina. Durante essa migração, que teria durado muitas gerações, a índole e os aspectos gerais desse povo teriam se modificado, passando de sedentários para nômades. Essa “modificação” citada pelo autor é impregnada pela noção de degeneração, já que emigrados dos Andes, portanto afastados do centro civilizacional Inca e forçados a uma vida nômade, teriam perdido gradativamente os seus costumes e cultura mais elevada. Esse processo estaria impresso nos artefatos encontrados, ou mais precisamente no grau de acabamento e formalidade estética das peças recuperadas em sambaquis (KRONE, 1911, p. 229).

Certamente passaram de pae para filho os preceitos da sua primitiva religião; e, cautelosamente, procuraram guardar os idolos e outros objetos cultuaes, trazidos da sua patria. As armas, sendo objetos de uso diario, foram gasta e finalmente inutilisadas, mas

9 Localizado no município de Iguape (SP).

substituídas por outras feitas de novo, mais ou menos pelos antigos modelos, porém cada vez menos bem acabadas, até que, para uma ponta de flecha se serviram de uma simples lasca de pedra, ou mal acabaram um corte de machado, contentando-se em dar-lhe um gume. Sem tratar de alisar o resto. São estas as armas encontradas nos primitivos sambaquis (Est. nº 4), distantes dezenas de quilômetros da costa actual, e no fundo de um destes sambaquis tive a fortuna de achar um ornitholitho (Est, nº 3) de feitio primoroso. (KRONE, 1911, p. 229).

Além do processo de degeneração durante a migração haveria, também, o processo inverso, de evolução, que ocorreu quando chegaram à costa brasileira, formaram os sambaquis mais antigos e se tornaram novamente sedentários. Apóia as suas reflexões na sensível diferença entre os artefatos encontrados nos antigos e modernos sambaquis, e destaca um processo de aperfeiçoamento das técnicas de produção, visíveis pelo “crescido gosto de formas e maior dedicação no seu acabamento.” Dessa maneira, com o tempo suas técnicas voltariam a se desenvolver, ficando mais evoluídas nos sambaquis mais recentes. “Resulta d’ahi a conclusão que os aborígenes andinos, embrutecidos durante a longa migração, se tornaram novamente um povo sessil nos sambaquis.” (KRONE, 1911, p. 229).

Por último, Krone discorre sobre a representação humana do ídolo. Considera que o alongamento do crânio representado na peça não pode ser atingido através de deformações naturais ou forçadas, a exemplo dos crânios alongados encontrados nos Andes, e, portanto, a imagem não pode ser interpretada como uma representação fiel. Porém, considera que a forma alongada do rosto corresponde a um prognatismo facial excessivo semelhante ao de um crânio que o autor encontrou em um sambaqui classificado como mais moderno (KRONE, 1911, p. 232). Essa característica de prognatismo excessivo foi usada diversas vezes para argumentar bestialidade, a exemplo dos trabalhos de Lacerda (1882, 1885).

De uma forma geral, Richard Krone dá especial atenção às questões da craniometria, localização dos sítios, níveis de costa e artefatos líticos, utilizando muito da ótica do evolucionismo cultural unilinear para interpretar as evidências elencadas pelo autor. Dessa forma, semelhante a outros autores da época, também tenta encaixar os sambaquianos no modelo hierárquico, considerando-os como primitivos. Em certo sentido, filia-se a corrente defendida por Netto (1885) e Ihering (1895), sendo os sambaquianos descendentes degenerados de um centro civilizador Inca. Prova do processo degenerativo seriam os artefatos zoomorfos herdados desses povos e reproduções simplificadas de outros artefatos líticos presentes nos primeiros sambaquis feitos na costa brasileira. Diferente dos seus contemporâneos e de forma inédita, considera que com a sedentarização e desenvolvimento de uma cultura sambaquiana na costa haveria ocorrido um progresso evolutivo desse povo. Relaciona, diretamente, nomadismo com primitivismo e sedentarismo com evolução. No seu esquema interpretativo, toma as cerâmicas nos sambaquis mais modernos como indício de que por último o povo dos sambaquis foi substituído por ceramistas ainda mais desenvolvidos.

Apesar de Krone dar continuidade a linhas teóricas que permeavam o sistema racial da ex-colônia característicos da época, produziu, também, contribuições inéditas na arqueologia e em diversas outras disciplinas como geologia, espeleologia, etnografia, farmácia, engenharia, paleontologia e nas artes. De fato, como apontado por Prous (2019, p. 18), os trabalhos de Krone apresentavam notáveis qualidades científicas que só seriam superadas 40 anos depois. Importante ressaltar que em decorrência das suas contribuições, o Vale do Ribeira se tornou um lugar de enorme interesse científico sendo objeto de diversas pesquisas modernas como Barreto (1988), DeBlasis (1989), Robrahn (1989), Calippo (2004, 2008), Neves e Okumura (2005), Plens (2007, 2018), Teixeira et al. (2012), Figuti et al. (2013), dentre outros.

Outro pesquisador que participou do debate relacionado com questões evolucionistas foi Agostino Ermelino Leão (1871-1932), juiz, desembargador, vice-presidente e presidente da Bahia e Paraná, além de fundador do Museu Paranaense. Realizou análise de 72 sambaquis da Baía de Antonina no Paraná e publicou o resultado de suas pesquisas na obra intitulada “Antonina Pre-histórica”, em 1919.

Como estudioso do período, Leão se debruça sobre a origem e formação dos sambaquis. Para ele haviam 3 correntes de pensamento, a geológica que interpreta os sambaquis como efeitos de fenômenos diluvianos e a sociológica que os considera como acumulações graduais operadas por várias gerações. A terceira, chamada corrente eclética, que aceita ambas as posições a depender do caso (LEÃO, 1919, p. 233). Para Leão, os sambaquis de Antonina seriam resultados do acúmulo de lixo alimentar pelas populações pescadoras, não pela indolência, mas sim pela lei do menor esforço. Dessa forma, as suas localizações estariam ligadas a postos de pesca que seguiam 3 critérios: proximidade de lajes onde eram abundantes mariscos e fácil a pesca, altitude do terreno, que não deveria estar abaixo do nível do mar, e a existência de alguns rochedos que lhes fornecessem o material necessário para abrir as conchas, o que era feito com “pedra lascada e resistente que se encontra em todos os sambaquis”. Assim, esses seriam lugares que nas estações de pesca toda a tribo se reunia, trazendo os pescados, se alimentando ali mesmo e descartando o lixo (LEÃO, 1919, p. 234).

Compartilhando, também, a orientação evolucionista-cultural unilinear que considerava o povo dos sambaquis como autóctone do Brasil e partilha da visão de Lacerda (1882, 1885) de que os sambaquianos são os mais inferiores representantes da espécie humana, cuja cópia aperfeiçoada seriam os botocudos modernos. Propõe que não devemos atribuir todos os artefatos encontrados em sambaquis ao povo sambaquiano justamente pelo seu grau de evolução. Pois esses sítios, também, foram lugares utilizados em vários momentos por tribos Carijó que teriam dominado a região e subjogado os sambaquianos. Seriam, então, formações lentas, produtos de várias gerações e vários graus de evolução, começando no período “archeolithico” indo até o “neolithico”. Em decorrência da longa formação, seriam encontrados artefatos grosseiros do “archeolithico” ao lado de instrumentos polidos e mais aperfeiçoados como machados, zoólitos e cerâmicas (LEÃO, 1919, p. 237).

Suas ideias sobre as indústrias líticas sambaquianas fornecem subsídios para dar sentido

aos esqueletos encontrados nos sambaquis. Com base no que observou no Sambaqui da Ilha do Rolim¹⁰, não se poderia admitir que utilizando dos seus “rudes instrumentos de pedra lascada” pudessem cavar sepulturas profundas nas camadas densas e resistentes de cal e conchas. Dessa forma, a presença de esqueletos não era fruto de uma atividade religiosa ou planejada, mas sim de alguma superstição que não permitia o enterramento, deixando os cadáveres nos próprios locais de falecimento (LEÃO, 1919, p. 236).

Um dos poucos defensores da visão de que os sambaquianos eram mais evoluídos (ou menos primitivos) foi o médico e político Luíz Antônio Ferreira Gualberto (1857–1931) que publicou uma revisão dos estudos em Santa Catarina, em 1927, intitulada “Os casqueiros de Santa Catharina ou Sambaquis”. Gualberto considerava que Santa Catarina era um ponto de convergência de diversos povos ao longo do tempo, pelo clima ameno, abundância de água potável e recursos, aspectos que favoreceram a fixação de populações sedentárias e atraíram outras do interior. Cita como um exemplo desse fenômeno a proximidade entre diferentes sítios, como o Sambaqui da Lagoa de Saguassú¹¹ e polidores fixos e se apoia, também, em Karl von den Steinen (1855–1929) que menciona polidores próximos do Sambaqui do Magalhães¹² e do Cabeçuda¹³. Para o autor, a existência de diferentes povos estaria expressa na proximidade de sambaquis e polidores fixos (GUALBERTO, 1927, p. 234).

Dessa forma, os sambaquianos são entendidos como povos sedentários e diferentes vestígios de produções líticas seriam os indícios para essa afirmação, uma vez que relaciona vestígios líticos com assentamentos fixos. Um exemplo é um sítio, próximo ao Rio Pirabeiraba em Joinville, com pedras lascadas, restos de machados, mós e percutores (GUALBERTO, 1927, p. 234). Como muitos pesquisadores, associa sedentarismo com evolução e nomadismo com primitivismo. No que se refere aos sambaquis, sedentarismo, dimensão dos sítios e o aspecto físico dos esqueletos leva o autor a concluir que os sambaquianos não eram tão bestiais quanto se presumia. Outro indício importante que cita, e mais uma vez se apoiando nos líticos, é a recuperação em um mesmo sítio, desde calhaus rolados e utilizados como batedores até o “ornato mais bem acabado” polido e feito de rochas resistentes. Menciona almofarizes, pilões, mós, percutores, machados, enxós, furadores, bolas de arremesso, polidores, vários tipos de adornos, pontas de flecha, zoólitos e cerâmicas de melhor e pior qualidade (GUALBERTO, 1927, p. 294).

Apesar da diversidade de objetos descrita por Guaberto, compartilha a ideia de que instrumentos de maior acabamento estético deveriam ser exógenos, dessa maneira, aceita a noção de desenvolvimento cultural para os sambaquianos somente até certo ponto, pois seriam incapazes de produzir os zoólitos e bolas polidas em decorrência do alto grau de desenvolvimento técnico requerido. Conclui que haveria escambo entre tribos do litoral e tribo do planalto (GUALBERTO, 1927, p. 303).

10 Localizado no município de Antonina (PR).

11 Localizado no município de Joinville (SC).

12 Localizado no município de Laguna (SC).

13 Localizado no município de Laguna (SC).

Investigar a associação entre diferentes sítios como sambaquis, sítios líticos e locais de exploração de matéria-prima para refletir sobre sedentarismo, nomadismo, desenvolvimento cultural e contato entre diferentes povos não era algo aplicado com frequência na arqueologia do período. Essa linha de pensamento pode ser vista como um desenvolvimento da disciplina e resultado do acúmulo de dados científicos. O químico e geógrafo Silvio Fróes Abreu (1902–1972), também, utilizou essa abordagem nas discussões sobre os sambaquis, publicando em 1928 o trabalho “Sambaquis de Imbituba e Laguna”.

Para Abreu (1928, p. 32), em Santa Catarina há a ocorrência de “estações líticas”, caracterizadas como todos os vestígios de habitação do homem da idade da pedra, e sendo assim, também abrangendo os sambaquis. Ou seja, para o autor, a presença de instrumentos líticos ou o local de fabricação desses objetos seria indício de um local de habitação. Dessa forma, os sambaquis não deveriam ser rotulados como cemitérios, pois possuíam líticos em suas camadas, e seriam habitações. A presença de esqueletos era explicada como um comportamento comum entre os indígenas, associada a prática de enterrar os antepassados próximos às cabanas dos seus familiares (ABREU, 1928, p. 34). Abreu cita ter encontrado instrumentos líticos em diversos sambaquis, como Cabeçuda, Laguna e o Casqueiro da Carniça, onde encontrou “machadinhos de bugre”, “pedras lisas e bonitinhas” e “bolinhas muito bem-feitas” (ABREU, 1928, p. 24, 26 e 27). Considera, então, a origem dos sambaquis como artificial, pois para ele certas condições naturais favorecem o acúmulo de mariscos em certos locais, aproveitados pelos sambaquianos para fins alimentares. Considera inclusive que a presença de material lítico bastante característico nos sambaquis seria prova da ação humana, podendo, no entanto, existir concheiros naturais, os “pseudo-sambaquis” (ABREU, 1928, p. 40).

Cabe ressaltar que para o autor nem todas as estações líticas são sambaquis, muitas vezes eram sítios diferentes que estariam relacionados aos sambaquis. O autor cita ter encontrado alguns locais de produção lítica em Imbituba e Itapirubá que estão próximos a sambaquis. Como no Sambaqui da Ponta da Guaiúva, que apesar de não ter sido escavado e por esse motivo não contar com artefatos líticos, tinha nas proximidades 66 matacões de granito com depressões elípticas ou circulares, ou seja, polidores fixos para a fabricação de machados de rocha. Supõe que muitos dos artefatos produzidos ali acabaram depositados nos sambaquis (ABREU, 1928, p. 28).

Os indícios do homem primitivo são ali numerosos, significativos e variados. Numerosos, pois, numa rápida villegiatura nos foi dado visitar dezenove sambaquis e tres estações prehistoricas; significativos – pois são abundantes os artefactos, em tudo semelhantes aos de outras estações, bem como são frequentes os achados de esqueletos de homens fossilizados; variados porque se encontram ao lado do classico sambaqui em forma de monte, os indícios de trabalho humano gravados nas pedras e os sítios onde outrora acamparam tribus indigenas. (ABREU, 1928, p. 37).

Abreu, também, seria mais um dos que criticariam a divisão da pré-história em idades da

pedra em decorrência da presença concomitante de instrumentos lascados e polidos nos mesmos sítios e a ocorrência de instrumentos semelhantes, como machados polidos em tempos diferentes, como ocorre no Mato Grosso atual, nos sambaquis ou em Lagoa Santa. É preciso destacar que para ele, a presença de um mesmo tipo de artefato em diferentes períodos tão pouco era fruto de diferenças de desenvolvimento cultural, mas de diferentes níveis de habilidade de artesões (ABREU, 1928, p. 40).

Mais tarde, em 1932, aprofundaria essas ideias no trabalho “A importancia dos sambaquis no estudo da prehistoria do Brasil” onde cita que em Cabo Frio encontrou nos sambaquis numerosas lascas de quartzo, sugerindo então que eram locais de fabricação de pontas de flecha lascadas e destaca que na região de Laguna predominam instrumentos polidos feitos de rochas básicas, como machados e almofarizes. Os achados poderiam levar a crer que os sítios de Cabo Frio seriam mais antigos, porém não acredita nessa hipótese, pois em alguns depósitos são encontrados juntos materiais polidos e lascados. Assim, no Brasil haveria uma predominância da pedra polida, em parte pela presença natural de rochas melhores para esse trabalho, como as rochas básicas de basalto e diabásio encontradas em quase todo o território. Para Abreu parece ter havido uma predominância do tempo da pedra polida e não haveria uma idade paleolítica brasileira (ABREU, 1932, p. 12).

APONTAMENTOS FINAIS

O período da arqueologia histórico-cultural republicana brasileira que vai da década de 1890 até 1930 se caracteriza como uma continuidade de várias questões herdadas da arqueologia imperial. Destaque para a orientação evolucionista-cultural unilinear e a preocupação em definir o grau evolutivo dos sambaquianos na suposta escala evolutiva da espécie humana. Segundo Trigger (2004, p. 145), o evolucionismo cultural já era alvo de críticas na Europa desde o final do século XIX, frente ao crescente nacionalismo e declínio na fé absoluta no progresso tecnológico, em parte pelos efeitos negativos da revolução industrial como surgimento de grupos operários urbanos pobres, competição econômica entre potências europeias e a contestação do industrialismo por movimentos trabalhistas. Com o difusionismo sendo elevado como corrente teórica principal e as etnias entendidas como estáticas biologicamente, a diferença entre países e povos eram entendidas não como diferentes graus de evolução, mas como características biológicas inerentes e imutáveis.

Porém, esse contexto não parece se repetir no Brasil, pois o evolucionismo cultural continua a ser uma das correntes teóricas norteadoras das pesquisas arqueológica por todo o período da República Velha, apesar dos pesquisadores brasileiros, também, utilizarem explicações difusionistas desde o século XIX. Na Europa os arqueólogos estavam se preocupando mais com questões étnicas e históricas, na tentativa de registrar a distribuição dos artefatos no espaço e no tempo para entender os seus antepassados históricos mais recentes, promovendo um sentimento de identidade étnica nacional (TRIGGER, 2004, p. 145). A situação no Brasil é bem distinta, em

decorrência das elites brasileiras não possuírem uma identificação com as populações nativas e os seus ancestrais, justamente por não haver uma ligação étnica e por estarem em um contexto de conquista herdado do período colonial e imperial. Além disso, o contexto histórico da República Velha era bem diferente da situação na Europa que passava por um incipiente desenvolvimento industrial e todo o processo de mudança social que o acompanha. As ideias positivistas, por sua vez, parecem ter combinado muito bem com o evolucionismo e ganharam cada vez mais força nesse período. Dessa forma, mesmo adotando algumas metodologias da arqueologia europeia, com a aplicação tanto de ideias evolucionistas como difusionistas e positivistas, os povos estudados não foram incluídos como parte da identidade da nação moderna, sendo percebidos como parte de um passado bárbaro a ser dominado.

Os líticos mais uma vez estavam no meio dessas discussões, fornecendo provas tanto de desenvolvimento cultural como da falta dele. A avaliação estética e comparação com artefatos de outros contextos serviu para organizá-los conforme a hierarquização da evolução humana. Löfgren (1893), por exemplo, argumentaria que os líticos nos permitem entender a vida moral e evolução dessas sociedades, e da observação desses artefatos conclui que os sambaquianos eram atrasados, pois os artefatos eram na sua maioria simples e com pouca variedade. Por consequência, os artefatos bem trabalhados seriam exógenos e/ou facilitados pelas pré-formas naturais. Ihering (1895) pensava de forma semelhante, concluindo que os sambaquianos eram degenerados descendentes de centros civilizatórios como os Andes, de onde também viriam os objetos “superiores” encontrados no litoral brasileiro. Porém, cabe destacar que o autor muda de opinião mais tarde, considerando que objetos como os zoólitos eram sim originários dos sambaquianos (Ihering, 1904a). Krone (1914), também, avaliaria a qualidade do acabamento estético e presença de instrumentos lascados para assumir que os sambaquianos não eram tão desenvolvidos, mas ao contrário de outros pensadores, considerava que esses povos estavam em um crescente desenvolvimento e sedentarização após um período nômade e de degeneração, relacionado com os deslocamentos dos centros civilizatórios. Apoiava as suas reflexões nos estudos de lâminas de machado, para ele as encontradas em sítios antigos só possuíam o gume polido, enquanto as que são provenientes dos sambaquis modernos são totalmente polidas. Já os zoólitos são tomados como objetos exógenos e herdados. Assim como Leão (1919) observa um crescente desenvolvimento técnico dos líticos nos sambaquis que estudou. Gualberto (1927), por outro lado, foi um dos poucos que defendeu que os sambaquianos não eram tão inferiores assim, pois deveriam ser sedentários, uma vez que próximo dos sambaquis haviam polidores fixos. Registra diversidade de artefatos, dimensão dos sítios e aspecto dos esqueletos, mas, mesmo assim, continuava a explicar a presença dos zoólitos como exógenos.

Os métodos de análise dos artefatos líticos se caracterizaram também como uma continuação dos desenvolvidos durante o Império, baseando-se principalmente na descrição da forma e caracterização dos minerais para atribuir função, gerando categorias funcionais generalistas como facas, machados, mãos-de-pilão e pontas em um sistema tipológico pouco definido, com regras organizacionais pouco claras, que eram ditadas segundo a forma esperada para

esses instrumentos. Krone (1914) nos apresenta um ótimo exemplo dessa tipologia, artefatos lascados com ângulos agudos e formato triangular seriam necessariamente pontas de arremesso, ignorando a possibilidade de outros usos. Artefatos de outros formatos variados, mas ainda com ângulos agudos, são definidos como facas, englobando em uma mesma categoria instrumentos que em aspectos tecnológicos e funcionais podem ser bem diferentes. Cabe destacar que tipologias puramente morfológicas, comparativas e sem considerar aspectos tecnológicos, acabam por levar a uma não compreensão da função real dos artefatos. Com essa abordagem dos instrumentos, a presunção da função tende a se basear principalmente na familiaridade do pesquisador com as ferramentas do seu dia a dia e comparações com outras indústrias líticas. Se um artefato lítico tem uma forma que lembre, mesmo que vagamente, uma faca, é considerado como faca. Segundo Böeda (2005, p. 4), um artefato arqueológico pode estar fora da memória tecnológica contemporânea, impedindo o reconhecimento intuitivo de sua função. Por isso é necessário a análise dos métodos de produção para o entendimento dos propósitos buscados, as intenções tecno-funcionais. O que passará a ser feito com a chegada da arqueologia francesa no Brasil a partir de 1950.

Outra questão que permeou os dois períodos foi a crítica a divisão europeia da pré-história em idades da pedra lascada (paleolítico) e polida (neolítico). Löfgren (1893), Ihering (1895), e Gualberto (1927) adotariam essa posição, argumentando que a prova seria a presença de artefatos polidos e lascados em vários períodos cronológicos. Leão (1919), por outro lado, adotava a divisão europeia e observava nos sambaquis justamente a passagem de um período para o outro, enquanto Abreu (1928) considerava haver uma predominância do neolítico e as aparentes diferenças técnicas nos artefatos deveriam ser fruto da diferença de habilidade individual dos artesãos. Adotando a divisão em Idades ou não, a técnica de confecção ou acabamento dos objetos interessou a todos esses pesquisadores, uma vez que é presente nas suas interpretações a ideia de que instrumentos polidos são sinais de maior desenvolvimento técnico e por consequência cultural.

A arqueologia da República Velha, também, foi um período de desenvolvimento da disciplina, a arqueologia de sambaquis voltou-se para a elaboração de sínteses regionais que definiam culturas arqueológicas no tempo e espaço, criou categorias e limites com base na ocorrência de determinados artefatos arqueológicos na geografia. Um exemplo dessa linha de pesquisa é o trabalho de Löfgren (1893) que define centros de ocupação sambaquiense em São Paulo e Krone (1908) que aprofunda os estudos em dois desses centros. Destaque, também, para a contribuição de Ihering (1904a) que propõe a divisão do Brasil em províncias arqueológicas. As sínteses foram possíveis em decorrência do acúmulo de informações arqueológicas, como pode ser notado no aumento de citações de trabalhos nos artigos e livros, além do incremento na criação de coleções arqueológicas públicas ou privadas. Outro avanço da disciplina foi a maior atenção dedicada aos artefatos lascados por Krone (1908) e associação entre tipos diferentes de sítios, como sambaquis e oficinas líticas, presente em Gualberto (1927) e Abreu (1928). Dessa forma, esse é um período para a arqueologia de sambaquis que representa por um lado a continuidade

da arqueologia imperial evolucionista-cultural e difusionista, e por outro o desenvolvimento de uma arqueologia histórico-cultural republicana e positivista, ainda preocupada em organizar e categorizar o passado da nação, mas com novas ideias e métodos que amadureceram a partir da década de 1930.

Referências bibliográficas

- ABREU, Sylvio Froes. A importância dos “sambaquis” no estudo da prehistória do Brasil. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo XXXV, p. 3-15. 1932.
- ABREU, Sylvio Froes. Sambaquis de Imbituba e Laguna (Santa Catharina). *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo XXII, parte 1, p. 8-50. 1928.
- ALVES, Arthur Braga. GASPAS, Maria Dulce. A Arqueologia Imperial e as Indústrias Líticas de Sambaquieiros nos Discursos Evolucionistas Culturais (1820-1880). *Cadernos do Lepaarq*, v. 20, n. 39, p. 39-68, Jan-Jun, 2023. ISSN: 2316-8412.
- BAHN, Paul Gerard. *The Cambridge illustrated history of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. ISBN-13: 978-0521454988.
- BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 32-51, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51>.
- BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- BÖEDA, Eric. Paleo-technology or anthropology of techniques? *Arob@se*, Paris, v. 1, p. 46-64, 2005.
- BUENO, Eduardo. Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Editora Leya. 2010. ISBN: 978-85-62936-17-3.
- CALIPPO, Flávio. *Os sambaquis submersos de Cananéia: Um estudo de caso de arqueologia subaquática*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CALIPPO, Flávio. Os sambaquis submersos do baixo Vale do Ribeira: Um estudo de caso de arqueologia subaquática. *Revista de Arqueologia Americana*, nº 26, p. 153-171. 2008. DOI:10.2307/27768534.
- DEBLASIS, Paulo Antonio Dantas. *Ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: Os sítios líticos do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1995. ISBN: 85-314-0240-9.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. Arqueologia do Sul do Brasil e a política colonial em Hermann von Ihering. Anos 90, *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 12, n. 21/22, p. 415-436, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6380>.

- FERREIRA, Lúcio Menezes. Diálogos da arqueologia sul-americana: Hermann von Ihering, o Museu Paulista e os museus argentinos no final do século XIX e o início do XX. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo*, vol. 19, p. 63-78, 2009. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2009.89875>.
- FIGUTI, Levy; PLENS, Cláudia Regina; DEBLASIS, Paulo. Small Sambaquis and big chronologies: Shellmound building and hunter-gatherers in neotropical highlands. *Radiocarbon*, vol. 55, nº 2-3, p. 1215-1221. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033822200048128>.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. Ed. 3. São Paulo: Editora contexto. 2018. p. ISBN: 978-85-7244-251-0.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2000. ISBN: 85-7110-530-8.
- GUALBERTO, Luiz. Os casqueiros de Santa Catharina ou sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Tomo 96, v. 150, p. 287-305, 1927.
- IHERING, H. A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional. *Revista do Museu Paulista*, v. I, p. 32-159, 1895.
- IHERING, Herman von. A origem dos Sambaquis. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. VIII, p. 446-457, 1903.
- IHERING, Herman von. Archaeologia comparativa do Brazil. *Revista do Museu Paulista*, v. VI, p. 519-580. 1904a.
- IHERING, Herman von. Residuos da idade de pedra, na cultura actual do Brazil. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. IX, p. 570-575, 1904b.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. Contribuições para a Ethnologia Paulista. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. 2, p. 470-481, 1902.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. *Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape*. IN: CARDOSO, João. Exploração do Rio Ribeira de Iguape. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Co. 1914. p. 23-34.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. O Idolo anthropomorfo de Iguape. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. 16, p. 227-233, 1911.
- LACERDA, João Batista. A morfologia craneana do homem dos sambaquis. IN: FILHO, M. M. (Org.). *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C. 1882. p. 22-23.
- LACERDA, João Batista. O Homem dos sambaquis. Contribuição para a Anthropologia Brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 175-203, 1885.
- LANGER, Johnni. Expondo o passado: as pesquisas arqueológicas do Museu Nacional durante o Brasil Império (1876 a 1889). *Cadernos do CEOM*, no 18, n. 21, p. 91-109, 2005. e-ISSN: 2175-0173.
- LEÃO, Agostino Ermelino. Antonina Prehistorica. *Archivos do Museu Nacional*, v. 22, p. 232-240, 1919.
- LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do Mar: Os pescadores-coletores do litoral centro-sul

- do Brasil. *Revista USP*, n.44. p. 270-327, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p270-327>.
- LÖFGREN, Albert Constantin. Contribuições para a Archaeologia Paulista – Os Sambaquis de S. Paulo por Alberto Löfgren. *Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo*, n.9, p. 1-91, 1893.
- MORALES, Walter Fagundes. Ricardo Krone e as pesquisas arqueológicas no Vale do Ribeira de Iguape, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 8, p. 281-286, 1998. e-ISSN 2448-1750.
- NETTO, Ládisláu. Investigações sobre a archaeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 261-554, 1885.
- NEVES, Walter Alves; OKUMURA, Maria Mercedes Martinez. Afinidades biológicas de grupos pré-históricos do vale do rio Ribeira de Iguape (SP): uma análise preliminar. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*, v. 48, nº2, p. 526-558. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200004>.
- PALDAOF, J. M. Archaeologia Rio-Grandense. *Revista do Museu Paulista*, v. IV, p. 339-347, 1900.
- PLENS, Cláudia Regina. Arqueologia Funerária: a materialidade da vida após a morte. *Revista M*, vol. 3, nº 6, p. 318-343. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2018.v3i6.318-343>.
- PLENS, Cláudia Regina. *Sítio Moraes, uma biografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: A Pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Editora Archaeo e Carlini & Caniato. 2019. ISBN: 978-85-8009-281-3.
- ROBRAHN, Erika Marion. *Ocupação pré-colonial do vale Ribeira do Iguape, sp: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- SCHEEL-YBERT, Rita; BOYADJIAN, Célia; CAPUCHO, Taís. Por que a sociedade sambaquiiana deve ser considerada como de meio termo? *Revista de Arqueologia*, vol. 35, n. 3, p. 3-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i3.995>.
- TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes; PLENS, Cláudia, Regina; MACEDO, Rodrigo, Santana; FIGUTI, Levy. Caracterização de um perfil de solo desenvolvido no sambaqui fluvial Moraes, município de Miracatu – SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, n. 22, p. 181-194. 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2012.107417>.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *O positivismo no Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados. 2018. ISBN: 978-85-402-0554-3.
- TRIGGER, Bruce Graham. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. ISBN: 85-88023-57-1.



Figura 1: Mapa da costa de São Paulo e dos sambaquis identificados por Löfgren. Fonte: LÖFGREN (1893, p.2).



Figura 2: Fotos de diversos artefatos líticos encontrados em Sambaquis. Item IX: Almofariz de pedra do Sambaqui da baía de Saputandova; Item X: Tipos de machados de pedra dos sambaquis; Item XI: Tipos de machados de pedra dos sambaquis de Villa-nova e Bogú-assú, e a rodella de osso do Sambaqui no Rio Diana¹⁴ no canto superior direito; Item XVII: Pedra de amolar machados do Sambaqui de Villa-nova. Fonte: LÖFGREN (1893, p. 101-103).

14 Localizado no município de Santos (SP)..

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 - 1930).

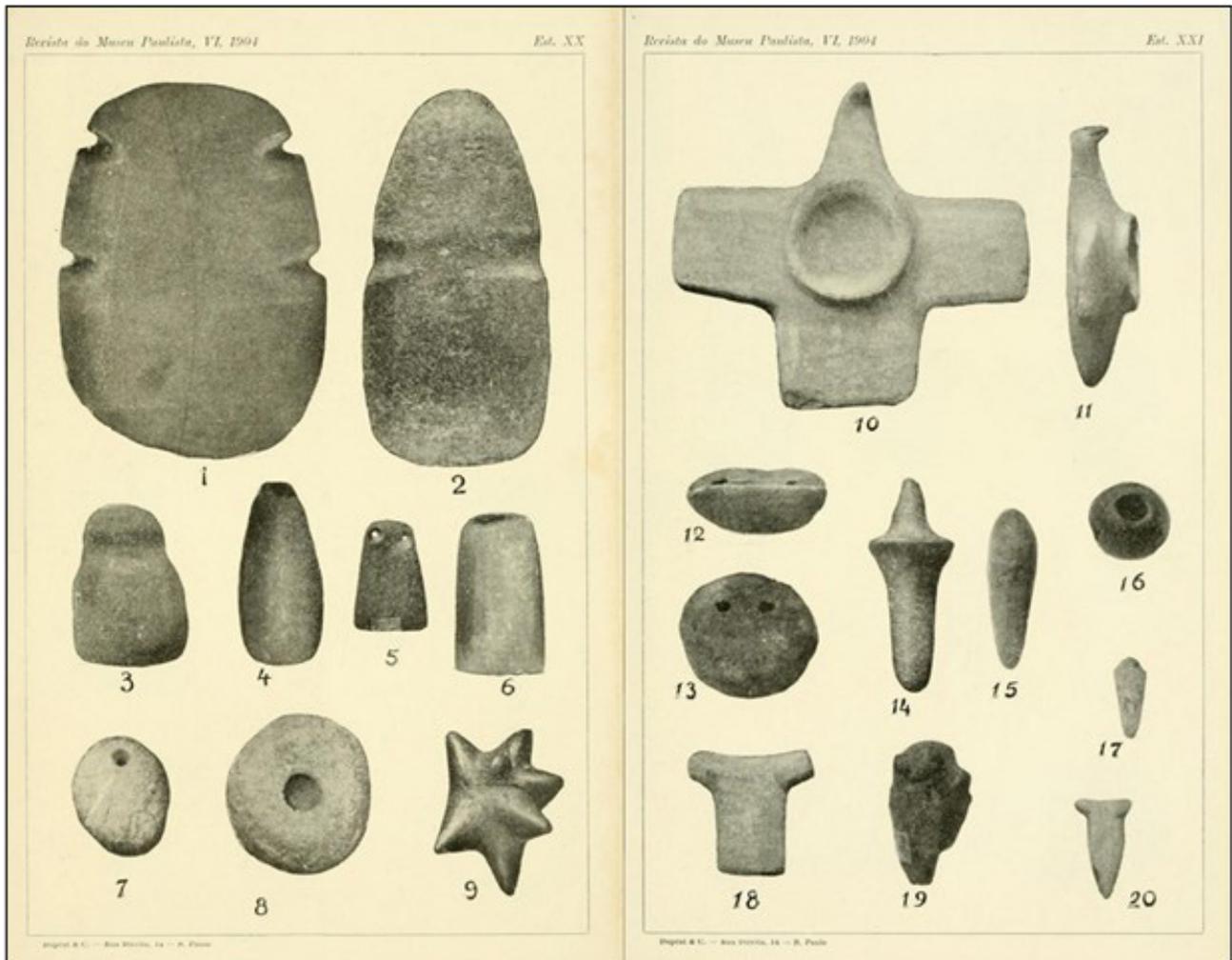


Figura 3: Fotos de alguns dos artefatos citados por Ihering, a maioria do Rio Grande do Sul, originalmente da coleção de Koseritz, exceto dos itens 12, 13, 14, 18 e 20, o item 15 é do Rio Grande do Sul, porém doado por Martim Francisco de Andrade. Item 1: Grande machado polido de duplo entalhe de cada lado; Item 2: Grande machado polido com sulco circular; Item 3: Machado polido com sulco circular subterminal; Item 4: Machado polido com extremidade posterior acuminada; Item 5: Chapa de pedra polida, com duas perfurações, tendo servido de adorno; Item 6: Machado de pedra polida, tendo a extremidade posterior larga; Item 7: Cascalho roliço de quartzo perfurado, tendo servido de adorno. Item 8: Pedra-martelo, mostrando no centro a covinha para o dedo; Item 9: Bola de pontas de minério de ferro; Item 10: Morteiro zoomorfo em forma de pomba voando, proveniente de um sambaqui; Item 11: O mesmo morteiro visto de lado; Item 12: Peso de rede de barro cozido, achado em uma igaçaba em São Vicente; Item 13: Peso de rede, de barro cozido, usado atualmente pelos pescadores de Santos; Item 14: Virote de pedra polida de São Paulo; Item 15: Virote de pedra polida; Item 16: Fuso de cerâmica; Item 17: Virote de pedra, incompletamente polido; Item 18: Tembetá de cristal de rocha de São Paulo; Item 19: Cachimbo cerâmico em forma de cabeça de onça; Item 20: Tembetá de quartzo de São Paulo. FONTE: IHERING (1904a, p. 581).

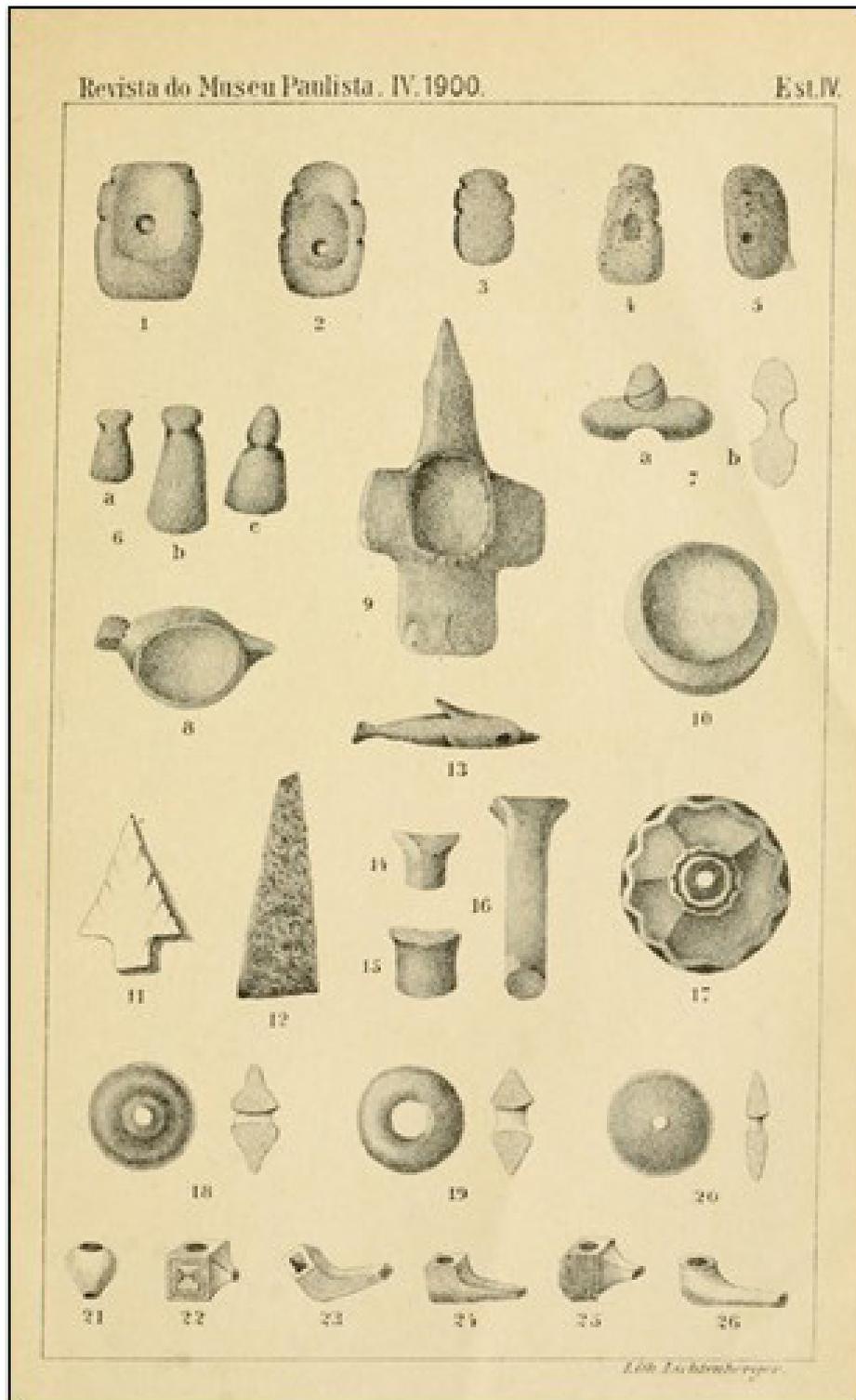


Figura 4: Alguns dos artefatos da coleção dos irmãos Barbedo descrito por Paldaof com as respectivas descrições: Itens 1 a 4: Lâminas de machado polidas duplamente entalhadas; Item 5: Pedra quebra-noz; Item 6 e a-c: Lâminas de machado polidas; Item 7: Disco de pedra perfurado; Itens 8 a 10: Almofarizes; Item 11: Ponta de flecha de ágatha; Item 12: Machado de Ferro; Item 13: Zoólito de osso em forma de peixe; Itens 14 e 15: Tembetás de pedra; Item 17: Pérola veneziana antiga; Itens 18-20: Machados circulares perfurados; Itens 21-26: Cachimbos cerâmicos. FONTE: PALDAOF (1900, p. 607).

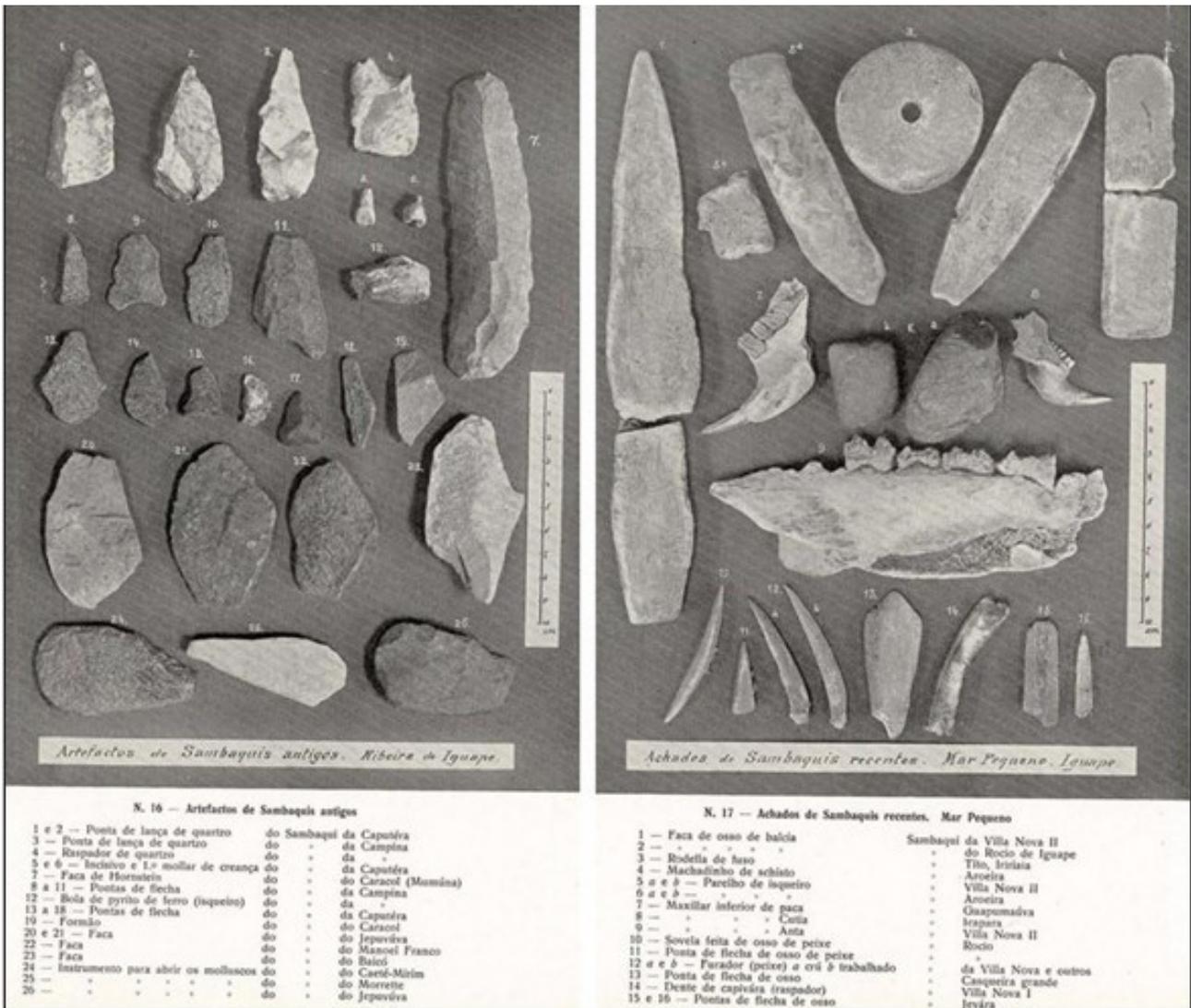


Figura 5: Fotos de artefatos encontrados em sambaquis antigos (esquerda) e em sambaquis recentes (direita), segundo Krone. Fonte: KRONE (1914, p. 24).

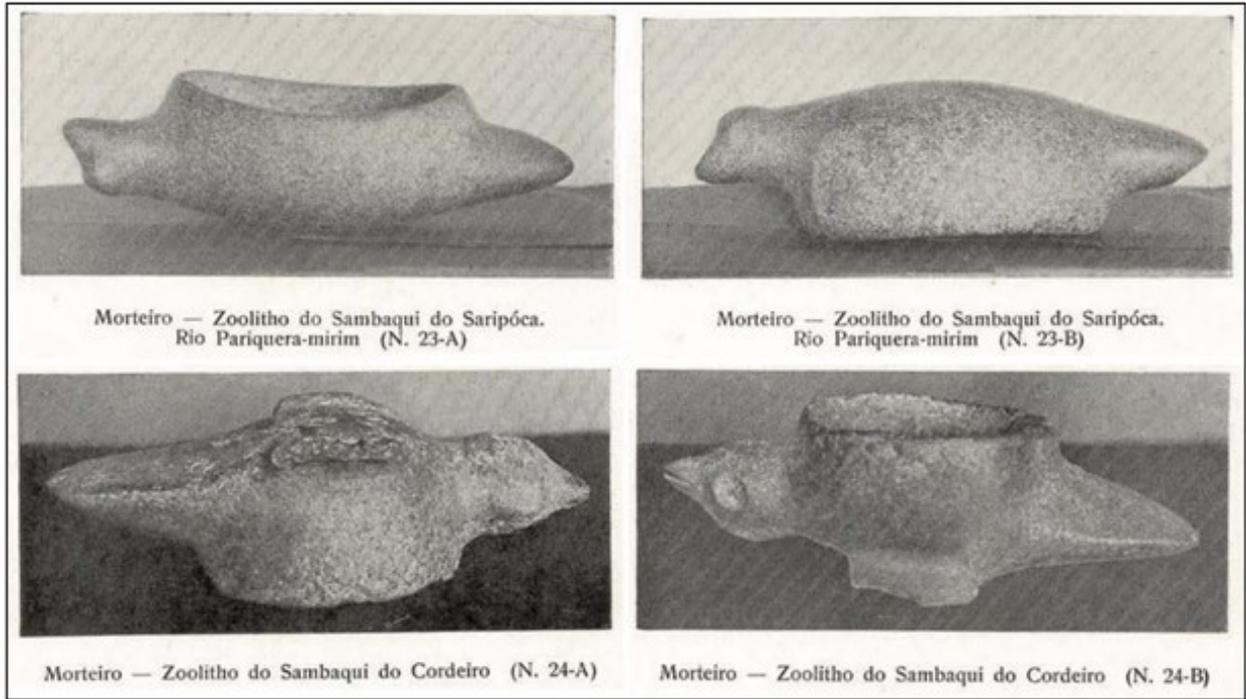


Figura 6: Fotos dos dois zoomorfos de aves encontrados por Krone. Fonte: KRONE (1914, p. 28).

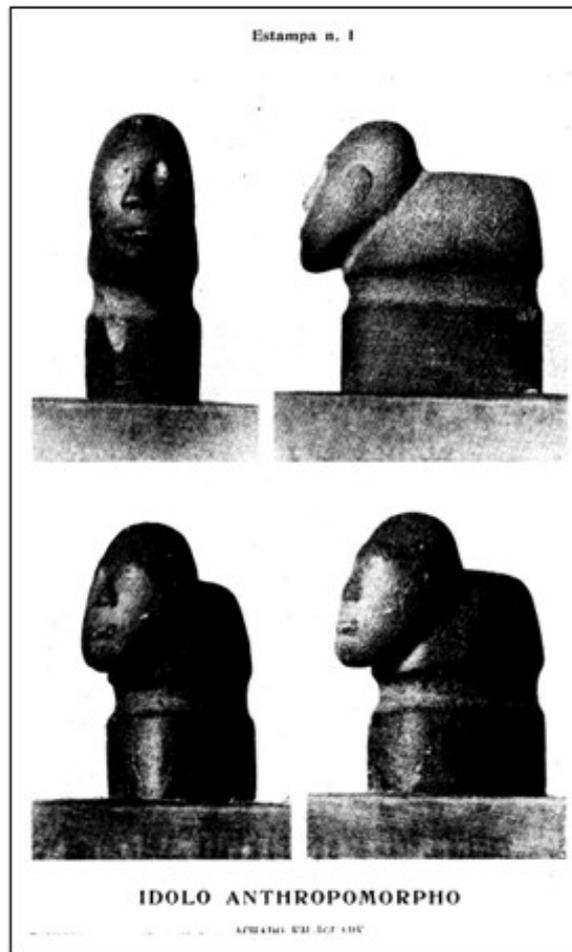


Figura 7: Fotos do Ídolo Anthropomorfo de Iguape. Fonte: KRONE (1911, p.228).

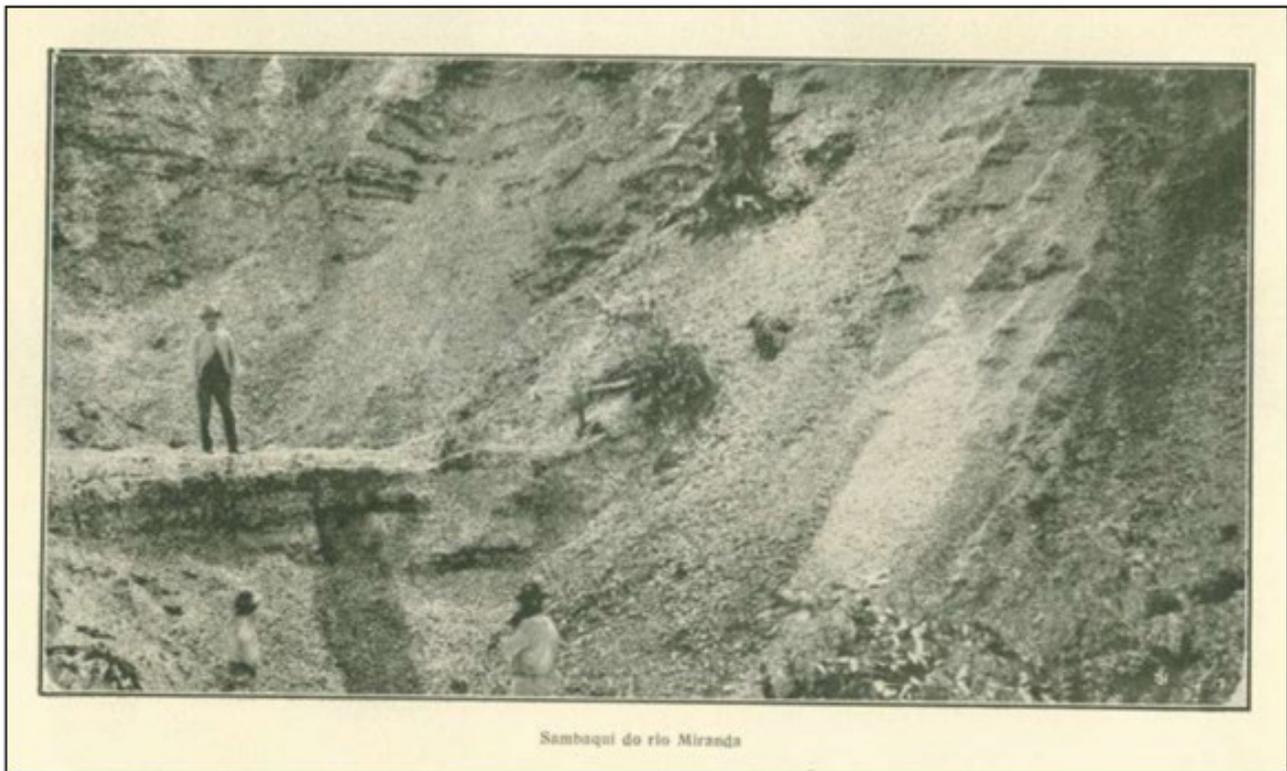


Figura 8: Foto do Sambaqui do Rio Miranda¹⁵. Fonte: GUALBERTO (1927, p. 293).

Recebido em: 02/04/2023

Aprovado em: 30/04/2024

Publicado em: 03/06/2024

15 Localizado no Estado do Rio Grande do Sul.

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 – 1930).

ARTIGO | *PAPER*

**“DE SUA PECUNIA” O EVERGETISMO DOS LIBERTOS NA
HISPANIA ROMANA: UMA LEITURA A PARTIR DA EPIGRAFIA
LATINA**

***“DE SUA PECUNIA” FREEDMEN’S EVERGETISM IN ROMAN
HISPANIA: A READING FROM LATIN EPIGRAPHY***

Filipe Noé da Silva ^a

^a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - E-mail: fnd.silva@udesc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5075-0131>

RESUMO

Este artigo analisa as benfeitorias cívicas oferecidas às cidades da província romana *Hispania Ulterior Baetica*, entre os séculos I e II d.C, a partir da documentação epigráfica latina. Interessa-nos, em específico, examinar a munificência oferecida pelos libertos, pessoas egressas da escravidão, em benefício das cidades da referida província hispânica. Considerando os empecilhos sociais impostos à população de origem servil em território bético - observáveis de maneira explícita, entre outros referenciais, a partir da chamada *Lex Malacitana*, que ressaltava a impossibilidade de pessoas egressas da escravidão ingressarem nos senados locais - são avaliadas as pretensões sociais e políticas das benfeitorias oferecidas pelos alforriados. Também são discutidas as características das homenagens e manifestações de reconhecimento outorgadas aos alforriados como contrapartida a essas mesmas iniciativas.

PALAVRAS-CHAVE

Evergetismo, Libertos, Hispania Ulterior Baetica, Epigrafia Latina.

ABSTRACT

This paper analyzes the civic benefits offered to the cities of Roman province of *Hispania Ulterior Baetica* in 1st and 2nd centuries AD, based on the Latin epigraphic documentation. Specifically, we are interested in examining the munificence offered by freedmen, the people who had been freed from slavery, for the benefit of the cities of this Hispanic province. By considering the social limits imposed on the population of servile origin in the *Baetica's* territory – observed explicitly, among other references, in *Lex Malacitana* which prevented freedmen from entering the local Senates – we propose an evaluation of the social and political pretensions of the benefits offered by the freedmen. The characteristics of the honors and expressions of gratitude granted to the freedmen in return for these initiatives are also discussed.

KEYWORDS

Evergetism, Freedmen, Hispania Ulterior Baetica, Latin Epigraphy.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Filipe Noé da. “DE SUA PECUNIA”. O Evergetismo dos libertos na Hispania romana: uma leitura a partir da epigrafia latina. *Cadernos do Lepaarq*, v. XXI, n. 41, p. 95-112, Jan-Jun. 2024.

Introdução

Públio Décimo Eros Merula foi um liberto e sêviro (Vlvir) que viveu na primeira metade do século I d.C. na cidade de *Asisium* (atual Assis, Perugia). De acordo com as informações apresentadas na documentação epigráfica (CIL XI, 05400), Merula, ao longo de sua vida, desempenhou a profissão de médico e cirurgião ocular. Sua alforria, segundo a inscrição, foi alcançada mediante o pagamento de cinquenta mil sestércios. O documento em questão especifica, ainda, outros valores que teriam sido gastos pelo liberto: dois mil sestércios foram destinados ao erário público em honra de seu sevirato; trinta mil sestércios foram gastos com a instalação de estátuas no templo dedicado a Hércules. Por fim, outros trinta e sete mil sestércios seus foram investidos em obras de melhorias de estradas e vias públicas. Apesar da condição quase inelegível das inscrições da parte inferior da lápide, pode-se presumir que o patrimônio do referido liberto, no momento de sua morte, seria de quatorze mil sestércios:

P(ublius) Decimius P(ubli) l(ibertus) Eros / Merula medicus clinicus chirurgus /
 ocularius Vlvir / hic pro libertate dedit HS L(milia) / hic pro seviratu in rem p(ublicam) /
 dedit HS II(milia) / hic in statuas ponendas in / aedem Herculis dedit HS XXX(milia) / hic
 in vias sternendas in / publicum dedit HS XXXVII(milia) / hic pridie quam mortuus est /
 reliquit patromoni(i) / HS DCCC(milia?).

(CIL XI, 05400 = AE 2003, +00029)

Públio Décimo Eros Merula. Médico, clínico, cirurgião ocular. Sêviro. Que pagou cinquenta mil sestércios pela liberdade. Que pagou ao erário público dois mil sestércios por seu sevirato. Que pagou trinta mil sestércios para a instalação de estátuas no templo de Hércules. Que para a pavimentação de vias, pagou trinta e sete mil sestércios para o erário. Que antes de estar morto, deixou um patrimônio de quatorze mil sestércios (Tradução nossa).

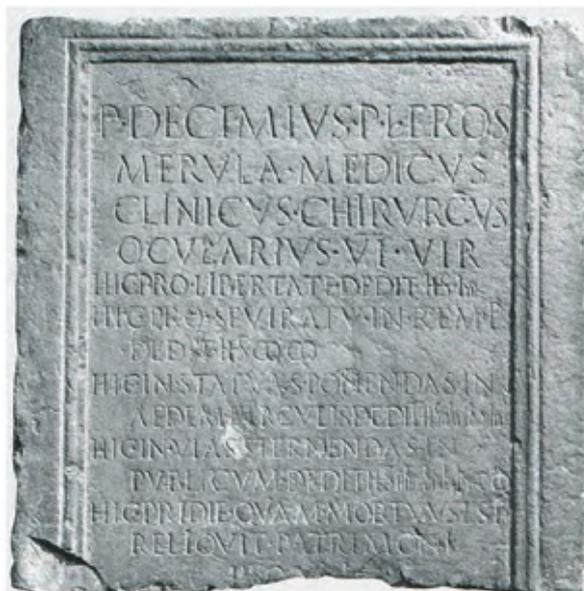


Figura 1: Lápide funerária do liberto Públio Décimo Eros Merula. Local: *Asisium* (atual Assis, Perugia). Dimensões: Alt. 95cm; Larg. 90 cm. Datação: 01-50 da Era Comum. Créditos da Imagem: *Manfred Clauss Epigraphik Datenbank*.

Prenhe de possibilidades e objetos de investigação, a inscrição funerária do médico Públio Décimo Eros Merula, para além da referência ao pagamento de uma taxa (denominada *summa honoraria*), pela ocupação do cargo de sêvro, atesta sobretudo sua atuação como benfeitor, o indivíduo que direciona recursos próprios para promover melhorias em sua cidade. O recurso à benfeitoria cívica, neste caso, a um só tempo, cumpria as contrapartidas que lhe eram exigidas pelo desempenho do posto de sêvro, mas também assegurava, ao benfeitor, a imagem de um indivíduo generoso e comprometido com uma comunidade cidadina que iria se beneficiar desta proposta de munificência. O estudo de Enrique Melchor Gil (1992) propôs seis possíveis motivações para a prática das benfeitorias nas antigas cidades oferecidas por gregos e romanos na Antiguidade. A *filotimia*, ou a busca pela honra e reconhecimento público no contexto da cidade antiga; o desejo de perpetuar a memória do benfeitor e suas respectivas doações à comunidade; o orgulho cívico que motivava a monumentalização das cidades, mas também a realização de jogos públicos, banquetes e festivais; a rivalidade¹ (*aemulatio*) entre as elites cidadinas, que levava à superação de um adversário político a partir dos atos evergéticos; o dever moral de ajudar as cidades durante situações de carestia. Por último, argumenta Melchor Gil (1992), a benfeitoria cívica estaria subordinada ao desejo pessoal de ascensão social e política de seu respectivo concesso.

Esta última característica, presumimos, parece a mais compatível com a atuação do mé-

¹ Embora tenhamos escolhido a palavra “rivalidade” como tradução direta para *aemulatio*, é salutar reconhecer a polissemia associada a este vocábulo. Dentre os significados propostos, por exemplo, pelo Oxford Latin Dictionary (GLARE, 1968, p.64), há as seguintes definições: “O desejo de igualar e superar as outras pessoas”, “emulação”, “ambição”; “Competição inamistosa”, “emulação invejosa”. A *aemulatio* também poderia significar a tentativa de imitar algo ou alguém.

dico Merula e de outros alforriados cujas munificências serão examinadas neste artigo. Considerando que a origem servil impedia que libertos ocupassem cargos senatoriais, equestres e outras magistraturas no âmbito das cidades (MOURITSEN, 2011), o recurso à benfeitoria cívica, em suas manifestações livres ou atreladas ao desempenho de algum posto público (como o de sêviro, por exemplo), constituía uma forma de atuação direta sobre o quotidiano das cidades e da vida pública (SILVA, 2021). Brevemente mencionadas pelos estudos de Paul Veyne (1976) e Melchor Gil (1992), as benfeitorias capitaneadas por indivíduos egressos da servidão carregam consigo características associadas à condição social (servil) dos indivíduos que as ofereceram. A forma como os libertos eram homenageados e reconhecidos dentro de suas respectivas cidades, conforme registrado na documentação epigráfica, torna patente a condição subalternizada dos benfeitores de origem servil. As inscrições provenientes da província romana Hispania Ulterior Baetica, onde as leis municipais apresentavam restrições explícitas às pessoas egressas da servidão, possibilitam uma leitura acurada sobre o evergetismo levado a cabo pelos libertos, e também sobre as manifestações de reconhecimento público oferecidas como contrapartida à atuação munificente desses mesmos indivíduos.

A Epigrafia e o estudo libertos: algumas considerações.

O estudo moderno das inscrições aplicadas sobre suportes duráveis, a Epigrafia, assim denominada a partir do vocábulo grego antigo ἐπιγράφειν (*epigraphéin*, escrito sobre), se consolidou em meados do século XIX. Iniciativas científicas como o *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL – Corpus de Inscrições Latinas), capitaneada por Theodor Mommsen e imbuída da ambiciosa tarefa de inventariar as inscrições latinas de todo o território do Império Romano, permanecem até os dias atuais e ganharam sobrevida, nos últimos anos, com bases de dados epigráficas digitais como a EDCS (*Epigraphischen Datenbank Clauss-Slaby*), a EDR (*Epigraphic Database Roma*), a Epigraphia 3D, entre outras (PÉREZ-GONZÁLEZ, 2018).

Apesar do repertório tecnológico associado aos estudos epigráficos contemporâneos, o interesse pelos textos e suportes epigráficos se iniciou ainda na Antiguidade: na documentação textual antiga, nas obras de escritores como Heródoto, Pausânias e Cícero, por exemplo, há menções à utilização de inscrições como forma de comunicação (ANDREU-PINTADO, 2009). Sua ubiquidade nos diversos artefatos arqueológicos, do mesmo modo, atesta o chamado “hábito epigráfico” (MACMULLEN, 1982; CAMPOS, 2022) entre as sociedades do Mediterrâneo Antigo. Como corolário, tem-se reconhecido que até mesmo catálogos epigráficos elaborados sob método científico, como é o caso do CIL, também apresentam informações sobre inscrições obtidas nos séculos anteriores à ascensão da moderna ciência histórica: manuscritos produzidos na Idade Média e gravuras datadas do período renascentista, com efeito, têm sido evocados como garantia da existência de antigas inscrições latinas que, pelos mais diversos motivos, não chegaram aos dias atuais (BUONOPANE, 2009; BUONOCORE, 2015; FASOLINI, 2019).

Caracterizados por sua ampla versatilidade, os estudos epigráficos congregam leituras so-

bre inscrições monumentais, aplicadas sobre arcos de triunfo, templos e edifícios públicos, por exemplo, mas também tem possibilitado o estudo de lápides funerárias (GARRAFFONI, 2005; SILVA, 2021), de pichações e grafites parietais (FUNARI, 1989; FEITOSA, 2005), tabuinhas de maldição (*tabulae defixionum*) utilizadas em práticas religiosas populares (FUNARI, 2003; SILVA, 2004; CAMPOS, 2022; FREITAS, 2023) e inscrições aplicadas sobre contentores cerâmicos utilizados no transporte de alimentos (REMESAL, 1998). Para o estudo da escravidão praticada entre os romanos dos primeiros séculos do principado, em Roma ou nas províncias do Império, a documentação epigráfica pode mesmo ser considerada imprescindível.

Sem negligenciar a contribuição trazida pelas *Fabulae* (l. 5, 01) do liberto Fedro a respeito do tema da escravidão e da liberdade (FUNARI, 2006), a maioria das fontes textuais sobre escravos e libertos provenientes do antigo mundo romano foi produzida por indivíduos de nascimento livre, por pessoas detentoras de pleno direito civil e político. Ainda que reconheçam a humanidade das pessoas escravizadas (JOLY, 2007), as perspectivas apresentadas pelo filósofo cordobês e por outros tantos escritores, gregos e latinos, quase sempre adotam um discurso que se revela favorável à escravização de pessoas, e que eventualmente também reproduz estereótipos negativos sobre pessoas que foram submetidas ao jugo servil em algum momento da vida (JOSHEL, 1992; MOURITSEN, 2011; JOLY, 2013; JOLY, 2021; CANCELAS, 2014). As considerações referentes ao trabalho, com efeito, são paradigmáticas quanto a este aspecto: ao passo que os escritos Cícero (*Off.* 1.150) caracterizam os afazeres laborais como sórdidos e representativos do jugo servil, inúmeras inscrições funerárias de libertos, ao contrário, a identificação pessoal associada à profissão desempenhada em vida pelo indivíduo. Contrariando a documentação textual, tais referenciais epigráficos atestam não apenas uma ética que se revela favorável ao trabalho (JOLY, 2013), como também uma tentativa de reafirmar sua importância social por meio de suas respectivas profissões (JOSHEL, 1992).

Transmitidas de maneira direta da Antiguidade, as inscrições, portanto, nos aproximam de experiências sociais, familiares e religiosas das pessoas de origem servil que em muito extrapolam os testemunhos registrados pelas fontes escritas. Por meio da documentação epigráfica, é possível evidenciar os agenciamentos e estratégias sociais levadas a cabo pelos alforriados com o intuito de superar as imposições e cerceamentos impostos às pessoas que viveram sob o jugo da escravidão. As iniciativas de munificência cívica capitaneadas pelos libertos, tema mencionado sob reprovação pelos escritos de Cornélio Tácito (*Ann.* 4.62), são representativas deste tipo de iniciativa, e só podem ser examinadas com profundidade mediante o referencial documental oferecido pela epigrafia.

Evergetismo: conceito e crítica

De acordo com o verbete apresentado pela enciclopédia *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* (PAULY; WISSOWA, 1907), o emprego da palavra Εὐεργέτης (Euer-gétēs), ainda na Antiguidade, estava associado a duas atribuições principais: a primeira delas,

advinda do âmbito religioso, estaria relacionada às divindades, assim adjetivadas, em decorrência de sua (suposta) solicitude. Em uma segunda acepção, por sua vez, *euergétès* fazia referência ao benfeitor cidadão: a pessoa responsável oferecer um bem público a uma determinada cidade, em prol das pessoas que integram a comunidade local. Foi o latinista e arqueólogo francês André Boulanger (1923) quem utilizou de maneira pioneira, a partir da referida palavra grega (mas também de *euergésia*, benfeitoria), o conceito moderno de evergetismo como referência às contribuições públicas e liturgias oferecidas às cidades. Fazendo referência a Estrabão, e evocando ideais de “liberalidade” e “generosidade” por parte dos grandes líderes das cidades gregas, Boulanger (1923) reconheceu, ainda no período romano, a presença de famílias abastadas para quem “o evergetismo já era uma tradição” (BOULANGER, 1923, p.25. Tradução nossa).

Para Anastassios Anastassiadis (2011), o interesse de Boulanger pelo tema da beneficência cívica decorre de sua experiência como membro da École Française D’Athènes, instituição que o admitiu no ano de 1912. Emigrados ainda à época da dominação otomana, diversos cidadãos gregos, sobretudo na segunda metade do século XIX, financiaram a construção de monumentos, escolas e bibliotecas nacionais. Como corolário, intelectuais com passagem pela referida Escola (como Fustel de Coulanges, Vidal de La Blache, entre outros) mostraram-se satisfeitos em relação às benfeitorias de sua própria época (ANASTASSIADIS, 2011). Publicado no ano 1892, o tomo *La Grèce D’aujourd’hui*, de autoria de Gaston Deschamps (1894), por exemplo, ressaltava a generosidade dos benfeitores de sua própria época e os qualificava como verdadeiros evergetas:

Entretanto, quando os viajantes chegam em Atenas, notam que monumentos públicos estão sendo construídos por todos os lados. Quem paga os arquitetos, os construtores e os construtores? O governo é impedido de fazer isso. No entanto, na Grécia há apoiadores financeiros cuja generosidade é inesgotável e que outros países não conhecem o suficiente: os benfeitores públicos, os evergetas (DESCHAMPS, 1894, p.182-183. Tradução nossa).

Utilizado sobretudo em âmbito francófono, o tema da benfeitoria cívica ganhou sobrevida ao longo do século XX e não permaneceu restrito ao âmbito da Escola Francesa de Atenas: anos mais tarde, o conceito proposto por André Boulanger (1923) seria utilizado, ainda, pelo historiador francês Henri-Irénée Marrou. Em seu bem conhecido livro *Histoire de la Éducation dans l’Antiquité*, publicado em 1948, Marrou (1964) salientava que o evergetismo antigo, empregado para o financiamento das instituições de ensino no período helenístico, consistia em um sistema de fundações em que “(...) Um particular assegura à cidade, por meio da doação de um capital conveniente, as receitas necessárias à manutenção, ou mesmo a melhoria, de um serviço público” (MARROU, 1964, p.176. Tradução nossa).

O exame aprofundado das práticas de munificência nas antigas cidades do Mediterrâneo Antigo, por sua vez, ficaria a cargo dos estudos de Paul Veyne (1969; 1976), estudioso cuja contribuição foi decisiva para consolidar o conceito de evergetismo no âmbito das Ciências Sociais

(GARNSEY, 1991). Publicado no ano de 1969, o artigo *Panem et circenses: l'évergétisme devant les sciences humaines* antecipava alguns dos resultados advindos da sua tese que, à época, encontrava-se em andamento. Neste estudo, Veyne (1969) salientou a singularidade histórica das benfeitorias antigas: a munificência cívica praticada nas cidades gregas e romanas da Antiguidade, argumenta, não pode ser confundida com a caridade cristã, ou tampouco com as manifestações de dom e contra-dom evidenciadas em estudos antropológicos como os de Marcel Mauss² (2003) sobre o *plotlach*, por exemplo. Tratar-se-ia, ao contrário, de uma prática típica da cidade antiga mediterrânea. No livro *Le pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralism politique*, Veyne (1976) defendeu que a cidade antiga, e apenas ela, era o espaço onde os benfeitores poderiam demonstrar sua generosidade, riqueza e, com isso, reforçar sua superioridade social. Recorrendo a um idealtyp weberiano, o autor ressaltou que eram os indivíduos “notáveis” os responsáveis por ostentar suas riquezas e manifestar, em âmbito citadino, sua proeminência social por meio do evergetismo (VEYNE, 1976). No que se refere ao recorte cronológico adotado pelo historiador francês, pode-se observar, no referido tomo, um percurso que se inicia ainda em época clássica, com o sistema de liturgias da cidade de Atenas, e que se estende até os primeiros séculos do principado romano. Dentro desse recorte, elucida Veyne (1976), as benfeitorias poderiam ser oferecidas às cidades sob duas condições: como uma contrapartida oferecida à cidade por uma pessoa que assumia um determinado cargo ou magistratura pública (*ob honorem*), ou como uma manifestação espontânea da liberalidade do benfeitor (*ob liberalitatem*), sem que houvesse, neste caso, nenhuma relação de obrigatoriedade com quaisquer cargos públicos.

Desde a sua publicação, o livro de Paul Veyne (1976) sobre o evergetismo tem acumulado críticas de todas as sortes, tendo sido qualificado, entre outros adjetivos, como um estudo “irracional” quanto à utilização de categorias sociais (ANDREAU; SCHNAPP; SCHMITT, 1978), e que teria utilizado a documentação advinda da Antiguidade de maneira errônea e equivocada (GAUTHIER, 1985). Deve-se reconhecer, entretanto, que os estudos de Veyne (1969; 1976) sobre o evergetismo têm constituído o ponto de partida para as investigações recentes sobre as benfeitorias cívicas da Antiguidade. Em sua tese de doutorado sobre a munificência cívica nas províncias hispânicas do Império Romano, Melchor Gil (1992), por exemplo, manteve a distinção proposta pelo historiador francês entre as benfeitorias *ob honorem* e *ob liberalitatem*.

Questões explicitamente rejeitadas pelo livro de Veyne (1976), como as comparações com as práticas de reciprocidade (*plotlach*), dom e contra-dom, estudadas pela obra antropológica de Marcel Mauss (2003), foram retomadas nos estudos de Marc Domingo Gyax (2006; 2016) sobre o caráter bilateral das manifestações evergéticas da Antiguidade. Em sua investigação a respeito do evergetismo no período clássico, Gyax (2006) caracterizou a benfeitoria cívica como uma prática recíproca em que um determinado doador, cidadão ou estrangeiro, financiava um edifício ou evento público com o intuito de ser honrado pela cidade. Nesse sentido, as doações sem algum tipo de retribuição representariam apenas práticas isoladas de benfeitoria cívica, mas não

2 O *Essai sur le don*, de Marcel Mauss, foi publicado originalmente em: *Année Sociologique*. 2^a Série. Vol. 01. [1923-1924], 1925. Neste artigo, optamos por utilizar a tradução brasileira, publicada em 2003.

poderiam ser qualificadas como evergetismo: “Sem o reconhecimento oficial da cidade, não se pode falar de evergetas. E sem evergetas, não podemos falar de evergetismo” (GYGAX, 2006, p.11. Tradução nossa).

Ao enfatizar a atuação munificente dos chamados “notáveis”, o modelo explicativo do evergetismo proposto por Veyne (1976) acaba por negligenciar a benfeitoria oferecida por indivíduos egressos da escravidão, restringindo-se a um único parágrafo a esse respeito ao longo de todo o tomo:

Cada uma das ordens da sociedade tem o direito de fazer certos dons; os libertos ricos dos municípios uniam-se, nos colégios de sêviros augustais, para financiar de seu próprio bolso o culto monárquico municipal. Do mesmo modo, às vezes, um deles recebia (a título particular) a autorização de oferecer a seus concidadãos, incluindo aos homens livres, um espetáculo de gladiadores (VEYNE, 1976, p.17. Tradução nossa).

Dentro do modelo explicativo proposto por Veyne (1976), as benfeitorias oferecidas pelos libertos (apresentadas, como mencionado, de maneira apenas preambular) são pensadas sob os mesmos termos que aquelas oferecidas por indivíduos nascidos livres e proeminentes em suas respectivas cidades. As informações apresentadas pelas inscrições advindas de âmbito provincial, entretanto, sinalizam para uma perspectiva diferente. Ainda que as motivações, intenções e objetivos subjacentes de suas práticas de munificência pudessem ser similares àquelas dos “notáveis”, suas características e resultados, no entanto, diferiam de modo significativo da munificência cívica empreendida pelos membros das elites cidadinas (SILVA, 2021). O motivo dessa diferenciação, como tentaremos demonstrar, deriva dos impedimentos impostos àqueles que vivenciaram a escravidão.

Os libertos e as benfeitorias na *Baetica* (Séculos I e II d.C.)

A ocupação romana da Península Ibérica foi iniciada por volta do ano 218 a.C., no âmbito da investida capitaneada por Cneu Cornélio Cipião, e objetivava eliminar o predomínio cartaginês no território peninsular e sua respectiva cooptação de mercenários locais durante a II Guerra Púnica (KEAY, 1992; BLÁZQUEZ, 2006). Ao predomínio militar sobre o território peninsular, somaram-se a exploração das riquezas naturais e a fundação de colônias e municípios que passaram a ser ocupados por populações oriundas da Itália (ALFÖLDY, 1989; BLÁZQUEZ, 2006).

Apesar da divisão empreendida em 197 a.C., foi sob Augusto que as circunscrições territoriais foram estabelecidas do ponto de vista administrativo: o reordenamento da Península Ibérica em três províncias (Citerior, Ulterior e Lusitania) ocorreu por volta do ano de 27 a.C., junto com o estabelecimento de conventos jurídicos regionais para a administração da justiça (KEAY, 1992). Com o objetivo de reforçar a conexão entre as cidades ibéricas e a dinâmica imperial romana, Augusto promoveu a construção de estradas pavimentadas em território hispânico, como a *Via*

Augusta, por exemplo, que conectava Roma a outras localidades provinciais do extremo sul da Península Ibérica, como Cádiz, já às margens do Oceano Atlântico (KEAY, 1992; BLÁZQUEZ, 2006; RODÀ, 2009).

A disseminação de cidades romanas foi observada, entre outros, por Estrabão (*Geografia*. III. 2.1; 2.2) que estimou a presença de 200 cidades na região situada mais ao sul do território hispânico. Aproveitando-se de estruturas urbanas e sociais prévias, os romanos buscaram assegurar a lealdade das populações locais por meio da concessão da cidadania (FUNARI, 2006; REMESAL, 2011; BORGES, 2018). A cidadania representava um primeiro passo em direção à paulatina ascensão social das elites locais, no próprio território peninsular, mas também em Roma. A boa reputação do cordobês Sêneca, bem como a proeminência de cavaleiros, senadores e dos imperadores Trajano e Adriano, ambos oriundos de *Italica*, atestam a reciprocidade entre a Hispania e a capital do Império (REMESAL, 2011; JIMÉNEZ, 2016).

Por ter atingido níveis monumentais à época de Augusto (KEAY, 1995; RODÀ, 2009), o desenvolvimento urbano nas *Hispaniae* exigiu um alto dispêndio de recursos financeiros. Além do próprio imperador e de seu genro, Marcos Agripa, que no ano de 16 a.C. financiaram um anfiteatro em Emérita Augusta (CIL II, 0474), a riqueza das elites também foi aplicada no âmbito das cidades como forma de munificência cívica (MELCHOR GIL, 1992). Além de edifícios, templos e obras monumentais, a benfeitoria poderia incluir o financiamento de espetáculos, a distribuição de alimentos, a organização de banquetes públicos, reformas e ornamentações do espaço citadino (RODRÍGUEZ NEILA; MELCHOR GIL, 2001; REMESAL, 2011). Além das benemerências espontâneas (*ob liberalitatem*), a prática do evergetismo *ob honorem*, em honra à ocupação de alguma magistratura, também foi evidenciada na epigrafia oriunda das três províncias.

Graças ao registro epigráfico oferecido pela chamada *Lex Ursonensis* (CIL 02, 0543), preservada sobre nove placas de bronze oriundas da cidade de *Urso*, na *Baetica*, sabemos que os duunviros e edis locais eram obrigados a investir de sua pecunia a quantia mínima de dois mil sestércios para a feitura de espetáculos gladiatoriais e encenações teatrais em homenagem a Júpiter, Juno e Minerva, a tríade capitolina, pelo período de quatro e três dias, respectivamente (*Urs. 70*; *Urs. 71* = CIL 02, 0543). Por não estabelecer um limite quanto ao valor total do investimento privado, a lei de Urso possibilitava que os evergetas competissem entre si em termos de investimento e demonstração de generosidade (MELCHOR GIL; RODRÍGUEZ NEILA, 2002).

Embora estivessem subordinadas às disputas políticas das elites cidadinas, as práticas evergéticas nas cidades hispânicas também estiveram a cargo de pessoas desprovidas de pleno direito, e especificamente dos libertos. Enquanto indivíduos de baixo *status* social, mesmo se considerarmos o grupo de ex-escravos que desempenharam o *sevirato*³, admite-se que essas

3 De acordo com Duthoy (1978), os testemunhos epigráficos referentes aos *seviri augustales*, embora fragmentados e dispersos, permitem presumir que tais indivíduos atuavam como “ (...) membros de um colégio de seis pessoas nomeadas pelos decuriões para um cargo de um ano” (DUTHOY, 1978, p.1271). Este autor também identifica que a idade mínima para o ingresso no grupo dos *seviri augustales* fosse de vinte e cinco anos. A existência de inscrições atestando o pagamento da *summa honoraria* para o ingresso no *seviratus*, ademais, sugere que esses indivíduos fossem obrigados a possuir uma quantia mínima em dinheiro (DUTHOY, 1978, 1267) Theodor Mommsen teria sido o único em sua geração a não compartilhar a hipótese de que os *Augustales* atuavam no culto imperial. Em estudos recentes, essa hipótese foi

benfeitorias asseguravam, a seus proponentes e a seus descendentes, reconhecimento e honrarias sociais. A benfeitoria, portanto, poderia ser uma alternativa às pessoas egressas da escravidão, sobretudo pelo fato de os libertos estarem legalmente proibidos de ocuparem alguns postos públicos (SILVA, 2021). Promulgada sob o governo de Domiciano (81-96 d.C.), a chamada *Lex Malacitana* (CIL II, 01964), em seu capítulo LIV, salientava a obrigatoriedade do nascimento livre àqueles interessados em concorrer ao duuvirato, à edilidade ou à questura. Seja em decorrência das leis proibitivas, ou mesmo pela falta de registros epigráficos que testemunhem o contrário, tem-se conjecturado que os libertos não chegaram a ocupar o posto de decurião nas *Hispaniae* à época do Alto Império (MANGAS, 1971; MOURITSEN, 2011). A proximidade entre libertos e decurhões, como apresentado a seguir figura de outra forma nas inscrições hispânicas.

A documentação epigráfica das cidades béticas apresenta-nos personagens de origem servil homenageados por suas doações públicas. Na cidade de *Lucurgentum*, por ter promovido apresentações teatrais, distribuído azeite e entradas gratuitas aos banhos termas, o liberto Marcos Hélvio Anto Lucurgentino (CILA II, 01209 = AE 1953, 0021 = AE 1962, 0337) por consentimento popular, foi honrado com ornamentos decurionais. Além dos *ludi scaenici*, o sêviro augustal M. Hélvio Anto teria oferecido a entrada gratuita das mulheres no espaço termal e distribuído azeite à população. De acordo com Henrique Melchor Gil (1992), além do usual *Oleum*, o termo *Gymnasium* estaria associado à distribuição oleícola em ambientes esportivos e de termas. Por sua atuação como munificente, o liberto foi reconhecido e recompensado pela comunidade cidadã com os ornamentos decurionais (*ornamenta decurionalia*). Em honra a esse reconhecimento, mesmo que não fosse obrigado (MELCHOR GIL, 1992), o sêviro augustal dedicou, com recursos próprios, uma estátua em honra ao deus Janus:

M(arcus) Helvius Anthus Lucurg(entinus) / IIIIIvir Aug(ustalis) edito spec/taculo per quadridu/um ludorum scae/nicorum et dato gym/nasio per eosdem / dies item mulie/ribus balineum gra/tis huic o[rd]o splen/didissimus Lucurgentin/orum petente populo orna/menta decur[i]onatus decrevit / Helvius Anthus ob honorem / statuam Iani patris cum / basi s(ua) p(ecunia) d(onum) d(edit) / p(oni)q(ue) f(ecit).

(CILA II, 01209 = AE 1953, 0021 = AE 1962, 0337).

Local: Lucurgentum. Data: Início do século II d.C. Dimensões: Alt. 103 cm; Larg. 50 cm.

Marcos Hélvio Anto Lucurgentino, Sêviro Augustal. Tendo promovido espetáculos teatrais por quatro dias, realizado distribuições de azeite durante esse período e oferecido entrada grátis nos banhos para as mulheres, a esplendíssima Ordem dos Lucurgentinos, reivindicando povo, decretou a concessão dos ornamentos decurionais. Hélvio Anto,

revisitada por Beard; North; Price (1998), para quem o título Augustales não estava necessariamente atrelado ao culto de Augusto, mas às instituições e cargos, religiosos ou não, criados pelo imperador. Perspectiva similar foi defendida por Mouritsen (2011).

por esta honra, ordenou que se fizesse e colocasse, com seu próprio dinheiro, uma estátua com base para Janus pai (Tradução nossa).

De maneira similar, Marcos Inácio Venusto (CIL II, 01066 = CILA II, 0223), sêviro na cidade de Arva, recebeu as insígnias de decurião e uma estátua em sua homenagem. Como benfeitor, o liberto pagou com recursos próprios a estátua e toda a ornamentação da obra:

M(arcus) Egnatius / Sciti lib(ertus) Venus/tus Vlvir / huic ordo m(unicipum) m(unicipii) F(lavi) / Arvensis Statu/am et ornamen/ta decurionatus / decrevit / M(arcus) Egnatius Venustus in / locum quem ordo de/crevit statuam et scam/na marmorea et an/tam marmoravit de / sua pecunia dedit.

(CIL II, 01066 = CILA II, 0223). Data: Século II d.C. Local: Arva

Marcos Inácio Venusto, liberto de Scito e sêviro. Ao qual a ordem de munícipes do município Flávio Arvense decretou a concessão de estátua e ornamentos decurionais. No lugar que a ordem designou, Marcos Inácio Venusto, com seu próprio dinheiro, construiu uma estátua, degraus em mármore e pilares marmóreos (Tradução nossa).

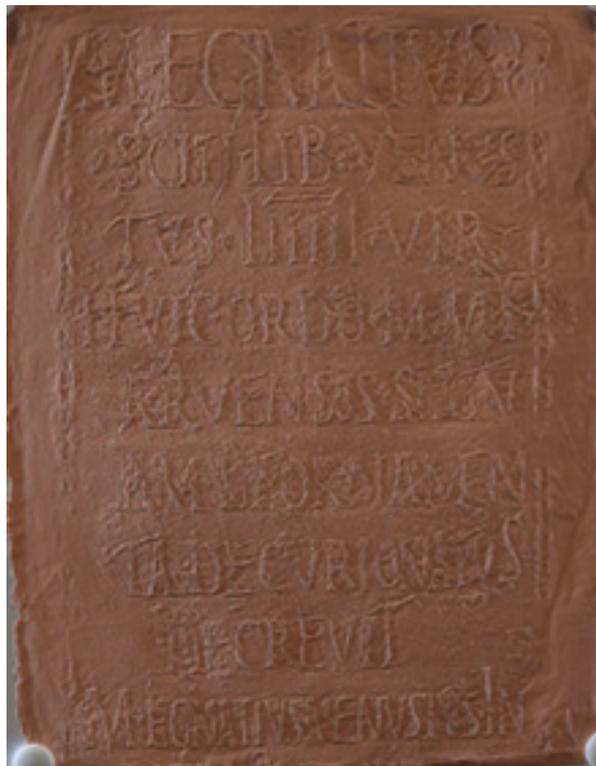


Figura 2. Créditos da Imagem: *Corpus Inscriptionum Latinarum* (BBAW)

A homenagem pública recebida pelo sêviro Marcos Valério Febo (CIL II/7 = CIL II, 02156), por sua vez, foi inscrita sobre uma base estatuária dedicada à Loba Capitolina. Neste caso, em es-

pecífico, pode-se reconhecer sua proposta munificente por meio da habitual expressão *ob merita* que, conforme demonstrado no estudo de Melchor Gil (1992), estaria associada à munificência cívica. Além da provável representação figurativa, Marcos Valério Febo também foi honrado com ornamentos e com a permissão de participar dos banquetes públicos na companhia dos *decuriões* de sua cidade:

Lupae Romanae / M(arcus) Valerius Phoebus / Vivir Aug(ustalis) / cui ordo muni-
c(ipii) Epor(ensis) ob merita / cenis publicis inter decur(iones) con/venire permisit aliaque
ornamenta decrevit / insertis [--- / --- / --- / --- sta]tuam ponendam.

(CIL II/7, 00139 = CIL II, 02156).

Data: 101-200 d.C. Local: Epora.

Dedicado à Loba Romana. Marcos Valério Febo, Sêviro Augustal. A quem a ordem de *municipes eporenses*, por seus méritos, permitiu sua participação nos banquetes públicos junto aos *decuriões* e decretou outros ornamentos [---] que fosse colocada uma estátua (Tradução nossa).

O recebimento das honras públicas registradas na epigrafia bética atesta o reconhecimento e a estima, por parte das cidades, em relação ao escravo emancipado: simbolicamente, sua dignidade é reconhecida como similar à de um indivíduo de posição senatorial. Deve-se reconhecer, entretanto, que seu oferecimento aos *libertos* não assegurava ou estava a indicar alguma forma de admissão efetiva às magistraturas. Ao contrário, sua atribuição constitui, como observou Serrano Delgado (1996), uma forma fictícia de integração social de indivíduos cujo protagonismo público e eventual capacidade econômica convivem, de maneira paradoxal, com uma identidade social outrora manchada pela escravidão.

Considerações Finais

A primeira (e talvez principal) constatação deste artigo é a de que as práticas *evergéticas* não eram um privilégio das elites. Apesar de sua importância para o desenvolvimento das carreiras dos notáveis (um bom exemplo são as inscrições de Plínio, o Jovem, em sua cidade natal), estas também foram oferecidas por indivíduos *alforriados*. Esse aspecto é particularmente significativo quando consideramos os impedimentos legais impostos às pessoas de origem *servil*. Nas cidades hispânicas, graças às leis municipais preservadas em bronze (BORGES, 2018), sobretudo à chamada *Lex Malacitana* (promulgada à época de Domiciano), sabemos que o ingresso nos *senados locais* estava restrito às pessoas de nascimento livre. Nesse sentido, pode-se presumir que o desempenho do *sevirato* e a prática do *evergetismo*, elementos que por vezes figuram de ma-

neira associada na documentação epigráfica, ofereciam aos libertos a possibilidade de participar de maneira efetiva do cotidiano de suas cidades, a despeito das limitações instauradas pela condição servil. As homenagens recebidas como contrapartida às benfeitorias, do mesmo modo, reforçam a crença no caráter bilateral das munificência cívica e certo interesse, por parte desses benfeitores, em recuperar a honra e a reputação social tolhidas pela escravidão.

Em seguida, também é possível constatar que, embora as intenções e objetivos da munificência oferecida pelos libertos fossem, a princípio, similares àqueles dos *ingenui*, suas características e sobretudo seus resultados (e aqui nos referimos ao tipo de reconhecimento que lhes foi oferecido nas cidades da Bética) diferiam de maneira significativa das doações empreendidas pelas elites, os chamados notáveis. O motivo para tal diferenciação, como já discutido ao longo deste estudo, estaria relacionado aos obstáculos legais que as cidades béticas impunham às pessoas que vivenciaram a escravidão. De certa forma, as honrarias concedidas aos libertos benfeitores reforçam a própria condição paradoxal que caracterizava as pessoas alforriadas: a concessão de *ornamenta decurionalia*, as insígnias de decurião, a um só tempo, reconhecia a importância pública desses indivíduos, como também cancelava, de maneira definitiva, a impossibilidade de um indivíduo egresso da servidão ocupar o posto decurional.

Centrado sobretudo nas práticas de munificência oferecidas pelas elites cidadinas, o modelo explicativo proposto por Veyne (1969; 1976), apesar de sua reconhecida abrangência, acaba por negligenciar as benfeitorias oferecidas pelos alforriados. Alinhado a uma perspectiva histórica dedicada às pessoas desprovidas de pleno direito, aos grupos sociais subalternizados da Antiguidade (FUNARI, 1989; MAGALHÃES DE OLIVEIRA; COURRIER, 2021; SILVA, FUNARI; RODRIGUES, 2023), este estudo procurou resgatar o protagonismo de indivíduos cuja experiência histórica, atrelada à prática do evergetismo, foi desaprovado pela tradição textual antiga e subestimado pela historiografia moderna sobre o tema. Suas experiências como benfeitores locais, reconhecidas e honradas em conformidade com sua respectiva posição social, salientam a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre o conceito de evergetismo ainda vigente na historiografia, e especificamente sobre a pretensa universalidade da munificência oferecida pelas elites.

Documentação Antiga

AE. L'Anée Épigraphique. Révue des publications épigraphiques relatives l'Antiquité romaine. Paris, 1888-

CICERO. De Officiis. Transl. Walter Miller. Loeb Classical Library. Mass./London: Cambridge/Harvard, University Press, 1913.

CIL II. Corpus Inscriptionum Latinarum II. Inscriptiones Hispaniae Latinae, E. HÜBNER, Berlim, 1869; Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum, Berlim, 1892.

CIL II²/7. Corpus Inscriptionum Latinarum II: Inscriptiones Hispaniae Latinae, editio altera, pars VII. Conventus Cordubensis, A.U. STYLOW (Editor) Berlim/Nova Iorque, 1995.

CIL V. Corpus Inscriptionum Latinarum V. Inscriptiones Galliae Cisalpinae Latinae. MOMMSEN,

- Theodor (Editor). Berlim, 1872.
- CIL VI. Corpus Inscriptionum Latinarum VI. Inscriptiones Urbis Romae Latinae. HENZEN, G; DE ROSSI, I.B; BORMANN, E; HUELSEN, C; BANG, M. (et al.) Editors. Berlim, 1876.
- CIL XI. Corpus Inscriptionum Latinarum XI. Inscriptiones Aemiliae, Etruriae, Umbriae Latinae. BORMANN, E. (Editor). Berlim, 1888.
- CILA II. Corpus de inscripciones latinas de Andalucía. GONZÁLEZ, J. Volumen II: Sevilla. Tomo I: La Vega (Hispalis), Sevilla, 1991.
- ESTRABÃO. Geografia. Livro III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- FEDRO; AVIANO. Fábulas. Introducciones, traducción y notas de António Cascón Dorado. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 2005.
- SÊNECA. Cartas a Lucílio. 5ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- TACITUS. Histories (Books IV-V); Annals (Books I-III). Translation by Clifford Moore and John Jackson. Loeb Classical Library. Harvard: University Press, 1931.

Referências bibliográficas

- ALFÖLDY, Géza. A História Social de Roma. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- ANASTASSIADIS, Anastassios. The peregrinations of euergetism in the Eastern Mediterranean from the 18th to the 19th century: Christian ethics, government technology, and historiographical concept. *Le Mouvement Social*. Nº 234, p.45-62, 2011.
- ANDREAU, J; SCHNAPP, A; SCHMITT, P. Paul Veyne et l'évergétisme. *Annales. Économies, sociétés, civilisations*. Vol. 33, Nº02, p.307-325, 1978.
- ANDREU-PINTADO, Javier. Fundamentos de Epigrafia Latina. Madrid: Liceus, 2009.
- BEARD, M; NORTH, J; PRICE, S. Religions of Rome. Volume I. Cambridge: University Press, 1998.
- BLÁZQUEZ, J.M. Causas de la romanización de Hispania. Alicante: Biblioteca Miguel de Cervantes, 2006.
- BORGES, A.S. As formas de integração, as redes de comunicação e promoção política das elites provinciais lusitanas no Alto Império. In: BORGES, A.S; GOMES, R.M.S. (Orgs). *Escritos para a eternidade. A epigrafia e os estudos da Antiguidade*. Curitiba: Appris, 2018. p.161-195.
- BOULANGER, André. *Aelius Aristide et la sophistique dans la province d'Asie au II^e siècle de notre ère*. Paris: De Boccard, 1923.
- BUONOCORE, Marco. Epigraphic research from its inception: the contribution of manuscripts. In: BRUUN, Christer; EDMONDSON, Jonathan (Editors). *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*. Oxford: University Press, 2015. p.21-41.
- BUONOPANE, Alfredo. *Manuale di epigrafia latina*. Roma: Carocci, 2009.
- CAMPOS, Carlos Eduardo Costa. *As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC – II EC): tradução, análise textual e hábito epigráfico*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2022.
- CANCELAS, Carla Rubiera. *La esclavitud femenina en la Roma antigua. Famulae, ancillae et seruae*. Oviedo: Ediciones Trabe, 2014.

- DESCHAMPS, Gaston. *La Grèce D’Aujourd’hui*. Quatrième Édition. Paris: Armand Colin Éditeurs, 1894.
- DUTHOY, Robert. *Les *Augustales*. In: ANRW II. 16.2, 1978. p.1254-1309.
- FASOLINI, Donato. *Le iscrizioni dell’album del Louvre di Jacopo Bellini. Una fonte attendibile per iconografia e iconografia ? Antichistica / Storia ed epigrafia*. Vol.24/07, Edizioni Ca’Foscari, p.112-129, 2019.
- FEITOSA, Lourdes Conde Gazarini. *Amor e sexualidade. O masculino e o feminino nos grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.
- FREITAS, Renata Cazarini de. *Sem perdão: em busca de justiça (ou vingança?) usando defixiones na antiga Mogontiacum (Mainz)*. In.: SILVA, Semíramis Corsi; MARQUETTI, Flávia Regina; FUNARI, Pedro Paulo A. (Orgs). *Magia, encantamentos e feitiçaria*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.398-433.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Editora Contexto, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antiguidade Clássica. A história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A cidadania entre os romanos*. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Basanezi (Orgs). *História da Cidadania*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p.48-79.
- GARRAFFONI, Renata Senna. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.
- GARNSEY, Peter. *The generosity of Veyne. Review: Bread and circuses: Historical Sociology and Political Pluralism by Paul Veyne*. *Journal of Roman Studies*. Vol. 81, p.164-168, 1991.
- GAUTHIER, Philippe. *Las cites grecques et leus bienfaiteurs (IVer – Ier s. av. J.-C). Contribution à l’histoire des institutions*. *Suppléments au Bulletin de Correspondance Hellénique*. École Française d’Athènes, 1985.
- GLARE, P.G.W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GYGAX, Marc Domingo. *Contradictions et asymétrie dans l’évergétisme grec: bienfaiteurs étrangers et citoyens entre image et réalité*. *Dialogues D’Histoire Ancienne*. Vol. 32, N°01, p.09-23, 2006.
- GYGAX, Marc Domingo. *Benefaction and rewards in the Ancient Greek City: The origins of euergetism*. Cambridge: University Press, 2016.
- INGLEBERT, Hervé. *Henri-Irénée Marrou*. In: SILVA, Glaydson José; CARVALHO, Alexandre Galvão (Organizadores). *Como se escreve a História da Antiguidade*. São Paulo: Editora da UNIFESP, 2020. p.241-254.
- JIMÉNEZ, Alicia. *What is a province?* In: ALCOCK, S.E; EGRI, M; FRAKES, J.F.D (Editors). *Beyond boundaries. Connecting visual cultures in the provinces of Ancient Rome*. Los Angeles: Getty Publications, 2016. p.16-30.
- JOLY, Fabio Duarte. *Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca*. *Phoênix*. N° 13, p.98-114, 2007.

- JOLY, Fabio Duarte. *A escravidão na Roma Antiga*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Alameda, 2013.
- JOLY, Fabio Duarte. Slave agency in Livy's history of Rome. In: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril (Editors). *Ancient History from below: Subaltern experience and actions in context*. 1st Edition. London: Routledge, 2021. p.237-253.
- JOSHEL, Sandra Rae. *Work, identity and legal status at Rome: a study of occupational inscriptions*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1992.
- KEAY, Simon J. The Romanisation of Turdetania. *Oxford Journal of Archaeology*. Vol.11, Nº.03, p.275-315, 1992.
- KEAY, Simon J. Innovation and adaptation: the contribution of Rome to urbanism in Iberia. *Proceedings of British Academy*. Nº 86, p.291-337, 1995.
- MACMULLEN, Ramsay. The Epigraphic Habit in the Roman Empire. *The American Journal of Philology*. Vol.103, Nº03, p.233-246, Autumn, 1982.
- MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril (Editors). *Ancient History from below: Subaltern experience and actions in context*. 1st Edition. London: Routledge, 2021.
- MANGAS, Julio. *Esclavos y libertos en la España Romana*. Universidad de Salamanca, 1971.
- MARROU, Henri-Irénée. *Histoire de la Éducation dans l'Antiquité*. Sixième Édition. Paris: Éditions du Seuil, 1964.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Editora Cosacnaify, 2003. p.183-314.
- MELCHOR GIL, Enrique. *Evergetismo en la Hispania Romana*. Tesis doctoral. Córdoba: Universidad de Córdoba, 1992.
- MELCHOR GIL, E; RODRÍGUEZ NEILA, J. Sociedad, espectáculos y evergetismo en Hispania. In: NOGALES, T. (Editor). *Ludi Romani. Espectáculos en Hispania Romana*. Mérida, 2002. p.135-156.
- MOURITSEN, Henrik. *The freedman in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- PAULY, August; WISSOWA, Georg. *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Banda VI, Halbband 11, Ephoros – Eutychos. Stuttgart: J.B. Metzelder, 1907.
- PEREZ-GONZÁLEZ, Jordí. Epigrafía lapidaria en la era digital. *Boletín Archivo Epigráfico*, Madrid, Nº02, p.05-16, 2018.
- REMESAL, José. Baetican olive oil and the Roman economy. In: KEAY, Simon (Ed). *The Archaeology of Early Roman Baetica*. *Journal of Roman Archaeology Supplementary Series*. Book 29. Portsmouth/Rode Island, 1998. p.183-199.
- REMESAL, José. *La Bética en el concierto del Imperio Romano*. Madrid: Real Academia de Historia, 2011.
- RODÀ, Isabel. Hispania em las provincias occidentales del Imperio durante la República y el Alto Imperio: una perspectiva arqueológica. In: ANDREU-PINTADO, J; CABRERO, J; RODÀ, I. (Eds). *Hispaniæ. Las provincias hispanas en el mundo romano*. Tarragona: Instituto Català d'Arqueologia Clàssica, 2009. p.193-221.
- SERRANO DELGADO, J. M. Consideraciones sociales acerca de los Ornamenta municipales com

- especial referencia a los libertos. In: Splendidissima Civitas: Études d'Histoire en Hommage à François Jacques. Paris: Publications de la Sorbonne, 1996. p.259-271.
- SILVA, Semíramis Corsi. Universo mágico em Roma: Representações e Práticas de Feitiçaria. Ensaios de História. Vol.09, N.01/02, p.75-95, 2004.
- SILVA, F.N. Pela honra e em liberdade. Os libertos e a munificência cívica na Baetica (Séculos I e II d.C). Tese de Doutorado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2021.
- SILVA, F.N; FUNARI, P.P.A; RODRIGUES, S.C. Desigualdade social na Antiguidade: agenciamentos e linhas de fuga. São Carlos: Editora Pedro & João, 2023.
- VEYNE, Paul. Panem et circenses: l'évergétisme devant les sciences humaines. Annales. Economies, Sociétés, Civilisations. 24^e Anée. N.03, p.785-825, 1969.
- VEYNE, Paul. Le Pain et le cirque. Sociologie historique d'un pluralism politique. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- ZUIDERHOEK, Arjan. The politics of munificence in the Roman Empire. Citizens, Elites and Benefactors in Asia Minor. Cambridge: University Press, 2009.

Recebido em: 08/01/2024

Aprovado em: 08/04/2024

Publicado em: 03/06/2024

ARTIGO | *PAPER*

AFRO IBARREÑOS: UN CASO DE ESTIGMATIZACIÓN TERRITORIAL EN UNA CIUDAD ANDINA

AFRO IBARREÑOS: A CASE OF TERRITORIAL STIGMATIZATION IN AN ANDEAN CITY

Paúl Palacios Gutiérrez ^a

^a Maestrante: Maestría de Investigación en Antropología Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - Sede Ecuador. Departamento de Antropología, Historia y Humanidades. E-mail: ppalacios949@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9922-2735>

RESUMEN

El presente artículo de investigación analiza y explora principalmente desde la teoría de la estigmatización territorial el proceso de estigmatización de la parroquia urbana “Guayaquil de Alpachaca” y los efectos directos e indirectos sobre la vida y existencia de sus habitantes, describiendo una serie de estrategias para sobrellevarlo. Para ello, se plantea un cuerpo teórico que se nutre desde los estudios urbano territoriales, los estudios afrodescendientes, la estigmatización territorial y la segregación socio espacial, debido a la complejidad del fenómeno de estudio, su contexto socio histórico y geográfico.

PALABRAS CLAVE

Estigma territorial Afro ecuatorianos, Racialización, Ciudades Andinas.

ABSTRACT

The present research work analyzes and explores mainly from the theory of territorial stigmatization the process of stigmatization of the urban parish “Guayaquil de Alpachaca” and the direct and indirect effects on the life and existence of its inhabitants, describing a series of strategies to cope with it. To this end, a theoretical body is proposed that is nourished by urban-territorial studies, Afro-descendant studies, territorial stigmatization and socio-spatial segregation, due to the complexity of the phenomenon under study, its socio-historical and geographical context.

KEYWORDS

Territorial stigma, Afro Ecuadorians, Racialization, Andean Cities.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa analisa e explora principalmente a partir da teoria da estigmatização territorial o processo de estigmatização da freguesia urbana “Guayaquil de Alpachaca” e os efeitos diretos e indiretos na vida e existência de seus habitantes, descrevendo uma série de estratégias para lidar com isto. Para tanto, propõe-se um corpo teórico que se nutre de estudos urbano-territoriais, estudos afrodescendentes, estigmatização territorial e segregação socioespacial, devido à complexidade do fenômeno em estudo, seu contexto sócio-histórico e geográfico.

PALAVRAS-CHAVE

Estigma territorial, afro ecuatorianos, Racialização, Ciudades andinas.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Palacios, Paúl Gutiérrez. Afro Ibarreños: Un caso de estigmatización territorial en una Ciudad Andina. *Cadernos do Lepaarq*, v. XXI, n. 41, p. 113-132, Jan-Jun. 2024.

Introducción

El presente trabajo tiene como objetivo reconstruir la noción de estigmatización territorial de Loïc Wacquant, con la finalidad de poner a trabajar el concepto fuera de su hábitat: los ghettos de Estados Unidos y demás ejemplos de barrios cuyo apogeo se produjo en ciudades netamente industriales y posindustriales. Proponiendo un diálogo con otros conceptos que son pertinentes al momento de plantear una investigación que toma el territorio como objeto de estudio.

En esta ocasión, el concepto funcionará en el barrio “Guayaquil de Alpachaca” ubicado en Ibarra, ciudad de la Sierra Norte ecuatoriana, ubicar esta región del Ecuador, permite reflexionar sobre la historia de la ciudad, indagando en la memoria del barrio, en su proceso de conformación histórico-territorial, pero también visibilizar las problemáticas estructurales que han influido para desplegar un imaginario que opera sobre sus habitantes, sin embargo, también se contrastará ese imaginario, con los propios habitantes del barrio, y mirar, ahí, “desde adentro” cómo el barrio se produce para ellos y por ellos, en sus usos cotidianos.

El perfil del barrio “Alpachaca” podría ser comparado con los ghettos, ya que comparten algunas similitudes, pero que algunas veces, o en algunos elementos difieren en sus procesos de conformación. Para contextualizar de mejor manera la dinámica de Alpachaca, se incluirán algunas voces del barrio para contrastar su realidad.

Para esto, se presentará el modelo teórico de Wacquant, para después discutir con otras acepciones sobre la problemática territorial y finalizar con una breve descripción etnográfica sobre “Guayaquil de Alpachaca”, recogiendo las palabras de sus habitantes, fragmentadas y vertidas en el territorio.

Wacquant y la teoría del estigma territorial

El trabajo de Loïc Wacquant motiva y estimula las investigaciones que se plantean en la ciudad, a través de reconocer el vínculo entre espacio simbólico, espacio social y espacio físico de los espectros urbanos. Precisamente, el concepto de *estigmatización territorial* (Wacquant et al., 2014) resulta de la unión de dos modelos teóricos: el modelo de la *identidad deteriorada* propuesta por Erving Goffman y el modelo del *poder simbólico* desarrollado por Pierre Bourdieu, para así capturar cómo un lugar estigmatizado afecta a los sujetos, como pasa en habitantes de barrios menospreciados (Wacquant et al., 2014).

El estigma espacial es un fenómeno actual, que se cristalizó a finales del siglo XX junto con la disolución de los barrios relegados en el contexto de la etapa fordista keynesiana, característicos del capitalismo industrial (Wacquant et al., 2014), este fenómeno suele ser comparado con la desintegración social, difiere de su herencia industrial, concretándose en la ciudad posindustriales, convirtiéndose en un acontecimiento autónomo, racialmente discriminatorio, cuyo efecto se visibiliza en las estrategias socio-simbólicas generadas por sus habitantes, para hacerle frente la denigración y al estigma que recae sobre ellos y sobre su territorio.

Dichas estrategias cubren un mosaico que varía entre la sumisión y la resistencia, efectos que están condicionados por dos elementos importantes, la posición y la trayectoria dentro del espacio físico y social (Wacquant et al., 2014) con esto, la estigmatización territorial puede leerse como una condición dinámica, mostrándose como una forma perjudicial “*de acción mediante la representación colectiva centrada en un lugar determinado*” (Wacquant, Slater, y Borges Pereira 2014, 220). Indagar en el modo de operación del fenómeno del estigma territorial en distintos escenarios urbanos, permite comprender el papel de las estructuras simbólicas en la reproducción de marginalidad y desigualdad en las ciudades.

En ese sentido, las categorías¹ tomadas por Wacquant para tratar de elucidar la compleja realidad del estigma espacial surgen alrededor de 1990, cuando el autor se dedica a estudiar a nivel transatlántico la marginalidad urbana, comparando la experiencia de vivir en un hiper guetto y en las urbanizaciones deterioradas a las afueras de París, lo común de ambos lugares, es que sus habitantes perciben una apreciación negativa de sus barrios, como nidos de violencia, adicciones y males de la ciudad (Wacquant et al., 2014).

Es así como los habitantes expandieron el estigma hacia agentes externos, instituciones del Estado y medios de comunicación en el sentido de que ellos son los que lo alimentan, esparciendo los efectos del problema (Wacquant et al., 2014) los sujetos estigmatizados conciben estrategias aparentemente insignificantes y peculiares, pero que permiten apreciar la construcción aversiva de la representación sobre la pertenencia hacia un lugar.

Esto es de interés, ya que permite reconocer el proceso vincular entre el sujeto y el territorio, y cómo el estigma opera en dicho proceso de vinculo, la subjetividad es un elemento que está en juego al momento de ubicar los procesos de identidad y de pertenencia, y cómo la presencia del estigma cambia totalmente las acciones, las narrativas y los comportamientos tanto de quienes habitan en el estigma como de quienes se vinculan con el barrio o tienen que ver con alguna función en la lógica de la relación de intercambios entre instituciones simbólicas, políticas-estatales, mercantiles, que están presentes en los ejercicios de extrema segregación. No solamente territorial sino de un aislamiento respecto del mercado laboral.

El estigma deja de ser una construcción imaginaria y debe ser planteado como un fenómeno que condiciona las relaciones sociales, como bien menciona Wacquant (2014). Precisamente, Wacquant (2014) se alinea con la propuesta de Goffman², el cual considera al estigma como diferenciaciones basadas en el desprestigio que surgen de la mirada común, es desde esta definición que Wacquant conecta con la teoría del poder simbólico, vista como la nominación performativa ejercida por una autoridad capaz de representar y forjar el estigma territorial, estos dos modelos representan los anclajes teóricos de Wacquant. El autor trabaja estas propuestas en relación a que: Goffman ubica el estigma en un nivel multidimensional basadas en la abominación del cuerpo, los defectos del carácter individual y la afiliación tribal que es transmitida por medio

1 Espacio simbólico (divisiones mentales estipuladas en categorías), espacio social (distribución eficiente de recursos entre estas categorías) y espacio físico.

2 El autor hace referencia al trabajo de Ervin Goffman titulado “Estigma: la identidad deteriorada”

del linaje, capturando la propiedad simbólica que destaca en los procesos de construcción de una marginalidad avanzada; por su parte Wacquant suma con el aporte al referirse a la identificación del espacio como un anclaje distintivo de deslegitimación social.

Racialización en las Ciudades Andinas

Hilari (2020) sostiene que todas las ciudades fundadas durante la colonia en América comparten una misma configuración espacial, configuración distinguida por el diseño ortogonal que organiza el trazado urbano alrededor de una plaza principal, el diseño espacial estaba acompañado por instrucciones y ordenanzas que reglamentaban el poblado a fundar fueron creadas por la corona española. Así se fue constituyendo y desarrollando el espacio urbano colonial desde México hasta Chile (Hilari 2020).

El espacio físico construido durante la colonia no es el mero producto de políticas de colonización, sino que constituye la estructura que posibilitó la colonización, y con ella la racialización hacia la mayoría de la población como “india” (Hilari 2020). La racialización puede entenderse mediante dos componentes esenciales: una estructura estatal prehispánica y una alta densidad poblacional indígena, en la región andina compuesta por territorios del imperio incaico, la mayoría de las fundaciones de ciudades han sido, en realidad, el establecimiento de un núcleo de administración colonial dentro o por encima de una red de infraestructura ya existente.

La ciudad española no puede ser pensada sin su parte “india”, los pueblos indios estaban reglamentados en función de leyes que reglamentaban una estricta separación racial. Dentro de estas leyes, existían normativas sobre qué poblaciones podían vivir o no en un determinado poblado, y también adjudicando a los poblados “indios” sus propias leyes administrativas, es de esta manera que al dividir la población de manera racial y también administrativa se terminaba ahondando la segregación del espacio.

Hilari (2020) haciendo referencia al trabajo de Lund sostiene que el espacio y la noción de raza están íntimamente ligados, ya que según Lund, la raza se piensa en términos de personas, pero originalmente su política se entiende cuando se la observa en términos de territorio, la raza es de forma más o menos explícita la racialización del espacio, conforma la naturalización de la segregación.

La racialización espacial se posibilita en tanto existen estructuras constituidas y construidas en términos materiales, como murallas, plazas, edificaciones, y demás, pero también por disposiciones legales que regulan el acceso o los usos de un espacio específico (Hilari 2020). Si bien existen límites físicos y materiales, lo simbólico también juega un papel importante, ya que la instancia de la Ley otorga el derecho de ingresar o no a un espacio determinado en función de categorías como etnia o raza.

Las leyes de Indias tenían el fin de reordenar el espacio para lograr un control generalizado sobre el territorio colonizado, para lograr esto, la segregación de grupos humanos en lugares delimitados fue fundamental (Hilari 2020). Un ejemplo de esto es el caso de La Paz, ciudad donde

estaba prohibido el ingreso de indios a la plaza principal hasta la década de 1940, y es el caso como en Quito que también se establecieron mecanismo de racialización.

Kingman (2016), aprecia a Quito en el transcurrir de la década del 40 hacia los 50, ciudad en un momento de aparente modernización, con sus dificultades, Quito en ese entonces no era una ciudad industrializada, pero no por ello menos “industrial” (Kingman 2016). En Quito se disponía del ornato y del espacio público a las elites burguesas, la ciudad tenía tintes de la herencia colonial, como la reserva del espacio público, el impedimento de la libre circulación a los indígenas (Kingman 2016).

Sin embargo, las instituciones que cuidaban del ornato, decidieron hacerle frente a los flujos migratorios de indígenas y campesinos que se desplazaban a la ciudad, esto era un asunto de dos imaginarios, el de las élites, se construía un imaginario de fronteras y líneas imaginarias territoriales que limitaban lo urbano con el campo, y el imaginario de los campesinos e indígenas era el ver la ciudad como un lugar de oportunidades, querían ser parte de ella, hacerle reclamos a las autoridades, cumplir con trámites, y otras prácticas que se convertirían en los “trajines” de Quito (Kingman 2016).

Geografías Negras

Las Geografías Negras nacen en el seno de la academia norteamericana, aquí se exponen dos exponentes de la misma, Wendy Hawthorne y Adam Bledsoe, la propuesta de las Geografías Negras se asienta en los discursos y prácticas de poder y dominación llevadas al extremo en Norteamérica, potenciadas por las prácticas de la Supremacía Blanca y el rol del Estado como garante de las mismas, anulando por completo la subjetividad Negra.

Es pertinente, traer a colación la contribución de Hawthorne (2019) sobre las Geografías Negras. En este punto, lo afro, lo negro, podría ser considerado como una forma de configuración de lo espacial, marcada por sus complejidades, por sus realidades de opresión, pero también de resistencia. Las Geografías Negras son oportunidades teóricas y metodológicas para producir tensiones y así, quizás llegar a dislocar los puntos de encuentro de la geografía y los mecanismos de reducción capitalistas, patriarcales, coloniales, ya que su propio planteamiento, surge de académicas afro, en su compromiso de construir, desde las Geografías Negras nuevas maneras de reflexionar y cuestionar la espacialidad.

La autora reconoce al resurgimiento de la extrema derecha en el mundo y sus enredos con las expresiones de Supremacía Blanca como los acontecimientos sobre los cuales debemos fijar la atención al momento de pensar la relación y conexión entre espacio, lugar y poder. Hawthorne (2019) considera que las Geografías Negras aciertan en reconocer la espacialidad inherente entre la vida Negra, expresada en la construcción de imaginarios espaciales, prácticas de producción de espacios y la manera de generar un sentido de lugar, adoptados por miembros de comunidades Negras, partiendo de la premisa de que “todas las relaciones sociales están basadas en relaciones espaciales” (Hawthorne 2019, 5).

Se puede proponer que dichas relaciones también están comprometidas con los ejercicios de normalización de la segregación, o de prácticas racistas, encubiertas en causas “estructurales”, que son “imposibles” de erradicar sino se las “eliminan” de raíz, pero las otras causas estructurales son: la criminalización, la encarcelación, la constante y aguda práctica de vigilancia policiaca, etc. el racismo también es espacial.

Bledsoe (2015) bien hace en proponer a los Otros de la modernidad como el punto de diáspora de las practicas modernas, en relación a su negación del Otro Negro, a la negación de un sujeto, de una forma de ser, su trabajo sobre Brasil, devela, esa acción determinada del Estado y de la fuerza de sus instituciones materiales y discursivas, en emprender una erradicación y negación de la subjetividad Negra. Lo que llama la atención del trabajo de Bledsoe, es mirar hacia las estrategias de la población negra en resistir y luchar contra esas formas de la modernidad.

En otro momento, Bledsoe (2019) sugiere pensar las Negritudes desde una perspectiva ontológica, haciendo referencia a la supuesta a-espacialidad de la negritud, considerándola como la característica sobre la cual se asientan las desterritorializaciones provocadas por la construcción de hiper-guettos, y de nuevas infraestructuras. Es ahí donde recalca la necesidad de construir nuevos mundos, fuera de la modernidad.

Afrodescendientes en Ibarra: primeros acercamientos y permanencias.

Para comprender la conformación de la parroquia “Guayaquil de Alpachaca” es necesario conocer y reconocer los acontecimientos de lo que se podría llamar una genealogía de la afro descendencia en Ibarra. Genealogía marcada por la diáspora, la organización de los pueblos afrodescendientes, sus batallas y reclamos que permitieron cierta libertad en sus formas de vivir, pero en la ciudad blanca³, también fueron menospreciados y abusados en prácticas laborales deplorables.

Esto inicia en el valle de Salinas, ya que existió una gran presencia de afrodescendientes esclavizados que posteriormente fueron ubicándose en Ibarra, mediante la venta de leña y sal. Esto conllevará a que, en las haciendas de Azaya, se gesten ciertos asentamientos irregulares, para después ser reconocidos como parroquia.

El valle de Salinas

La ciudad de San Miguel de Ibarra fue fundada el 28 de septiembre de 1606 a orden del presidente Miguel Ibarra, encomendando al capitán Cristóbal de Troya su sugerencia al Rey de España para que se funde una villa Española en conformidad con otras villas. (Durán 2017)

El valle de Salinas está ubicado al norte de la ciudad de Ibarra, al límite de la provincia del Carchi, en este sector geográfico estratégico se extraían sal y leña de espinos para su

3 Esta expresión “ciudad blanca” hace referencia a un ideal de blanquitud de la ciudad, al ser fundada como Ciudad Española, imponiendo sistemas de creencia cristiano católicos.

Palacios, Paúl Gutiérrez. Afro Ibarreños: Un caso de estigmatización territorial en una Ciudad Andina.

comercialización, además de contar con Haciendas algodonerías y azucareras.

José Nicolás Hidalgo (1960) en su libro *Diez tradiciones Ibarreñas*, ubica en el valle de Salinas una fuerte recepción de esclavizados africanos, este proceso se dio a inicios del siglo XVI, cuando la ciudad de Ibarra aun no era fundada ni como villa española, es en ese siglo, que el Sr. Nicolás de Grijalva y su esposa Catalina Rankil, súbditos del Rey de España son enviados a tomar posesión del territorio que el Gobierno Español les había adjudicado, en lo que hoy llamamos “valle de Salinas”.

Los esclavizados fueron traídos de Jamaica para el trabajo en la hacienda que se propusieron a establecer en el valle de Salinas, lo que llamó la atención, es que los Grijalva-Rankil, vieron la fecundación numerosa de las mujeres afro, y decidieron establecer una hacienda que vendía en las regiones aledañas un sin número de esclavos afro (Hidalgo 1960). Esto permitió que se generen grandes procesos de producción agrícola y de las primeras industrias.

Sobre esto, Raúl Rosero en una entrevista realizada para esta investigación (2021), señala que: “Posterior al decreto de Baquerizo Moreno, los esclavizados lograron establecer otro tipo de relaciones comerciales, y su manumisión fue permitiendo que se realicen nuevas formas de trabajo, a pesar de que en zonas como Chota y Mira, aun se mantenían prácticas esclavistas, en Salinas los negros liberados fueron adquirieron independencia, no sin antes librar ciertas revueltas”.

“Es de esta manera que en 1895 Salinas ya era considerada parroquia del Cantón Ibarra, y la mayoría de su población era de raza negra, entre uno que otro blanco y un mestizo. La mayoría de los pobladores se dedicaban a la pequeña industria de la extracción de sal, esta actividad fue lo que dio cierta independencia económica a los afros de Salinas, ya que ellos iban a la ciudad de Ibarra a vender la sal para el uso doméstico, esta actividad llamó la atención de muchos mestizos que deseaban hacer negocios en las féculas tierras del valle de Salinas debido a su cercanía y gracias al tren de Salinas-Ibarra se pudo mantener grandes accesos para comerciantes y productores” (Rosero 2021).

En ese sentido, el mestizo Andrés Garzón, apodado como “El Chihuahua” hijo de colombianos radicados, en un primer momento en San Antonio de Ibarra, conoció la estación del tren y se dio cuenta de la cantidad de afros que arribaban cargando grandes pacas de sal, esto llamó su atención y se dirigió hacia el valle de Salinas (Hidalgo 1960). A esto se le ocurre la idea de establecer una industria moderna de Sal, en asociación con la industria francesa “Jager”, tras un año de llegar al valle de Salinas, emprende una serie de estrategias para llamar la atención de la municipalidad y que se le permita excavar a más de 45 metros de profundidad, el límite era de 25 metros, pero su compadrazgo con varios funcionarios le permitieron lograr su objetivo (Hidalgo 1960). Tras realizar esta modificación en el uso de tierras, llama a sus amigos inversionistas y establecen la Industria de Sal “Jager” que estableció un mercado de sal para abastecer tanto al ganado como a los habitantes de la ciudad de Ibarra, los propios habitantes del valle de Salinas y a las haciendas que estaba alrededor.

“Esto causó malestar y enojo en los habitantes, ya que sus ganancias se veían comprometidas

con la facilidad y rapidez que la industria funcionaba, ya no podían competir, y esto provocó que se levanten contra la industria y contra el mestizo Garzón (Hidalgo 1960). De esta manera los afro y mestizos del valle de Salinas optaron por establecer nuevos negocios, el árbol de espino es autóctono del valle y de sus alrededores, con los troncos que abundaban, supieron hacer leña para abastecer a las cocinas y hogares de la ciudad de Ibarra” (Rosero 2021).

La conformación de la parroquia “Guayaquil de Alpachaca”

En una revista creada por la Junta Parroquial de 1999 conformada por Manuel Enríquez como presidente y Wilson Cangas⁴ como secretario realizaron la recopilación de información sobre la parroquialización de “Guayaquil de Alpachaca”. La Junta Parroquial de 1999 contaba con las siguientes dignidades: presidente, Vocal de Salud, secretario, Tesorero, Vocal de Fiestas, Vocal de Educación, Vocal de Cultura, Vocal de niñez y juventud, Vocal de la mujer, Vocal de seguridad, Coordinador de obras, Coordinador general (Junta 1999).

En mencionada revista se encuentra una pequeña reseña histórica sobre los inicios de Alpachaca antes de que fuese establecida como una nueva parroquia urbana, en 1950 se establecen los primeros moradores, conformando la Comuna de Alpachaca, hasta 1970, en ese año José Luis Rivera dirigente de ese entonces, acude al municipio a pedir se atiendan las necesidades de la creciente comuna, pero no es sino hasta el año de 1980 que la Junta comunal presidida por el señor Pío Valencia logra grandes avances con el municipio y con el Gobierno se logra construir la casa Parroquial, el sub centro de Salud, primera etapa de alcantarillado, y el parque recreacional (Junta 1999).

Sin embargo, el mérito de esa administración, es que los poderes públicos, por pedido expreso de sus moradores, se eleva el estatus político y social del sector mediante la erección en la categoría de Parroquia Urbana de Guayaquil de Alpachaca, convirtiéndose de esa manera en 1982 en la cuarta parroquia urbana de la ciudad de Ibarra (Junta 1999).

En el año de 1981 de acuerdo al Acuerdo Ministerial N. 6.35-AM, de fecha 4 de febrero del año en curso, en el que se adjunta la ordenanza expedida por el I. Municipio de Ibarra, mediante la cual, se solicita la creación de la parroquia urbana denominada “Guayaquil de Alpachaca” de la jurisdicción cantonal de Ibarra, se aprueba la petición y se establece mediante el artículo 64 numeral 37 de la Ley de Régimen municipal en vigencia la parroquialización de “Guayaquil de Alpachaca” (Junta 1999).

4 En los inicios de Alpachaca existía una organización que precede a la actual Junta Parroquial, la organización era una sociedad conformada por los principales habitantes del sector y estaba conformada por: Presidente, Secretario (a), y las diferentes Vocalías (Deporte, cultura, obras públicas), esta organización fue la base para la conformación de lo que hoy es la Junta Parroquial de Guayaquil de Alpachaca, organismo reconocido por el Municipio de la ciudad de San Miguel de Ibarra que busca direccionar las peticiones de los habitantes hacia la administración municipal.

Alpachaca en la actualidad

Se ha realizado una contextualización de “Guayaquil de Alpachaca” hasta el año de 1999. En la actualidad y según los estudios realizados por la Prefectura de Imbabura, en la ciudad de Ibarra, actualmente existen al menos 15768 habitantes que se identifican étnicamente como negros (Prefectura 2019). En esta línea, García (2013) reconoce que la mayoría de pobladores afrodescendientes en el Ecuador (74%) están asentados en el territorio urbano, la mayor concentración de afro ecuatorianos la tiene Guayaquil, Quito y Esmeraldas. Este proceso de asentamiento urbano, ha construido una realidad de exclusión y racismo, en palabras de García: “Las condiciones extremas de pobreza, racismo y exclusión que padecen estas comunidades urbanas son poco conocidas tanto por la academia como por las instituciones públicas que están en la obligación de atenderlas” (2013, 203) y agrega que poco se sabe de las condiciones de exclusión, discriminación y desigualdad, que sufren barriadas enteras en América Latina.

Podemos agregar la investigación realizada por Carrillo y Valencia (2002) que nos brindan una visión antropológica sobre las relaciones etno-raciales en la ciudad de Ibarra, heredando imaginarios dominantes blanco-mestizos que perduraron en las décadas del 60 en adelante, mediante los procesos migratorios desde Otavalo, en relación al pueblo indígena y desde el Valle del Chota del pueblo afro ecuatoriano, los autores señalan que en la “ciudad blanca” las relaciones étnico-raciales son conflictivas y que operan de maneras normalizadas, incluso son poco percibidas entre los mestizos de la ciudad. Si bien esta investigación no se realiza específicamente en Alpachaca, su estudio etnográfico recaba información importante, de cómo agentes municipales afro ibarreños que viven en Alpachaca son vistos de manera diferente, como si por el hecho de vivir en Alpachaca los condicionara con el resto de trabajadores municipales (Carrillo y Salgado 2002). En 2010 según el último censo del INEC, Ibarra tiene una población de 181 175 habitantes, de la cual el 73% (131 856) es urbana (Rosales 2015, 36). Según las proyecciones del INEC y el Plan de Desarrollo y Ordenamiento Territorial de la Provincia de Imbabura 2013-2035, elaborado por la Prefectura de Imbabura (2018) Ibarra contaría con una población de 221 149 habitantes (no hay datos en el INEC actualizados).

Esto nos indica que la población rural y la población en transición han tenido movimientos hacia el casco urbano en las dos últimas décadas, incrementando el número y densidad poblacional urbana en la ciudad, esto se refleja: en la expansión y crecimiento de conjuntos habitacionales, incremento de la inversión pública y privada, obras municipales, extensión de líneas alcantarillado, entre otros (Rosales 2015). Este crecimiento urbano desproporcionado de Ibarra ha generado el interés por evaluar los índices de desarrollo, en un documento oficial realizado por el Municipio de Ibarra se señala que Alpachaca es un factor que desfavorece el desarrollo. En este estudio Alpachaca es retratado como problema social asociado con altos niveles delincuenciales (Velarde Cruz 2013, 61). En el mismo estudio, Alpachaca figura en el mapa de limitaciones al desarrollo (Velarde Cruz 2013, 63).

Metodología

Para realizar a cabo esta investigación de corte cualitativo se define el objeto de estudio, para poder definir las unidades de estudio y las unidades de análisis presentadas en el siguiente cuadro:

Objeto de estudio/ investigación	Estigmatización Territorial Segregación Socio espacial Racialización espacial
Unidad de estudio	Barrios Parroquia Guayaquil de Alpachaca: -Alpachaca Centro -Azaya Centro -San Benito de Palermo
Unidad de análisis	-Primeros habitantes -Habitantes Afrodescendientes -Miembros de la Junta Parroquial -Activistas, líderes, lideresas de organizaciones barriales.

Participantes de la investigación:

Informantes	Rosario Lasso
Entrevistas	-Blanca Caragollas -Blanca Mejía -Esmeralda Palacios -Gloria Chalá Minda -Gonzalo Lovato -Luis Lovato -José Daniel Huaca -Mariana Rivas -Ximena Méndez -Johanna Gonzalón -Cecilia Anangón -M.E. -J.A. -K. A -P.A.
Colaboradores	-M.S. -D.A. -Francisco Palacios

Lista de códigos

Codificación Mixta	Códigos Axiales -Estigmatización -Segregación -Racialización -Imaginario -Espacio social -Espacio físico -Espacio simbólico -Maniobras -Estigmatización lateralizada	Códigos Abiertos -Discriminación -Racismo -Vida cotidiana -Memoria -Clase -Raza -Género
--------------------	---	--

Tensiones entre el pasado y el presente: memoria y vida cotidiana.

La mayor parte de entrevistados y entrevistadas compartían una característica en la composición de sus narrativas sobre Alpachaca, me comparten sus memorias, sus vivencias pasadas en el barrio. Es característico también la nostalgia asociada a esta narrativa. A continuación, se presentan algunos relatos con el objetivo de mostrar la cultura de Alpachaca, cultura compuesta por la vida cotidiana que converge pasado y presente, siendo el presente construido sobre esas formas de vida del pasado, que en la actualidad se han perdido o transformado.

De esta manera se busca mostrar la tensión, de la percepción individual y colectiva marcada por el estigma, que condiciona la construcción de la identidad de sus habitantes, y en la cual la memoria juega un papel fundamental ya que se aprecian las significaciones que el sujeto construye con el espacio y en el espacio.

Un punto de significación constante que se aprecia más en entrevistadas mujeres es la acequia ubicada donde actualmente es el Hospital de IESS de Ibarra. A continuación, se presenta un extracto de la entrevista con Esmeralda Palacios que muestra la dicotomía pasado bueno-presente malo y la cadena de significaciones en su narrativa.

(...) una historia linda, donde las señoras de todos los barrios iban a lavar ahí, justo en la acequia, hoy son un UPC y justo en la calle que cruza, ahí era la acequia, que pasaba por ahí, desde el Ambi⁵, pasaba la sequía. Eso servía para los regadíos de los terrenos, porque donde hoy es el hospital del IESS, eso era un terreno inmenso, y bajaba el agua de la acequia. Para allá, los regadíos, no me acuerdo el nombre del dueño del terreno porque era una inmensidad, y toda la gente se ponía a lavar ahí, y recuerdo a todas las personas (...) (Entrevista Esmeralda Palacios marzo de 2021).

Esmeraldita avanza en su relato:

(...) Dios mío, ahí todo el mundo se reunía a lavar y cuando pasaban los camiones de Urcuquí ya sabían que traían tomate de las tomateras de por allá, todo eso, o sea era algo

5 Río cuyo cauce desemboca en Ibarra.

bonito, ya sabía la gente que ahí lavaban esa parte de ahí era respetada. O sea, cuando las lavanderas se ponían ahí, Doña Zoilita de Gonzalón, Doña de Minda, en ese entonces la señora Chavita Arce, entre ellas mi mami, porque todas ellas iban a traer la ropa de la gente del centro, se traían en la espalda en la cabeza, las maletas, pero se traían ropa de tres cuatro personas a lavar, y era la gente tan honrada que sabían la ropa de quien era, por ejemplo, lavaban una maleta y empezaban con la otra y ninguna ropa se confundía. En los chilcos, nadie se confundía, cada quien sabía de la ropa de quien era, y de repente, “vea Zoilita o vea Chaviquita, me falta una pieza, no se quedó por ahí”, y la que se confundía decía “esta ropa no es mía” (...) (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

En esta sección, la entrevistada hace énfasis en su relato, su lenguaje no verbal muestra regocijo, Esmeraldita mira al techo y sonríe mientras recuerda este lugar de encuentro cotidiano de las mujeres del sector, la emotividad de Esmeraldita da cuenta del valor que le da al pasado, aunque Esmeraldita no lo menciona es importante marcar las diferencias en el uso de ese espacio, ya que su uso era popular, acudían amas de casa, mujeres afro que trabajaban en las haciendas o para algún patrón, no era un lugar de concurrencia de clases sociales de un estrato alto. Estas prácticas cotidianas marcaban el sentido de la vida de las personas, ahora, en el presente, es una calle más. Su significado prevalece únicamente en la memoria de las personas que aún viven y que aún viven en Alpachaca.

Este recordar con añoranza y nostalgia el pasado, remueve mucho a Esmeraldita y su narrativa se guía por sus emociones, trayendo a colación información sobre los modos de convivencia en Alpachaca de antaño.

(...) Pero era, no como es ahora, el barrio de Alpachaca, la parroquia, no es el barrio dañado, la gente es que le daña al barrio, a la parroquia, en realidad es recordar todo eso... a uno le llena de nostalgia... porque era algo tan bonito lo que se vivía con la gente, en verdad me da mucha emoción al recordar los tiempos de la gente sana, de la gente buena, no es que es el barrio dañado es la gente que le daña al barrio. Lo siento... lo siento (sollozos, llanto) (...) (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

Este llanto se asocia a lo percibido como perdido, tanto el espacio físico como el espacio simbólico.

(...) Ajá, de ahí o sea recordar eso es algo hermoso, porque los vecinos, al cuidado a veces nos dejaban con los vecinos, pero era la gente tan respetuosa, por ahí uno que otro, pero no como ahora, gente tan dañada, tan mala, ese pensamiento tan erróneo que tienen de la vida. Es tan lindo recordar porque si usted le decía a la vecina, no tengo que comer ahora, esa vecina le daba lo que tenía, y hacía alcanzar, o sea yo siempre creo y tengo la firme certeza de donde comen uno comen cien, porque donde uno comparte dios hace que esa

comida aumente y alcance para todos, así era antes, la vecina podía irse aunque sea 8 días le dejaba encargando al “guagua” y ahí estaba el “guagua” sanitario, más le cuidaban al “guagua” del vecino que al propio, porque había esa, esa, no sé cómo llamarle, esa amistad, esa solidaridad, entre los vecinos, entre todos, porque todos nos conocíamos aquí, todos nos saludábamos con respeto. (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

Esmeralda hace énfasis en el sentimiento de unión, de vecindad entre las personas que usan el espacio al igual que ella y las personas con las cuales se identifica, grupo que es denominado “de bien”, “las personas buenas”, respecto de los “otros malos” que invaden el espacio físico, pero también social y simbólico, lateralizando el estigma hacia los habitantes de “afuera”, los que llegaron “a dañar al barrio”.

(...) O sea, aquí vinieron de otras partes, no es de mucho en sí que se está dañando la gente más que antes, no es el barrio dañado, son las personas que vienen de otros lugares, gente de San Lorenzo, gente que viene haciendo sus fechorías, dañan al barrio, a la gente, a la niñez. Eso es lo malo de aquí, no en sí el barrio, el barrio es hermoso, yo aún recuerdo un barrio tranquilo que uno salía a caminar y nadie, mejor si estaba perdido o quería compañía, le acompañaban a la puerta de la casa y nada pasó, pero ahora en realidad, como en todas partes, no puedo desdecir de los dichos de la gente, que el barrio si está dañado en sí. Pero si vienen gente de otra parte, a comprar cosas prohibidas, si le asaltan, pero no es la gente de aquí, es la gente que viene de otras partes, de Esmeraldas, de San Lorenzo, toda esa gente que viene haciendo daño en otras partes viene aquí, y que le puedo decir, que si se pudiera sacar y limpiar el barrio de toda esa gente sería algo hermoso, porque le aseguro que aquí en nuestro barrio Alpachaca, Azaya, Huertos Familiares, o sea hay gente que trabaja en oficina tiene sus buenos títulos, gente que sabe vivir bien, gente que le gusta vivir, solo que no vale, es la gente, y no, no menosprecio mi barrio, es un barrio que todavía entre pocos vecinos pero nos llevamos, pero así como le digo mijo es la gente la que daña las cosas (...) (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

En este segmento se aprecia la subdivisión de habitantes, asociándolos al “antes bueno”, y los nuevos habitantes que llegaron paulatinamente de las zonas de Esmeraldas asociados al “presente malo”, aquí se aprecia cómo personas son significadas y asociadas a una temporalidad como agentes activos en el espacio, pero no solamente para marcar un antes y un después, sino que también se aprecia cómo el uso del espacio se reduce en el presente, ya que no se sale como antes, y no se socializa abiertamente, porque precisamente las personas no quieren ser asociadas a “personas malas” ya que deterioraría su imagen.

En esta lógica el espacio también se ve comprometido, ya que las personas con las cuales se comparten identificaciones ya no están, por diferentes motivos, se rompe ese sentimiento de

vecindad, de compañerismo y se genera un aislamiento.

Otro punto de significación es la “Liga Barrial de Alpachaca” y la vida deportiva, el esposo de Esmeralda, Miguel Ángel tenía otra forma de vivir la cotidianidad de Alpachaca, asociada al deporte, Don Miguel estaba en su habitación, no participó directamente de la entrevista, sino que nos brindó algunos datos sobre las disputas entre los políticos y los habitantes que pedían espacios de recreación. En un inicio se mostraba un poco parco y distante, conforme se fue desarrollando la entrevista Don Miguel se fue acercando e interrumpió a Esmeralda para aclarar un dato que ella desconocía.

(...) Yo en mi juventud tuve la dicha de pertenecer como miembro de la liga barrial de aquí de Alpachaca, porque antes era la liga barrial; fui uno de los pioneros para tener los dos estadios, el estadio de Azaya y el estadio la Cocha. Tuvimos una asamblea cuando el licenciado Montesdeoca quiso ser legislador, el doctor Joaquín Calama también vino a darnos el apoyo, y por ende quería que le pongan el nombre de ellos, “el estadio del licenciado Montesdeoca y del doctor Joaquín”, no. Entonces, yo pedí la palabra de la asamblea, y le dije que ninguno de esos nombres puede caer aquí en Azaya, porque aquí lo que luchamos es con todos los que estamos aquí, y por ende propuse que se llame el estadio de Azaya, lo cual fue favorecido. Es todo, me va a disculpar (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

Don Miguel Ángel se retiró de la mesa para preparar café, su relato es un tanto limitado, pero valioso ya que nos contrasta con información actual.

(...) Sí, porque tenemos gratos recuerdos del ingeniero Castillo, gracias a la dirigencia que hubo aquí con este señor Jaramillo, Doña Esmeralda Palacios, mi esposa, y otras personas, que se logró hacer por lo menos el adoquinado del parque y hacer el complejo deportivo, para que la juventud de hoy haga deporte y no se dedique a la drogadicción. Nosotros queríamos que todo este sector se adoquine, pero ya no se avanzó, porque ya salió el ingeniero Castillo, gracias a él usted ha de ver que esa zona de allá, está más reformada y no tan abandonada (...) (Entrevista Esmeralda Palacios marzo 2021).

Aquí se aprecia la inversión pública, en específico la del alcalde Álvaro Castillo, según Don Miguel ha sido el periodo que más ha invertido e intervenido en Alpachaca, ya que se realizaron adoquinados de calles que eran empedradas, y también la construcción de espacio deportivos, conocidos como “Polideportivos”, sin embargo, Don Miguel indica que hacen falta obras para mejorar la seguridad y los problemas sociales.

Durante la entrevista Marianita relataba su vida cotidiana en Alpachaca y quise dirigir la entrevista hacia la percepción de ella en relación al punto en el que Alpachaca se tornó peligroso e inseguro. A lo que ella respondió:

(...) ¡Ah! cuando se volvió peligroso, en ese tiempo cuando yo era “guagua” e íbamos al molino a lavar no nos daba miedo de nada, de ladrones nada, que nos roben la ropa, porque veníamos ya a las seis de la tarde. Pero, después cuando ya salíamos de la escuela parecía que ya había peligro, porque esto antes era abierto con paredes así nomás y ahí ya se entró. Yo me estaba peinando y mi mamá se levantaba de madrugada hacerme las trenzas, se habían entrado un ladrón, antes no había llaves ni nada, con unos palos nomas atrancábamos la puerta, y mi mamá le ha encontrado de madrugada a este ladrón quitando el palo para abrir las puertas; mi mamá le encontró y con mi papá le cogió y no le dejaban ir, y este hombre lloraba, lloraba que le dejen ir, decía que no hizo nada, y no sé qué pasó, nosotros fuimos a la escuela. De ahí; empezaron a robar, ya desde ahí se hizo peligroso, se hizo costumbre, ¡uh! Peor ahora es peligrosísimo, al menos aquí en la esquina, hacen unas guerras campantes con los morenitos del Subcentro. (Entrevista Mariana Rivas marzo 2021)

Marianita indica que en su época los conocidos como “ladrones” no robaban a gente del barrio, sino que salían hacia el centro de Ibarra a realizar sus actividades, Marianita enfatiza en que ese aspecto también afectó a la imagen de Alpachaca, ya que se asociaban a la parroquia como nicho delincuencia.

(...) Son morenos, porque hay la descendencia. Pero estos negros, verá, eran respetuosos porque éramos vecinos, este ramiro era amigo de mi hermano, y sabía venir con grabadoras, con cadenas de oro y mi hermano le decía “pero por qué robas”, eran amigos contemporáneos, de aquí del barrio toditos conocidos, él decía “no veras, aquí en el barrio yo no robo a nadie, yo lo que me salgo es afuera es a robar afuera, salgo a buscar a esos jóvenes que tienen plata, que tienen buenos zapatos, buenas casa, ahí me voy a robar”(…) (Entrevista Mariana Rivas marzo 2021)

Nuevamente en la narrativa y percepción de las personas se lateraliza el estigma hacia a la población afro, en especial la población afro joven como los responsables de lastimar a su sociedad, incluso se refieren a una descendencia, una herencia de desigualdad social que se manifiesta en la búsqueda de sobrevivir mediante actividades ilícitas incluso ilegales.

Retomando un hilo de conversación:

Entrevistada: No sé si usted se acuerde, de los *Cutringos*, dicen que la mamá ha sabido lavar la ropa, que han sido de las lavanderas de la acequia, me dijeron que sí, pero no sé, yo hablaba de otras personas, ellos fueron los primeros que vinieron, los de la droga, pero me dijeron que no, que era otra persona antes de ellos, y ahora son unos que ni parecen, pero se hicieron malos, desde chiquitos.

Informante (Charito): A ellos, los que ya murieron no hacían tanto daño.

Entrevistada: Aquí, pero fuera de aquí había hecho horrores.

Informante (Charito): Por eso les mataron.

Más adelante se registra otro hecho violento hacia otros jóvenes afro:

(...) Ya pasó eso, como un mes, salen mis hermanos y me dicen “no te da dolor de conciencia”, y me dice que “tú les maldeciste”, le han matado al “mascota”. Y decían que habían entrado a robar en el centro y habían violado a una chica y entonces la familia los estaba buscando, y antes de eso andaban en un carro medio raro, daban la vuelta, decía que raro... se daban las vueltas y ha sido que le han estado buscando y él ha estado con la hija y ahí le habían dado el disparo, le mataron y el otro hermano decían que le habían quemado por acá, así mismo decían, pero eran con otros choros. También, encontraron a una chica quemada, vuelta dijeron que había sido el marido, viene le mata y le quema. Hubo horrores, por eso se crearon los encapuchados, porque no había quien le pare la situación aquí. La policía no se abastece y con el montón que se sabe hacer no pasa nada (Entrevista Mariana Rivas marzo 2021).

En este relato se aprecia también la violencia dirigida hacia las personas que cargan con el estigma, entre los años de 2005 y 2010 se creó el grupo “Los encapuchados” que eran un grupo de moradores de Alpachaca que junto la Policía Nacional recorrían los sectores más sensibles para hacer justicia con mano propia.

Avanzando en la entrevista Marianita da más información sobre el tema de la inseguridad del sector.

(...) Ahora sí, no hay ni respeto, mi hija saliendo de aquí, en la esquina le sacan el celular, no importa quién le vea, quien le diga algo, ellos primero se enojan y una por el miedo toca dejar. Ahorita si está bien peligroso en Alpachaca, en un tiempo se puso zona roja, porque aquí en la esquina estudiante que se bajaba del bus era asaltado, robado, la computadora, los celulares, hasta esas memorias, los zapatos de educación física, las chompas que venían puestos. Desde que se puso este mini cuartel de los narcóticos, desde ahí se hizo un pare, de ahí Alpachaca era zona roja, pero desde que vinieron los narcóticos con ese mini cuartel, hay un poco de respeto, antes había la policía comunitaria en el parque, porque cualquier cosa que sucedía se llamaba al teléfono del parque y rápido se solucionaba (Entrevista Mariana marzo Rivas 2021).

Marianita y Charito indican que al existir varios conflictos entre pandillas por disputarse la zona de micro tráfico la Policía Nacional instaló el Centro de Antinarcóticos perteneciente a la Dirección Nacional de Antinarcóticos, la sede Imbabura está ubicada en la intersección de las

calles Manta y Machala. Sin embargo, la presencia de esta Unidad Antinarcoóticos poco pudo hacer frente a la organización de las pandillas.

Charito y Marianita traen a colación un acontecimiento que marcó la vida del barrio en la cual las pandillas prácticamente se apoderaron de él, Marianita relató que en el año 2010 se dio una toma forzada de la Unidad Antinarcoóticos a partir de la unión entre bandas para realizar una toma simbólica del barrio, en este sentido se dio una apropiación y una expulsión y rechazo a una figura de autoridad o de orden. A partir de ese acontecimiento según Marianita y Charito se perdió el barrio y las actividades de las bandas acrecentaron.

Se cambia el hilo de la conversación cuando le pregunto a Marianita sobre el estigma sobre Alpachaca y si se mantiene en las nuevas generaciones, claro primero indagando si ella lo sentía en su época, alrededor de 1970.

Entrevistador (investigador): Entonces, ¿sus compañeros por el hecho que sean de Alpachaca ya no querían hacer trabajos, o le trataban de diferente manera o le veían mal?

Entrevistada: Casi siempre mal, porque casi todos los compañeros cuando salimos al centro al colegio Yahuarcocha ahí, venían estas chicas del centro y yo era de Alpachaca y siempre decían que “Alpachaca no”, y me decían “¿dónde vives?” y les decía “en Alpachaca” y ellas decían “Uy no no allá no”, pero a mí no me interesaba porque aquí era mi casa; no podía mentir una de “guagua” ni se da cuenta. Pero ya después, cuando ya empezamos a trabajar afuera, ahí ya nos daba un poco de recelo hasta para decirle al taxi, “déjeme hasta el seguro, aunque sea”, hasta ahora mis hijas así dicen; por ejemplo, le mandan un mensaje cualquier cosa a los amigos a las amigas, ellas dicen “viven más arribita del seguro”, ellos nunca dan la dirección de Alpachaca. Nosotros antes ya no nos importaba, pero las nuevas generaciones, yo veo en mis hijos que nunca dicen que ellos viven en Alpachaca, dicen que viven por el seguro (Entrevista Mariana marzo Rivas 2021).

Conclusiones

Referirnos al territorio implica reconocer la importancia del trabajo teórico-metodológico, construir un puente entre la teoría y la empírea, en ese sentido la antropología y la etnografía como el ejercicio de “estar ahí”- nos permite situarnos en un lugar desde dos puntos distintos, en el lugar del investigador por una parte y por otra situarnos en el lugar del objeto de estudio.

Las relaciones que existen entre el territorio y el ser, motivan a la deconstrucción de las epistemes históricas, la reflexión sobre el espacio, nos invita a provocar un cálculo sobre la subjetividad, en sentido de pensar la subjetividad como la condición principal para que un espacio devenga como tal, o para que un espacio sea producido, o que un espacio sea habitado, o dotado de sentido.

La importancia de construir geografías críticas se hace cada vez más imperante, las condiciones de producción espacial difieren en función de la clase, raza y género, en relación a

la afro descendencia, los estudios territoriales son necesarios ya que constituyen una dimensión histórica dentro de sus procesos como grupo humano históricamente excluido.

El territorio denota el abandono de las estructuras estatales, la acción sobre las estructuras materiales de Alpachaca no son suficientes frente las necesidades estructurales bajo las cuales sus habitantes intentan desarrollarse, la falta de trabajo, el nivel de deserción académica constituyen una estructura de la cual no pueden escapar, en la mayoría de los casos, la población joven afrodescendiente terminan involucrados en economías informales y subalternas, poniendo en riesgo su vida y su libertad ya que la principal población carcelaria es Afro.

Se constituye entonces un puente entre el guetto y la cárcel, forma última que Wacquant denomina hiper guetto, como es el caso de San Benito de Palermo, vivienda social que rebasa las condiciones estructurales de lo que empezó como Alpachaca.

Se debe tomar en cuenta la relación entre territorio, clase, raza y género, ya que la experimentación del estigma es diferente en función de estas categorías, las realidades son radicalmente distintas entre un hombre o una mujer afro de clase media alta, a la realidad de un joven afro de clase empobrecida.

Esta forma de “poner el cuerpo” frente al estigma deteriora la vida simbólica del habitante de Alpachaca, ya que su falta de producción “afecta” a la reputación del barrio, ya que él representa el mal del barrio, aquello que soporta la fuerza simbólica del estigma.

Referencias

- BLEDSOE, Adam. 2015. «“The negation and reassertion of black geographies in Brazil”.» *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, 14(1).
- . 2019. «La Supremacía de la Anti-Negritud». *Minnesota University*.
- CARRILLO, Ricardo, y SAMYR Salgado. 2002. *Racismo y vida cotidiana en una ciudad de la sierra ecuatoriana*. Quito: Abya-Yala. https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1214&context=abya_yala.
- DURÁN, Juan. 2017. «La Fundación de San Miguel de Ibarra En Quito, La Apertura de Un Camino al Mar Del Sur, y El Capitán Cristóbal de Troya». *Boletín de La Sociedad Castellonense de Cultura* XCIII. https://www.academia.edu/37641105/La_fundaci%C3%B3n_de_San_Miguel_de_Ibarra_en_Quito_la_apertura_de_un_camino_al_Mar_del_Sur_y_el_capit%C3%A1n_Crist%C3%B3bal_de_Troya.
- GARCÍA, Fernando. 2013. «Geografía de la exclusión y negación ciudadana: el pueblo afrodescendiente de la ciudad de Guayaquil, Ecuador». En *Colección Grupos de Trabajo*, 22. Buenos Aires: CLACSO.
- HAWTHORNE, Camilla. 2019. «Black Matters Are Spatial Matters: Black Geographies for the Twenty first Century». *Geography Compass* 13 (11). <https://doi.org/10.1111/gec3.12468>.

- HIDALGO, José. 1960. *DIEZ TRADICIONES IBARREÑAS*. Imprenta Municipal. Ibarra.
- HILARI, Samuel. 2020. *Ciudad de indios, ciudad de españoles. La racialización del espacio como continuidad histórica en la Ciudad de la Paz*. JICHHA. La Paz, Bolivia.
- JUNTA, Parroquial. 1999. «Alpachaca 99».
- PALACIOS, Esmeralda. 2021. Entrevista Esmeralda Palacios.
- PREFECTURA, Imbabura. 2019. «Ficha territorial Imbabura». 2019. https://www.imbabura.gob.ec/sil/actualizacion-pdot/diagnostico/ficha_territorial_imbabura_04032020.pdf.
- RIVAS, Mariana. 2021. Entrevista Historia Residencial.
- ROSALES, Francisco. 2015. «Evaluación de la sostenibilidad urbana desde un enfoque de sustentabilidad fuerte: caso de estudio Ibarra-Ecuador.», enero. <http://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/8910>.
- ROSERO, Raúl. 2021. Llegada de la diáspora a Ibarra. Entrevista con Raúl Rosero Oña.
- VELARDE Cruz, Elizabeth. 2013. «ANÁLISIS DE VULNERABILIDADES A NIVEL MUNICIPAL - PERFIL TERRITORIAL CANTON SAN MIGUEL DE IBARRA», junio. <http://repositorio.cedia.org.ec/handle/123456789/848>.
- WACQUANT, Loïc, Tom Slater, y Virgilio Borges Pereira. 2014. «Estigmatización territorial en acción». *Revista INVI* 29 (82): 219-40. <https://doi.org/10.4067/S0718-83582014000300008>.

Recebido em: 15/07/2023
Aprovado em: 13/09/2023
Publicado em: 03/06/2024

ENSAIO VISUAL | *VISUAL ESSAY*

**A COMIDA NEGRA KULUMBU: SABORES E MEMÓRIAS
COMPARTILHADOS ENTRE MULHERES NA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL E GUIANA FRANCESA**

***KULUMBU BLACK FOOD: FLAVORS AND MEMORIES SHARED
AMONG WOMEN ON THE BORDER BETWEEN BRAZIL AND
FRENCH GUIANA***

Jelly Juliane Souza de Lima ^a
Avelino Gambim Júnior ^b

^a Doutoranda em História, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: julianejelly@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>

^b Doutorando em História, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: avgambimjunior@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3563-0574>

RESUMO

Neste ensaio visual, apresentamos a história de uma comunidade negra quilombola que evoca o nome de Kulumbu, uma comida típica da Guiana Francesa, apropriada como parte da culinária e da identidade da comunidade Kulumbu do Patuazinho. Esse quilombo situa-se na área urbana de Oiapoque, no norte do Estado do Amapá, área de fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Com base na etnografia e na história oral apresentamos o registro inédito do preparo da comida Kulumbu, um saber culinário compartilhado principalmente entre mulheres negras. Os resultados deste estudo permitem compreender o entrelaçamento entre a comida, a memória, questões relacionadas à ontologia local e identidade dessa comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres negras, Comida, Quilombo, Kulumbu, Preparo.

ABSTRACT

In this visual essay, we present the story of a black quilombola community that evokes the name of Kulumbu, a typical food from French Guiana, appropriated as part of the cuisine and identity of the Kulumbu do Patuazinho community. This quilombo is located in the urban area of Oiapoque, in the north of the State of Amapá, a border area between Brazil and French Guiana. Based on ethnography and oral history, we present an unprecedented record of the preparation of Kulumbu food, a culinary knowledge shared mainly among black women. The results of this study allow us to understand the intertwining between food, memory, issues related to local ontology and the identity of this community.

KEYWORDS

Black women, Food, Quilombo, Kulumbu, Preparation.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

LIMA, Jelly Juliane Souza de, JÚNIOR, Avelino Gambim. A comida negra Kulumbu: sabores e memórias compartilhados entre mulheres na fronteira entre Brasil e Guiana. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 133-143, Jan-Jun. 2024.

Na Amazônia, ao voltar a atenção sobre a presença das populações negras que vivem na região, persiste um silêncio em torno de suas memórias, trajetórias, histórias, espaços de luta e de sobrevivência (SAMPAIO, 2011). O geógrafo Rafael Sanzio dos Anjos (2013, 2014) lembra que no imaginário dominante da população brasileira, o Estado do Amapá está fortemente associado ao contexto indígena da Amazônia, portanto, é como se as territorialidades oriundas da África não existissem. A fronteira entre Brasil e a Guiana Francesa, onde se situa o município de Oiapoque é marcada pela diversidade de grupos indígenas. No entanto, ainda existe um desconhecimento acerca da presença de comunidades negras nessa região (LIMA; GAMBIM JÚNIOR, 2019; LIMA; GAMBIM JÚNIOR, 2020; LIMA et al, 2022; LIMA, 2023).

Na década de 1990, um núcleo familiar negro migrou do Estado do Maranhão para o Estado do Amapá, sendo formada a comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho (LIMA; GAMBIM JÚNIOR, 2019). A comunidade evoca o nome de Kulumbu, uma comida típica dos negros da Guiana Francesa, que foi apropriada como parte da culinária e da identidade do quilombo Kulumbu do Patuazinho. Já o nome patuazinho ou patois se refere a um dos objetos utilizados no Candomblé. No que se refere a comida kulumbu, os sabores e memórias evocadas permitem compreender o seu entrelaçamento com a identidade da comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho. Como destaca Wanderson Nascimento (2015), há aqui uma ontologia relacional, onde a comida, objetos e pessoas estão interligados. Essa perspectiva ganha mais sentido quando vem dos saberes compartilhados pelas mulheres.

Neste ensaio apresento o registro inédito do processo de preparo da comida Kulumbu. Para isso, utilizou-se a etnografia e a história oral como base metodológica deste ensaio (MEIHY; HOLANDA, 2015; OLIVEIRA, 2015). Os dados da pesquisa fazem parte do projeto “Quilombolas do norte do Amapá (séc. XVIII-XXI): estudos históricos, etnográficos e arqueológicos” (LIMA; GAMBIM JÚNIOR, 2019). O passo a passo do preparo da comida Kulumbu foi registrado por meio da entrevista e uso de registro fotográfico durante a preparação, cedidos pela jovem Jeuseane Furtado¹, de 21 anos, mulher negra quilombola, moradora da comunidade. A narrativa em volta de sabores e memórias foram compartilhadas pela colaboradora no momento de preparo do Kulumbu.

Jeuseane lembra quando seu pai Benedito Anunciação Furtado, conhecido como pai Bené iniciou o processo de territorialização da comunidade. Nesse tempo seu pai conheceu a comadre, uma guianense, já senhora, chamada de Alberta. Ela costumava fazer comidas muito apreciadas pelos grupos de origem negra que moram na Guiana Francesa. A curiosidade típica da fase de criança levou Jeuseane a observar o passo a passo do preparo do Kulumbu, até que um certo dia, dona Alberta a convidou para ajudá-la no preparo dessa comida. Desde então Jeuseane nunca mais esqueceu a comida Kulumbu que também passou a ser o nome da comunidade.

1 Entrevista gentilmente cedida pela colaboradora. As informações fazem parte do projeto “Quilombolas do norte do Amapá (séc. XVIII-XXI): estudos históricos, etnográficos e arqueológicos” (LIMA; GAMBIM JÚNIOR, 2019).



Figura 1. Os principais ingredientes utilizados no preparo da comida Kulumbu.

Fonte: Acervo do projeto, 2022.

O preparo: Jeusiane pega as verduras e limpa com água. Depois corta e descasca batatas, tomates, abóbora verde, cheiro-verde, maxixe, quiabo e cebolas. Em seguida, “pica” os alhos e descasca as batatas (Figuras 2 e 3) e deixa em outro montinho as cascas das verduras (Figura 4).



Figura 2. Momento em que Jeusiane Furtado descasca e corta os ingredientes do Kulumbu.

Fonte: Acervo do projeto, 2022.



Figura 3. Jeusiane Furtado continua descascando e cortando os ingredientes do Kulumbu.
Fonte: Acervo do projeto, 2022.



Figura 4. “Montinho” de cascas dos ingredientes vegetais do Kulumbu.
Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Durante o ato de descascar e cortar os legumes, em um certo momento (Figura 3), Jeusiane cortou a batata na mesa. De repente ela começou a rir e lembrou de dona Alberta. Se ela estivesse nesse momento olhando a jovem cortar os legumes sobre a mesa, dona Alberta diria: “Non Tablo”! (para não cortar os legumes diretamente na mesa!). Nessa gira de saberes entre mulheres negras de diferentes idades é importante lembrar que quando elas se movimentam, toda a estrutura da

sociedade se movimenta com elas (DAVIS, 1982).

Dentro dessa estrutura social que envolve as mulheres está a importância do reconhecimento e registro dos sabores para o futuro, pois muitas de suas ancestrais não deixaram registros escritos de receitas (DURÃES, 2022). Na conferência da UNESCO sobre a África na América Latina, Nita Villapol (1977) falou em termos culinários que em todos os países da América Latina onde existe influência negra, cada vez que morre uma pessoa mais velha, em especial uma mulher negra cozinheira, perde-se todo um mundo de tradição oral e popular. Na convivência com dona Alberta, Jesusiane aprendeu a fazer o Kulumbu.

Após cortar os legumes, eles são colocados, em “montinhos”, no fundo de uma bacia de plástico verde. Em cima deles, Jesusiane colocou os temperos: sal, curry e folhas de louro (Figura 5).



Figura 5. “Montinho” de legumes cortados no fundo da vasilha de plástico verde.
Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Depois de cortadas e acomodadas as verduras, é a vez da carne de porco. Os pedaços de porco são lavados e colocados em uma panela de pressão para cozinhar e amolecer a carne separadamente (Figura 6). Ao lado da panela de pressão com a carne de porco está outra vasilha que cozinha as verduras (Figura 7). É importante observar que o cozimento dos alimentos é feito em um fogão elétrico.



Figura 6. Pedações de carne de porco sendo colocados na panela de pressão. Fonte: Acervo do projeto, 2022.



Figura 7. Panelas contendo diferentes ingredientes do Kulumbu. Esse é o momento onde os ingredientes começam a exalar o sabor. Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Na cozinha tudo é uma surpresa. Todos os ingredientes tiveram que ser levados para outro lugar devido a uma mudança de emergência da família de Jeusiane, que estava em Macapá. No novo espaço, os ingredientes, antes separados por panelas para cozinhar, agora são colocados todos juntos em uma panela de fundo maior (Figura 8). Durante o cozimento de todos os ingredientes, as folhas de louro dão um toque de um aroma ótimo à comida. Após pronto, finalmente o Kulumbu é colocado no prato (Figura 9).



Figura 8. Todos os ingredientes do Kulumbu cozinham juntos nesse momento.
Fonte: Acervo do projeto, 2022.



Figura 9. A comida Kulumbu no prato. Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Finalmente pronto o Kulumbu, prato que evoca o nome de uma comunidade negra, este pôde ser apreciado. As conversas com Jeusiane Furtado na cozinha do quilombo Kulumbu do Patuazinho possibilitaram que um dia o registro da comida fosse realizado, como memória da comunidade. Jeusiane (Figura 10) segura o prato com o Kulumbu. O orgulho de poder falar sobre a história da comunidade fundada por sua família é reflexo desse momento da pesquisa.



Figura 10. A jovem talentosa Jeusiane Furtado exibe seu prato de Kulumbu.
Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Na narrativa da colaboradora Jeuseane Furtado, o ato de comer o Kulumbu demonstra que o paladar está tendo a honra de compartilhar experiências construídas com base no sentido de comunidade de pessoas negras que vivem na fronteira franco-brasileira. A história da comida kulumbu, os sabores e memórias evocadas permitem compreender o seu entrelaçamento com a identidade da comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho. Com base no registro de observação do preparo do Kulumbu feito em 2022, a etnografia e a história oral permitiram o registro concreto de uma informação presente na memória da comunidade, principalmente quanto a um saber compartilhado entre mulheres no mundo da cozinha.

Como destaca Jessica B. Harris (2001), finalmente com o alvorecer do século XXI, as contribuições culinárias africanas e de seus descendentes estão sendo reconhecidas e documentadas em diferentes partes do hemisfério. A presença das mulheres na cozinha, um lugar ou espaço geográfico, principalmente restrito às mulheres negras, permite compreender melhor suas experiências (MACHADO, 2021). O reflexo desse processo possibilitou a emergência do princípio afrocentrado que garante o ponto de vista que toma a história do sujeito negro como centro, fazendo com que o mesmo seja agente do processo de construção de sua experiência (ASANTE, 2009).

Referências bibliográficas

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Apresentação. In: VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas. A cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Geografia, Cartografia e o Brasil africano: algumas representações. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo: USP, p. 332-350, 2014.
- ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. Projeto “Quilombolas do norte do Amapá (séc. XVIII-XXI): estudos históricos, etnográficos e arqueológicos”. Macapá, 2019.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. Primeiro relatório de campo: comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho. Macapá, 2020.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. Relato de experiência: A prática da pesquisa histórica e o uso de metodologias alternativas para o reconhecimento do território da Comunidade Quilombola Kulumbu do Patuazinho na fronteira franco-brasileira. Kwanissa, São Luís, v. 05, n. 12, p. 437-460, jan/jun, 2022.
- LIMA, Jelly Juliane; GAMBIM JÚNIOR, Avelino; SILVA, Edineth Alves; CARNEIRO, Kathelin Mendonça; BATISTA, Claudemir dos Santos. Territorialidade negra no espaço transnacional entre Brasil e Guiana Francesa: o caso da comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho (1990 a 2021). Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.38, p. 164-189, jul-dez. 2022.
- LIMA, Jelly Juliane Souza. Negros e indígenas na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa: o caso da comunidade “misturada” quilombola Kulumbu do Patuazinho. DAS AMAZÔNIAS, Rio Branco-Acre, v.6, n.1, (jan-jun), 2023.
- DAVIS, Angela. Mulher, Raça. Classe. Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013. Primeira publicação na Grã-Bretanha pela The Women’s Press, Ltda, 1982.
- HARRIS, Jessica. Some Boat, Different Stops: Na African Atlantic culinary Journey. In: African roots/American cultures: Africa in the creation of the Americas. Rowman & Littlefield, 2001.
- DURÃES, Patty. In: Muito além da boca: Um passeio transatlântico pela comida afrodiaspórica no Brasil. Escola Itáu Cultural (online), 2022.
- MACHADO, Taís de Sant’Anna. “Um pé na cozinha”: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2021.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. História oral: como fazer, como pensar. - 2.ed. 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor. Alimentação socializante: notas acerca da experiência do pensamento tradicional africano. Das Questões, v. 2, n. 2, 2015.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Editora Paralelo 15/São Paulo:

Editora da UNESP, 220p, 1998.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. Belém: Editora AÇAÍ/CNPq, 2011.

SUPERTI, Eliane & SILVA, Gutemberg Vilhena. Comunidades Quilombolas na Amazônia: construção histórico-geográfica, características socioeconômicas e patrimônio cultural no Estado do Amapá. *Confins (Online). Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, Paris/São Paulo: USP/CNRS, n. 23, 2015.

VILLAPOL, Nita. Hábitos alimentares africanos na América latina. In: *África em América Latina*, ed. Manuel Moreno Fraginals. Paris: UNESCO, 1977.

Recebido em: 12/01/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 03/06/2024

RELATÓRIO | *REPORT*

UTILIZAÇÃO DE GEOPROCESSAMENTO NA LOCALIZAÇÃO DE POTENCIAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS A CAMBOAS DE PEDRA NO LITORAL MARANHENSE

USE OF GEOPROCESSING TO FIND POTENTIAL ARCHAEOLOGICAL SITES CONCERNED WITH STONE FISHING TRAPS ON MARANHÃO COAST

Thales Castro Brandão Vaz dos Santos ^a

Leonardo Silva Soares ^b

Márcio Costa Fernandes Vaz dos Santos ^c

Arkley Marques Bandeira ^d

^a Mestrando. Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: brandao_thales@hotmail.com ORCID: 0009-0006-6092-1022

^b Docente do Departamento de Oceanografia e Limnologia, Universidade Federal do Maranhão. E-mail: leonardo.soares@ufma.br ORCID: 0000-0003-0373-2971

^c Docente aposentado do Departamento de Oceanografia e Limnologia, Professor Permanente do PRODEMA, Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marciovaz78@gmail.com ORCID: 0009-0002-1270-1763

^d Docente do Departamento de Oceanografia e Limnologia, Professor Permanente do PGCult e PRODEMA, Universidade Federal do Maranhão. e-mail: arkley.bandeira@ufma.br ORCID: 0000-0002-0410-1082

RESUMO

A presente nota de pesquisa resulta de um desdobramento da pesquisa financiada pela Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2), denominado Inventário de conhecimento dos sítios arqueológicos na Ilha de São Luís - MA: zoneamento territorial, que dentre os objetivos, destacam-se a identificação, mapeamento e cadastramento de sítios arqueológicos na Ilha de São Luís. Nesta publicação será enfatizada a aplicação das ferramentas do geoprocessamento para identificação e predição de sítios arqueológicos denominados de camboas ou gamboas de pedra como estruturas para pesca, que estão majoritariamente situadas em zonas estuarinas, praias e em entremâres, distribuídas espacialmente por todo o Litoral Maranhense. O recorte espacial abordado nessa nota de resultados focará especificamente nos sítios existentes no Litoral Ocidental do Maranhão, também conhecido como Litoral Equatorial Amazônico ou Margem Equatorial Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Camboas de Pedra, Arqueologia Espacial, Litoral Maranhense.

ABSTRACT

This research note is an offshot of the research funded by the CNPq's Productivity in Research Grant (PQ-2), entitled "Inventory of knowledge of archaeological sites at São Luís Island - MA: territorial zoning", which aims to identify, map, and register archaeological sites on São Luís Island. This publication will emphasize the application of geoprocessing tools for the identification and prediction of archaeological sites called "camboas" or "gamboas de pedra" (stone fishing weirs) as fishing structures, which are mostly located in estuarine, beach, and intertidal zones, distributed throughout Maranhão's Coast. The spatial scope of this results note will focus specifically on the sites existing on the Western Coast of Maranhão, also known as the Amazon Equatorial Coast or Brazilian Equatorial Margin.

KEYWORDS

Stone Fishing traps, Spatial Archaeology, Coast of Maranhão.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

SANTOS, Thales Castro Brandão Vaz dos; SOARES, Leonardo Silva; SANTOS, Márcio Costa Fernandes Vaz dos; BANDEIRA, Arkley Marques. Utilização de geoprocessamento na localização de potenciais sítios arqueológicos associados a camboas de pedra no litoral maranhense. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 144-151, Jan-Jun. 2024.

Introdução

A presente nota de pesquisa resulta de um desdobramento da pesquisa financiada pela Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2), denominado Inventário de conhecimento dos sítios arqueológicos na Ilha de São Luís - MA: zoneamento territorial, que dentre os objetivos, destacam-se a identificação, mapeamento e cadastramento de sítios arqueológicos na Ilha de São Luís. Nesta publicação será enfatizada a aplicação das ferramentas do geoprocessamento para identificação e predição de sítios arqueológicos denominados de camboas ou gamboas de pedra como estruturas para pesca, que estão majoritariamente situadas em zonas estuarinas, praias e em entremáres, distribuídas espacialmente por todo o Litoral Maranhense. O recorte espacial abordado nessa nota de resultados focará especificamente nos sítios existentes no Litoral Ocidental do Maranhão, também conhecido como Litoral Equatorial Amazônico ou Margem Equatorial Brasileira.

Estado da arte

As camboas ou gamboas são termos popularmente utilizados para categorizar as armadilhas feitas em blocos de rocha, que ainda no contemporâneo são utilizadas como armadilhas de pesca associadas aos grupos humanos em sua longa trajetória, cuja subsistência era fortemente sustentada pela pesca e coleta de moluscos e crustáceos, em regiões costeiras e estuarinas (COLONESE et al; 2015; COLENESSE et al., 2023).



Figura 1: Imagem aérea oblíqua das camboas de Panaquatira em 2012. Fonte: Márcio Vaz, 2012.

Podem ser consideradas uma modalidade de curral de pesca de caráter permanente, cuja tecnologia de construção destas armadilhas é feita com a utilização de blocos de rochas. Segundo Phukan (2018), as camboas podem ser encontradas em todo o mundo e aprisionar e capturar

os peixes em áreas de entremarés ou em praias costeiras. O princípio de seu funcionamento é bastante simples e se vale das movimentações cíclicas da preamar e baixamar, que possibilitam a capturas dos peixes por meio do seu cercamento e aprisionamento. Uma vez encurralados, os pescados podem ser capturados com relativa facilidade, com o uso de arpões, redes de captura, cestas ou mesmo com as mãos.

Apesar de se ser um fenômeno aparentemente global, as pesquisas arqueológicas no Brasil avançaram muito pouco sobre essa modalidade de registro material dos grupos humanos, e quando ocorrentes, aparecem de forma fragmentada. Estudos recentes abordam os fenômenos das camboas por uma perspectiva arqueológico e etnohistória por meio de diferentes documentações, como a arqueológica, histórica e etnográfica (BANDEIRA, 2015; COLONESE et al; 2015; WIEDEMANN, 2019; COLENESSE et al., 2023).

O mapeamento extensivo das camboas da Ilha de São Luís

O Litoral Ocidental do Maranhão, que compreende os Litoral de Rias Maranhense e o Golfo Maranhão está sendo objeto de mapeamento cartográfico das camboas de pedra que apresentaram associação com sítios arqueológicos em terra firme. O modelo conceitual proposto para a utilização das camboas de pedra como indicadoras de sítios arqueológicos potenciais considera o relevo dos tabuleiros litorâneos na linha de costa, a exemplo da presença de falésias, a livre inundação diária por marés, sem obstrução por cordões arenosos e florestas de mangue, e a exposição da plataforma de abrasão à ação contínua de ondas e correntes litorâneas.

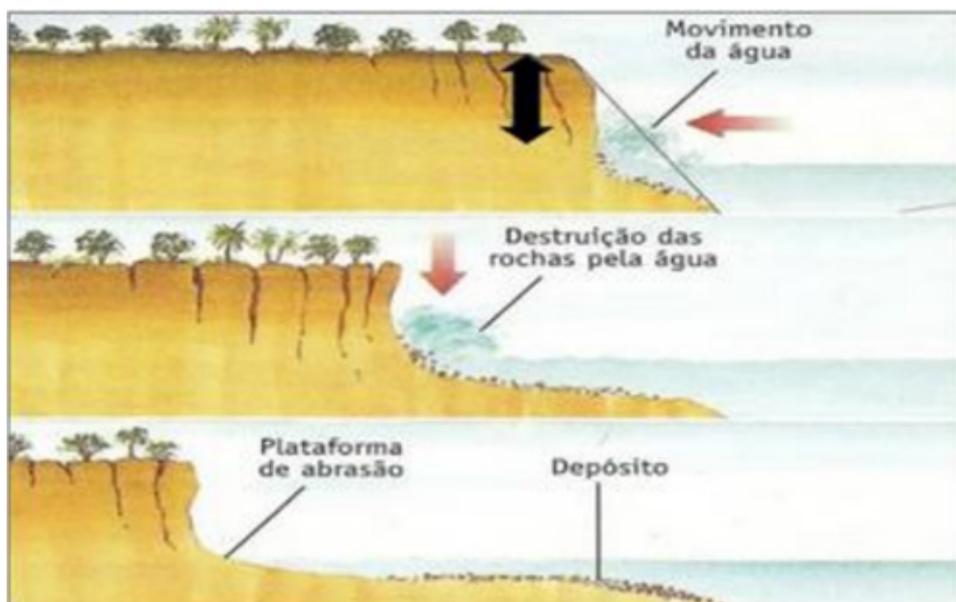


Figura 2. Processo de formação de uma falésia. Fonte: Google Imagens.

A metodologia utilizada é feita por meio de um banco de informações com as camboas georeferenciadas já mapeadas, consubstanciada com prospecções intensivas em áreas poten-

ciais, que foram previamente indicadas por meio de geotecnologias preditivas. Uma das variáveis que está sendo testada para inferir a localização das camboas é o posicionamento da linha litorânea em relação à direção predominante de ondas e correntes, considerando que o posicionamento da linha deve ser paralelo em relação as correntes.

Para o mapeamento do relevo foi utilizado o banco de dados de modelo digital de superfície do satélite ALOS 2, e o mapa de manguezais do Global MangroveWatch 3.0. O modelo conceitual foi validado nas camboas da Ilha de São Luís, considerando a maior disponibilidade de imagens e aerofotos históricas. O restante do litoral maranhense foi mapeado utilizando os mesmos critérios e a ocorrência de camboas foi verificada utilizando as imagens de satélite do site Google Earth Pro.



Figura 3. Camboa da Ponta do Bonfim em 1960. Fonte: Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha do Brasil Serviço 2-400.

Resultados

Em um primeiro momento, foi feita a aplicação do modelo conceitual na Ilha de São Luís, que acrescentou 12 (doze) sítios confirmados de camboas de pedra, somando-se aos 14 (catorze) já identificados em literatura (BANDEIRA, 2015; COLONESE et al., 2023), e mais 16 áreas potenciais, para os quais não foi possível confirmar a existências de camboas em pesquisas in loco, mas que por imagens de satélites foram identificadas estruturas de pedra com formas que sugerem tratar-se de camboas.

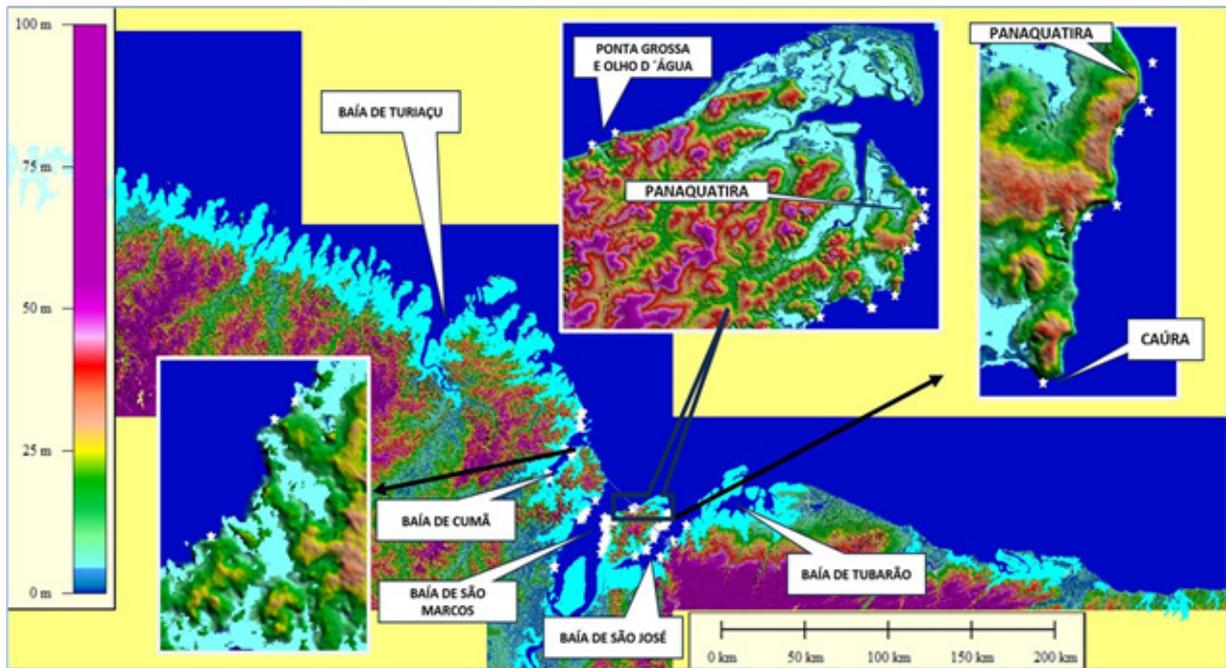


Figura 4. Mapa de localização das camboas de pedra encontradas, elas estão representadas pelas estrelas brancas

Confirmada a viabilidade do modelo, este foi aplicado para todo o litoral maranhense e adicionou 41 (quarenta e um) sítios de camboa de pedra ao total de 26 (vinte e seis) da Ilha de São Luís. Todos os sítios confirmados no litoral maranhense estão distribuídos nas baías de Cumã, São Marcos e São José. O sucesso do modelo conceitual e metodologia associada de identificação de sítios potenciais de camboas de pedra é de especial importância para a pesquisa arqueológica na zona costeira maranhense, considerando os desafios geográficos e logísticos em litoral com 640 km de extensão, com deficiente sistema de integração viário e baixa densidade populacional.

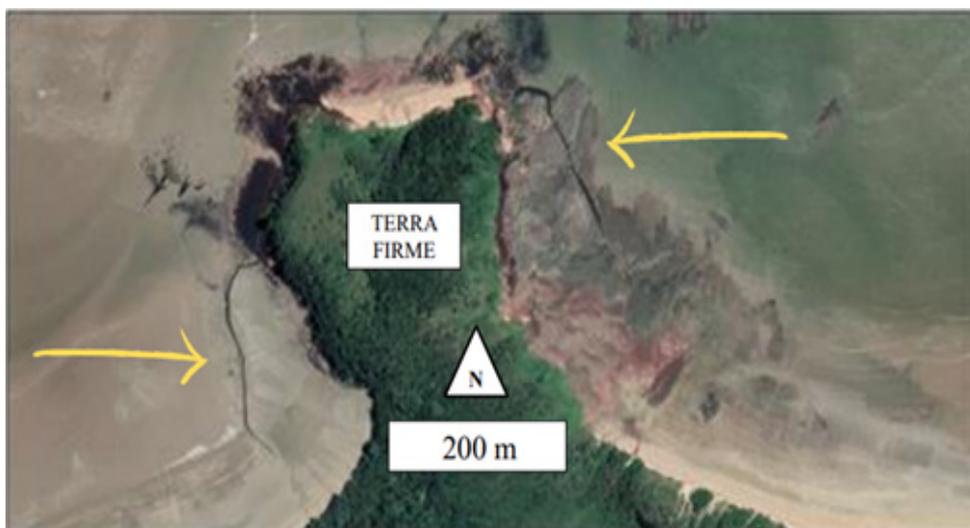


Figura 5: Camboas da Ponta da Guia em 2020. Fonte: Google Earth Pro.

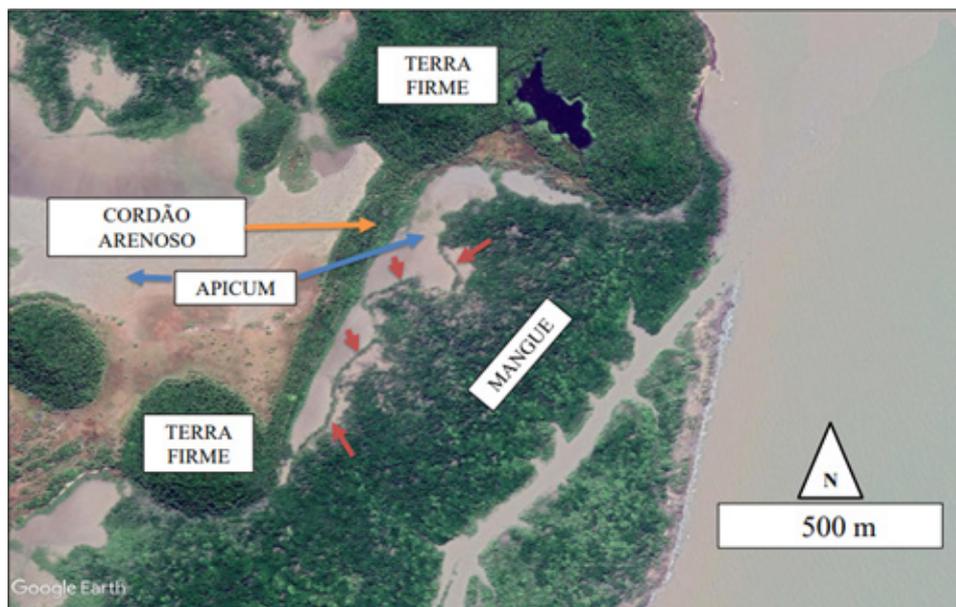


Figura 6: Possível topo da parede de camboa de pedra ou salina abandonada (setas vermelhas) coberta por mangue na Ilha das Pacas em 2020. Fonte: Google Earth Pro.

Considerações finais

As camboas de pedra, enquanto marcadores materiais ancestrais das atividades humanas relacionadas com a pesca e a coleta são testemunhos do passado, muitas vezes esquecidos das pesquisas arqueológicas nas zonas costeiras. As mesmas podem revelar práticas sustentáveis e técnicas engenhosas utilizadas por comunidades locais ainda nos dias de hoje. Por meio deste estudo, a aplicação sistemática do modelo conceitual destacou a extensa presença dessas estruturas de pedra no litoral maranhense, ampliando significativamente o número de sítios arqueológicos conhecidos.

Várias direções promissoras podem ser seguidas na próxima etapa da pesquisa, como o desenvolvimento de uma classificação mais detalhada que distinga as camboas históricas e pré-coloniais, além de um modelo conceitual para a identificação de camboas soterradas. Os resultados obtidos são uma confirmação robusta da eficácia do modelo proposto, validando sua aplicação em regiões com características geográficas e logísticas desafiadoras. Ademais, a identificação de 41 novos sítios de camboas no litoral maranhense, além dos previamente conhecidos na Ilha de São Luís, sugere que a zona costeira maranhense é uma área rica em patrimônio arqueológico e cultural, ainda não totalmente explorado.

Referências Bibliográficas

- ALOS World 3D - 30m disponível em: www.eorc.jaxa.jp
- BANDEIRA, A. M. Distribuição Espacial dos Sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão. Cadernos do LEPAARQ, São Luís, v. 12, n. 24, p. 59, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarq/article/view/5524>
- COLONESE, A. C. et al. Bridging ancient and modern artisanal fisheries in Latin America: assessing the role of cultural heritage in poverty alleviation in coastal Brazil. *Antiquity*, n. 344, v. 89, 2015. Disponível em: <https://antiquity.ac.uk/projgall/colonese344>
- COLONESE, A. C. et al. The Legacy of Pre-Columbian Fisheries to Food Security and Poverty Alleviation in the Modern Amazon. *Historical Ecology and Landscape Archaeology in Lowland South America. Interdisciplinary Contributions to Archaeology*. Springer, 2023.
- PHUKAN, Anjali. Shorelines in the desert: archaeological survey and assessment of fish traps in the Colorado Desert, Ocotillo Wells State Vehicular Recreation Area. Tese de Doutorado. San Diego State University, 2018. Disponível em: <https://digitallibrary.sdsu.edu/islandora/object/sdsu%3A22934>
- WIEDEMANN, Mario. Camboa de pedra da Panaquatira: A pesca tradicional em contexto etnoarqueológico. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

Recebido em: 02/01/2024

Aprovado em: 07/04/2024

Publicado em: 03/06/2024

ARTEFATO EM OSSO HUMANO NO SAMBAQUI DE CAMBOINHAS, NITERÓI – RJ

HUMAN BONE ARTIFACT IN THE SAMBAQUI DE CAMBOINHAS, NITERÓI – RJ

Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza ^a

Sue Anne Gomes Mousovich ^b

Anderson Marques Garcia ^c

Michelle Mayumi Tizuka ^d

Kita Chaves Damasio Macario ^d

^a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Pesquisadora em Saúde Pública na mesma instituição. smfmdesouza@gmail.com

^b Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduanda em Arqueologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e estagiária do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas Indígenas - NuPAI/UERJ. suegomesm@gmail.com

^c Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e coordenador do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas Indígenas - NuPAI/UERJ. andersonmarquesgarcia@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5414-8084>

^d Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI/IBRAM), doutoranda em Ciências da Computação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). mmtizuka@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6751-2738>

^d Universidade Federal Fluminense (UFF), doutora em Física nuclear pela UFF. Professora do Departamento de Física, diretora do Instituto de Física e coordenadora do Laboratório de Radiocarbono (LAC-UFF). kitamacario@id.uff.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0581-9854>

RESUMO

O retorno ao Sambaqui de Camboinhas, em Niterói, confirmou a preservação naquele sítio de camadas estratigraficamente preservadas e feições intactas, assim como presença humana desde o holoceno médio e materiais arqueológicos diversificados, entre os quais um artefato em osso humano, achado inédito para este sítio. A antiguidade atestada nessa oportunidade se deu através da datação radiocarbônicas de um otólito, 4500 a 3979 AP. O osso humano descrito foi elaborado em um segmento diafisário distal de um rádio de adulto ou subadulto, apresenta dois cortes parabólicos na diáfise, que ainda conservam as marcas deixadas pelo instrumento que seccionou o osso. Entretanto, não é possível definir sua funcionalidade. Os artefatos em ossos e dentes humanos, ainda que descritos para outros sítios litorâneos do Rio de Janeiro, constituem-se achados raros cujo estudo deve ser aprofundado, podendo acompanhar-se de significado especial, especialmente associado as estruturas funerárias.

PALAVRAS-CHAVE

Itaipu, Pescadores-coletores, Rádio humano, Artefato ósseo.

ABSTRACT

The return to Sambaqui de Camboinhas, in Niterói, confirmed the preservation at that site of stratigraphically preserved layers and intact features, as well as human presence since the middle Holocene and diverse archaeological materials, including a human bone artifact, an unprecedented find for this site. The antiquity attested on this occasion was through radiocarbon dating of an otolith, 4500 to 3979 BP. The human bone described was made from a distal diaphyseal segment of an adult or subadult radius and presents two parabolic cuts in the diaphysis, which still retain the marks left by the instrument that sectioned the bone. However, it is not possible to define its functionality. Although described for other coastal sites in Rio de Janeiro, artifacts in human bones and teeth constitute rare finds whose study must be in-depth and may be accompanied by special significance, especially associated with funerary structures.

KEYWORDS

Itaipu, Fisher-gatherers, Human radio, Bone artifact.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de; MOUSOVICH, Sue Anne Gomes; GARCIA, Anderson Marques, TIZUKA, Michelle Mayumi, MACARIO, Kita Chaves Damasio. Artefato em osso humano no sambaqui de Camboinhas, Niterói – RJ. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 152-160, Jan-Jun. 2024.

Antecedentes

Nessa oportunidade apresentaremos características anatômicas e interpretações técnicas de um fragmento ósseo intencionalmente modificado encontrado no Sambaqui de Camboinhas, no município fluminense de Niterói, em 2022, e sua respectiva contextualização arqueológica.

O Sambaqui de Camboinhas (RJ-00133) é a mais antiga evidência material do processo de ocupação da faixa litorânea do estado do Rio de Janeiro por grupos pescadores-coletores. Sua identificação remonta as pesquisas da arqueóloga Lina Kneip na década de 1970. Segundo Kneip *et al.* (1981) a identificação desse sítio ocorreu em 1979 durante as pesquisas efetuadas no sítio Duna Pequena, encontrado a Leste do Sambaqui de Camboinhas, tendo sido identificado em virtude da abertura da estrada do atual bairro homônimo. Essas pesquisas ocorreram enquanto salvamentos, pois havia naquele momento um grande projeto de urbanização da orla litorânea de Itaipu, de responsabilidade da VEPLAN / Cia. de Desenvolvimento Territorial.

Com o avanço desses trabalhos foram obtidas cinco datações por carbono-14 a partir de amostras de conchas associadas a remanescentes faunísticos e artefatos líticos, a mais antiga dessas amostras indicou a presença de populações costeiras naquela área por volta de 7000 AP. Porções desse sítio foram retiradas em bloco e hoje compõem parte do acervo do Museu de Arqueologia de Itaipu.

Ao longo dos anos que se sucederam esta datação foi questionada por parte da comunidade arqueológica brasileira, uma vez que aparentemente não se encaixava nos modelos geomorfológicos litorâneos (MUEHE & KNEIP, 1995). Todavia, avanços do conhecimento arqueológico e das transformações sofridas por nossos terrenos costeiros, permitiram que hoje Camboinhas seja reconhecido como um dos sítios mais antigos da costa brasileira.

Até 2020 os sítios arqueológicos Sambaqui de Camboinhas e Duna Pequena eram dados pela comunidade acadêmica como totalmente destruídos. Porém, a partir da mobilização de arqueólogos, moradores e instituições locais, materiais arqueológicos associáveis aos dois sítios foram observados em superfície, o que levou a elaboração do projeto “Recadastramento dos Sítios Arqueológicos de Duna Pequena e Camboinhas por meio de pesquisa in loco” (Processo IPHAN nº 01500.001659/2022-29 e Autorização INEA para Pesquisa Científica em Unidades de Conservação nº66/2022 e nº25/2024).

Entre 2022 e 2023 foram realizadas coletas de superfície, poços-teste e escavações em área, com a finalidade inicial de identificar porções *in situ* desses sítios arqueológicos e ajustar as coordenadas de suas delimitações. Com esses novos trabalhos de campo os objetivos iniciais foram atingidos, pôde-se comprovar que os dois sítios não haviam sido totalmente destruídos e foram protocoladas junto ao IPHAN fichas atualizadas sobre eles, assim como arquivos *shapefile* com as coordenadas georreferenciadas de seus limites poligonais. Estes dados constam atualizados já no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) do IPHAN. O mapeamento de artefatos, estruturas e outras evidências arqueológicas confirmou o potencial valor daqueles testemunhos. Dentre estes, um fragmento de artefato identificado como osso humano, veio confirmar alguns

achados das últimas décadas em diferentes sítios do litoral fluminense.

Provém destes últimos trabalhos realizados no Sambaqui de Camboinhas o material apresentado abaixo, identificado no nível de escavação 4, fácies 6 (F6) a cerca de 40cm de profundidade em relação a superfície atual, na quadrícula 23 K 699916/7459214 da unidade espacial (UE) “B”, que fez parte da área de escavação ampla de 2X2m aberta para verificar o comportamento estratigráfico remanescente do sítio (figura 01). A fácies F6 apresenta uma geometria irregular, sem variações laterais. Cor Munsell “Very Dark Brown” (10YR 2/2), sendo o limite das escavações nessa UE nesta etapa de pesquisa. Apresenta resistência friável. Considera-se uma textura arenosa fina a muito fina. Estrutura granular com ocos de empacotamento e canais (raízes). Ocorrem figuras biológicas como raízes (pequenas e raras). Nesta mesma fácies F6, foram identificadas conchas, sendo algumas concrecionadas, pigmentos avermelhados, líticos e fauna.

Em uma próxima etapa de campo pretende-se ampliar o entendimento do comportamento estratigráfico dessa porção do sítio, a partir da continuidade da escavação fácies 6 (F6), mas seguindo com caracterizações de outras áreas também.

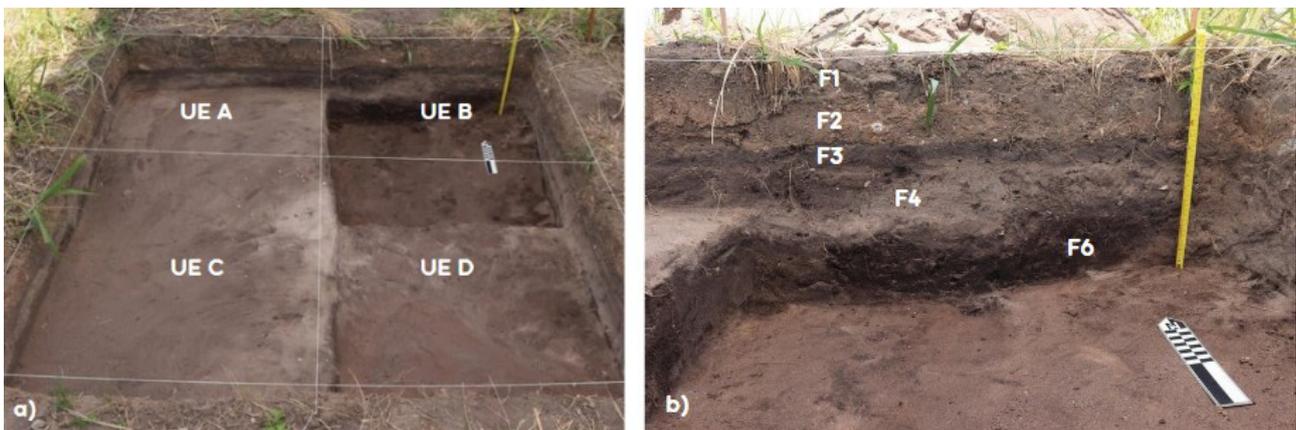


Figura 01: a) Área de escavação 2X2m aberta no Sambaqui de Camboinhas em 2022 com a representação das Unidades de Escavação (UE) UE-A, UE-B, UE-C e UE-D; b) Detalhe da UE-B 23 K 699916/7459214 e fácies 6 (F6) onde o artefato em osso humano foi identificado.

Descrição do artefato

Trata-se de um fragmento de artefato elaborado em diáfise óssea, cuja forma e dimensões são compatíveis com osso humano de indivíduo adulto, ou sub-adulto. Para identificar sua provável origem foi feita uma análise morfológica e medidas que proporcionaram elementos para sua análise comparativa. Além disso foram procedidos exames macro e microscópico do exemplar, com vistas a conhecer detalhes da sua elaboração e algumas das alterações tafonômicas presentes.

O fragmento tem comprimento máximo de 3,9cm e mostra, ao exame macroscópico, quebra antiga, irregular, em uma das extremidades, deixando visível a cortical fina e pequena porção do tecido esponjoso. A extremidade oposta, por outro lado, está intencionalmente modificada. Dentro do canal medular, assim como nas depressões e sulcos ósseos, há resíduos

de sedimento arenoso escuro compatível com aquele do local onde a peça foi retirada.

A modificação intencional no osso é constituída por dois cortes parabólicos, realizados a partir das superfícies externas da cortical, em lados opostos da diáfise (figura 02a). Na superfície dos cortes podem ser vistos sulcos paralelos, dirigidos das superfícies corticais externas para o canal (figura 02b), acompanhando a sua curva ascendente. Estes sulcos sugerem que o corte teria sido obtido por movimentos alternados de ir e vir de um instrumento cortante, como se o osso tivesse sido serrado, até que a forma desejada fosse obtida em ambos os lados. O formato parabólico dos cortes pode dever-se ao desvio do instrumento de corte, à medida em que avançava, talvez resultado da preservação da sua estrutura proteica no momento da elaboração do artefato. As duas curvas parabólicas aparentemente não se cruzavam, havendo uma porção pequena de osso remanescente a qual, posteriormente, teria sido quebrada.

Logo abaixo dos cortes, na superfície externa da cortical diafisária, em ambos os lados do osso, podem ser vistos sulcos paralelos e muito próximos, parecendo indicar tentativas anteriores de introdução do instrumento cortante (figura 02c). Este sinal, traduzindo a resistência do material orgânico fresco, reforça a hipótese de que o trabalho teria sido feito em osso novo. O exame macro e microscópico não revelou traços de polimento, queima ou restos de corante na superfície ou interior do objeto.

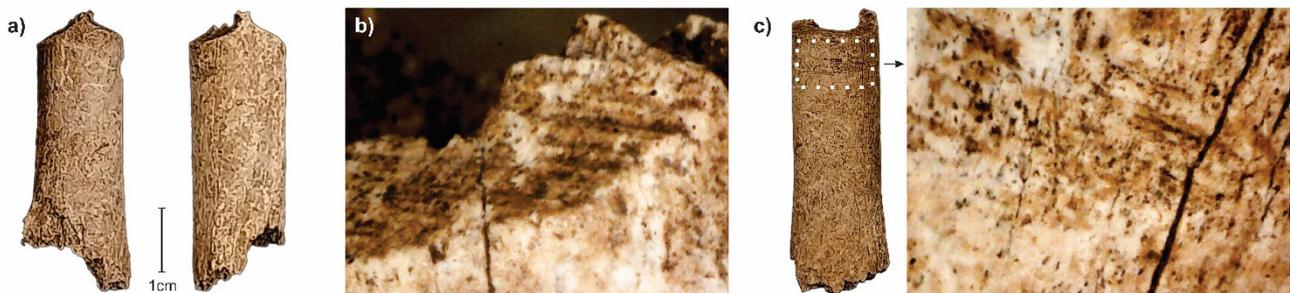


Figura 02: a) Modificação intencional com cortes parabólicos da cortical. Observa-se que a forma da secção transversal da diáfise assemelha-se a uma gota; b) sulcos produzidos por movimentos alternados, da superfície externa para o canal; c) sulcos paralelos próximos feitos abaixo dos cortes.

Medidas efetuadas mostram que o diâmetro da secção transversal do osso é maior na extremidade quebrada. Sua forma, medidas e a presença de uma crista discreta assemelham-se à forma anatômica dos ossos do antebraço humano. A comparação com ossos longos de fauna não mostrou semelhança com este exemplar, confirmando que a origem mais provável seja humana. A obtenção das medidas (0,3cm para a cortical, e 0,6cm para o diâmetro máximo do canal medular) também permitiu comparação com ossos de antebraço humano provenientes de sepultamentos de sítios em duna da mesma área, confirmando dimensões compatíveis. Estas medidas não foram afetadas pelo processo de modificação intencional do osso, uma vez que não se observa polimento, desbaste ou outras alterações na superfície externa do exemplar.

Na extremidade quebrada, o padrão do tecido esponjoso, comparado ao de outros ossos humanos de antebraço, mostrou compatibilidade de forma e dimensões, tanto nas trabéculas,

como nos espaços entre elas, e na espessura da cortical. Na extremidade trabalhada, a forma da secção transversal da diáfise aproximando-se a de uma gota, relativamente simétrica. Na medida em que se avança para a extremidade oposta, o contorno da secção transversal torna-se mais alongado e menos simétrico, tronando-se um dos lados suavemente côncavo.

A comparação com as quatro extremidades dos ossos de antebraço humano foi feita com base nas medidas, formato da secção transversal, presença de crista e contornos da superfície óssea. Esta comparação permitiu excluir as extremidades proximal e distal da ulna, assim como a extremidade proximal do rádio. A morfologia e dimensões mais compatíveis corresponderam àquelas da extremidade distal do rádio.

O exame do artefato ao microscópio digital PROSCOPE (50X) mostrou fissuras longitudinais características de processo tafonômico (figura 03 a), provavelmente a exposição a situações alternadas de umidade e dessecação, com perda progressiva dos seus componentes não mineralizados. Na superfície de encontro dos dois cortes parabólicos, onde aparentemente teria havido uma quebra, o exame detalhado sugere que possa ter havido um corte ou incisura em “V” na cortical, indicando talvez outro tipo de intervenção intencional, entretanto, a pequena área de superfície e a quebra não permitem parecer conclusivo (figura 03 b).

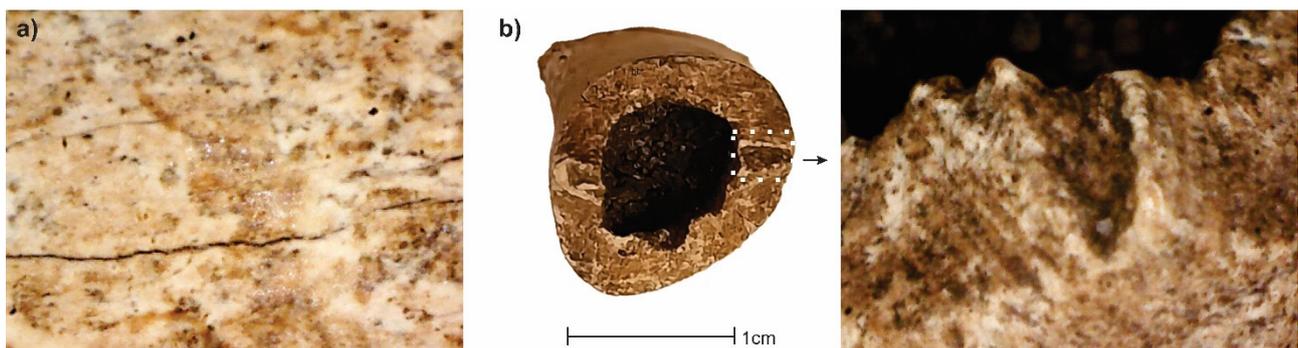


Figura 03: a) fissuras longitudinais características do processo tafonômico; b) secção transversal do artefato, com destaque para a crista, e também corte ou incisura em “V”, localizado na parte da cortical para onde os dois cortes parabólicos convergem.

Discussão

O uso de ossos humanos na preparação de artefatos de valor simbólico, mágico, religioso e outros é uma observação ocasional, mas sustenta-se na literatura arqueológica. Nas descrições etnográficas, e objetos nas coleções representativas da cultura material dos nossos povos originários, não faltam exemplos destes usos, como por exemplo os colares de dentes humanos presentes em sítios da região do Pantanal (OLIVEIRA *et al.*, 2007; PEIXOTO & SILVA, 2017). A preparação de recipientes e adornos, objetos de diferentes tipos, que podem ou não acompanhar os lugares funerários, têm sido observados nos sítios arqueológicos brasileiros, inclusive os mais antigos como a Lapa do Santo em Minas Gerais, onde Strauss (2016) identificou modificações em ossos longos e em uma mandíbula. A manipulação dos remanescentes de esqueletos humanos

pelos próprios grupos, por vezes, acompanha os ritos de sepultamento secundário, também podendo simplesmente representar ações pontuais.

Também para o litoral do estado do Rio de Janeiro já tem sido descrito ossos e dentes humanos modificados para a confecção de artefatos. Ainda que representem apenas pequena parcela dos artefatos em ossos de mamíferos e/ou vertebrados, sua caracterização deve ser melhor investigada. Carvalho (1984), ao analisar algumas centenas de artefatos avulsos do sítio Corondó, associado à tradição Itaipu, dimensiona estes achados, estimando em cerca de 0,50% o uso de osso humano (uma ponta de arremesso e um fragmento não classificado) e em 9% o uso de dente humano (um molar superior direito) para confecção de artefatos. Para o mesmo sítio, entretanto, considerando o achado nas estruturas funerárias, Cheuiche Machado (1984) descreve 35 dentes humanos perfurados compondo o que seria um adorno, associado a dentes de animais também perfurados, no sepultamento infantil 64/72; e no mesmo trabalho, no sepultamento do indivíduo 91, também infantil, mais 11 dentes humanos com as raízes perfuradas, também associados a outros dentes de animais perfurados.

Identificações de ossos ou dentes humanos trabalhados já foram publicados para o litoral do Rio de Janeiro uma série de vezes. Além do Corondó, podemos citar também os achados no sambaqui de Saquarema. Nos remanescentes do sambaqui de Saquarema, a escavação de uma cisterna, evidenciou, associados a enterramentos primários, um enterro secundário, com partes de pelo menos 5 indivíduos, dos quais 11 ossos de um indivíduo masculino adulto apresentavam as extremidades serradas, sendo, rádio direito, ulna direita, fêmur, tíbia e fíbulas direitas e esquerdas (KNEIP *et al.*, 1995).

Tais achados, entre outros, ressaltam a importância da presença de artefatos em osso humano e sugerem sua provável relação com estruturas funerárias. Reforça essa hipótese a presença de fragmentos de ossos humanos documentados por Lina Kneip em 1978 no registro original do sítio vizinho (Duna Pequena) apresentado ao IPHAN (ANDRADE, 2018), o qual se localiza ao lado do Sambaqui de Camboinhas.

Comentários finais

Neste contexto, o achado deste artefato segue o padrão já referido e contribui com mais um exemplo destas práticas culturais em nosso contexto litorâneo. Muito embora a elaboração dos artefatos ósseos, muito modificados durante sua confecção, em muitos casos torne difícil a sua identificação anatômica, exames bioquímicos como a extração de DNA, ou o uso de técnicas de imagem como as microtomografias ou a histologia, podem ajudar a determinar sua origem, seja através de marcadores genéticos, seja através da identificação de um padrão celular das respectivas matrizes ósseas. Assim, talvez a proporção de artefatos em osso humano seja, portanto, maior do que conhecemos.

No presente caso, a má preservação do colágeno ósseo, decorrente dos processos tafonômicos ao longo do tempo, pode impedir a identificação bioquímica, entretanto, um estudo

microtomográfico ou histológico deste exemplar está sendo proposto, e futuramente poderá confirmar a sua origem. Este exemplar originário de um sítio tão importante, referência para o povoamento do litoral do Rio de Janeiro, é o primeiro osso humano identificado no Sambaqui de Camboinhas e encontra-se atualmente (assim como outras amostras) no Laboratório de Radiocarbono da Universidade Federal Fluminense (LAC-UFF), para novos estudos cronológicos.

As primeiras amostras de tecido ósseo preparadas tiveram colágeno insuficiente para a datação, outras amostras de ossos humanos estão sendo tratados para extração tanto de colágeno quanto de apatita e serão medidas em breve. Todavia – a partir de um otólito de *Micropogonias furnieri* identificado nessa mesma Unidade de escavação (BARROSO & CUPELLO, 2024), e mesmo nível 4, fácies 5 – uma nova datação pôde já ser produzida para essa porção do Sambaqui de Camboinhas. Essa fácies não é representada pelo perfil norte da Figura 01b porém a fácies foi identificada durante as escavações do nível nas porções nordeste e sudeste. Essa amostra foi preparada no LAC-UFF e em sequência o grafite produzido foi enviado para medição no Center for Applied Isotope Studies (CAIS), University of Georgia, USA, onde foram determinadas as razões dos isótopos do carbono, idade convencional de (4040 ± 26) AP. A calibração foi realizada utilizando o software Oxcal v.4.4.4 (BRONK RAMSEY, 2021) a partir da curva marinha, denominada Marine20 (Heaton *et al.*, 2020) com um valor de DR estimado a partir dos valores disponíveis na literatura para a costa de Rio de Janeiro no período: -268 ± 76 anos de 14C (MACARIO *et al.* 2023). O resultado, com 2σ , apontaram para o intervalo entre 4500 a 3979 AP (figura 04).

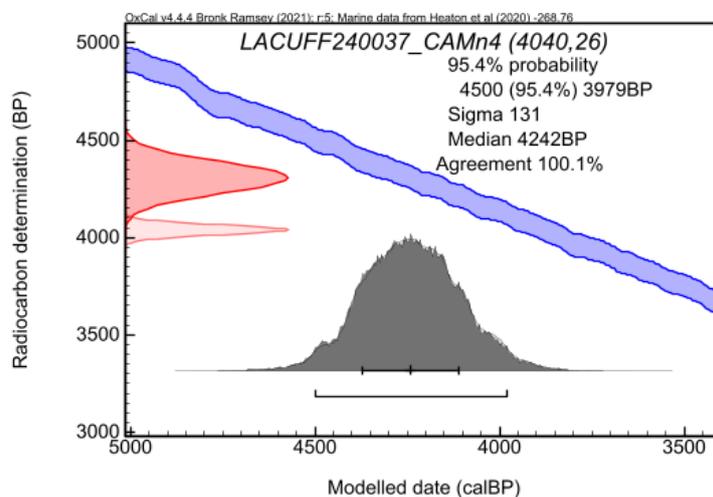


Figura 04: Gráfico de calibração com 2σ da data absoluta 4040 ± 26 AP. Amostra LACUFF240037_CAMn4.

Mesmo que de forma indireta, a data apresentada sugere para o osso humano uma datação também superior a 4000 AP, comprova a existência de porções preservadas do sítio e sugere a possibilidade de existirem registros arqueológicos com cronologias ainda mais antigas nos estratos de maior profundidade dessa área. Por fim, cabe acrescentar que, ainda que esse osso não estivesse compondo uma estrutura funerária, ou associado a um esqueleto anatomicamente estruturado, ele constitui um achado de grande importância e vem somar-se

a outros semelhantes que nos informam sobre as práticas culturais ancestrais daqueles povos construtores de sambaquis.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Marcela Nogueira. Os olhares sobre o Patrimônio Arqueológico de Itaipu (Niterói/RJ) e sua ressignificação como Paisagem Cultural. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BARROSO, Elis de Souza; CUPELLO, Camila. A Zooarqueologia de Camboinhas – Niterói, RJ. *VIII Reunião do Núcleo Regional Sudeste da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. 2024.
- BRONK RAMSEY, Christopher. *OxCal 4.4.4*. 2021.
- CARVALHO, Eliana Teixeira de. Estudo arqueológico do sítio Corondó: Missão 1978. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Serie Monografias*. 1984.
- CHEUCHE MACHADO, Lilia. *Análise de remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ*. Aspectos biológicos e culturais. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- HEATON, Timothy; KÖHLER, Peter; BUTZIN, Martin; BARD, Edouard; REIMER, Ron; AUSTIN, William; RAMSEY, Christopher Bronk; GROOTES, Pieter; HUGHEN, Konrad; KROMER, Bernd; REIMER, Paula; ADKINS, Jess; BURKE, Andreas; COOK, Mea; OLSEN, Jesper; SKINNER, Luke. Marine20 - the marine radiocarbon age calibration curve (0 - 55,000 cal BP), simulated data for IntCal20 [dataset]. *PANGAEA*, v.62, n 4, p.779-820, 2020.
- KNEIP, Lina; PALLESTRINI, Luciana; CUNHA, Fausto. *Pesquisas Arqueológicas no litoral de Itaipú, Niterói, RJ*. Rio de Janeiro: Luna LTDA, 1981.
- KNEIP, Lina Maria; CHEUCHE MACHADO, Lilia; CRANCIO, Filomena. Ossos humanos trabalhados e biologia esquelética do sambaqui de Saquarema, *Documento de Trabalho, Série Arqueologia, n.3, p.13-38, 1995*. MACARIO, Kita Chaves Damasio; ALVES, Eduardo; OLIVEIRA, Fabiana; SCHEEL-YBERT, Rita; DIAS, Fabio; LIMA, Geraldo. The variable nature of the coastal 14C marine reservoir effect: A temporal perspective for Rio de Janeiro. *Quaternary Science Advances*, n.11, 2023.
- MUEHE, Dieter; KNEIP, Lina. O Sambaqui de Camboinhas e o de Maratúá. Oscilações relativas do nível do mar. *Documento de Trabalho, Série Arqueologia, n.3: 75-82, 1995*.
- OLIVEIRA, Nanci Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Luciano; PAZ, Luciana. Primeiras análises das estruturas funerárias do Aterro Jatobá, no rio Paraguai (Descalvado). *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 8, p.99-104, 2007.
- PEIXOTO, José Luiz; SILVA, Manoel Alexandre. Arqueofauna do aterro Limoeiro, Pantanal, Brasil. *Revista de Arqueologia*, v.30, n.1, p.327, 2017.
- STRAUSS, André. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. v. 11, n. 1, p. 243-276, 2016.

Recebido em: 16/05/2024

Aprovado em: 24/05/2024

Publicado em: 03/06/2024

RESENHA | REVIEW 

PACHECO DE QUEIROZ, LUIZ ANTÔNIO. OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS QUE CRIAMOS COM OS GARIMPOS.

Mirta Kelen Barbosa Bezerra ^a
Carlos Alberto Santos Costa ^b

^a Mestra em Arqueologia e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: mirta-barbosa@aluno.ufrb.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5288-4317>.

^b Doutor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco; Pesquisador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq. E-mail: carloscosta@ufrb.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1204-322X>.

O livro “*Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*” (Curitiba: CRV, 2023, 280p.), do arqueólogo Luiz Antônio Pacheco de Queiroz – originalmente produzido como uma tese de doutorado em Arqueologia, defendida em 2022 na Universidade Federal de Sergipe (UFS), cujas investigações foram realizadas no âmbito da Arqueologia Preventiva – oferece uma análise das complexas relações entre a mineração artesanal, a Arqueologia, o meio ambiente e as comunidades que vivem no entorno dos garimpos. A partir de uma narrativa descritiva e ilustrada, a obra convida o leitor a conhecer um contexto pouco explorado, revelando os impactos ambientais, sociais, históricos e culturais da atividade garimpeira na Chapada Velha, Bahia.

A obra se insere no campo da Arqueologia Histórica, compreendida como uma subdisciplina da Arqueologia que se orienta aos estudos dos processos de formação do mundo moderno – com início no século XV até a atualidade – ocorridos a partir dos impactos do avanço do colonialismo global europeu sobre as demais sociedades humanas do mundo, motivado pelo mercantilismo expresso na expansão marítima e comercial (séculos XV a XVIII), pela industrialização (séculos XVII e XIX) e pelo capitalismo financeiro ou monopolista (a partir do século XX) (DEETZ, 1977; HALL; SILLIMAN, 2006; ORSER JR., 1996; ORSER JR.; FAGAN, 1995; SCHUYLER, 1970; SYMANSKI, 2009). Nesse contexto, a Arqueologia da Mineração se orienta a estudar o desenvolvimento econômico realizado a partir da exploração do meio e dos diferentes grupos socioculturais, através de empreendimentos de lavras minerais (diamante, ouro, ferro, cobre etc.), as quais se apresentam como uma das formas do referido colonialismo (GUIMARÃES, 1996 e 2005; RIBEIRO; LEANZA, 2006; RUBIN; SOUZA, 2019; SOUZA, 2014).

O estudo se concentra nos municípios de Gentio do Ouro e Xique-Xique, importantes centros de exploração de diamantes durante o século XIX e início do XX, que guardam no solo e na memória dos grupos socioculturais do presente as marcas dessa época áurea da mineração. O livro está dividido em cinco capítulos e conta com o prefácio assinado por Paulo Eduardo Zanettini¹, além de introdução, considerações finais, referências, glossário e índice remissivo.

No primeiro capítulo, se apresenta as “*Arqueologias do mundo contemporâneo*”, que assumem um papel central na investigação, fornecendo ferramentas analíticas para a compreensão das dinâmicas socioculturais no complexo contexto da mineração artesanal. Pacheco reconhece que tanto as pessoas quanto as “coisas” influenciam a realidade ao seu redor, considerando que os instrumentos utilizados por garimpeiros, as paisagens modificadas pela mineração artesanal e até mesmo os próprios diamantes guardam histórias e memórias que contribuem para uma concepção mais ampla do passado.

Para Pacheco, esse conjunto de fatores naturais e antrópicos precisa ser compreendido

COMO CITAR ESTE TRABALHO

BEZERRA, Mirta Kelen Barbosa; COSTA, Carlos Alberto Santos. PACHECO DE QUEIROZ, Luiz Antônio. Os significados das paisagens que criamos com os garimpos. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 161-165, Jan-Jun. 2024.

1 Doutor em Arqueologia com ampla experiência em Arqueologia Preventiva no Brasil, atuou como coordenador dos trabalhos que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa de campo para a tese de doutorado de Luiz Pacheco.

não apenas pela interpretação da materialidade dos objetos, mas também ouvindo as vozes dos indivíduos que construíram histórias inclusivas e representativas. Isso oferece ao leitor uma visão contra-hegemônica que desafia os discursos oficiais e tradicionais sobre os processos que caracterizam a mineração. Essa perspectiva analítica adotada pelo autor permite examinar as conexões entre “*humanos e coisas*” com maior complexidade, considerando as interações e interdependências que criam a história.

No segundo capítulo, Pacheco dedica especial atenção aos estudos arqueológicos da mineração realizados no Brasil. Essa contextualização é crucial para situar a pesquisa em diálogo com outros estudos sobre o tema, mapeando as lacunas existentes e as contribuições que seu trabalho pretende oferecer. O autor apresenta um panorama abrangente e instigante sobre a temática da mineração à luz da Arqueologia. Ao destacar a importância da materialidade e apresentar as diversas opções metodológicas disponíveis, este capítulo contextualiza a investigação para compreender a mineração na Chapada Velha e explicita os critérios que nortearam a seleção de métodos e técnicas de pesquisa, justificando as decisões tomadas e suas implicações para o estudo.

Diante disso, o autor explicita a negligência com a abordagem da materialidade acerca das pesquisas sobre a mineração, particularmente no contexto da Chapada Velha. Ele demonstra que a materialidade se configura como um elemento fundamental para a compreensão das complexas relações socioculturais que permeiam a atividade mineradora. Nesse aspecto, o autor proporciona a oportunidade para a investigação de diversos aspectos da mineração que frequentemente são ignorados e mostra que através da análise de vestígios materiais, pode-se desvendar técnicas de extração, organização do trabalho, relações de poder, crenças e valores presentes nas sociedades mineradoras.

Para tal, o autor aponta a relevância da Arqueologia do passado recente a partir de uma abordagem revisionista, propondo uma reinterpretação da história da mineração, no contexto da Chapada Velha, utilizando-se de uma abordagem que combina métodos arqueológicos com a valorização da memória e dos saberes locais. Essa postura incorpora visões e experiências marginalizadas pela historiografia tradicional. Segundo o autor, no caso da mineração, a Arqueologia do passado recente contribui para desconstruir interpretações eurocêntricas e coloniais dominantes, que frequentemente centra-se na figura do grande minerador e nas grandes empresas.

No terceiro capítulo, Luis Pacheco se dedica à apresentação detalhada dos interlocutores e espaços do garimpo, utilizando como premissa a metodologia da etnografia arqueológica. Essa abordagem permitiu ao autor uma imersão na realidade dos garimpeiros e na dinâmica social que permeia o ambiente do garimpo, buscando compreender as complexas relações que se estabelecem entre os habitantes locais e a região, através da observação participante, entrevistas e outras técnicas de pesquisa qualitativa. A obra apresenta como os garimpeiros percebem o ambiente natural em que vivem e como essa percepção se traduz nas práticas cotidianas e na relação com a natureza. A resistência das mulheres garimpeiras em face de uma sociedade

dominada por homens também é um tema tratado por Pacheco. Apresentam-se exemplos de mulheres que desafiaram as normas sociais e se dedicaram à atividade garimpeira, contrariando a reprovação de alguns membros da sociedade.

No quarto capítulo, o autor discorre sobre a paisagem garimpeira, na qual apresenta os deslocamentos dos grupos sociais como um elemento integrado ao território pesquisado. Nessa perspectiva, há referências às etapas do trabalho de extração mineral e é ensejada a discussão da organização espacial no garimpo. Pacheco se debruça sobre a análise da paisagem garimpeira, indo além da mera descrição física para explorar as camadas de significado que se entrelaçam nesse espaço singular. O autor propõe que os caminhos dos garimpeiros são uma forma de interação e transformação do espaço.

O estudo revelou que a abertura de novos caminhos não se limitava à facilitação do escoamento da produção mineral. As novas vias surgiam como resposta a variadas necessidades, como a busca por recursos naturais, a facilitação do acesso a áreas de caça e coleta e a fuga da violência e da repressão. A infraestrutura rudimentar garantia a autonomia e o controle dos garimpeiros sobre seu trabalho e seus territórios, revelando os saberes, as estratégias de sobrevivência e resistência, além de sua complexa relação com o poder local.

O quinto capítulo discorre sobre a materialidade da mineração e suas consequências na compreensão das condições de vida dos garimpeiros. Ele argumenta que a negligência de elementos tangíveis e intangíveis leva a distorções na análise da realidade social do garimpo, ignorando as complexas relações que se estabelecem entre os indivíduos e o ambiente material em que vivem. A mineração artesanal na Chapada Velha revela uma complexa teia de dominação, caracterizada por disparidades socioeconômicas, geopolíticas e pela invisibilidade dos trabalhadores. O livro, portanto, torna "visível" o passado invisibilizado ou marginalizado, dando voz aos subalternizados. Além disso, destaca a experiência imersiva do autor como "aprendiz" ao acompanhar os garimpeiros.

Enfim, ao abordar um assunto tão relevante e pouco explorado, "*Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*" se configura como uma publicação essencial para os que se interessam pelos complexos vínculos entre o grupos socioculturais e o contexto paisagístico. A obra também é de grande relevância para leitores interessados em História, Geografia e Meio Ambiente. A pesquisa convida a refletir sobre os impactos positivos e negativos do processo do garimpo artesanal na Chapada Velha.

Referências bibliográficas

- DEETZ, James. In *Small Things Forgotten: an Archaeology of Early American Life*. New York: Anchor Press, 1977, 304p.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração colonial e arqueologia: Potencialidades. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 55-64, 1996.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. A Arqueologia da Mineração Colonial (Minas Gerais – século XVIII). In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Londrina: ANPUH, 2005, p. 1-8.
- HALL, Martin; SILLIMAN, Stephen; WURST, LouAnn. *Historical Archaeology*. Malden | Oxford | Victoria: Blackwell Publishing, 2006, 341p.
- ORSER JR., Charles. *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum Press, 1996, 248p.
- ORSER JR., Charles; FAGAN, Brian. *Historical Archaeology*. Nova Iorque: Harper Collins, 1995, 291p.
- PACHECO DE QUEIROZ, Luiz Antônio. *Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2023. 280p.
- RIBEIRO, Loredana; LEANZA, Deborah. O complexo arqueológico do córrego Cuiabá e o mito das tecnologias rudimentares e ineficazes da mineração nas Gerais colonial. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 65-87, 2006.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SOUZA, Marcos André Torres. Mineração, quilombos e engenhos: análise da paisagem em Vila Boa, Goiás, Brasil. In: *Anais do VI Encontro de Geoarqueologia da América Latina*. Fortaleza: *Revista de Geologia*, Universidade Federal do Ceará, 2019, p. 7-22.
- SALES, Herberto de Azevedo. *Cascalho* (romance – Coleção “Livros do Brasil”). Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1975 (1944), 291p.
- SCHUYLER, Robert Livingston. *Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: Basic Definitions and Relationships*. *Historical Archaeology*, Maryland, Society for Historical Archaeology, v. 4, p. 83-89, 1970.
- SOUZA, Rafael Abreu. Lavras, cavas e garimpo: Arqueologia da Mineração no Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 14, n. 32, p. 1-25, 2014.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flávia Prado (Orgs.). *Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 279-310.

Recebido em: 13/02/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 03/06/2024